

SENHORA EINSTEIN

A história de amor por trás
da Teoria da Relatividade

Haverá espaço
para dois gênios em
um casamento?



MARIE BENEDICT

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a Obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.com](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





SENHORA EINSTEIN

A história de amor por trás
da Teoria da Relatividade

Haverá espaço
para dois gênios em
um casamento?



MARIE BENEDICT

Caro leitor,

Os melhores momentos de nossa vida costumam vir acompanhados por uma trilha sonora especial. Não poderia ser diferente com as leituras mais envolventes e emocionantes, não é mesmo?

Então, para que as próximas páginas possam lhe transportar para um universo único, preparamos uma playlist exclusiva para acompanhar sua jornada e ajudá-lo a desvendar: Albert Einstein foi mesmo o único gênio por trás da Teoria da Relatividade?

Acesse: http://bit.ly/playlist_senhora-einstein

Boa leitura!

Sumário

[Prólogo](#)

[Parte 1](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Parte 2](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Parte 3](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Epílogo](#)

[Nota da autora](#)

Prólogo

4 de agosto de 1948

Huttenstrasse, 62

Zurique, Suíça

O fim está próximo. Vejo-o aproximando-se feito uma sombra sedutora que

vai aniquilar toda a luz que me resta. Nesses minutos finais, olho para trás.

Como pude perder o rumo assim? Como pude perder Lieserl?

A escuridão se intensifica. Nos poucos minutos que me restam, feito um

arqueólogo meticuloso, escavo o passado à procura de respostas. Espero

descobrir, como sugeri há algum tempo, se o tempo é mesmo relativo.

Mileva “Mitza” Marić Einstein

Parte 1

Todo corpo permanece em repouso ou em movimento em linha reta a uma

velocidade constante, a menos que seja obrigado a mudar seu estado por forças

impostas sobre ele.

Sir Isaac Newton

Capítulo 1

Manhã de 20 de outubro de 1896

Zurique, Suíça

ALISO AS PREGAS DA MINHA CAMISA BRANCA RECÉM-PASSADA, arrumo o laço na gola e ajeito um fio de

cabelo rebelde no chinó. Mas a caminhada pelas ruas enevoadas de Zurique até a Politécnica Federal Suíça pode pôr todo o trabalho a perder. Meu cabelo, pesado e preto, teima em sair do

lugar. Quero que tudo, cada detalhe deste dia, seja perfeito.

Endireito meus ombros na tentativa de disfarçar minha estatura ridiculamente baixa, posiciono a mão na maçaneta pesada de latão da porta da sala de aula. Com um meandro desenhado e desgastado pelas mãos de inúmeras gerações de alunos que por ali passaram, ofusca minha mão pequena, quase que de criança. Hesito. “Gire a maçaneta e abra a porta”, digo a mim mesma. “Você consegue. Atravessar uma porta como esta não é nenhuma novidade. Você já ultrapassou essa barreira supostamente intransponível que separa homens e mulheres na sala de aula várias vezes. E sempre conseguiu.”

Mesmo assim, titubeio. Sei muito bem que, embora o primeiro passo seja o mais difícil, o segundo também não é nem um pouco fácil. Naquele momento, ligeiramente mais extenso que uma inspiração, foi como se eu pudesse ouvir meu pai a me incentivar, sussurrando com aquele nosso sotaque sérvio, nativo e que quase nunca aparecia: “Coragem. Você é uma *mudra glava*. Das espertas. Nas suas veias, corre um sangue quente, o dos nossos ancestrais aguerridos que faziam de tudo para conquistar o que queriam. Lute pelo que é seu, Mitza. Lute pelo que é seu”.

Eu jamais o decepcionaria.

Giro a maçaneta e escancaro a porta. Seis rostos me encaram: cinco alunos de terno preto e um professor com uma toga preta. Surpresa e certo desdém definem a expressão empalidecida dos seis. Nada

– sequer um boato – preparou esses homens para que uma mulher fizesse parte do grupo. Parecia meia dúzia de idiotas com o queixo caído e os olhos esbugalhados, mas me segurei para não rir. Eu me políciei para não dar a mínima para aquilo tudo e ignorar a cara de pastel dos meus queridos colegas de classe que, com o bigode cheio de cera, tentavam desesperadamente fingir ter mais de 18 anos.

O que me trouxe até a Politécnica foi o desejo de dominar a Física e a Matemática, não cheguei até aqui para fazer amizade,

tampouco para agradar os outros, faço questão de lembrar a mim mesma enquanto me preparo para encarar o professor.

Heinrich Martin Weber e eu nos olhamos. Nariz grande, moreno e meticulosamente barbeado, a aparência intimidadora do renomado professor de Física combina com a reputação que tem.

Espero ele falar primeiro. Qualquer outra coisa, além disso, soaria como pura insolência. Eu não suportaria mais essa para a fama que eu tinha, já que a minha simples presença na Politécnica era considerada uma insolência para muitos. Essa linha tênue entre a persistência nesse caminho ainda não desbravado e o sentimento de conformidade ainda exige muito de mim.

– Você é? – pergunta como se não estivesse me esperando, como se nunca tivesse ouvido meu nome.

– Senhorita Mileva Marić, senhor – espero que a voz não tenha saído trêmula.

Bem devagar, Weber olha a lista de alunos. É claro que ele sabe quem sou. O professor era o responsável pelo programa de Física e Matemática e, considerando que, antes de mim, apenas quatro mulheres haviam sido admitidas, tive de implorar a ele para entrar no primeiro dos quatro anos do programa, conhecido como Section Six. E foi ele mesmo que me aceitou! Consultar a lista de alunos foi uma manobra descarada e calculista, um modo de mostrar a própria opinião para toda a classe. Um gesto que concedia à sala permissão para me tratar do mesmo jeito.

– A senhorita Marić é da Sérvia ou de um país austro-húngaro... É isso? – questiona, sem sequer erguer a cabeça, como se houvesse a possibilidade de ter outra senhorita Marić na Section Six, alguma que tivesse vindo de outro lugar mais respeitável. Pela pergunta, Weber deixou bem claro a opinião sobre os povos eslavos do leste europeu; em outras palavras, achava que nós, temidos estrangeiros, éramos de algum modo inferiores aos povos germânicos da Suíça desafiadoramente neutra. Esse era mais um preconceito que eu teria de desconstruir para conseguir vencer.

Como se o fato de ser a única mulher na Section Six – a quinta em *toda a história* a ser admitida no programa de Física e Matemática – não bastasse.

– Sim, senhor.

– Pode ir para seu lugar – anuncia finalmente, apontando para a carteira vazia. E, por sorte, o único lugar vazio era o mais distante do tablado dele. – A aula já começou.

Começou? A aula começaria dali a quinze minutos. Será que meus colegas de classe receberam algum aviso e eu não? Teriam combinado de chegar mais cedo? Tive vontade de perguntar, mas não o fiz.

A pergunta só poria mais lenha na fogueira. De qualquer maneira, não importa. No dia seguinte eu chegaria quinze minutos mais cedo. E mais e mais cedo todas as manhãs, caso fosse necessário. Não perderia nem uma palavra sequer das aulas de Weber. Engano dele se achou que começar a aula mais cedo me abalaria. Com um pai como o meu...

Assinto para Weber, olho para a longa distância que há entre a porta e minha carteira e, como de costume, calculo quantos passos serão necessários para atravessar a sala. E há algum modo melhor de se mensurar a distância? Logo no primeiro passo tento manter o ritmo firme e disfarçar a perna manca, mas o pé coxo, sendo arrastado ao longo do chão, ecoa pela sala. Num impulso, decido parar de esconder.

Escancaro para todos os colegas a deficiência que me marcou desde o nascimento.

Manco e arrasto. Passo por passo. Dezoito vezes até chegar à minha carteira. “Aqui estou, senhores”, sinto como se estivesse afirmando com cada músculo do meu pé frouxo. “Erga a cabeça; acabe logo com isso.”

Transpirando devido ao esforço, percebo que a sala está em completo silêncio. Todos estavam esperando que eu me sentasse, e talvez estivessem constrangidos pela minha perna manca, por eu ser mulher ou talvez pelos dois motivos. Qualquer que fosse a razão, desviaram o olhar.

Todos, exceto um.

À minha direita, um jovem com uns cachos castanhos e desgrenhados me encara. Estranhamente, eu

o encaro também. Mas, mesmo quando cravo meus olhos nele, de cabeça erguida, desafiando-o a zombar

de mim e do meu esforço para chegar até ali, aqueles olhos semicerrados continuam me fitando, e logo umas dobrinhas ao redor das pálpebras se formam, e, por entre aquele bigode escuro, um sorriso irrompe. Um sorriso de surpresa, até de admiração.

E quem ele pensa que é? O que significa essa olhadinha?

Nem me preocupo muito com ele enquanto me sento. Pego a bolsa, de dentro dela tiro papel, tinta, caneta e me preparo para a aula. Eu não permitiria que o olhar abusado e intimidante de um colega de classe me abalasse. Continuo olhando para a frente, na direção do professor, ciente de que meu colega continua fitando-me, mas ajo como se não percebesse.

Weber, contudo, não está tão compenetrado assim. Nem é tão indulgente. Com os olhos cravados no

rapaz, o professor pigarreia e, quando o jovem não se dá ao trabalho de olhar para a frente, o professor adverte:

– Quero que a sala inteira preste atenção em mim. Esta é a primeira e a última vez que aviso, senhor Einstein.

Capítulo 2

Tarde de 20 de outubro de 1896

Zurique, Suíça

AO ENTRAR NO VESTÍBULO DA ENGELBRECHT PENSION, fecho a porta com cuidado e entrego o guarda-

chuva úmido à criada. Da sala de visitas ao fundo, risos emergem. Eu sabia que havia garotas

esperando por mim lá, mas ainda não me sinto preparada para o interrogatório – bem-intencionado – que me fariam. Eu precisava de mais um tempo sozinha, mesmo que apenas alguns minutos, para pensar em tudo o que havia acontecido naquele dia. Quase que na ponta dos dedos, subo as escadas até meu quarto.

Grrrrr. Droga. Esse maldito pé coxo.

Com a saia cinza-escura farfalhante que arrasta pelo chão, Helene aparece, segurando uma xícara de chá.

– Mileva! Estávamos esperando você! Esqueceu? – Com a mão livre, ela me puxa em direção ao salão, o qual apelidamos de sala de jogos. Chegamos à conclusão de que tínhamos o direito de batizá-lo assim, já que ninguém além de nós o utilizava.

Dou risada. Como teriam sido estes últimos meses em Zurique sem as meninas? Milana, Ružica, sobretudo Helene, uma espécie de irmã de alma, com senso de humor inigualável, gentileza ímpar e, curiosamente, um pé coxo semelhante ao meu. Como consegui viver um dia sem elas?

Há muitos meses, quando meu pai e eu chegamos a Zurique, jamais imaginei que faria amizades assim. A adolescência, marcada pelo atrito com colegas de sala – na melhor das hipóteses se afastavam de mim e, na pior, me ridicularizavam –, resumiu-se em estudos e solidão. Ou pelo menos assim considere.

Quando desembarcamos do trem – depois de uma longa viagem de dois dias desde nossa casa, em

Zagreb, Sérvia –, meu pai e eu estávamos receosos. A fumaça do veículo encobriu a Zurique Hauptbahnhof, tanto que tive de cerrar um pouco os olhos para conseguir caminhar pela plataforma. Com uma bolsa em cada mão, uma mais pesada, com meus livros prediletos, cambaleio um pouco enquanto avanço por entre as pessoas, na estação lotada, seguindo meu pai e o carregador que leva as malas mais pesadas. Papai se apressa para me ajudar, tentando aliviar o peso de uma das minhas mãos.

– Eu consigo – digo enquanto tento desvencilhar minha mão da dele. – Você já tem muita mala para carregar e só tem duas mãos.

– Mitza, por favor, deixe que eu a ajudo. Posso carregar mais uma. Não vai pesar pra mim como pesa pra você – brinca. – Sem falar que sua mãe ficaria muito brava se eu deixasse você se virando sozinha com todo esse peso no meio de uma estação de trem.

Acomodo a mala no chão e tento puxar minha mão de volta.

– Papai, tenho que fazer isso por conta própria, afinal, vou morar sozinha em Zurique.

Ele me encara por um bom tempo, como se só agora tivesse se dado conta de que eu moraria sozinha naquela cidade, como se não conversássemos sobre isso desde que eu era menina. Contra a própria vontade, dedo por dedo, ele solta minha mão. Foi difícil para meu pai, sei disso. Embora ele desejasse que eu estudasse em excelentes instituições, e que minha perna frouxa o lembrasse de todo o esforço que ele teve para, de camponês, tornar-se um burocrata bem-sucedido e proprietário de terras, às vezes eu me perguntava se ele não se sentia culpado e confuso por me deixar seguir meu caminho. Ele havia se preocupado tanto com minha formação universitária que parece não ter cogitado que chegaria o dia em que teria de me deixar nesse lugar estranho e se despedir.

Saímos da estação e nos embrenhamos nas ruas agitadas de Zurique. Começava a anoitecer, mas ainda havia luz do dia. Fito os olhos de meu pai, sorrimos um para o outro, surpresos; sempre vimos a cidade iluminada por candeeiros, mas em Zurique as ruas

eram iluminadas por lâmpadas elétricas, inusitadamente resplandecentes. Graças a elas, pude enxergar os mínimos detalhes dos vestidos das damas que passavam por nós; as anquinhas das saias eram mais elaboradas que os modelos mais simples que eu via em Zagreb.

As ferraduras dos cavalos atrelados à carruagem disponível para locação percutem nos

paralelepípedos da Bahnhofstrasse, onde estamos. Papai gesticula para o condutor, que desce para apanhar nossa bagagem e acomodá-la na carruagem. Envolvero o corpo com o xale para me proteger do vento gelado. Na noite anterior à minha partida, mamãe, com os olhos cheios de lágrimas, as quais conteve, me presenteou com um xale rosa bordado. Só depois entendi que o presente era como um abraço de despedida, algo que eu poderia manter comigo, já que ela teria que ficar em Zagreb com minha irmã mais nova, Zorka, e meu irmão, Miloš.

Meus pensamentos são interrompidos pela voz do condutor:

– Vieram a passeio?

– Não – responde papai, o sotaque mal transparecendo. Ele sempre teve orgulho do alemão impecável, a língua falada por aqueles que detinham o poder na Áustria-Hungria. Foi o primeiro degrau que ele subiu, como costumava dizer a mim e a meus irmãos quando pegava no nosso pé para praticarmos o idioma. Estufando um pouco o peito, ele acrescenta: – Viemos para fazer a matrícula da minha filha na universidade.

O condutor, surpreso, ergue as sobrancelhas, mas se contém e não esboça grandes reações.

– Na universidade? Ah... Nesse caso, acho que vão para a Engelbrecht Pension ou para alguma outra pensão de Plattenstrasse – fala enquanto segura a porta da carruagem para que meu pai e eu entremos.

Papai faz uma pausa, esperando até que eu me acomode no banco e, em seguida, indaga o condutor:

– Como sabe para onde vamos?

– É para lá que levo muitos alunos da Europa Oriental para se hospedar.

Ao ouvir o grunhido com que meu pai reage à resposta do homem ao sentar a meu lado, percebo que

ele fica atordoado com o comentário, sem saber ao certo o que pensar. Teria sido um insulto a nossas origens? Sabíamos que, embora eles mantivessem a independência e a neutralidade ante ao implacável

império europeu que os ladeava, os suíços não viam com bons olhos quem vinha da região leste do império austro-húngaro. Ainda assim, era o povo mais tolerante em muitos aspectos; a Suíça era o país que mais admitia mulheres nas universidades, por exemplo. Era uma contradição difícil de entender.

Gesticulando para os cavalos, o motorista brande o chicote no ar e a carruagem sai sacolejando pelas ruas de Zurique em um ritmo constante. Tentando enxergar através da janela suja de lama, avisto um bonde elétrico sibilando a nosso lado.

– Viu aquilo, papai? – pergunto. Eu havia lido sobre bondes elétricos, mas nunca tinha visto um ao vivo. Fico embasbacada. Era a prova real de que a cidade era progressista, pelo menos no quesito transporte. Minha esperança era que os moradores tratassem estudantes do sexo feminino a partir dessa mesma perspectiva, assim validaria os rumores que chegaram a meus ouvidos.

– Não vi, mas ouvi. E senti – responde papai calmamente, apertando minha mão. Eu sabia que ele

também estava perplexo, mas não queria perder a compostura. Ainda mais depois do comentário do condutor.

Volto o corpo para a janela aberta. Montanhas verdes e íngremes emolduram a cidade e posso jurar que senti o cheiro de sempre-vivas no ar. É claro que as montanhas estavam distantes demais para que o aroma das árvores chegasse até nós. Mas, qualquer que fosse o motivo, o ar em Zurique era muito mais fresco que o de Zagreb, mesmo impregnado pelo cheiro de esterco dos cavalos e das queimadas. Talvez o aroma agradável viesse do lago de Zurique, que margeava o sul da cidade.

De longe, mais ou menos na altura do sopé das montanhas, avisto edifícios amarelos, construídos em estilo neoclássico, pairando entre as torres das igrejas. Os prédios lembravam as fotografias da Politécnica que eu tinha visto na documentação da matrícula, mas eram muito maiores e mais imponentes do que imaginei. A Politécnica era uma nova espécie de universidade destinada a formar professores para ministrar disciplinas de áreas científicas como a Matemática, e era uma das poucas universidades da Europa que formavam mulheres. Embora eu não tivesse pensando em praticamente mais nada por muitos anos, era difícil imaginar que, dentro de alguns meses, eu estaria de fato matriculada aqui.

A carruagem para de repente. A janela se abre e o condutor anuncia o destino:

– Plattrenstrasse, 50.

Pelo buraco do vidro, papai passa alguns francos e a porta da carruagem se abre.

Enquanto o condutor descarrega a bagagem, um funcionário da Engelbrecht Pension rapidamente desce as escadas da entrada e vem nos ajudar com as malas de mão. Por entre as encantadoras colunas que decoram a fachada da casa de quatro andares, um casal bonito e bem vestido aparece.

– Senhor Marić? – chama um senhor robusto.

– Sim, o senhor deve ser Engelbrecht – responde meu pai curvando-se ligeiramente, oferecendo a mão para cumprimentá-lo. Enquanto os dois se apresentam, a senhora Engelbrecht desce as escadas e me chama para entrar.

Sem grandes formalidades, os Engelbrecht nos convidam para tomar um chá que seria servido especialmente para nós. Enquanto acompanhamos o casal até a sala de visitas, papai lança um olhar de

“aprovado” por entre o candelabro de cristal dependurado na recepção que combinava com as arandelas da parede. Foi quase como se pudesse escutá-lo dizendo: “Esse lugar faz jus à Mitza”.

Para mim, a pensão pareceu aprumada e demasiadamente formal se comparada à minha casa; o cheiro de madeira, poeira e temperos picantes da comida que se preparava em casa tinha ficado para trás. Apesar de nós, sérvios, aspirarmos os costumes germânicos, vi ali que nossas tentativas mal chegavam aos pés do padrão de perfeição dos suíços. Entre chá, bolo e outras gentilezas e sob o interrogatório incessante de papai, os Engelbrecht explicaram o funcionamento da pensão: horários fixos para refeições, visitas, lavanderia e serviço de quarto. Papai, ex-militar, indagou sobre a segurança dos

hóspedes, e seus ombros relaxavam a cada uma das respostas confortantes, bem como a cada vez que olhava para o papel de parede azul que revestia as paredes e para as cadeiras entalhadas postas ao redor da lareira enorme de mármore. Mesmo assim, ele ainda mantinha os ombros tensos; papai queria que eu cursasse a universidade quase tanto quanto eu, mas o fato de ter de se despedir pareceu muito mais difícil para ele do que eu poderia ter imaginado.

Enquanto beberico o chá, ouço risadas. De mulheres.

A senhora Engelbrecht percebe minha reação.

– Ah, são as meninas jogando baralho. Posso apresentá-la a nossas hóspedes?

Hóspedes? Mulheres? Faço que sim com a cabeça, embora desejasse ter negado. Meu contato com

outras mulheres geralmente não acabava nada bem. Na melhor das hipóteses, havia uma ou outra semelhança entre nós. Sofri muito nas mãos de colegas de classe, tanto mulheres quanto homens, especialmente quando descobriram quais eram minhas ambições. No entanto, a polidez falou mais alto e o senhor Engelbrecht nos conduziu até uma sala menor, que tinha decoração diferente da recepção: lustre e arandelas de bronze em vez de cristal, painéis de carvalho em vez do papel de parede azul, e uma mesa de jogos bem no centro. Enquanto entramos, ouço a palavra “*krpiti*” e olho para papai, que parece tão surpreso como eu. Era um termo sérvio usado quando estamos frustrados ou quando perdemos alguma coisa, o que me deixa curiosíssima para saber quem havia dito aquilo. Com certeza meu pai e eu tínhamos entendido mal.

Ao redor da mesa havia três garotas, todas da minha faixa etária, de cabelo preto e sobrancelhas grossas não muito diferentes das minhas. Até a roupa que usávamos era parecida: camisa branca, gola alta e rendada, lenço e saia preta, simples. Trajes sérios, não os vestidos cheios de firulas, verde-limão e rosa, o tipo favorito de muitas jovens, incluindo as que eu tinha visto nas ruas perto da estação ferroviária.

As três rapidamente deixaram o jogo de lado e levantaram para se apresentar.

– Senhoritas Ružica Dražić, Milana Bota e Helene Kaufler, gostaria de apresentar a nova hóspede.

Senhorita Mileva Marić.

Enquanto nos cumprimentávamos, a senhora Engelbrecht prosseguiu:

– A senhorita Marić está aqui para estudar Matemática e Física na Politécnica Federal Suíça. Estará em boa companhia aqui, senhorita Marić.

A senhora Engelbrecht aponta primeiro para uma garota de bochechas grandes, sorridente e de olhos castanhos e a apresenta:

– A senhorita Dražić é de Šabac e veio para estudar Ciência Política na Universidade de Zurique – e ao virar para a garota que tinha o cabelo mais escuro e as sobrancelhas mais grossas entre as três, a senhora Engelbrecht diz: – Esta é a senhorita Bota. Ela saiu de Kruševac e veio para cá estudar Psicologia na mesma universidade que você.

Apoiando a mão no ombro da última a ser apresentada, uma garota de cabelo castanho-claro, olhos

azuis-acinzentados e sobrancelhas arqueadas, a senhora Engelbrecht fala:

– E esta é a senhorita Kaufler, que veio de Viena para estudar História, também na Politécnica.

Fico sem saber o que dizer. Colegas que estudariam na mesma universidade que eu e que vieram também de regiões austro-húngaras? Em Zagreb, toda jovem na faixa dos 20 anos ou era casada ou estava à procura do par ideal, praticando dotes domésticos enquanto ainda morava na casa dos pais. Elas paravam de estudar muito antes da graduação e muitas sequer chegavam a frequentar a escola. Sempre pensei que eu seria a única mulher numa universidade do leste europeu em um mundo de homens ocidentais. Senão a única mulher por aqui.

A senhora Engelbrecht olha para cada uma das garotas e sugere:

– Vamos deixá-las à vontade com o jogo enquanto terminamos nossa conversa. Será que podem mostrar Zurique para a senhorita Marić amanhã?

– Claro, senhora Engelbrecht – responde a senhorita Kaufler pelas três, com um sorriso amistoso. –

Talvez a senhorita Marić queira jogar conosco amanhã de noite. Podemos jogar em quatro.

O sorriso da senhorita Kaufler pareceu sincero e eu me senti acolhida com a receptividade. De modo instintivo, retribuí também com um sorriso, mas logo me detenho. “Tome cuidado”, faço questão de me advertir. “Lembre-se de que elas são más: os insultos, xingamentos, pontapés na infância. O Programa de Física e Matemática foi o que a atraiu até aqui, o sonho de se tornar uma das poucas professoras de Física da Europa. Você não viajou tantos quilômetros para fazer amizades, mesmo que essas garotas sejam de fato o que parecem ser.”

Quando voltamos para a recepção, papai entrelaça o braço no meu e sussurra:

– Elas parecem pessoas agradáveis, Mitza. Devem ser muito espertas também, se estão aqui para cursar a universidade. Pode ser a oportunidade certa para fazer amizade com mulheres, já que elas parecem ter os mesmos interesses e ideias que você. Que sorte essas meninas vão ter de poder ouvir as piadinhas que você só contava para mim.

Pela voz, meu pai parece estranhamente esperançoso, como se estivesse realmente ávido para que

eu me tornasse amiga daquelas garotas. Mas, o que foi isso que ele acabou de me dizer? Fico confusa.

Depois de tantos anos dizendo-me que amigos não importam, que marido é irrelevante, que a família e a educação eram tudo o que contava, será que meu pai estava querendo me testar? Eu queria mostrar para ele que tudo aquilo que geralmente as jovens desejavam – amigos, marido e filhos – não tinha importância para mim, como sempre. Se esse era mesmo um teste, eu queria passar por ele com a mais alta honraria, como fiz com todos os outros.

– Papai, prometo que estou aqui para estudar, não para fazer amizades – retruco em tom firme, na esperança de que isso assegurasse o destino que ele previu – e mais do que isso, desejei – para mim durante todos esses anos se tornou meu próprio desejo, algo que agarrei com todas as forças.

Apesar disso, papai não parece muito convencido. Na verdade, vejo a expressão entristecida, ou enraivecida, dele; não sei distinguir ao certo. Será que não fui enfática o suficiente? Ou será que ele mudou de opinião porque essas garotas são muito diferentes das que conheci?

Estranhamente, ele se mantém em silêncio por um momento. Até que, com certo desânimo, desabafa:

– Queria que você pudesse ter os dois.

Nas semanas seguintes à partida de meu pai, evito o contato com as garotas e me mantenho no meu

quarto entre os livros, mas a rotina dos Engelbrecht incluía as refeições diárias com todos e, por questões de convívio e polidez, eu conversava com as hóspedes durante o café da manhã e o jantar. As três sempre me chamavam para caminhar, assistir a palestras, tomar café, ir ao teatro e a concertos. Elas pegavam no meu pé por ser muito séria, introvertida e estudiosa demais, e por mais que eu recusasse, continuaram me convidando. As três insistiam em ter minha companhia, algo que ninguém, além de mim mesma, jamais fizera.

Certa noite de verão, eu estava estudando no meu quarto, como de costume, preparando-me para as

aulas que começariam em outubro. Envolvero as costas com o xale especial para afastar o frio congelante que imperava nos quartos da pensão, por mais quente que estivesse do lado de fora. Estou analisando um texto quando ouço as garotas no andar de baixo tocando uma versão de *L'Arlésienne Suite* de Bizet –

tocando muito mal, por sinal, mas com muito sentimento. Eu conhecia a peça muito bem; costumava tocá-

la com minha família. O som despertou em mim um sentimento de melancolia, solidão, em vez de exílio voluntário. Olho para a minha *tamburitza* empoeirada no canto, pego o bandolim e desço as escadas.

Parada de frente para a recepção, fico observando as garotas debatendo-se com a peça de Bizet.

Recosto-me na parede, com a *tamburitza* em mãos, e de repente me sinto uma idiota. Por que elas me aceitariam depois de eu ter negado o convite delas tantas vezes? Quero correr de volta para o quarto, mas Helene me vê e para de tocar.

Com a simpatia de sempre, ela pergunta:

– Vai tocar conosco, senhorita Marić? – ela olha para Ružica e Milana, demasiadamente entusiasmada. – Como pode ver, qualquer ajuda será bem-vinda!

Aceito o convite. Em poucos dias, as três me arremessaram em um mundo que eu nunca havia experimentado antes. Uma vida de amigos que partilhavam das mesmas ideias. Papai estava errado e eu também. Os amigos são importantes. Amigos como esses, inteligentíssimos e quase tão obstinados como eu, que sofreram o mesmo tipo de humilhação e condenação e sobreviveram, com um sorriso no rosto.

Amigos que, diferentemente do que eu temia, não tiravam de mim o desejo de atingir meus objetivos.

Em vez disso, me faziam mais forte.

Alguns meses depois...

Eu me joo numa cadeira vazia enquanto Ružica me serve uma xícara de chá. O cheiro de limão perpassa o ar até chegar a mim, e Milana, com um sorriso de satisfação, desliza um prato pela mesa

com uma fatia de meu bolo favorito: limão. Elas devem ter pedido esse chá à senhora Engelbrecht especialmente para mim. Um gesto especial para um dia especial.

– Obrigada.

Bebericamos o chá e eu mordisco o bolo. Estranhamente, as meninas estão quietas, embora eu possa ver no rosto delas e no jeito com que se olham que manter o silêncio não está sendo uma tarefa fácil. Elas esperam que eu fale primeiro, mas não para agradecer o mimo.

Ružica, a mais eufórica, não se contém. Por ser a mais persistente das três e a mais impaciente, dispara:

– E aí, como foi com o professor Weber? – indaga com a sobrelha franzida, imitando o professor, famoso pelas aulas e inteligência formidáveis.

– Como previsto... – respondo entre um suspiro e mais uma mordida no bolo, uma mistura deliciosa

entre o doce e o azedo. Limpo uma migalha do canto da boca e explico: – Ele insistiu em consultar a lista de chamada antes de eu me sentar para assistir à aula. Como se não soubesse que eu estava ingressando no programa. Foi ele mesmo quem me admitiu!

As três riem.

– E, depois, começou a me perturbar porque sou da Sérvia.

O riso cessou.

Ružica e Milana haviam passado por humilhação semelhante, já que também eram dos confins do império austro-húngaro. Até Helene que era de uma região mais concebível da Áustria tinha sofrido preconceito por parte dos professores da Politécnica por ser judia.

– Isso me lembra do meu primeiro dia de aula com o professor Herzog – conta Helene, e todas assentimos. Ružica, Milana e eu ficamos sabendo em detalhes da humilhação pela qual Helene passou.

Depois de pronunciar em voz alta o sobrenome dela e perceber que era judia, o professor Herzog passou boa parte da primeira aula de História falando sobre as favelas de Veneza em que os judeus foram forçados a viver entre os séculos XVI e XVIII. Nós quatro concordamos que o tema da aula não foi mera coincidência.

– Não basta a gente ser uma gota num oceano de homens? Os professores têm que procurar motivos

para enaltecer as diferenças – desabafa Ružica.

– E os outros alunos? – pergunta Milana numa tentativa clara de mudar de assunto.

– A mesma coisa de sempre – respondo. Demonstrando solidariedade, as meninas resmungam.

– Arrogantes? – questiona Milana.

– Acertou em cheio – respondo.

– Com uns bigodões? – pergunta Ružica com uma risadinha.

– Bingo.

– Nariz empinado? – sugere Helene.

– Na mosca.

– Sofreu alguma outra humilhação? – pergunta Helene com a voz mais cautelosa. Ela era muito protetora, meio que como a mãe do grupo. Especialmente em relação a mim. Desde quando contei a elas o que me aconteceu no primeiro dia de aula do ensino fundamental, em Zagreb, no *Obergymnasium*, uma história que não havia contado para mais ninguém, Helene tinha todo o cuidado

comigo. Embora nenhuma delas tenha passado por uma violência pública, as três previam quando o assunto poderia vir à tona e se mantinham alertas.

– Não. Ainda não.

– Que boa notícia – comenta Ružica, como sempre, otimista. Milana e eu brincávamos que, para Ružica, o copo estava sempre meio cheio. Ela se defendia dizendo que é preciso olhar a situação do lado de fora e recomendava com todo o fervor que fizéssemos o mesmo.

– Tem alguém em quem possa confiar? – pergunta Milana, mudando para um território mais seguro.

O programa exigia que houvesse colaboração entre os alunos em certos projetos e minhas amigas e eu discutimos algumas estratégias para isso. E se ninguém quisesse formar grupo comigo?

– Não – respondo no mesmo instante. Mas logo em seguida fico em silêncio por um momento, tentando seguir os conselhos de Ružica para ter uma visão mais otimista. – Bem, talvez. Tem um aluno que sorriu pra mim... Ficou sorrindo por tempo demais talvez, mas, enfim, foi um sorriso sincero. Não foi fingimento. Acho que o nome dele é Einstein.

Helene arqueia as sobrancelhas grossas. Quando o assunto abordava “investidas românticas indesejáveis”, ela acionava o alerta máximo. Ela acreditava que isso era motivo de preocupação tanto quanto a violência. Ela segura minha mão e alerta:

– Tome cuidado.

Aperto a mão da minha amiga.

– Não se preocupe, Helene. Eu sempre tomo cuidado – eu digo. Mas, ao perceber que ela continua

preocupada, brinco: – Não acredito. Vocês sempre me acusam de ser muito cuidadosa, introvertida. E que eu só mostro quem sou de

verdade pra vocês três. Açam mesmo que eu não tomaria cuidado com esse tal Einstein?

A expressão de preocupação de Helene dá lugar a um sorriso.

Sempre me surpreendo com essas garotas. Porque com elas sempre encontro as palavras certas para

desenterrar histórias há muito tempo guardadas. Porque permito que saibam quem sou. E porque me aceitam como sou.

Capítulo 3

22 de abril de 1897

Zurique, Suíça

EU ME ANINHO NA CADEIRA DA BIBLIOTECA DA POLITÉCNICA. O espaço arejado, repleto de painéis de

madeira, estava lotado, mas ainda assim o silêncio imperava. Os alunos se espalhavam por entre

as prateleiras, alguns estudando Biologia ou Química, outros Matemática, e outros ainda Física,

entre estes eu. Aqui, isolada do mundo, atolada nos livros, sentada na cadeira, escondida atrás do terminal, preenchida por minhas próprias reflexões e teorias, quase posso fingir que sou como cada um dos alunos da biblioteca da universidade.

Minhas anotações estão espalhadas na minha frente, vários textos e um artigo da minha coleção.

Todos chamam a minha atenção, como se eu tivesse de escolher um entre vários bichinhos de estimação; é difícil selecionar um a quem vou dedicar toda a atenção. Newton ou Descartes? Ou talvez um teórico mais novo? Toda a Politécnica, na verdade a Zurique inteira, respirava as últimas descobertas da Física, e eu me sentia como se esse vento estivesse soprando em minha direção. Eu

pertencia ao mundo da Física. Entranhada nas regras secretas sobre o funcionamento do mundo – forças escondidas e relações causais invisíveis tão complexas que eu acreditava que só Deus poderia tê-las articulado –, havia respostas para as maiores perguntas sobre a existência. Se ao menos eu pudesse descobri-las...

Veza ou outra, quando eu mergulhava mais calmamente na leitura e nos cálculos, em vez de estudar

num ritmo mais intenso e estressante, eu relaxava e conseguia enxergar as partículas divinas que eu tanto queria, mas de um modo periférico. Quando eu concentrava o olhar nessas partículas, elas se dissipavam.

Talvez eu ainda não estivesse preparada para ver a obra-prima de Deus. Talvez, quando chegasse o tempo certo, Ele me permitiria vê-las.

Foi meu pai quem despertou em mim a curiosidade e o interesse pelos estudos. O único problema é

que ele ainda está preocupado com o fato de eu estar em Zurique e com as minhas perspectivas futuras.

Embora eu me esforce ao máximo para tranquilizá-lo por meio das cartas que envio, tentando convencê-

lo da infinidade de oportunidades que terei quando terminar a graduação – isso se eu não seguir carreira como pesquisadora –, e insista dizendo que vivo praticamente entre a pensão e a universidade, eu percebo, por seu questionamento incessante, que está ansioso.

O curioso disso tudo é que minha mãe aparenta mais tranquilidade ante ao caminho que escolhi.

Depois de ter passado a vida inteira às voltas com a sua intransigência, pois ela se recusava a aceitar meu interesse nada

ortodoxo pelos estudos, quando me estabeleci em Zurique, tudo indicava que ela havia se conformado, especialmente quando comecei a detalhar nas correspondências minhas aventuras com Ružica, Milana e Helene. Pelas respostas que minha mãe enviava, pude sentir que estava satisfeita com as amizades que fiz. As primeiras de toda a minha vida.

Mas a relação com minha mãe nem sempre foi assim. Antes dessa reaproximação recente, nosso relacionamento foi marcado por suas preocupações em relação a mim, a meu pé coxo, a minha solidão e a minha infância nada convencional. E pelo sofrimento que minha sede pelos estudos causava.

Em Ruma, cidade pacata onde nasci, em certa tarde agradável de setembro, quando eu tinha quase

10 anos, ela não se importou em demonstrar o incômodo que sentia por eu ter escolhido um caminho nada propício para uma mulher, embora papai já tivesse demonstrado todo o apoio e ela raramente o contrariasse. Como fazíamos todos os dias, estávamos a caminho do cemitério onde meu irmão e minha irmã mais velhos foram sepultados, ambos vítimas de uma doença que contraíram ainda crianças, antes de eu nascer. O vento estava tão forte que chicoteava o lenço em volta da minha cabeça. Agarrei o tecido preto com força, ciente do desgosto que minha mãe sentiria caso caísse no chão e minha cabeça ficasse exposta enquanto pisava em solo sagrado. As dobras do tecido cobriam minhas orelhas, abafando o sibilo baixo e fúnebre do vento. Eu me sentia grata pela calma, embora soubesse que o silvo sombrio do vento se harmonizava como nosso destino.

Senti o cheiro de olíbano, uma fragrância doce e pungente exalando da chaminé da igreja enquanto passamos, e as folhas caídas no chão crepitavam à medida que tentava acompanhar o passo de mamãe. A subida era íngreme, difícil para mim, como ela bem sabia. Mas minha mãe não diminuiria o ritmo. Era quase como se o fardo da caminhada até o cemitério fizesse parte da penitência. O preço a ser pago por eu ter sobrevivido, ao contrário de meus irmãos. Por ter vindo à vida quando as doenças

acometiam outras crianças. E por ter inspirado meu pai a aceitar o novo posto no governo em Novi Sad, uma cidade grande com escolas de prestígio para garotas como eu, o que implicara uma mudança que afastou minha mãe dos túmulos dos primogênitos.

– Você vai, Mitza? – perguntou mamãe sem olhar para trás. Lembro a mim mesma que essa rigidez

dela não era exclusivamente pela mudança para Novi Sad. Disciplina rigorosa e expectativas altas eram os princípios básicos de educação diária que ela seguia. Com frequência, ela reforçava: “O provérbio diz: A vara e a repreensão dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma envergonha sua mãe”.

– Sim, mamãe – respondi.

Vestindo o habitual lenço preto em honra à alma de meus irmãos mortos, mamãe continuou caminhando, parecendo a sombra de um ébano contra o céu acinzentado do outono. Chego ofegante ao topo da subida, mas disfarço. Aquilo era meu castigo.

Tentando amenizar o clima, eu me viro. Eu adorava a vista que se tinha dali do alto. Esparramada bem aqui, abaixo de nós, está Ruma e, acima da torre da igreja, a cidade se agarra às margens do Danúbio. É uma região poeirenta e pequena, tem apenas uma praça, um mercado e alguns prédios do governo no centro, e ainda assim é linda.

Mas aí minha mãe começa a se abaixar até o chão, e sou invadida por um sentimento de culpa. Isso aqui não é um passeio; eu não deveria estar me divertindo. Esta será uma de nossas últimas visitas ao cemitério, porque não sabemos quando poderemos voltar. Nem mesmo papai poderia fazer com que me

sintisse bem neste dia.

Eu me aproximo das lápides e fico ao lado de mamãe. As pedras no chão machucam meus joelhos,

mas hoje quero sentir dor. Era um sacrifício razoável pela dor que eu estava causando a minha mãe

devido a nossa mudança para Novi Sad. Como eu já havia cursado todos os anos do ensino fundamental na Volksschule, em Ruma, meu pai queria que eu me matriculasse num colégio exclusivo para garotas, em Novi Sad. Pouco mais de 30 quilômetros separavam Ruma de Novi Sad, eram cidades praticamente vizinhas, mas o trajeto poderia levar horas por conta da estrada sinuosa. Não havia a possibilidade de voltarmos com frequência.

Fito minha mãe. Os olhos castanhos estão fechados, sem aquela habitual expressão de rigidez. Ela parece ter mais que seus 30 anos. A dor da perda e a rotina diária a envelheceram.

Faço o sinal da cruz, fecho os olhos e, em silêncio, rezo pelas almas de meus irmãos que partiram há tanto tempo. Eles sempre foram uma companhia invisível para mim, substituíram os amigos que nunca tive. Quanto minha vida teria sido diferente se eles estivessem vivos? Talvez, com um irmão e uma irmã mais velhos eu não teria sido tão solitária, desejando, bem lá no fundo, que as garotas da escola brincassem comigo no pátio, mesmo aquelas que me magoavam.

Um raio de sol percorre meu rosto, fazendo-me abrir os olhos. As lápides de mármore arqueadas do túmulo de meus irmãos me encaram. Os nomes deles, Milica Marić e Vukašin Marić, reluzem como se tivessem acabado de ser esculpidos. Sinto uma vontade súbita de correr o dedo pelas letras, mas me contenho.

Normalmente mamãe fazia questão de que nossas visitas fossem reflexivas, silenciosas, mas naquele dia foi diferente. Ela segura minha mão e clama pela Virgem na nossa língua nativa, o sérvio que quase nunca usávamos:

– *Bogorodice Djevo, radujsja. Blagodatnaja Marije...*

Minha mãe reza em voz alta, tanto que abafava o ruído do vento e o farfalhar das folhas. E o corpo dela balançava. Eu me sento

constrangida pela voz alta e pelos movimentos dramáticos dela, especialmente quando duas pessoas, de longe, olham em nossa direção.

Ainda assim, continuo rezando. A ave-maria geralmente me acalma, mas hoje as palavras me soam

estranhas. Pesadas. Como que uma mentira. A prece de minha mãe também soa diferente, não tem aquela adoração habitual, parece mais uma condenação – minha, é claro, não da Virgem.

Tento me concentrar no vento, no movimento dos galhos e das folhas, no barulho da ferradura dos

cavalos que passam e em todo o mais que seja possível para não prestar atenção nas palavras de minha mãe. Eu não precisava de nenhum outro lembrete de que a ida para a escola de Novi Sad teria de valer muito a pena. Eu tinha de me sair bem. Não só pelos meus pais, mas pelos meus irmãos que partiram. As almas que deixaríamos para trás.

Ouçõ o rangido das canetas-tinteiro dos outros alunos que estão próximos de mim, na biblioteca, mas apenas um homem chama a minha atenção. Phillip Lenard. Pego o artigo do renomado físico e começo a ler. Eu deveria me concentrar na leitura de Hermann von Helmholtz e Ludwig Boltzmann que o professor pediu, mas a pesquisa recente de Lenard sobre raios catódicos e suas propriedades chama a minha atenção. Usando tubos de vidro vazios, ele criou janelas metálicas no próprio vidro, e os encheu de eletricidade de alta tensão, depois, examinou os raios. Lenard observou que, se a extremidade do tubo oposta à carga negativa fosse pintada com um material fluorescente, um objeto minúsculo começava a brilhar e ziguezaguear ao redor interno do tubo. Esse experimento o levou a acreditar que os raios catódicos eram correntes de partículas energéticas carregadas negativamente, o que levou Lenard a estabelecer as leis para o efeito fotoelétrico. Depois de terminar a leitura, fiquei pensando no quanto a pesquisa de Lenard poderia impactar as questões sobre a natureza e a existência de átomos. A partir de que substância Deus teria feito o

mundo? Será que a resposta para essa pergunta poderia nos dizer mais sobre o propósito de Deus para a humanidade? Às vezes, nas páginas dos textos e nos interstícios de

minhas reflexões, eu podia sentir as partículas divinas revelando-se nas leis físicas do Universo que eu estava apreendendo. Eu sentia Deus nesses lugares, não nos bancos das igrejas que mamãe frequentava, tampouco nos cemitérios.

O sinal da universidade soa. Cinco horas. Mas já passou tanto tempo assim? Nem cheguei a tocar na leitura que o professor havia pedido para hoje.

Estendo o pescoço para olhar pela janela que tem vista privilegiada. O que não faltava em Zurique eram torres com relógios e, já no primeiro que avisto confirmo que são cinco horas. A senhora Engelbrecht era estritamente rígida em relação ao horário do jantar na pensão, então eu não poderia demorar, ainda mais porque minhas amigas estariam esperando-me com instrumentos em mãos para tocarmos antes da refeição. Este era um de nossos pequenos rituais; o que eu mais amava.

Organizo meus papéis e começo a guardá-los na bolsa. O artigo de Lenard está no topo da pilha, e uma frase chama a minha atenção. Começo a ler de novo e fico tão absorta que dou um sobressalto ao ouvir meu nome.

– Senhorita Marić, posso interromper seus pensamentos?

Era o senhor Einstein. O cabelo estava mais selvagem do que nunca, como se tivesse penteado os

cachos escuros com os dedos para deixá-los eriçados. A camisa e a jaqueta também não estavam em bom estado; amassadas, quase irreconhecíveis. A aparência desgrenhada contrastava com a dos outros alunos da biblioteca. E, diferente dos demais, ele sorria.

– Sim, senhor Einstein.

– Estou com um problema, espero que possa me ajudar – ele põe uma pilha de papel na minha mão.

– Eu? – questiono sem pensar. Depois me repudio pela demonstração gratuita de surpresa. “Aja com confiança”, me advirto. “Você é tão brilhante quanto os outros alunos da Section Six. Por que um colega de sala não poderia pedir sua ajuda?”

Mas era tarde demais. Minha baixa autoestima já tinha transparecido.

– Sim, você, senhorita Marić. Acho que você é a mais inteligente da nossa classe e de longe é a melhor em Matemática, e aqueles *Dummkopfs* ali – ele aponta para dois colegas de nossa sala, o senhor Ehrat e o senhor Kollros, que estavam entre duas pilhas de livros, sussurrando e gesticulando sem parar um para o outro – tentaram me ajudar, mas fracassaram.

– Certamente – respondi. Fico lisonjeada com os elogios, mas ainda reticente. Se Helene estivesse aqui, ela me pediria para tomar cuidado, mas também me empurraria para fazer uma aliança com o colega de classe. No semestre seguinte eu precisaria de um parceiro de laboratório, e ele seria minha única opção. Em meus primeiros seis meses como aluna do programa, eu assistia às aulas todos os dias com os mesmos cinco alunos, mas todos, exceto ele, agiam com o mínimo de cortesia ou me tratavam com indiferença. Contudo, a gentileza diária de me cumprimentar e de vez ou outra perguntar minha opinião durante as aulas do professor Weber me mostrava que o senhor Einstein seria minha única esperança.

– Deixe-me ver – olho para os papéis dele.

Ele havia-me entregado um emaranhado confuso. Era esse o tipo de trabalho desorganizado que meus colegas de sala faziam? Se sim, eu não precisaria me preocupar muito com meu desempenho. Passo o olho por entre os cálculos confusos e rapidamente encontro o erro. Era preguiça da parte dele.

– Aqui, senhor Einstein. Se mudar a posição desses dois números, acredito que vai chegar ao resultado certo.

– Ah, estou vendo. Obrigada pela ajuda, senhorita Marić.

– Foi um prazer – respondo assentindo e volto a mexer em meus pertences.

Sinto-o espiando por cima de meus ombros.

– Está lendo Lenard? – pergunta com perceptível tom de surpresa.

– Sim – respondo e continuo mexendo na bolsa.

– Mas essa leitura não faz parte da nossa grade.

– Não, não faz.

– Estou surpreso, senhorita Marić.

– E por que, senhor Einstein? – Eu me viro para encará-lo de frente, desafiando-o. Será que ele pensa que eu não daria conta de um Lenard, texto muito mais complicado que os exigidos para nossa grade básica de Física? Como ele era um pouco mais alto do que eu, tive de erguer um pouco a cabeça. A baixa estatura era uma desvantagem que eu detestava quase tanto quanto a perna manca.

– Você parece a aluna perfeita, senhorita Marić. Sempre presente nas aulas, segue todas as regras, diligente nas anotações, passa horas e horas na biblioteca em vez de ficar por aí passeando nas cafeterias. E mesmo assim é tão boêmia quanto eu. Quem poderia imaginar...

– Boêmia? Não entendi – falo com a voz firme. Será que foi intenção dele ofender minhas origens ao me chamar de boêmia, palavra associada à região austro-húngara de Boêmia?

Pelos comentários ofensivos feitos pelo professor Weber em sala, o senhor Einstein sabia que eu era sérvia, e o preconceito por parte

dos germânicos e dos europeus ocidentais como ele contra os europeus orientais era evidente. Eu me perguntava quais eram as origens do senhor Einstein, embora soubesse que ele era de Berlim. Com aqueles cabelos e olhos pretos e um sobrenome tão diferente, ele não se parecia em nada com um alemão. Será que a família dele era de outra cidade e foi morar em Berlim?

Ele deve ter percebido minha raiva porque logo se apressou para esclarecer.

– Usei a palavra “boêmia” no sentido francês, *bohémien*, que quer dizer “independente no jeito de pensar”. Progressista. Não mediana como alguns de nossos colegas.

Não soube ao certo como “ler” aquilo. Aparentemente, ele não estava zombando de mim. Na verdade, cheguei a pensar que, com um rótulo muito estranho de “boêmia”, ele estava tentando me elogiar. A cada segundo, eu me sentia mais e mais desconfortável.

Tento me ocupar com o restante dos papéis em cima da carteira e digo:

– Preciso ir, senhor Einstein. A senhora Engelbrecht respeita rigorosamente o horário das refeições e eu não posso me atrasar para o jantar. Boa noite – fecho a bolsa e faço uma reverência para me despedir.

– Boa noite, senhorita Marić – responde, curvando-se –, e muito obrigado pela ajuda.

Atravesso a porta arqueada de carvalho da biblioteca, passo pelo pátio pequeno e caio direto na Rämistrasse, a agitada rua que ladeia a Politécnica. Ela é repleta de pensões onde vários estudantes de Zurique dormem e de cafeterias que muitos frequentam para debater questões à luz do dia, fora do horário de aula. Pelo que vejo quando passo por aqui, café e cachimbo são o combustível para essas conversas acaloradas. Mas é só um palpite. Não ousa me sentar a uma mesa dessas, embora eu já tenha visto certa vez o senhor Einstein com alguns amigos sentado

na área externa do Café Metropole e ele tenha acenado para mim. Fingi que não o vi na ocasião. Era difícil ver uma mulher nessas cafeterias habitualmente frequentadas por homens e, de todo modo, essa era uma fronteira que eu ainda não me permitia ultrapassar.

Começa a anoitecer na Rämistrasse, mas a rua continua iluminada graças à luz elétrica. Uma névoa fina começa a se formar no ar, então visto o capuz da blusa para proteger o cabelo e a roupa. Logo começa a chover mais forte – o que não era de se esperar, já que o dia tinha começado ensolarado, com o céu limpo – e o percurso pela Rämistrasse fica mais difícil. Com certeza eu era a pessoa mais baixa em meio à multidão. Fico encharcada e os paralelepípedos começam a ficar escorregadios. Será que quebro a regra e me enfio em uma dessas cafeterias para esperar a chuva passar?

De repente, é como se tivesse parado de chover. Olho para cima, esperando ver um céu mais claro, mas tudo que vejo é uma cobertura preta e, a meu redor, gotas d'água.

O senhor Einstein estava protegendo-me com um guarda-chuva.

– Está encharcada, senhorita Marić – diz com o olhar engraçado de sempre.

O que ele está fazendo aqui? Na biblioteca, não parecia que estava de saída. Será que me seguiu?

– Um dilúvio inesperado, senhor Einstein. Muito obrigada pelo guarda--chuva, estou bem. – Eu tinha de insistir na minha autossuficiência. Não queria que nenhum dos colegas de classe me visse como uma mulher indefesa, muito menos o senhor Einstein. Ele não me aceitaria como parceira no laboratório se me visse como uma mulher frágil, não é mesmo?

– Depois que me salvou da ira de certo professor Weber com a correção no cálculo, o mínimo que

posso fazer é acompanhá-la até sua casa para protegê-la da chuva – ele sorri. – Já que, ao que parece, a senhorita não trouxe um guarda-chuva.

Sinto vontade de recusar, mas na verdade eu precisava mesmo da ajuda. Paralelepípedos escorregadios eram um perigo sem igual para minha perna manca. O senhor Einstein põe a mão em meu braço e segura o guarda-chuva bem acima de minha cabeça. O gesto foi perfeitamente cavalheiresco, até um pouco ousado. Sentindo a pressão da mão dele em meu braço, percebo que, além de papai e de alguns poucos tios, eu nunca havia ficado tão perto de um homem. Embora uma avalanche de pessoas lotasse a rua e todos estivéssemos com camadas e mais camadas de casacos e cachecóis, eu me sentia estranhamente exposta.

Enquanto caminhamos, o senhor Einstein começa um monólogo inflamado sobre a teoria da onda eletromagnética de Maxwell, lançando alguns pensamentos bastante incomuns sobre a relação de luz e radiação com a matéria. Intervenho com alguns comentários aos quais o senhor Einstein reage com entusiasmo, mas permaneço quieta na maior parte do tempo, ouvindo o discurso incessante e avaliando o intelecto dele.

Chegamos à pensão dos Engelbrecht e ele me acompanha pelas escadas até chegarmos à cobertura

da entrada. Sinto uma onda de alívio percorrer o corpo todo.

– Mais uma vez, obrigada, senhor Einstein. Não precisava se incomodar, mas agradeço de todo modo.

– Foi um prazer, senhorita Marić. Até amanhã – despede-se e vira-se para partir.

Da janela, uma peça de Vivaldi mal tocada ecoa pela rua. O senhor Einstein recua alguns degraus, espia pela janela e vê as garotas, como de costume, reunidas para o concerto.

– Meu Deus, que grupo animado! – exclama. – Eu deveria ter trazido meu violino. Vivaldi é sempre mais bem tocado com instrumento de cordas. Você toca, senhorita Marić?

Trazido o violino? Que presunçoso. Estas são minhas amigas e meu refúgio, e eu não queria convidá-lo para entrar.

– Sim, toco *tamburitza* e piano, e canto. Mas não importa. Os Engelbrecht são muito rigorosos em relação a convidados homens.

– Eu poderia vir como colega de classe e músico, não como convidado – insiste. – Será que eles

aceitariam assim?

Enrubesco. Que estúpido da minha parte achar que ele queria frequentar a pensão como convidado.

– Talvez, senhor Einstein. Eu teria que fazer essa solicitação a eles – minha esperança era que ele entendesse o comentário como uma ligeira objeção.

Ele assente, satisfeito com o que eu disse.

– Você me surpreendeu hoje, senhorita Marić. É muito mais que uma matemática e física brilhante.

Tudo indica que é musicista e boêmia também.

O sorriso dele era contagiante. Foi impossível não retribuir do mesmo modo.

Ele me olha, admirado.

– Tenho certeza que esta é a primeira vez que eu a vejo sorrir. Seu sorriso é encantador. Gostaria de arrancá-lo mais vezes desses lábios sérios.

Atônita com o comentário e sem saber ao certo como reagir, eu me viro e entro na pensão.

Capítulo 4

24 de abril de 1897

Vale do Sihl, Suíça

PELA PRIMEIRA VEZ DESDE QUE DESEMBARCAMOS DO TREM EM ZURIQUE e pegamos o caminho rumo ao vale

do Sihl, nosso grupo fica calado. O silêncio impera entre nós quase como se tivéssemos acabado

de entrar numa catedral. De certo modo, era essa a sensação que a floresta nativa em Sihlwald despertava.

Há árvores antigas e gigantescas por todos os lados e passamos por muitas delas que estão caídas.

O tapete de musgo abafa o som de nossos passos, fazendo com que o coaxo dos sapos, o bate-bate dos pica-paus e o canto dos pássaros soem mais alto. Sinto como se estivesse adentrado o bosque deserto de um daqueles contos de fadas que cresci ouvindo e adorava, e pelo silêncio acho que Milana, Ružica e Helene sentem o mesmo.

– *Fagus sylvatica* – sussurra Helene, interrompendo meus pensamentos. Não compreendo a frase dela, que me parece latim, e fico surpresa, já que eu falava e lia alemão, francês, sérvio e inclusive latim, duas línguas a mais que Helene. Fico perguntando-me se ela estava falando comigo ou com ela mesma.

– Não entendi.

– Desculpe-me, são o gênero e a espécie dessa árvore. Meu pai e eu tínhamos o costume de fazer

longas caminhadas na floresta perto de casa, em Viena, e ele se identifica especialmente com as árvores que tinham o nome em latim – com os dedos, ela brinca com uma folha de faia que pegou do chão.

– O nome é tão bonito como elas.

– Sim. Sempre gostei do nome. É meio lírico. *Fagus sylvatica* pode viver por quase trezentos anos.

Se tiver espaço para crescer, pode chegar perto de 30 metros. Mas se sufocada, ela para de crescer –

explica com um sorriso enigmático.

Entendi o que Helene quis dizer com isso. De certo modo, nós três éramos como a *Fagus sylvatica*.

Sorri também.

Olho para a senda. Tomo todo cuidado com minha perna, apesar de não ter pisado em falso ainda.

Fico tão concentrada no chão que trombo com Milana e ela para de repente. Quando olho por cima do ombro dela, entendo por quê.

Tínhamos chegado a Albishorn, o pico da floresta de onde se tinha uma vista maravilhosa. Ali, bem diante de nossos olhos estava o azul vívido do lago de Zurique e do rio Sihl, ladeados por montanhas cobertas de gelo e colinas verdes pontilhadas por fazendas. O azul das águas suíças era muito mais límpido que o Danúbio lamacento de minha infância; Albishorn fazia jus aos elogios, ainda mais porque no ar pairava o aroma revigorante das montanhas.

Era como se eu tivesse renascido aqui.

Respiro profundamente. Consegui. Eu não tinha certeza se conseguiria fazer essa trilha. Eu nunca tinha tentado fazer algo assim antes. Mas, por insistência das meninas – Helene fez questão de enfatizar que conseguiu completar a trilha de Sihlwald apesar da perna manca –, acabei aceitando o desafio.

Helene realmente me deixou sem opção de escolha. Embora a perna manca dela fosse consequência de uma tuberculose

extrapulmonar ainda na infância, não um problema congênito como o meu, tínhamos quase a mesma dificuldade para andar. Que argumentos eu teria que me impedissem de tentar?

Eu tinha descoberto algo novo a meu respeito. A instabilidade de meus passos não era tão acentuada em solo irregular, pelo contrário; eu sentia mais o impacto quando caminhava em terreno plano. Assim, eu poderia subir tão bem como qualquer uma das meninas. E com liberdade.

Olho para Helene e ela sorri para mim. Fico pensando se minha amiga teve as mesmas insegurança e revelação que eu durante o trajeto, embora ela, quando criança, já tivesse percorrido o caminho com o pai. No momento em que retribuo o sorriso, ela segura minha mão, a aperta e só a solta quando chega mais perto do pico para ter uma vista melhor.

O sol se põe no momento em que voltamos à pensão dos Engelbrecht. O saguão parecia cheio e confuso se comparado à limpeza impecável e à aparência rústica de sempre, sem falar no cheiro de mofo que impregnava o ambiente por mais que a senhora Engelbrecht limpasse a pensão. A camareira nos ajuda a carregar as malas e os casacos sujos e amarrotados. Nós três rimos da própria dificuldade de carregar aquilo tudo.

– Posso saber que bagunça é essa? – comenta a senhora Engelbrecht ao entrar no saguão. O

movimento chama a atenção dela e, embora prezasse pela organização e pelo silêncio na pensão, a própria senhora Engelbrecht não consegue conter a risada.

– Que dia, senhora Engelbrecht! – conta Ružica com a voz eufônica de sempre.

– Sihlwald foi de tirar o fôlego, como sempre, não?

– Ah, se foi! – responde Milana por nós três.

A senhora Engelbrecht se vira para mim.

– E você, senhorita Marić? O que achou do nosso xodó? – Antes de sairmos, ela havia tecido todos os elogios a Sihlwald e contado sobre as vezes em que ela e o marido caminharam por lá, logo que casaram.

Foi difícil descrever o que aquela experiência tinha significado para mim. Foi muito mais que uma mera trilha. Com a voz vacilante, respondo:

– Foi tão...

– Tão... – diz ela, ansiosa.

– A senhorita Marić adorou, senhora Engelbrecht – Helene vem a meu socorro. – Olha só, Sihlwald

até a deixou sem voz!

Milana e Ružica caem no riso e a senhora Engelbrecht sorri.

– Que bom. Fico feliz de saber disso.

Em seguida, ela olha para o relógio pendurado na parede e depois nos examina dos pés à cabeça.

– Imagino que vão querer tomar banho antes do jantar, sim? Será servido em quinze minutos e, vejo que o passeio de barco pelo lago de Zurique fez um pequeno estrago no cabelo de vocês.
Unordentliches

Haar – ela enfatiza o estado deplorável em que estávamos.

Embora minhas amigas e eu fôssemos universitárias brilhantes fora da pensão, da porta para dentro éramos damas de quem se esperava respeito o tempo todo. Passo a mão pelo cabelo que eu tinha cuidadosamente arrumado de manhã, eu tinha feito duas tranças pesadas e depois um coque com elas, pensando que seria o suficiente para dar conta da caminhada e da volta de barco, mas

vejo um punhado de fios rebeldes escapando do penteado, formando nós.

– Sim, senhorita Engelbrecht – responde Ružica por nós três.

À medida que subimos os degraus até o quarto, tento desfazer um dos nós. Não consigo. Enquanto

Milana e Ružica marcham pelos degraus, cada uma até o próprio quarto, Helene tenta me ajudar. Fico parada enquanto ela mexe em meu cabelo.

– Quer que eu vá até seu quarto, assim você me ajuda com meu cabelo e eu com o seu? Do contrário, não sei se vamos conseguir descer a tempo para o jantar – sugere.

– Por favor.

Assim que destranco a porta, pego dois pentes e alguns grampos na penteadeira. Helene e eu sentamos na cama rangente e minha amiga começa a árdua tarefa de ajeitar meu cabelo. Tínhamos o hábito de frequentar o quarto uma da outra, mas essa era a primeira vez que ela mexia em meu cabelo e eu no dela, embora eu já tivesse visto mais de uma vez Ružica e Milana criando penteados entre elas.

– Ai! – resmungo.

– Desculpe. Para desfazer esse ninho de passarinhos só mesmo refazendo o penteado. Calma, já, já você vai poder se vingar.

Dou risada.

– Obrigada por ter me incentivado a ir com vocês hoje, Helene.

– Fiquei muito feliz de você ter aceitado. Não foi maravilhoso?

– Sim, foi. A vista e a floresta são fantásticas. Jamais imaginei que conseguiria subir tão alto.

– Imagine, Mileva. É óbvio que você daria conta dessa trilha. Disso e muito mais.

– Fiquei com medo de atrapalhar o passeio. Você sabe, minha perna...

– Para uma aluna tão brilhante, você é insegura demais em relação a si mesma. Você se saiu maravilhosamente bem hoje, e agora não tem mais desculpa para não nos acompanhar nas trilhas –

comenta.

Desde que conheci Helene, uma pergunta vinha martelando em minha cabeça.

– Parece que sua perna não a incomoda nem um pouco. Alguma vez você já se preocupou sobre o

que as pessoas pensam?

Ela franze as sobrancelhas grossas.

– E por que deveria? Quer dizer, é claro que incomoda... Às vezes sinto certa instabilidade, e pode ser que eu não seja a pessoa mais rápida do mundo, mas por que eu me importaria com o que os outros pensam de mim?

– Bem, na Sérvia, uma mulher manca não é considerada própria para o casamento.

Helene para de pentear meu cabelo.

– Está brincando?

– Não.

Ela põe o pente em cima da cama, olha para mim e segura minha mão.

– Você não está mais na Sérvia, Mileva. Está na Suíça, o país mais moderno da Europa, um lugar

que jamais aderiria a ideias tão antiquadas e ridículas. Até na Áustria, minha terra natal, que parece o país mais retrógrado do mundo em comparação com aqui, uma ideia dessas jamais seria tolerada.

Faço que sim com a cabeça, devagar. Eu sabia que ela tinha razão. Mesmo assim, a ideia de que eu não seria apta para o casamento assombrava meu pensamento há muito tempo, quase como se fizesse parte de mim.

Isso começou há muito anos, depois de uma conversa que ouvi “sem querer”. Eu tinha 7 anos e estava afoita, esperando meu pai voltar para casa em um dia frio de novembro. Eu havia preparado uma surpresa para ele, algo que eu esperava que o deixasse contente.

Entediada pela espera, andando de um lado para o outro na sala, pego um livro na prateleira e me jogo na poltrona de papai. Cruzo as pernas e me concentro no livro de capa de couro e título em letras douradas, cujas páginas cheias de orelhas guardam um tesouro. Embora a biblioteca de nossa família seja recheada – papai acreditava que era dever de todos se tornarem pessoas cultas, ainda que a criação, como a dele própria, não tivesse permitido frequentar uma escola formal –, sempre volto para essa coleção de contos populares e maravilhosos que já li tantas e tantas vezes. Como eu tinha 7 anos, as histórias eram de fácil leitura, mas esse livro continha meu conto favorito, *The Little Singing Frog* [O

pequeno sapo cantor].

Estou no meio da leitura – quando um casal, que rezava para ter um filho, acabou ganhando uma rã em vez de um bebê humano e, constrangido pelas diferenças, decidiu escondê-la. Bem no momento em que eu ia começar a ler minha parte favorita da história, quando o príncipe ouve a rã cantando e decide que a ama,

apesar da aparência dela, tenho um ataque de riso. Papai chegou de surpresa e começou a fazer cócegas em mim.

Dou um abraço de urso nele, logo em seguida levanto e o arrasto até o outro lado da sala. Queria mostrar a ele as rampas que eu tinha construído com base nos desenhos que havia feito na escola naquele mesmo dia.

– Papai, papai! Olha!

Percorro o carpete verde de veludo e os móveis feitos de nogueira e vou até o cantinho da sala, o único que não tem decoração nenhuma, e deixo papai experimentar o que criei com base na conversa sobre Isaac Newton que tivemos durante um jantar. Conversávamos sobre ele com frequência. Eu gostava dessa ideia de que tudo no Universo, das maçãs aos planetas, obedecia às mesmas leis imutáveis, não as leis criadas por pessoas, mas inerentes à natureza. Eu acreditava que podia encontrar Deus nessas leis.

Papai e eu tínhamos falado sobre os textos de Newton a respeito da força dos objetos em movimento e as variáveis que os afetam, ou simplificando, sobre por que os objetos se movimentam do modo como o fazem. Newton me intrigava porque eu acreditava que ele poderia me ajudar a compreender por qual razão eu andava arrastando uma perna enquanto as outras crianças caminhavam pelas ruas sem o menor problema.

A conversa com meu pai me dá uma ideia. E se eu criasse meu próprio experimento, explorando a

pergunta de Newton sobre como a massa crescente afeta a força de objetos em movimento. Usando as tiras de madeira das prateleiras dos livros, eu poderia criar rampas com diferentes declives e, se eu enfiasse vários pedaços de mármore debaixo dessas rampas, eu teria muito o que conversar com papai.

Quando cheguei da escola, implorei para Jurgen, o mordomo de casa, me arranjar tiras de madeira e, então, as apoiei

cuidadosamente nos livros empilhados, cinco livros para cada quatro rampas, para ser mais exata. Como eu tinha passado mais de uma hora trabalhando nelas para garantir que o ângulo da inclinação fosse exatamente o mesmo, pensei que elas estavam prontas para papai e eu realizarmos nosso experimento.

– Vem, papai! – peço, entregando a ele um pedaço de mármore um pouco maior do que o que eu tinha na mão. – Vamos ver como o tamanho do mármore afeta o movimento e a velocidade.

Sorrindo para mim, papai faz um afago na minha cabeça e bagunça meu cabelo.

– Tá legal, minha pequena delinquente. Isso é o que eu chamo de um verdadeiro experimento de Isaac Newton. Já está com o papel em mãos?

– Sim – respondo e nos ajoelhamos no chão.

Papai alinha seu pedaço de mármore na rampa. Depois de verificar se fez o mesmo, ele grita:

– Pronto.

Pelos quinze minutos seguintes, escorregamos as peças de mármore pelas rampas e marcamos o tempo. O tempo voava. Era o momento do dia em que eu me sentia mais feliz. Papai me compreendia. Era o único que me compreendia.

Nossa empregada, Danijela, nos interrompe:

– Senhora Marić, senhor, senhorita Mileva, o jantar está pronto.

O aroma picante de meu *pljeskavica* favorito invade o ar, mas não deixo de ficar desapontada. Eu teria de dividir a companhia de meu pai durante o jantar. É verdade que ele e eu éramos os que mais falavam durante o jantar – mamãe mal abria a boca, só dizia algo na hora de servir –, mas a presença dela minava meu entusiasmo e a espontaneidade de meu pai. Minha mãe tinha muitas expectativas em relação a meu futuro, mas nenhuma delas incluía uma vida

científica. “Por que você não é como as outras garotas?”, era o que ela me perguntava com frequência. Às vezes, ela substituía “as outras garotas” pelo nome de alguma menina de Ruma; havia inúmeras garotas comuns na cidade. Apesar disso, ela nunca citou o nome de minha irmã, mas eu sabia que ele sempre estava ali, implícito na pergunta. Por que eu não era como Milica seria se ela tivesse sobrevivido?

Às vezes, à noite, em meio à escuridão de meu quarto, nos momentos de silêncio depois que todos

tinham caído no sono, eu ficava perguntando-me se tinha tomado a decisão certa ao agradar meu pai em vez de minha mãe. Definitivamente, era impossível satisfazer os dois.

Apesar de discordarem sobre meu futuro, papai não tolerava todas as críticas de mamãe, mas eu sim, ainda que de modo velado. Ele dizia que as expectativas dela eram fruto da vontade de querer proteger a filha. E eu sabia que ele estava certo. Mamãe me amava e desejava o melhor para mim, mesmo que a concepção de melhor que ela tivesse não condissesse com a minha.

O jantar terminou depois de uma conversa reprimida sobre Newton. Pediram que eu fosse para a sala. Havia algo errado entre meus pais, algo que não era verbalizado, embora fosse visível. Minha mãe nunca discordava abertamente de meu pai, pelo menos não em minha presença, mas o fazia do jeito dela –

por meio da brevidade na oração que antecedia o jantar, ao passar os pratos com rispidez, deixando de perguntar se a comida estava boa. Para me manter ocupada até que meu pai viesse, revisei os tempos que tínhamos anotado e preparei um segundo experimento para testar mais uma das teorias de Newton. Para mensurar o impacto do atrito entre duas peças de mármore de tamanho idêntico, pedi a Jurgen três tiras de madeira, cada uma com um grau diferente de aspereza.

Quando propus esse experimento, pensei em papai:

– Mitza, você é como um objeto das investigações de Newton. Mantém a velocidade na vida e não

se cansa, a menos que se depare com alguma força externa. Espero que nenhuma força externa jamais altere sua velocidade.

Papai era engraçado.

Enquanto eu criava rampas usando diferentes tiras de madeira, vozes brotavam nas profundezas de

minha consciência. Provavelmente, as empregadas estavam brigando de novo, algo que acontecia quase todo dia ao término do jantar, quando a louça se amontoava. As vozes vinham da cozinha. O que será que estava acontecendo? Nunca vi Danijela e Adrijana brigando e falando tão alto assim, desrespeitando uma

a outra. Nem nunca vi minha mãe perder o controle da cozinha. Ela não usava palavras duras, mas era sempre firme. O curioso é que, por mais que tentasse, eu não conseguia entender a conversa.

Queria descobrir o que estava acontecendo. Em vez de me aproximar da cozinha pela sala, caminho

na ponta dos pés pelo corredor dos empregados. Aqui, a madeira do piso era mais grossa e não havia pinturas nas paredes, diferentemente do resto da casa. Na região onde morávamos, o chão era polido e lustroso, coberto por tapetes turcos, e as paredes eram decoradas com pinturas de frutas e porta-retratos de pessoas que não conhecíamos. Meu pai sempre dizia que queria nossa casa tão bonita como as propriedades tão elogiadas de Berlim.

Ninguém espera que eu venha até aqui. Tentando fazer o menor barulho possível – o que não é nada fácil por conta das botas pesadas –, percebo que as vozes não são de Danijela e Adrijana. Vejo meus pais.

Eu nunca tinha visto os dois brigando. De fala mansa e submissa em todos os lugares, exceto na cozinha – mas mesmo lá, embora

rígida, ela se mantivesse calma –, minha mãe mal falava na presença de papai. O que de, tão horrível, teria acontecido para ela estar falando tão alto assim?

Eu me aproximo mais da porta da cozinha e ouço meu nome.

– Não fique alimentando falsas esperanças na menina, Miloš. Ela só tem 7 anos. Você passa tempo

demais com ela, alimentando os devaneios dela e incentivando-a a ler. Ela é muito inocente, precisa de nossa proteção. Precisamos prepará-la para o futuro *verdadeiro*. Aqui, em casa! – exclama mamãe.

– Meu investimento em Mitza não será em vão. Todo tempo que passo com ela não é inútil. Aliás,

passo pouco tempo com ela. Preciso repetir o que a senhorita Stanojević me falou hoje? Sobre a inteligência de Mitza? Que ela se sai feito um gênio em Matemática e Ciências? E a facilidade que ela tem em aprender outras línguas? Preciso mesmo repetir aquilo que sempre suspeitei? – a voz de papai soa firme.

Surpreendentemente, mamãe não cede.

– Miloš, ela é uma menina. Qual é a utilidade de ensinar a ela alemão e Matemática? De fazer experimentos com ela? O lugar dela é em casa. E a casa dela é *esta casa*. O problema na perna vai impedi-la de se casar e ter filhos. Até o governo reconhece isso. Garotas não podem sequer frequentar o ensino médio.

– Pode ser que isso valha para as garotas comuns. Mas não se aplica a uma garota como Mitza.

– O que você quer dizer com “uma garota como Mitza”?

– Você sabe o que quero dizer.

Mamãe fica em silêncio. Penso que é um sinal de recuo, mas ela retoma a fala.

– Quer dizer “uma garota com deformidade”? – Mamãe deixa a palavra escapar.

Fico paralisada. Foi isso mesmo o que ouvi? Mamãe acabou de chamar minha perna manca de

“deformidade”? Ela que sempre me dizia quanto eu era bonita, que mal dava para notar que eu mancava?

Que ninguém nem ligava para a instabilidade de minhas pernas e meu quadril? Eu sempre soube que o que ela dizia não era bem verdade, afinal, não dava para ignorar o jeito estranho com que as pessoas me olhavam nem as piadas que o pessoal da escola fazia, mas... uma deformidade?

Meu pai começa a ficar enfurecido.

– Não se atreva a dizer que ela tem uma deformidade! No mínimo, é um dom. Com uma perna assim,

ninguém vai pedir a mão dela em casamento, o que permitirá que ela ponha em prática todos os dons intelectuais que Deus deu a ela. A perna de Mitza é um sinal de que o destino reserva a ela algo muito maior, muito mais grandioso que um casamento.

– Um sinal? Dom de Deus? Miloš, Deus quer que a protejamos dentro de casa. Devemos ser realistas com ela para não alimentar falsas esperanças – mamãe faz uma pausa e papai quebra o silêncio

momentâneo.

– Quero que Mitza seja forte. Quero que siga em frente apesar dos *klipani* que zombam da perna dela, que ela confie que Deus concedeu a ela um dom especial. Inteligência.

Sinto como se estivesse vendo a mim mesma pela primeira vez. Meus pais me viam do mesmo jeito

que os pais do *The Little Singing Frog* [O pequeno sapo cantor] viam a própria filha . Escutei eles dizerem que eu era inteligente, mas pude sentir a vergonha que tinham de mim. Queriam me esconder, fosse na sala de aula, fosse em casa. Eles sequer cogitavam a possibilidade de eu me casar, algo com que até a garota mais idiota da cidade poderia sonhar.

Mamãe não responde e se mantém em silêncio por um bom tempo, sinal de que havia retomado o modo submisso. Papai fala pelos dois, dessa vez, mais calmo:

– Vamos dar a nossa filha a educação que a mente dela merece. E vou ensinar a ela a ter determinação e a disciplinar a mente. Isso será a armadura dela.

Determinação? Disciplina da mente? Armadura? Seria esse meu futuro? Sem marido. Sem uma casa

própria. Sem filhos. E aquele final feliz de *The Little Singing Frog* [O pequeno sapo cantor] em que o príncipe vê a beleza interior da rã, apesar da feiura exterior, e a transforma em princesa, dando a ela aquele vestido lindo? Não seria este meu destino? Eu não merecia um príncipe, não importando quão horrível eu fosse?

Saio correndo de casa, sem me preocupar em disfarçar a perna manca. E por que deveria? Meus pais tinham deixado bem claro que era essa perna que definia quem eu era.

Fico em silêncio, pensando no passado. Helene solta minha mão e me segura pelos ombros.

– Você não consegue ver, não é, Mileva? Não vê que o fato de ter uma perna manca não a impede de se casar? E que também não te limita de nenhum outro modo? Por que precisa ficar presa a essas crenças sem fundamento?

Ao encarar os olhos azuis de Helene e ouvir o tom de convicção em sua voz, concordo com ela.

Pela primeira vez na vida acredito que talvez – talvez – minha perna manca fosse algo irrelevante para quem eu era e para quem eu me tornaria.

– Sim – digo com a voz tão firme como a de Helene.

Ela solta meus ombros, pega a escova de volta e termina o árduo trabalho de desembaraçar meu cabelo.

– Bem. Seja como for, por que deveríamos nos preocupar com casamento? Mesmo que quisesse se

casar, por que o faria? Olhe pra nós. Eu, você, Ružica e Milana. Seremos quatro profissionais com uma vida muito agitada aqui na Suíça, onde as pessoas toleram melhor as mulheres, são inteligentes e éticas.

Teremos umas às outras, além de nosso trabalho. Não precisamos seguir o caminho tradicional.

Reflito por um momento sobre o que ela disse. A declaração de Helene é quase que revolucionária –

meio como que a descrição de “boêmio” que o senhor Einstein fez –, embora esse fosse um futuro que nós quatro buscássemos.

– Você tem razão. Por que deveríamos nos preocupar com isso? Por que se apaixonar e casar nos

dias de hoje? Talvez seja algo de que não precisemos mais.

– É esse o espírito da coisa, Mileva. Imagine quanto vamos nos divertir! A propósito, vamos trabalhar como historiadoras, físicas ou professoras, e à noite e aos fins de semana vamos tocar nosso concerto e sair para passear.

Fico imaginando a vida idílica que Helene descrevia. Seria mesmo possível? Será que eu teria um

futuro feliz trabalhando e rodeada de amigas? Ela continua:

– Vamos fazer um pacto? Um futuro juntas?

– Um futuro juntas.

Enquanto selamos nosso pacto com um aperto de mão, peço:

– Helene, por favor, me chame de Mitza. É assim que minha família e todo mundo que me conhece

bem me chamam. E você me conhece quase melhor do que ninguém.

Helene sorri e diz:

– Que honra, Mitza.

Passamos o resto do dia rindo, terminamos de desembaraçar o cabelo uma da outra e nos arrumamos

para o jantar. Com o cabelo ajeitado e de braços dados, Helene e eu descemos as escadas em meio a uma conversa animada sobre a possível entrada servida naquela noite – eu queria *Zürcher Geschnetzeltes*, um prato de carne de vitela servido ao molho de vinho branco, e Helene queria *rösti* com bacon e ovos. De tão concentradas, demoramos para perceber que a senhora Engelbrecht está parada, no pé da escada, esperando por nós. Ou melhor, por mim.

– Senhorita Marić – anuncia em um tom visivelmente áspero –, parece que tem um pretendente.

Ouçõ alguém pigarrear atrás da senhora Engelbrecht e uma figura aparece.

– Perdoe-me, madame, mas sou um colega de classe, não um pretendente.

Era o senhor Einstein. Com o violino em mãos.

Ele não esperou ser convidado.

Capítulo 5

4 de maio de 1897

Zurique, Suíça

SENHORES, SENHORES, NÃO HÁ NINGUÉM ENTRE VOCÊS QUE SABE A resposta para a minha pergunta? –

provoca o professor Weber, se deliciando com nossa ignorância à frente da sala. Por que um professor ficava tão satisfeito com as falhas dos alunos era algo incompreensível e aborrecedor

para mim. Chamá-lo de “senhor” não era algo que me incomodava tanto. Há meses eu havia me

acostumado com as ofensas sempre regulares do professor, fossem relacionadas aos europeus orientais ou à insistência dele de me tratar como se eu fosse homem. Eu só desejava que as aulas de Weber fossem como as dos outros professores, como outras que se abrem para revelar as pérolas mais brilhantes.

Eu sabia a resposta para a pergunta de Weber, mas como de costume hesitava em levantar a mão.

Olho ao redor, esperando que alguém levante a mão e responda, mas todos colegas de sala – incluindo o senhor Einstein – pareciam estar com as mãos coladas na carteira. Por que ninguém levanta a mão?

Talvez o calor fora de época estivesse deixando-os mais lentos. Temperatura excepcionalmente quente, apesar de estarmos na primavera e de as janelas da sala estarem todas abertas, nem uma brisa sequer entrava. Avistei o senhor Ehrat e o senhor Kollros tentando se refrescar com ventiladores improvisados.

O suor começava a escorrer por minha testa e vi que o paletó dos rapazes também parecia ensopado.

Será que é tão difícil assim levantar a mão? Eu já tinha feito isso várias vezes, embora nenhuma delas tenha sido fácil. Balanço a cabeça ao lembrar-me ligeiramente de algo que me aconteceu. Eu tinha 17 anos e havia acabado de sair da primeira aula de Física, numa sala do *Obergymnasium*, em Zagreb, em que só havia alunos homens. Era um colégio em que papai conseguiu me matricular depois que passei um tempo em Novi Sad, apesar de uma lei que proibia garotas austro-húngaras de frequentar o ensino médio. Meu pai conseguiu fazer com que abrissem uma exceção. Aliviada e animada por ser meu primeiro dia – no qual me aventurei e respondi corretamente a uma pergunta do professor –, saí correndo da sala. Mas antes eu tinha esperado a sala praticamente esvaziar para poder sair. Um homem veio atrás de mim e, de repente, começou a meio que me empurrar para um corredor mais escuro. Estava com tanta pressa assim que não me viu?

– Senhor, senhor – chamo, tentando olhar para trás, mas ele não para de me empurrar para o corredor escuro e que parecia interminável. Não havia ninguém por perto que pudesse me ouvir. O que

estava acontecendo?

Eu me esforço para virar para trás, mas não consigo. O homem era uns trinta centímetros mais alto que eu. Ele me joga contra a parede, fico de frente para ela, de costas para ele, o que o impedia de ser identificado, e ele me aperta com força. Meus braços ardem.

– Você se acha esperta. Querendo chamar a atenção com essa resposta – resmungo, cuspiendo palavras de raiva na minha bochecha, sendo que a outra, estava esmagada contra a parede. – Você não deveria nem ter permissão para frequentar as aulas. É o que diz a lei – ele me dá um último chacoalhão contra a parede e sai correndo.

Fico parada, congelada, ainda encarando a parede, até ouvir o último passo dele. Só depois disso me viro, tremendo incontrolavelmente. Eu não esperava uma recepção calorosa dos colegas de sala, mas jamais esperei algo assim. Com o corpo

recostado na parede, começo a chorar, algo que prometi a mim mesma que jamais faria dentro da escola. Enxugo as lágrimas e limpo o cuspe do agressor de minha bochecha. Percebo que terei de abafar minha inteligência e manter as minhas ideias guardadas. Ou arriscar tudo.

Weber interrompe meu pensamento com uma repreensão coletiva.

– Tsc, tsc... Estou muito decepcionado. Nenhum de vocês levantou a mão. Estamos falando desse problema a aula inteira. Ninguém sabe a resposta?

Ao me lembrar da conversa que tive com Helene há um mês, decido deixar que o passado pare de

me paralisar. Respiro fundo e levanto a mão. Weber desce do tablado e caminha até minha carteira. Que tipo de atrocidade ele cometeria se minha resposta estivesse errada? E o que meus colegas de sala fariam se eu estivesse certa?

– Ah, você, senhorita Marić – diz como se estivesse surpreso. Como se não soubesse quem estava

sentada na carteira de que se aproximava. Como se eu já não tivesse mostrado minha capacidade intelectual a ele. Esse estado de surpresa dissimulada era só mais uma forma de me humilhar. E de me testar.

– A resposta é 1 % – falo. Sinto um calor percorrer as bochechas e por um momento me arrependo

de ter aberto a boca.

– Desculpe-me, pode repetir sua resposta um pouco mais alto, assim todos podemos compartilhar de sua sabedoria? – sabedoria. O comentário soou como mais uma das provocações de Weber. Errei a resposta? Ele estava deliciando-se com minha resposta errada?

Pigarreio e falo do modo mais alto que consigo:

– Considerando o contexto de sua pergunta, o mais próximo que se pode chegar ao tempo mínimo

necessário para o resfriamento da Terra é 1 %.

– Correto – admite Weber sem o menor tom de surpresa, tampouco de decepção. – Para aqueles que

não ouviram, a senhorita Marić chegou à resposta correta. Um por cento. Anotem, por favor.

Dá para ouvir o burburinho a meu redor. No começo, não consigo entender o que dizem, mas depois

capto um comentário aqui, outro ali. Ouvi “ela conseguiu” e “bom trabalho”. Era a primeira vez que me elogiavam. Eu já havia respondido corretamente uma série de perguntas do professor Weber e ninguém nunca tinha esboçado nenhuma reação. Muito provavelmente, meus colegas hoje se sentiram satisfeitos pelo fato de alguém levar a melhor sobre Weber.

Quando a aula termina, levanto e começo a arrumar a bolsa. O senhor Einstein dá alguns passos em minha direção.

– Impressionante, senhorita Marić.

– Obrigada, senhor Einstein – agradeço, assentindo ligeiramente. – Mas tenho certeza de que qualquer aluno da sala teria conseguido também – termino de ajeitar meu material, perguntando-me por

que eu tinha dificuldade de aceitar elogios.

– Não menospreze seu desempenho, senhorita Marić. Posso assegurar que nenhum dos alunos da sala sabe a resposta – comenta, agora com um sussurro. – Ou, do contrário, não teríamos permitido que Weber nos atormentasse por tanto tempo.

Deixo escapar um sorriso diante da audácia do senhor Einstein em criticar Weber, que continuava

bem ali à frente no tablado.

– Aí está ele, senhorita Marić. O sorriso fugaz. Acho que só o vi duas vezes até hoje.

– É mesmo? – olho para ele. Eu não queria incentivá-lo ainda mais nessa brincadeira idiota, sobretudo na presença dos colegas de classe e do professor, os quais eu queria que me levassem a sério.

Mas também não queria ser grosseira.

Nossos olhares se cruzam.

– Ah, sim, tenho feito observações cuidadosas e científicas a respeito de seu sorriso. Há algumas noites, quando você gentilmente permitiu que eu tocasse com você e suas amigas, peguei você sorrindo.

Mas não foi a primeira vez. O primeiro sorriso seu que vi foi quando subimos as escadas da pensão onde mora. Naquele dia que eu a acompanhei para protegê-la da chuva.

Não sei o que dizer. Ele me parece sério, não aquele brincalhão de sempre. E essa constatação me deixa tensa. Será que ele estava querendo insinuar alguma coisa? Eu não tinha a menor experiência nisso e, a não ser por uma ou outra dica de Helene, eu não tinha como avaliar os comentários do senhor Einstein.

Desnorteada e desconfortável, começo a caminhar para a porta da sala. O farfalhar de papéis e o passo rápido atrás de mim mostram que o senhor Einstein está seguindo-me.

– Vocês vão tocar nesta noite? – pergunta assim que chega a meu lado.

Ah, talvez ele simplesmente esteja procurando uma companhia para tocar. Talvez nenhuma das coisas que ele disse tenha sido flerte. Um estranho misto de decepção e alívio me percorre o corpo. E me assusta. Há uma parte de mim que quer chamar a atenção dele?

- É nosso costume tocar antes do jantar – respondo.
- E já escolheram a peça de hoje?
- Acho que a senhorita Kaufler escolheu o concerto de Bach para violino em lá menor.
- Ah, bela escolha! – ele cantarola alguns trechos da música. – Posso tocar com vocês de novo?
- Não achei que estivesse esperando o convite – eu me surpreendo com minha própria resposta enviesada. Apesar dos sentimentos confusos e das tentativas de trazer a conversa de volta para o rumo mais apropriado, não resisto à tentação de alfinetar o senhor Einstein em relação à visita súbita dele há uma semana, quando chegou à pensão sem ser convidado depois que eu e minhas amigas voltamos de Sihlwald.

Naquele dia, enquanto o senhor Einstein, na recepção, esperava terminarmos o jantar, Milana e Ružica me encheram de perguntas sobre ele, deixando bem clara a consternação com a presunção do rapaz. Helene simplesmente ouvia com um olhar desconfiado. As quatro concordaram em deixá-lo tocar conosco, mas o sentimento de desconfiança permaneceu enquanto tocávamos a sonata de Mozart completamente descompassada. Como a noite foi um fiasco, surpreendo-me com o desejo dele de repetir a empreitada.

Ele resfolega, surpreso, depois ri.

- Suponho que eu mereça a alfinetada, senhorita Marić. Mas eu bem que avisei que sou boêmio.

O senhor Einstein me acompanha do corredor até a entrada do prédio da universidade.

Considerando que eu já estava com os nervos meio abalados, preferi evitar a agitação da Rämistrasse.

Ele abre as portas pesadas e, dos corredores mal iluminados da universidade, nos deparamos com a luz

intensa do terraço que fica aos fundos do edifício. Semicerro os olhos e observo o cenário montanhoso de Zurique, pontilhado pelas torres das igrejas antigas e pelos prédios modernos dos escritórios.

Quando cruzamos o terraço, por força do hábito, conto os ângulos retos e calculo a simetria do design. Esse ritual que criei era um modo de me distrair dos comentários maldosos que ouvia de alunos e professores – e até das irmãs, mães e namoradas deles – quando eu passava. As críticas a respeito da presença de uma moça como estudante, as piadinhas por conta da perna manca, os cochichos sobre a aparência estranha e a expressão séria – eu não queria que minha confiança em sala de aula fosse abalada por esses comentários.

– Você está tão quieta, senhorita Marić.

– Sempre me acusam disso, senhor Einstein. Infelizmente, ao contrário de uma típica dama, não tenho a menor aptidão para conversar sobre amenidades.

– Não, eu quis dizer que você está quieta demais. Como se uma teoria importante tivesse sido consolidada. Que pensamento ocupa essa mente formidável?

– Quer saber a verdade?

– Sempre a verdade.

– Eu estava avaliando as colunatas e o layout geométrico da praça. Percebi que eles têm quase uma bilateral exata, reflexão axial, simetria.

– É isso? – pergunta com um sorrisinho.

– Não só isso – retruco. Se o senhor Einstein não estava nem aí para as etiquetas sociais, por que eu deveria? Na verdade, eu me sentia aliviada, por isso explico meus pensamentos. – Nos últimos meses, notei certo paralelismo entre a simetria artística e o conceito de simetria da Física.

– E o que concluiu?

– Penso que um seguidor de Platão diria que a beleza da praça é uma mera questão de simetria – não comento quanto essa conclusão me entristecia. Uma parte das teorias das áreas que eu mais amava, Matemática e Física, era a noção de simetria, algo que eu, com minhas pernas irregulares, jamais poderia alcançar.

Ele para de caminhar.

– Impressionante. E o que mais você observou nessa praça que passa despercebido por meus olhos

todos dias?

Aponto para as várias torres em espiral ao redor da praça.

– Bem, percebi que em Zurique brotam mais igrejas do que árvores. Só aqui ao redor dessa praça há a Fraumünster, a Grossmünster e a de São Pedro.

Ele me observa.

– Tem razão, senhorita Marić, quando diz que não é uma típica dama. Na verdade, é uma mulher extraordinária.

Depois de perambularmos em círculo, o senhor Einstein vira em direção a Rämistrasse. Hesito, já

que não quero entrar nessa rua. Prefiro fazer um caminho mais tranquilo por entre as ruas residenciais da vizinhança para chegar até a pensão. Será que ele vai me seguir? Não sei se quero que ele me acompanhe. Eu gostava de conversar com o senhor Einstein, mas temia que ele pudesse vir atrás de mim durante todo o caminho de volta à pensão, já que a visita inesperada dele poderia causar certo desconforto a minhas amigas de novo.

– Senhor Einstein! Senhor Einstein! – alguém em uma cafeteria do outro lado da Rämistrasse chama por ele. – Está atrasado para nossa reunião! Como sempre!

A voz vem de alguém sentado em uma mesa na calçada. Observo melhor e vejo que se trata de um

homem de cabelo preto, moreno, que gentilmente acena em nossa direção. Não me recordo de tê-lo visto

na universidade.

O senhor Einstein acena para o amigo, depois se vira para mim.

– Aceita tomar um café conosco, senhorita Marić?

– Os livros me chamam, senhor Einstein. Preciso ir.

– Por favor, gostaria muito que conhecesse o senhor Michele Besso. Embora ele não tenha estudado Física, se formou em Engenharia na Politécnica e me apresentou a vários físicos, como Ernst Mach. Ele é muito simpático e tem o mesmo interesse que você e eu por ideias grandiosas e modernas.

Eu me sinto lisonjeada. Ao que parecia, o senhor Einstein acreditava que eu tinha capacidade de participar de uma conversa científica com o amigo dele. Poucos homens em Zurique fariam o mesmo convite. Parte de mim quer responder “sim, aceito” sentar àquela mesa com meu colega de classe para discutir questões capciosas inerentes à Física. Bem lá no fundo, tudo o que eu queria era participar dessas conversas inflamadas que aconteciam nas ruas e cafeterias de Zurique. Em vez de ficar só olhando.

Mas uma parte de mim sentia medo. Medo dessa curiosidade intrigante do senhor Einstein, de ultrapassar essa barreira invisível e assumir os riscos implicados na pessoa que eu sonhava me tornar.

– Obrigada, mas não posso, senhor Einstein. Peço desculpas.

– Outro dia, nesse caso, talvez?

– Talvez – despeço-me e começo a caminhar em direção à pensão dos Engelbrecht.

De longe, escuto a voz dele.

– Até lá, teremos música!

Num ímpeto de ousadia, sentindo-me mais como uma colega de classe do que uma dama, olho meio

de lado para trás e digo:

– Não me lembro de tê-lo convidado!

Ouçoo o senhor Einstein gargalhando.

– Como você mesma disse, eu nunca esperei pelo convite!

Capítulo 6

De 9 a 16 de junho de 1897

Zurique, Suíça

RUŽICA E EU SAÍMOS DO CONDITOREI SCHOBER E CAMINHAMOS DE braços dados até Napfgasse. O sol

fraco iluminava os edifícios por trás, gerando um efeito cintilante em frente a todas as lojas por que passamos. Contentes, nós duas apreciamos a paisagem.

– Estava delicioso – comenta Ružica. Na noite passada, depois do jantar, ela e eu

combinamos de experimentar o café, o chocolate quente e as pâtisseries do Conditorei Schober. A confeitaria famosa ficava entre a Universidade de Zurique, onde Ružica estudava, e a Politécnica, e nós duas ficamos sonhando com as gostosuras da cafeteria desde que a senhora Engelbrecht nos contou sobre o lugar. Helene e Milana não quiseram nos acompanhar, não apenas porque preferiam salgados a doces, mas também porque não se interessavam muito pelas aventuras sem graça que Ružica arranjava. Eu mesma me surpreendi em aceitar o convite dela.

– Ainda sinto o gosto de caramelo e nozes do *Engadiner Nusstörtli*
– comento ao me referir ao pedido que fiz, uma torta famosa pelo recheio.

– E eu ainda consigo sentir o gosto do marzipã e do *crème* da *Sardegnatorte* – diz Ružica.

– Eu não deveria ter pedido dois *Milchkaffee* – resmungo. O *Milchkaffee* era um café encorpado com muito leite que adorei. – Estou tão cheia que acho que vou precisar abrir meu espartilho quando voltarmos para a pensão.

Gargalhamos ao nos imaginar chegando à pensão da senhora Engelbrecht para o jantar com o espartilho desabotoado.

– Acha que vai precisar abrir o espartilho? E eu, então? Lembra que repeti a sobremesa? Ai, não

resisti quando olhei para o *Luxemburgerli* – brinca. O doce, um tipo de *macaron*, tinha uma variedade de sabores e, segundo Ružica, de tão fininhos eles desmanchavam na boca. – Ainda bem que não tem nada parecido ao Conditorei Schober lá onde moro, em Šabac. Eu chegaria aqui em Zurique parecendo um elefante.

Gargalhamos de novo, caminhando pela Napfgasse, admirando os terninhos modernos que as zuriquenses começavam a usar. Ružica e eu gostamos do corte moderno do blazer combinado à saia-trompete, mas concordamos que o formato justo dele, junto ao espartilho cujo uso era obrigatório, ficaria

desconfortável, já que passávamos muitas horas estudando. Assim, manteríamos nossas camisas de manga comprida, enfiadas por dentro da saia-sino, sempre em cores sóbrias para assegurar que nossos professores e colegas de classe nos levassem a sério.

Depois de quinze minutos de conversa, ficamos um momento em silêncio, aproveitando o raro momento de tempo livre. Nesse instante penso, não pela primeira vez, quanto minha vida em Zurique vinha sendo inusitada. Quando sai de Zagreb, jamais

imaginei que estaria passeando por um bulevar, de braços dados com uma amiga, depois de passar uma tarde agradável tomando café em um lugar delicioso.

E conversando sobre moda, para completar.

– Vamos andar na Rämistrasse – sugere Ružica de repente.

– O quê? – pergunto, certa de que não ouvi direito.

– Rämistrasse. Não é essa a rua que tem aquelas cafeterias que o senhor Einstein frequenta com os amigos dele?

– Sim, mas...

– O senhor Einstein não convidou a gente para tomar café com os amigos dele, ontem à noite, quando estive lá na pensão tocando Bach conosco?

– Sim, mas não acho que seja uma boa ideia, Ružica.

– Ah, não seja boba, Mileva. Está com medo de quê? – indaga Ružica, começando a me arrastar sentido à Rämistrasse. – Não vamos sair por aí procurando por ele. Nós simplesmente vamos andar pela rua como qualquer outro pedestre e, se o senhor Einstein e os amigos dele, por acaso, nos virem, então...

Eu poderia insistir para que voltássemos para a pensão. Eu poderia ter dado meia-volta e tomado

outra direção. Mas, na verdade, eu queria entrar naquela atmosfera das cafeterias a meu redor. Ružica era a fonte de confiança de que eu precisava beber para dar esse passo.

Encorajada, faço que sim com a cabeça. Ainda de braços dados, gesto que ficava cada vez mais difícil de se manter, uma vez que as ruas estavam cada vez mais lotadas, viramos algumas ruas à esquerda e outras à direita para chegar à Rämistrasse. Como se tivéssemos combinado, mas sem dizer uma palavra sequer, diminuimos o passo e adentramos a avenida.

Aperto o braço de Ružica com mais força à medida que nos aproximamos do Café Metropole, o favorito do senhor Einstein. Não me atrevo a olhar para a direita para observar se ele ou seus amigos estão sentados em alguma mesa externa. E percebo que, apesar de toda a coragem, Ružica também continuava olhando reto.

– Senhorita Marić! Senhorita Dražić! – Ouço uma voz chamar. E sei exatamente de quem se trata: do senhor Einstein.

Ružica continuou andando rápido e, a princípio, não tive certeza se ela ouviu o mesmo que eu. Foi então que minha amiga me lançou um olhar furtivo, e percebi que ela estava fingindo não ter ouvido. Para obrigar o senhor Einstein a nos chamar de novo. Eu, que não tinha a menor artimanha para esse tipo de coisa, acompanho o passo de Ružica e continuamos andando. Só quando o senhor Einstein nos chama de novo, e minha amiga vira para olhar, é que me permito olhar também.

Do Café Metropole, até a calçada onde estávamos, o senhor Einstein atravessa a rua praticamente

voando.

– Senhoritas – grita –, que surpresa mais agradável! Por favor, venham fazer companhia a mim e a meus amigos. Estamos em meio a uma discussão acalorada sobre a demonstração de J. J. Thomson a respeito de os raios catódicos conterem partículas chamadas elétrons e precisamos de outras opiniões.

Ružica e eu soltamos o braço uma da outra e acompanhamos o senhor Einstein até a cafeteria. As mesas estavam abarrotadas de estudantes do sexo masculino, e minha amiga e eu nos embrenhamos por entre a multidão para chegar até a mesa do canto em que o senhor Einstein e outros dois amigos estavam.

Como ele conseguiu avistar a gente desse canto? Ele deveria estar com os olhos grudados na rua. Os dois se levantam e ficam ao lado do senhor Einstein para se apresentarem. Percebi que conhecia um

deles muito bem, pelo menos de vista. Era o senhor Grossman, um dos cinco colegas de classe que eu tinha.

Exceto por cumprimentos e uma ou outra palavra necessária durante a aula, ele e eu nunca tínhamos conversado. De cabelo preto, olhos castanhos e expressão amigável, o rapaz sorri.

Os dois fizeram a gentileza de pegar duas cadeiras livres de outra mesa e as ajeitaram para que Ružica e eu sentássemos. Depois que nos acomodamos, o senhor Besso se oferece para servir café e bolo para nós duas.

Ružica e eu nos olhamos e rimos só de pensar em comer ou beber mais alguma coisa. Confusos, os

três homens nos encaram, o que me obriga a explicar.

– Acabamos de sair do Conditorei Schober.

– Ah, entendo perfeitamente. Minha mãe veio de Genebra semana passada para me visitar e passamos uma tarde inteira lá. Acho que passei os dois dias seguintes sem comer nada – comenta o senhor Grossman; é a frase mais longa e espontânea que ele dirige a mim desde que o conheci. Pela primeira vez, fico pensando se a culpa da falha em nossa comunicação não teria sido minha.

Os três retomam a discussão sobre o experimento de J. J. Thomson, e Ružica e eu permanecemos caladas. Era uma situação completamente nova para mim. Será que deveríamos emitir nossa opinião ou simplesmente esperar que nos perguntassem? Temi que o senhor Grossman e o senhor Besso interpretassem minha timidez como mau humor ou ignorância, mas eu também não queria parecer ousada.

– Senhorita Marić, o que acha? – pergunta o senhor Einstein, como se pudesse ouvir meus pensamentos.

Com o incentivo e convite dele, me pronuncio:

– Eu me pergunto se as partículas que o senhor Thomson encontrou nos raios catódicos podem ser a chave para compreender a questão.

Os homens permanecem em silêncio e, de imediato, recuo. Será que falei demais? Ou falei algo idiota?

– Muito bem colocado – diz o senhor Besso.

O senhor Grossman assente enfaticamente.

– Concordo totalmente.

Os três homens voltam ao debate sobre a existência de átomos que, é claro, tinha começado antes de minha amiga e eu chegarmos, e eu me mantenho em silêncio de novo. Mas não por muito tempo. No próximo momento de silêncio entre os três, começo a emitir minha opinião. Uma vez que fica evidente que não vou recuar para minha concha feito um molusco, os outros começam a pedir minha opinião à medida que a discussão avança sobre experimentos feitos na Europa, em particular o de Wilhelm Röntgen, que descobriu os raios X. Apesar de tentar pedir a Ružica uma opinião sobre esses experimentos na perspectiva das ciências políticas, ela estranhamente se manteve em silêncio o tempo todo. Será que a companhia do senhor Einstein e seus amigos não a agradou? Ou será que ela esperava uma conversa mais convencional, algo mais leve em vez dessa discussão científica?

Talvez essa aventura não tenha tido exatamente o desfecho que Ružica esperava, mas, para mim, entrar nessa discussão e ver a confiança do senhor Einstein em mim fez com que eu me sentisse viva, tanto quanto as correntes elétricas espalhadas por toda a Zurique. Tento não pensar no que há por trás dessa gentileza do senhor Einstein.

– É você, Mileva? Você perdeu Mozart! – ouço a voz de Milana, na sala de jogos.

Ah, não. Mozart. Nesta semana eu já havia perdido duas noites de música com minhas amigas. Ainda assim, minhas bochechas ardem feito pimenta, tamanho o entusiasmo que senti na tarde que passei no Café Metropole.

Volto meio que a me arrastar para a recepção, sem me preocupar em esconder o nervosismo nem a

vergonha que sinto pelo que fiz ou pelo que deixei de fazer. E por que deveria? Eu merecia o “castigo”.

Essas garotas tinham me recebido com carinho aqui, nesse lugar que seria minha nova casa, e eu sequer conseguia cumprir um compromisso estabelecido com elas. À primeira distração eu já deixava de comparecer. Que bela amiga eu era.

Ružica, Milana e Helene sentam a meu redor à mesa de jogos, com as xícaras de chá vazias e os instrumentos de lado. O interlúdio musical tinha acabado, óbvio – ou talvez sequer tenha começado devido à minha ausência –, e era evidente que elas estavam chateadas comigo. Pela primeira vez, a expressão de minhas amigas combina com a sisudez do traje que usávamos.

– Não foi a mesma coisa sem sua *tamburitza* – resmunga Ružica, mas posso sentir a ternura e o tom de complacência na voz dela. Ela deve se sentir pressionada a me repreender, afinal, foi ela que praticamente me arrastou para dentro dessa atmosfera cultural das cafeterias, embora tenha desistido de participar desses tipos de discussão; “científicas demais”, usando as próprias palavras dela.

– É, Mileva. A peça ficou vazia. Pobre.

Helene não disse nada. E o silêncio dela era pior do que qualquer tipo de reprimenda. Foi como o relâmpago que antecede o trovão.

– Onde você estava? – indaga Milana.

Antes que haja tempo de eu responder, Helene me lança um olhar de soslaio. A mágoa e a chateação que começaram na primeira

noite que o senhor Einstein tocou conosco estavam aumentando, era claro. Na noite da primeira visita dele, Helene o cumprimentou com desdém, perguntando: “Quem aparece do nada na porta de uma colega de sala sem ser convidado?”. Quando Milana e Ružica o incluíram em nosso concerto de Bach, apesar da evidente discordância de Helene, ela interrompeu a peça várias vezes para criticar a técnica do senhor Einstein, uma atitude bastante incomum para uma pessoa normalmente muito gentil. E ela continuou tratando-o do mesmo modo nas outras três vezes em que o senhor Einstein apareceu – sem avisar e sem ter sido convidado – para tocar conosco.

Por fim, vem o trovão.

– Deixe-me ver se adivinho. Você estava discutindo Ciência no Café Metropole. Com o senhor Einstein e os amigos dele.

Não respondo. Helene estava certa e as outras meninas sabiam disso. Eu não tinha nenhuma justificativa plausível. O que eu poderia dizer? Como eu conseguiria explicar a elas quanto eu me sentia eufórica no Café Metropole? E que relação teria isso com o que eu sentia por elas? Ainda mais porque eu vinha escolhendo o senhor Einstein e o café com os amigos dele em vez de nossos concertos.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Eu estava com raiva de mim. Nada valia a decepção de minhas

amigas. Elas tinham ressuscitado meus sonhos de um futuro feliz e, juntas, imaginamos um refúgio do mundo, onde poderíamos ser fiéis ao intelecto e, ainda assim, nos permitir sermos bobas às vezes. O

senhor Einstein, apesar de toda a insinuação que vinha fazendo ao longo dos últimos dois meses e de todo o entusiasmo que eu sentia por ele, não merecia toda essa atenção.

Com cuidado, sento na cadeira desocupada e enxugo as lágrimas.

– Não há nada que eu possa fazer, a não ser pedir desculpas.

Ružica e Milana estendem o braço e seguram minha mão do outro lado da mesa.

– Claro, Mileva – oferece Milana e Ružica assente.

Helene nem se mexe.

– Sinceramente, espero que isso não vire um hábito, Mitza. Nós contamos com você.

As palavras dela expressavam mais do que o sentimento em relação à minha ausência nos concertos.

Tratava-se de um ultimato. Helene estava oferecendo-me uma nova oportunidade, mas apenas se eu me comprometesse a priorizar o grupo.

Estendo o braço em direção a ela e seguro sua mão.

– Prometo que esquecer nosso concerto e passar tempo demais no Café Metropole não vai se tornar

um hábito.

Ela sorri para mim com doçura, o mesmo sorriso convidativo da primeira vez que nos vimos. Um

suspiro de alívio soa pela sala de jogos.

– De qualquer modo, o que há de atraente no senhor Einstein além de uma conversa chata sobre Física? – brinca Milana para quebrar o gelo. – Com certeza não é aquele cabelo selvagem.

Todas caímos na gargalhada. Os cachos indisciplinados do senhor Einstein estavam virando um assunto comum em nossas conversas. Num mundo como Zurique, de pessoas tão bem-apegoadas, especialmente no quesito cabelo, o do senhor Einstein era incomparável. Era como se ele nem tivesse pente.

– Com certeza, o que a atrai nele não é o jeito que ele tem de se vestir – intervém Ružica. – Vocês viram o paletó amarrotado dele na última vez que esteve aqui, tocando Bach? Parecia que ele tinha esfregado a própria roupa no chão.

Gargalhamos ainda mais e, de repente, é como se todo mundo ali quisesse lançar uma farpa ao senhor Einstein. Até Helene.

– E tem aquele cachimbo dele! Será que ele pensa que o cachimbo vai aumentar os anos de vida daquelas bochechas rechonchudas? Ou que faz ele parecer professoral? – ela imita o senhor Einstein pondo tabaco no cachimbo comprido e baforando, pensativo.

Gargalhamos até faltar o ar. É quando toca o sino anunciando o jantar. Minhas amigas e eu nos recompomos e vamos para a sala de jantar.

Mais tarde, naquela noite, de volta a meu quarto, envolvo os ombros no xale rosa e bordado que mamãe me deu. A noite fria de junho estava agradável. Preferi não fechar a janela porque precisava sentir o ar fresco no rosto. Eu tinha pilhas e mais pilhas de lição de casa, capítulos de Física para ler e contas e mais contas para fazer. Como eu queria tomar um *Milchkaffee*... Mas aqui na pensão seria impossível.

Ouçó alguém bater à porta e dou um pulo. Ninguém nunca veio a meu quarto a essa hora. Abro uma

fresta para ver quem é.

Vejo Helene parada no corredor.

– Pode entrar – eu a apresso e fecho a porta.

Gesticulo pedindo para que ela se sente ao pé da cama, o único lugar disponível para sentar além de uma cadeira que fica no quarto, e me sinto ansiosa. Será que ela veio para falar sobre o Café Metropole?

Pensei que o assunto estivesse resolvido. O clima tranquilo da sala de jogos tinha se prolongado durante todo o jantar.

– Você se lembra da primeira vez que percebeu que era diferente das outras meninas? Mais inteligente, talvez? – pergunta.

Faço que sim com a cabeça, embora a pergunta me surpreenda. Lembro-me muito bem do dia em que

na aula da senhorita Stanojević percebi que não era igual a todo mundo. Eu tinha 7 anos e vivia muito entediada. As outras alunas – todas meninas – pareciam confusas diante da explicação da professora sobre os princípios básicos da multiplicação, um conceito fácil que aprendi aos 4 anos. Tive a vaga sensação de que eu poderia ajudá-las a entender. Se ao menos eu pudesse estar no lugar da senhorita

Stanojević, na lousa, eu acreditava que poderia mostrar às meninas a facilidade dos números, tudo que se podia ver por meio deles, combinando-os em grupos intermináveis, fazendo ligações interessantes. Mas eu não me atreveria. Uma aluna diante da lousa seria uma atitude inconcebível em *Volksschule*. A ordem e a disciplina reinavam em todas as regiões do império austro-húngaro, independentemente da distância.

Em vez de levantar e assumir o comando da lousa como eu queria, fico encarando as botas pretas que mamãe me fazia calçar todos os dias – na esperança de que elas curassem a perna manca – e comparando-as com os sapatos delicados, de cadarços de cetim e na cor marfim que minha colega de classe, Maria, sempre calçava.

– Pode me falar sobre isso? – pede Helene.

Conto a ela sobre esse dia frustrante, quando eu tinha 7 anos.

– Alguma vez você deu a entender que era melhor que a senhorita Stanojević em Matemática? –

pergunta com um sorriso.

– Para falar a verdade, sim – é estranho compartilhar esse incidente.

– O que aconteceu?

– Por algum motivo, a professora teve de sair da sala. Ela ficou fora muito tempo e as garotas começaram a conversar e a se levantar. O que desobedecia às regras da sala, claro.

– Claro.

– Uma das alunas, acho que se chamava Ágata, se aproximou de mim. Fiquei perguntando-me o que

ela queria. E ela não era minha amiga, pra falar a verdade, não posso dizer que ninguém ali era minha amiga de fato. Achei que ela estivesse aproximando-se para tirar sarro de mim, algo assim, sabe?

– E como sei.

– Mas em vez disso a garota inclinou o corpo na minha carteira e pediu para eu explicar multiplicação para ela. Então, usando minha metodologia, comecei a explicar a lição da senhorita Stanojević. Enquanto falava, mais e mais meninas vinham até a minha carteira, até que quase a sala inteira se reuniu a meu redor. Por fim, mesmo sabendo que era arriscado, fui até a lousa. Fiz isso tanto para ajudá-las quanto para me ajudar também. Se eu conseguisse fazer com que elas entendessem, talvez a senhorita Stanojević conseguisse avançar para algum tema mais interessante. Divisão, por exemplo.

– E qual foi a metodologia que você usou?

– Em vez de rever as tabelas que a senhorita Stanojević havia feito na lousa, fiz uma equação simples: seis vezes três. Pedi às meninas para, em vez de memorizar a equação, pensar nela usando a adição, que elas já tinham começado a entender. Expliquei que seis vezes o três significava somar o número seis

três vezes. Quando ouvi a resposta “dezoito” mais de uma vez, percebi que tinha ajudado pelo menos algumas das alunas.

– Então foi nesse momento.

– Na verdade, foi depois disso. Saí do quadro e vi que a senhorita Stanojević tinha voltado. Ela estava de pé, no batente da porta, com outra professora, a senhorita Kleine, ao lado dela. As duas estavam de queixo caído por verem uma aluna diante da lousa.

Helene e eu sorrimos, pensando na ousadia da pequena Mileva e na professora horrorizada.

– Congelei, achando que cortariam meus dedos fora como castigo pela ousadia. Mas por incrível que pareça, depois do minuto mais longo de toda a minha infância, a senhorita Stanojević sorriu. Ela se virou para a senhorita Kleine e, depois de conferirem o cálculo, ela disse: “Muito bem, senhorita Marić.

Pode, por favor, nos mostrar essa lição de novo?” – faço uma pausa. – E foi aí que eu percebi.

– Percebeu que era diferente? Mais inteligente?

– Percebi que minha vida não seria como a das outras garotas – falo agora bem baixo, como que sussurrando. – As meninas também fizeram questão de me mostrar isso, que eu nunca seria como elas.

Contei a Helene a história que eu nunca havia contado a ninguém. Mais tarde, nesse mesmo dia em que fui à lousa explicar o exercício, na volta para casa, tomei todo o cuidado para evitar o campo onde as alunas jogavam. Foi quando Radmila, uma das minhas colegas de sala, se aproximou e me convidou para jogar com elas. Era a primeira vez que isso acontecia. Apesar de ter desconfiado do convite e de sentir vontade de olhar fundo em seus olhos castanhos e recusá-lo, uma parte de mim queria uma amiga.

Então respondi que sim. As garotas, que já estavam de mãos dadas e tinham formado um círculo, abriram um espaço para Radmila e eu entrarmos. Entrei na brincadeira e comecei a cantar e balançar os braços de um lado para o outro, acompanhando o ritmo das outras meninas. Um círculo de poeira formava-se a nosso redor. Assim, de repente, as regras mudaram. Elas começaram a rodar e a balançar os braços a toda velocidade, o que me fez perder o equilíbrio e ser lançada para fora. Quando minhas pernas vacilaram, as crianças me arrastaram para dentro do círculo de novo e continuaram cantando o tempo todo. Então, elas soltaram minhas mãos e me jogaram no meio do círculo. Eu estava suja e machucada, e minhas colegas ficaram paradas, rindo enquanto eu me esforçava para levantar. Chorando, reuni todas as forças para conseguir levantar e saí mancando pela estrada poeirenta a caminho de casa. Não me importei com as risadas enquanto cambaleava pela estrada. A humilhação por minha audácia em liderar a sala de aula e por ser diferente delas se tornou uma rotina.

– Minha história é praticamente a mesma – sussurra Helene. Ela estende os braços para me abraçar e desabafa: – Mitza, queria ter conhecido você desde criança.

– Eu também, Helene.

– Peço desculpas por ter sido tão dura com você hoje e também pela desconfiança em relação ao

senhor Einstein. Sei que fui eu mesma quem incentivou você a fazer uma aliança com ele, mas é que eu não sabia que ele seria tão... presunçoso e ousado. Demorei muito tempo para encontrar pessoas que se parecessem comigo. É difícil para mim, e confesso que exagero quando sinto que essas pessoas estão afastando-se, especialmente quando vejo que elas estão aproximando-se de alguém que talvez não as mereçam.

Eu a abraço bem forte e digo:

– Desculpe-me, Helene. Não estou afastando-me de você. Eu realmente pensei que conversar com o

senhor Einstein e os amigos cientistas dele me aproximaria dos objetivos profissionais de que nós tanto falamos. Lá na cafeteria, esses rapazes não têm outro assunto a não ser as descobertas científicas e avanços que eu jamais conheceria se não participasse dessas conversas.

Depois de um momento em silêncio, ela pondera:

– Eu não percebi. Achei que você estivesse sendo fisgada pela tal “vida boêmia” de que ele tanto falava. Atraída por ele, não pela Ciência.

Eu me apresso para esclarecer as coisas.

– Não, Helene. Tudo que converso com ele é como colega de classe. Faço questão de sempre manter

um tom profissional quando falo com ele, tanto na escola quanto no Café Metropole, por mais que ele seja meio ousado vez ou outra – mas enquanto explico isso para minha amiga, me dou conta de que não estou sendo muito sincera. Meus sentimentos eram mais complexos. Na companhia do senhor Einstein, eu me sentia viva, compreendida e aceita. Uma sensação única e, ao mesmo tempo, inquietante.

Tranquilizando tanto minha amiga quanto a mim mesma, acrescento:

– Mas é só isso. Sua opinião é muito importante para mim. Importa mais que qualquer outra coisa.

Capítulo 7

30 e 31 de julho de 1897

Zurique, Suíça, e vale do Sihl

MESMO QUE HELENE NÃO TENHA DE FATO ACEITADO O SENHOR Einstein nas últimas semanas do

semestre, depois da conversa que tivemos ela passou a tratá-lo melhor. Fosse pela

reafirmação de nosso pacto, fosse pelas observações maldosas que fizemos sobre a aparência

do senhor Einstein, o fato é que as preocupações dela em relação a ele pareceram diminuir.

Ela não mais o via como uma ameaça para nossos pequenos rituais, embora ele continuasse persistentemente presente.

Isso também me beneficiou, já que as brincadeiras em torno dele me ajudavam a mantê-lo por perto e também me lembravam de que ele era meramente um amante da Física, tanto quanto eu, e um colega de classe – de aparência bastante esquisita, por sinal. Eu acreditava que poderia reprimir qualquer sentimento em relação a ele. Eu me sentia bem preparada para, com muita polidez, me desviar de toda e qualquer investida, que se resumia em nada além de uma provocação aqui, uma insinuação ali...

Uma noite antes do último dia de prova, depois de um primeiro semestre árduo – para o qual eu havia estudado mais do que nunca –, o senhor Einstein apareceu à porta da Engelbrecht Pension com o violino à mão, como já era hábito. Nenhuma surpresa. Ele não havia sido convidado, mas até aí, ele nunca era mesmo. Ele tocava com tanto sentimento que as meninas passaram a recebê-lo bem, embora elas não se tenham acostumado com o fato de ele vir mesmo sem nunca ter sido convidado.

Combinamos de tocar *As quatro estações*, de Vivaldi, um modo que encontramos de marcar nossa própria mudança de estação. O senhor Einstein tocou especialmente bem naquela noite.

Fizemos uma pausa breve depois do último compasso e, para nossa surpresa, ele tocou mais um acorde para encerrar.

– Senhorita Kaufler, vocês falaram dessa mágica floresta Sihlwald há meses – comenta o senhor Einstein.

– Sim, é verdade, senhor Einstein – afirma Helene.

– Eu me lembro bem de terem comentado da vista que se tem do topo da Albis, senhorita Kaufler.

– Sim, falei mesmo – ela assente, olhando para nós, e continua a conversa, descrevendo agora Albishorn. Ao que aparece, ela não viu nada demais naquela pergunta, embora estivesse claro para mim onde o senhor Einstein queria chegar.

– Não sei se é muito atrevimento de minha parte, mas eu gostaria de acompanhá-las amanhã de manhã no passeio a Sihlwald.

Minhas amigas e eu tínhamos combinado de fazer um passeio para comemorar o fim do semestre.

Desde nosso primeiro passeio, quando fomos a Sihlwald, tínhamos feito muitos e muitos outros e, depois de um longo debate, foi decidido por consenso que deveríamos terminar o semestre como começamos –

indo a Sihlwald.

Mesmo que as intenções do senhor Einstein estivessem claras para mim, Helene pareceu surpresa.

Titubeando, ela responde:

– Bem, senhor Einstein, veja... Hum... Esse passeio... Acredito que seja mais apropriado para nós

quatro apenas.

Implacável e sem deixar o bom humor de lado, o senhor Einstein não dá o braço a torcer.

– Serei privado da beleza natural de Sihlwald e do prazer da companhia de vocês neste último sábado que antecede as férias, senhorita Kaufler? Vamos passar meses sem nos ver.

A ousadia, que ultrapassava todos os limites, até para uma pessoa como ele, a deixou ainda mais inquieta.

– Veja... Hum... Não posso... A decisão não é apenas minha.

Ele olha direto para mim, as sobrancelhas suplicando. Sinto um frio na barriga quando ele olha para Ružica e Milana.

– O que me dizem, senhoritas?

Que descarado. Como nós, garotas diplomáticas e gentis, educadas para sermos polidas, poderíamos dizer não a ele?

Com as mochilas nas costas – cheias de equipamentos para trilha, comida que a senhora Engelbrecht, preocupada, nos fez trazer aos montes e mapas da floresta – esperamos na plataforma do trem. Não paro de olhar o relógio da estação. O senhor Einstein está atrasadíssimo.

– Onde ele está? – Ružica bate o pé, impaciente. Ela já havia feito essa pergunta pelo menos oito vezes.

– É melhor a gente embarcar – sugere Milana. – O trem vai partir em dois minutos.

Olho para o relógio da estação mais uma vez e me sinto confusa. Eu queria que o senhor Einstein

nos acompanhasse, mas não queria insistir para esperá-lo porque isso atrasaria a viagem. Sem querer que a ansiedade transpareça, digo:

– Milana tem razão. Não dá pra esperar mais. Além do mais, o senhor Einstein está atrasado. E se ele nem aparecer?

Helene assente com um gesto de cabeça, e assim embarcamos no trem. Procuramos um vagão desocupado – dava para escolher porque, como ainda era madrugada de sábado, o trem estava praticamente vazio – e guardamos nossas mochilas nos compartimentos do teto. Assim que nos acomodamos nos bancos estofados, o apito do trem soa e começamos a partir.

Ufa. Respiro fundo. Talvez tenha sido melhor assim. Eu não veria mais o senhor Einstein até o início do semestre seguinte, dali a três meses. A presença constante dele só aumentava minha confusão. Sim, penso, é exatamente disso que preciso. Começar as férias de verão sem ele era um bom sinal.

– Ah, meu Deus! – exclama Milana ao olhar pela janela.

– O que foi? – pergunta Ružica.

Milana não responde. Apenas aponta para a janela, como se não pudesse descrever o que acaba de

ver.

Estendo o pescoço para conseguir olhar por cima da cabeça de Helene e vejo dois homens correndo pela estação na direção do trem. Apesar do vidro espesso, ouço-os gritar: “Segurem o trem!”.

Semicerro os olhos para tentar enxergar se é o senhor Einstein. Cabelo cacheado e desgrenhado.

Camisa fora da calça. Todas as características atípicas dos bem-apegoados suíços, mas peculiares a ele.

Porém o senhor Einstein deveria estar sozinho, não acompanhado de outro homem. Talvez não fosse ele.

Meu estômago, ante ao misto de emoções, fica agitado.

Num estampido, o trem freia de repente, e os dois homens embarcaram. Um segundo depois, a porta

de nosso vagão se abre. Lá estava o senhor Einstein sorrindo.

– Consegui! – Ele se curva para nos cumprimentar e aponta para trás. – Senhoritas, permitam-se apresentar meu amigo, Michele Besso, que a senhorita Marić e a senhorita Dražić já conhecem do Café Metropole. Ele é engenheiro graduado na Politécnica.

Aceno com a cabeça em concordância. Eu já havia conversado bastante com o senhor Besso sobre

Ernst Mach, um físico que ele admirava. No Café Metropole, eu gostava de conversar com ele, que tinha uma fala mansa, mas fiquei pensando o que as meninas achariam do amigo do senhor Einstein. Ružica não tinha simpatizado muito com ele naquela primeira tarde na cafeteria.

– Bem-vindos, senhores – digo.

Sem esperar por meu convite e sem se preocupar em explicar o motivo de ter trazido um convidado

extra, o senhor Einstein senta no banco a meu lado. A perna dele roça a barra da minha saia e é aí que me dou conta de que nunca sentamos lado a lado. Carteiras de madeira, cadeiras de ferro das cafeterias e poltronas estofadas da recepção dos Engelbrecht foram nossos assentos. Aqui, estávamos perto demais, especialmente porque eu tinha acabado de decidir que seria melhor fazer a viagem sem ele.

O senhor Besso era mais comedido.

– Posso? – pergunta a Ružica antes de se sentar.

Enquanto nosso convidado inusitado troca cumprimentos com Ružica, Milana e Helene, eu me viro

para o senhor Einstein, cujo rosto está bem perto do meu, tão perto que posso sentir o cheiro de café, chocolate e tabaco do hálito dele.

– Que bela entrada, hein? – comento com uma risadinha enquanto deslizo um pouco para o lado na

tentativa de me afastar dele.

– Um dia tão lindo merece um grande gesto – diz, brandindo a mão no ar em direção à janela para

mostrar o céu ensolarado e limpo.

– Ah, então foi por isso que saiu correndo pela estação e pediu para pararem o trem? – pergunto com um sorriso malicioso. Pelo que os amigos dele comentavam no Café Metropole, suspeitei que ele tivesse se atrasado por ter dormido demais, então esse papo de grande gesto era pura lorota. Sei que minha pergunta não era exatamente a que se esperaria de uma dama, mas a bem da verdade eu não queria que ele me visse simplesmente como uma dama. Eu queria que ele me visse como uma estudiosa e de igual para igual, e minha pergunta era do tipo que qualquer um dos amigos dele poderia fazer.

O senhor Einstein sorri e sussurrando diz:

– Como eu amo esse sorriso.

Num gesto cortês, o senhor Besso nos interrompe com uma pergunta e, em pouco tempo, estávamos

todos falando de nosso passeio. Nenhum dos dois conhecia Sihlwald e cada uma de nós mulheres tinha um aspecto favorito para compartilhar. Entre uma conversa e outra, o percurso passou depressa.

O mesmo aconteceu nas primeiras horas da trilha, que foi percorrida em meio ao clima fresco e agradável propiciado pela densa floresta. Árvores enormes e decíduas (cujos nomes Helene conhecia e sabia de cor) pairavam sobre nós, e vez ou outra nos deparávamos com troncos espessos caídos no chão, bloqueando a passagem. Por todos os lados, folhagens, flores e montanhas pululavam e, pelos

comentários a respeito da floresta, o senhor Einstein e o senhor Besso estavam impressionados com o que viam. As meninas ficaram satisfeitas com a reação deles e ficaram ainda mais animadas para mostrar as árvores de faia e a beleza dos buquês de jasmims roxos que brotavam por entre as rochas. Queríamos que todos gostassem de Sihlwald tanto quanto nós.

Acompanhei o passo e mantive o mesmo ritmo de minhas amigas bem como do senhor Einstein e do

senhor Besso à medida que subíamos as colinas cada vez mais íngremes. Ninguém prestou atenção à minha perna manca, nem mesmo eu. Os apelidinhos que ganhei na infância na Sérvia agora pareciam um pesadelo que tinha ficado para trás, dissipado pela luz resplandecente de Sihlwald.

Parecia que todos ali se sentiam mais livres. Ouvi Ružica contando uma de suas piadas favoritas ao senhor Besso, do tipo que ela guardava para nossos jogos de cartas e que, apesar de parecer sem graça a princípio, acabava nos fazendo gargalhar depois. Helene até riu de uma das piadinhas do senhor Einstein.

E quando Milana me amolou para imitar a senhora Engelbrecht, cedi. No momento em que chegamos a

Albishorn, todos estavam felizes e bem-humorados.

E foi aí que a paisagem e sua majestade roubaram a cena. Ao redor, os picos gigantescos das montanhas cobertas pelas nuvens e o céu azul competiam com a amplitude do lago e do rio.

Ali, em meio à vastidão da natureza, éramos como um grão de areia. Até o senhor Einstein, sempre tagarela, se manteve em silêncio.

O senhor Besso quebra a quietude ao tirar uma garrafa de vinho da mochila.

– Um modo de agradecer pela hospitalidade, senhoritas.

O senhor Einstein dá um tapinha nas costas do amigo.

– Muito bem, Michele.

Sentamos para apreciar o vinho. Passamos a garrafa um para o outro, cada um beberica um pouco;

foi impossível trazer os copos na mochila, explica o senhor Besso, pedindo desculpas. Ninguém se incomodou por ter de beber na boca da garrafa.

– Odeio ter de dizer isso, mas, se quisermos pegar o último trem de volta para Zurique, precisamos começar a voltar agora – avisa Helene.

– É difícil ter de ir embora, né? – comenta Milana, entrelaçando o braço no de Helene. Entendi que o comentário não remetia apenas a Albishorn. Era dolorido abdicar daquele momento esquivo e delicioso. Será que teríamos a chance de repeti-lo?

Quando, junto ao grupo, começo a me levantar, sinto uma mão em meu ombro. Olho para cima e vejo

que é o senhor Einstein.

– Por favor, espere um pouco – sussurra.

Hesito. O que ele quer? Com certeza ele não esperaria um momento de silêncio para falar da prova de Física. No fundo, bem no âmago de meus pensamentos, com todas as investidas,

insinuações e comentários dele, senti que o senhor Einstein vinha preparando esse momento, mas eu ainda não conseguia acreditar que ele tinha segundas intenções em relação a mim. Eu sabia que deveria negar, insistir para acompanharmos o grupo. Eu não vinha preparando-me psicologicamente para saber o que dizer a ele neste exato momento? Eu precisava saber o que ele queria me falar.

O senhor Einstein hesita. Só quando faço que sim com a cabeça é que ele avisa ao grupo:

– Preciso de um minuto. Por que não seguem o caminho e encontramos vocês?

Os outros caminham rumo à trilha para descer a montanha, exceto Helene. Ela hesita por um momento, as sobrancelhas arqueadas, fazendo aquela expressão familiar de cautela.

– Tem certeza, Mitza?

Com a cabeça, faço que sim. Prefiro não abrir a boca agora. Não confio em minhas palavras.

– Tudo bem, então. Mas um minutinho apenas, senhor Einstein. Temos de pegar o trem.

– Claro, senhorita Kaufler.

Ela olha para mim de modo incisivo e pergunta:

– Você vai ficar de olho nele, não vai, Mitza?

Faço que sim de novo.

Assim que o grupo desaparece de vista, o senhor Einstein gentilmente me conduz para sentar ao lado dele, num tronco de árvore caído. A paisagem ali bem diante de nossos olhos era encantadora e, embora eu saiba que deveria apreciá-la, ainda

mais agora que o sol começava a se pôr, sinto-me extremamente nervosa.

– É de tirar o fôlego, não é? – pergunta.

– É – respondo com a voz trêmula. Espero que ele não tenha notado.

Ele se vira e olha para mim.

– Senhorita Marić, já faz algum tempo que ando sentindo algo em relação a você. O tipo de sentimento que não é de um colega de classe...

Ouçoo falar e sinto como se estivesse num sonho. Embora eu tivesse suspeitado – e até desejado

isso, para ser sincera comigo mesma, apesar de tudo que professava para as meninas –, agora que ele finalmente começava a pronunciar as palavras eu me sentia estarecida.

Tento me levantar.

– Senhor Einstein, acho melhor a gente voltar e...

Ele toca minha mão e gentilmente me faz voltar a sentar no tronco da árvore.

Quando volto a sentar, ele segura minhas duas mãos, inclina o corpo à frente e encosta os lábios nos meus. Sinto os lábios macios e carnudos. Antes que haja tempo de pensar, ele me beija. Por um minuto, me rendo à maciez dos lábios dele e me permito retribuir o beijo. Um calor percorre minhas bochechas quando sinto os dedos dele tocando minhas costas.

Izgoobio sam sye. Estas são as únicas palavras que consigo pensar para descrever o que sinto naquele momento. Numa tradução literal do sérvio, elas significam: “perdida”. Sem rumo, sem direção, perdida em relação a mim, perdida nos braços dele.

Por um momento, ele para e olha fundo em meus olhos. Mal consigo respirar.

– A senhorita me surpreendeu mais uma vez.

Enquanto ele toca minha bochecha, sinto vontade de beijá-lo de novo. A intensidade desse desejo me assusta. Tento me acalmar, respiro fundo e digo:

– Senhor Einstein, não posso fingir que meus sentimentos não sejam recíprocos. No entanto, não posso permitir que eles me desviem de meu objetivo. Sacrifícios foram feitos para eu chegar até aqui, e tenho batalhado muito para continuar em meu caminho. Romance e trabalho não se misturam. Não para as mulheres, se é que me entende.

Ele arqueia as sobrancelhas grossas e os lábios macios esboçam um sorriso. É claro que ele esperava concordância, não resistência.

– Não, senhorita Marić. Com certeza, boêmios como nós, com nossa visão e particularidades pessoais e culturais, podem ter os dois – as palavras dele me surpreendem. Como eu queria que essa visão boêmia da vida fosse possível.

Eu me esforço para me manter forte e insisto:

– Por favor, senhor Einstein, não se ofenda, mas não posso levar isso adiante. Pode ser que tenhamos as mesmas crenças boêmias e a consciência de que somos diferentes, mas tenho de deixar meus sentimentos de lado em nome de meus objetivos profissionais.

Passo as mãos na saia para tirar as folhas e cascas de árvore e começo a me levantar.

– Vamos?

Ele levanta, vem até mim, segura minhas mãos mais uma vez e diz:

– Nunca tive tanta certeza do que quero como tenho em relação a você, senhorita Marić. Vou esperar. Até que se sinta preparada.

Capítulo 8

29 de agosto de 1897 e 21 de outubro de 1897

Kač, Sérvia, e Heidelberg, Alemanha

OPAPEL ENROLADO E SURRADO TREMULA NO CHÃO.
Observo-o rodopiar languidamente na brisa morna

que adentra a sala pela janela da torre do sino. O livro do professor Phillipp Lenard está aberto há mais de uma hora na mesma página, e eu ainda não li nem uma palavra sequer.

Abaixo para pegar o papel no piso velho de madeira. Estou na torre do sino da Spire, nossa casa de campo em Kač, para onde fugimos nos meses quentes. Esse lugar, apelidado por conta da torre central e de outras duas torres que decoravam cada uma das extremidades do vilarejo estilo tirolês, é o refúgio de minha família desde que eu era criança. Independente de onde fôssemos morar por conta das necessidades de meu pai, que trabalhava para o governo, ou de meus estudos – cidades austro-húngaras como Ruma, Novi Sad, Sremska Mitrovica e Zagreb –, o Spire sempre foi o único lugar que podíamos chamar de casa.

Passei os verões da infância na torre do Spire observando pelas janelas as mudanças na paisagem

rural repleta de girassóis e de plantação de milho e lendo pilhas de livros. Era meu esconderijo, minha paisagem onírica, o lugar em que eu lia contos de fadas quando era criança e começava a sonhar com a vida como cientista. Agora, é para onde vou quando quero me esconder de todo mundo.

Observo o papel que tenho em mãos. Nele, um endereço, escrito com a caligrafia irreverente do senhor Einstein, tão ousada como a personalidade dele. No dia em que voltamos do passeio em Sihlwald, à noite, ao nos despedirmos depressa, ele enfiou o papel na palma de minha mão com um pedido para que eu escrevesse para ele durante as férias. Uso essa tira de papel como marcador de página, assim tenho uma desculpa para carregá-la para onde for. Embora me recuse a me livrar do papel, prometi a mim mesma que não o usaria para escrever para o senhor Einstein. E me mantive fiel ao voto, mesmo quando várias ideias sobre Física e Matemática brotavam em minha cabeça e eu sentia vontade de conversar com ele. Eu sabia que, se escrevesse para ele, seria como dar continuidade à possível relação que começou em Sihlwald, o que tornaria praticamente impossível seguir a carreira que eu vinha a duras penas tentando consolidar com o apoio incondicional de meu pai. Eu não conhecia nenhuma mulher casada que tivesse uma carreira profissional, então por que começar com o senhor Einstein algo que eu não poderia

continuar? Como consolo, me apego aos planos que Helene e eu traçamos de seguir a carreira e levar a vida de solteira, regada a cultura e amigos.

Aprecio a paisagem pela janela, o solo fértil pontilhado pelos girassóis de Kač. Essa região de Vojvodina, ao norte do Danúbio, entrou para a história como o local da violenta luta entre o império austro-húngaro e o império otomano e agora enfrenta tensões nas fronteiras fictícias austro-húngaras devido à disputa entre governantes germânicos e a população eslava nativa. Minha esperança era que essa paisagem familiar, seu aroma agradável e a hospitalidade da família me ajudassem a esquecer aquele momento com o senhor Einstein, em Sihlwald. Apesar disso, eu me sentia rachada ao meio, tanto quanto essa região em que eu estava, dividida entre minhas emoções e promessas.

As passadas pesadas reverberaram pelas paredes da torre. Apenas meu pai, que era robusto e rijo

tinha passos assim.

Finjo que não o escutei. Não porque eu quisesse evitá-lo, mas porque eu queria que ele visse minha capacidade de concentração na leitura, algo que eu não vinha conseguindo fazer há quatro semanas.

Deitada na *chaise* surrada que minha mãe jogou para esse canto quase invisível do Spire e com a cara enfiada no livro, simulo concentração total.

O barulho dos passos fica mais alto e mais próximo, mas ainda não olho. Sempre tive a fama de conseguir bloquear tudo que pudesse me desconcentrar, exceto as cócegas que meu pai fazia em mim vez ou outra. Em questão de segundos, sinto os dedos dele cutucando meus pontos vulneráveis e caio no riso.

– Papai! – grito, afastando as mãos dele. – Já tenho quase 21 anos! Estou velha demais pra cócegas.

Estou lendo!

Ele pega meu livro e observa a página em que está aberto.

– Hum. Lenard. Se eu não me engano, ontem à noite você estava lendo exatamente esta mesma página – enrubesço. Ele senta a meu lado. – Mitza, você não é mais a mesma. Anda muito quieta, até comigo. Nem fica mais lá embaixo com sua mãe nem com Zorka e Miloš. Sei que seus irmãos são mais novos, mas pelo menos você tinha o hábito de sair com eles para fazer piquenique.

As palavras de meu pai me causam culpa. Todo verão costumo organizar um piquenique para Zorka,

Miloš e eu passearmos pelos campos. Lá, entre os girassóis e debaixo do céu ensolarado, lia os contos de criança que mais gostava para eles, incluindo *The Little Singing Frog* [O pequeno sapo cantor]. Nesse verão, não planejei nenhum passeio sequer. Penso em falar para meu pai que não organizei nada porque Zorka e Miloš, com 14 e 12 anos respectivamente, estavam crescidos demais para essas aventuras, mas considerei que o tiro sairia pela culatra. Meu pai descobriria a mentira em um piscar de olhos.

Ele volta a olhar para o livro, depois para meus olhos.

– Você não está lendo nem estudando. Está tudo bem?

– Sim, papai – respondo, tentando conter as lágrimas que começam a se formar.

– Não sei, Mitza. Saíram suas notas semana passada e você nem comemorou. Conseguiu uma média

de 8,5 em todas as disciplinas! Isso é motivo para comemorar, mas você nem quis brindar conosco.

O segredo sobre o senhor Einstein ardia feito fogo dentro de mim desde que voltei para casa. Muitas vezes pensei em contar para meu pai o que tinha acontecido. Ele era meu confidente desde que eu me entendia por gente. Mas algo me impedia. Talvez o medo de decepcioná-lo, depois de tanto esforço para assegurar meus estudos. Ou, quem sabe, fosse o receio que eu tinha de ele não me ver mais como uma cientista solitária, brilhante. Como eu poderia contar sobre o senhor Einstein?

– Estou bem, papai – logo que termino a frase, noto que ela soou falsa.

Ele me puxa para sentar, segura meus ombros e, com delicadeza, gira meu rosto para encará-lo. Meu pai sabia que eu não conseguiria mentir assim, olhando bem fundo nos olhos dele.

– O que está acontecendo, Mitza?

As lágrimas que venho segurando há quatro semanas rompem a barreira. Choro com tanta intensidade que chego a soluçar. Meu pai simplesmente espera, até que conto toda a verdade.

Quando finalmente paro de chorar e começo a me acalmar, meu pai continua em silêncio. Ergo a cabeça e olho para ele, aterrorizada com a possibilidade de ele estar bravo comigo, de eu ter falhado com ele, algo muito mais importante para mim do que falhar em uma prova da universidade.

Lágrimas escorrem pelo rosto dele.

– Minha pequena Mitza. Por que seu caminho tem de ser tão duro?

Como meu pai, tão invencível, poderia estar chorando? Como uma questão como essa poderia levá-

lo às lágrimas? Ele era o homem a quem recorriamos – na verdade, a quem todos os oficiais de todos postos do governo recorreriam – diante de um problema complexo. Enfio a mão no bolso, pego um lenço que sempre carrego comigo, enxugo as bochechas dele.

– Não está bravo comigo, papai? – Pelo menos sinto um alívio por ele, aparentemente, não estar com raiva de mim.

– Claro que não, minha menina. Desejo mais que tudo neste mundo que seu caminho seja mais fácil, que você possa ter tudo que seu coração desejar. Mas o brilhantismo tem suas agruras, não é?

– Creio que sim – respondo, triste porque deve ser esse o conselho que meu pai tem para me oferecer. Passei a vida inteira ouvindo meu pai dizer que era minha responsabilidade alimentar meu intelecto. E, mesmo sabendo que seria improvável – até

impossível –, tive esperança de que ele pudesse arranjar uma solução para esse problema, como ele já havia feito tantas e tantas vezes.

– Quer continuar estudando? Ainda gostaria de ser professora de Física?

“Mas e o senhor Einstein?”, penso comigo mesma. Contudo, em vez de expressar esse pensamento

em voz alta, digo o que se esperava.

– Sim, papai. É o que eu sempre quis. O que nós sempre discutimos.

– Acha que deve continuar na Politécnica já que o senhor Einstein também estará lá? Talvez cursar um semestre em outra universidade possa abrir novos horizontes. E você pode voltar para a Politécnica depois, quando souber o que fazer em relação ao senhor Einstein.

Um semestre fora. Sinto uma dor no peito só de pensar em ficar longe do senhor Einstein por mais que três meses, mas quanto mais considero a ideia de meu pai, mais alívio sinto. Pelos próximos meses, eu não teria de encarar o senhor Einstein com aquela cara de cachorro faminto capaz de me fazer sair do eixo. Quem sabe um tempo fora possa operar uma mágica.

Olho para o livro de Lenard que venho carregando para cima e para baixo há dias.

– Papai, acho que já sei para onde posso ir.

No começo de outubro, um pouco antes de minha chegada à Universidade de Heidelberg, um nevoeiro forte envolvia o vale do rio Neckar, no sudeste da Alemanha, berço da universidade. Não houve mudança climática nos dias que sucederam minha chegada ao Hotel Ritter onde eu me hospedaria durante o

semestre. Embora as aulas de Física que eu poderia assistir fossem de fato algo de primeiríssima qualidade, ministradas por professores renomados como o próprio Lenard, os rumores da beleza dos edifícios e das antigas instalações da Heidelberg não se confirmaram, pelo menos não para mim. Na verdade, a floresta cercada pelo denso nevoeiro e o rio que ladeavam a universidade só serviram para me lembrar, guardadas as devidas proporções, da beleza estonteante de Sihlwald. Às vezes sentia que a névoa tinha impregnado meu interior, de tão entediada que ficava.

A solidão superava todo e qualquer entusiasmo provocado pela teoria cinética de gases de Lenard e pelos experimentos dele que permitiam que moléculas de oxigênio viajassem. Além disso, eu sentia falta da companhia e das risadas de Ružica, Milana e Helene, embora eu escondesse isso delas nas cartas

alegres que lhes enviava, nas quais fingia entusiasmo pelas aulas. E na escuridão de meu quarto do hotel, sozinha, para ser bem sincera, eu também sentia saudade do senhor Einstein. Eu me sentia tão desmotivada que chegava a me perguntar se a saudade de minhas amigas e do próprio senhor Einstein era o único motivo de meu desespero.

Certa tarde, no fim de outubro, ao chegar da aula, encontrei uma carta de Helene para mim na recepção do hotel. Eu a agarrei com todo o fervor e subi as escadas de dois em dois degraus – tarefa nada fácil para quem tem uma perna manca – para poder ler o mais rápido possível. Com o estilete, abro o envelope e começo a devorar as palavras de Helene. Entre uma ou outra novidade sobre os estudos e fofocas da pensão, li: “Pensei que a Heidelberg não admitisse estudantes do sexo feminino. Uma amiga de família de Viena tentou se matricular em Psicologia e teve de conseguir permissão de cada um dos professores para assistir às aulas das disciplinas! E não conseguiu obter os créditos. Será que isso não vai fazer você perder um semestre?”.

Devagar, deixo a carta em cima da mesa estreita do quarto, mais apropriada para uma dama escrever suas cartas depois de acordar do que para uma estudante universitária. Com toda a sagacidade de sempre, Helene pôs o dedo na ferida. A névoa incessante e a solidão constante não eram o único motivo de meu tédio; o fato de que esse semestre poderia me fazer dar um passo para trás na construção de minha carreira também me angustiava. E se esse tempo que fiquei fora da Politécnica atrasasse meus estudos? E se essa tentativa de me afastar do senhor Einstein para assegurar o futuro de minha carreira no fim das contas acabasse prejudicando-a? E se eu, já atrasada por esse semestre em Heidelberg, voltasse e sucumbisse às investidas do senhor Einstein?

A carta de Helene acendeu a chama necessária para fazer com que esse semestre na Alemanha valesse a pena. Eu cursaria, de modo simultâneo, no mesmo semestre, a Heidelberg e a Politécnica, para não ficar para trás. E deixaria as coisas bem claras para o senhor Einstein.

Decidi que finalmente responderia à carta que o senhor Einstein havia me enviado há três semanas aqui em Heildelberg. Ele soube de notícias minhas por meio das minhas amigas, já que não escrevi para ele durante o verão. Nas páginas rabiscadas, havia detalhes das aulas de Weber que perdi, relatos das conversas com os professores Hurwitz, Herzog e Fiedler e algumas observações sobre a disciplina de teoria dos números. Embora eu tenha lido com atenção cada uma das linhas, não havia nenhum comentário, nem uma menção sequer, óbvia ou escancarada, do que havia acontecido em Sihlwald. Nada.

Mesmo assim, a cada linha pude sentir as palavras não ditas.

Meus dedos coçavam para responder à carta dele desde que a recebi, mas agora eu me sentia contente por ter conseguido resistir. Eu estava preparada para deixar as coisas bem claras. Escrevi:

“Você me pediu na carta para responder apenas quando eu não tivesse absolutamente nada para fazer.

Minha estada aqui em Heidelberg tem sido bem agitada até agora”.

Depois de contar sobre as aulas maravilhosas que tive, tentando seguir a mesma linha de tudo o que eu havia escrito para Helene, termino a carta com o que espero ser uma mensagem bem clara.

Aproveitando um assunto sobre o qual ele comentou – que certo colega de classe havia saído da Politécnica para se tornar guarda-florestal porque fora rejeitado por uma zuriquense –, comento: “Que interessante! Nestes dias boêmios em que há tantos caminhos possíveis, a noção de amor parece tão antiquada. E sem sentido”.

Torço para que a mensagem soe ambígua. Se eu voltasse para a Politécnica, o romance entre nós definitivamente não faria parte da equação.

Não recebi resposta do senhor Einstein. Não em novembro. Nem em dezembro. Tampouco em janeiro. O silêncio era um sinal de que ele tinha entendido a mensagem. Agora, sim, eu poderia voltar tranquila para Zurique.

Parte 2

Toda mudança de movimento é proporcional à força motriz impressa e se faz

segundo a mesma direção pela qual se imprime essa força.

Sir Isaac Newton

Capítulo 9

12 de abril de 1898

Zurique, Suíça

COBERTA PELA NEVE PRECOCE E ADORNADA PELA CAMADA DE GELO que encobre as torres dos relógios, o

que me faz lembrar as deliciosas sobremesas de marzipã que eu havia experimentado na Conditorei Schober, Zurique me recebe de volta. Rapidamente minhas amigas e eu voltamos à nossa rotina. Refeições, baralho, chá, música. Mas à medida que se aproximava o dia de renovar

a matrícula na Politécnica, o pavor ia aumentando.

A princípio, o fato de o senhor Einstein não ter respondido minha carta trouxe alívio; eu poderia retomar o curso na Politécnica sem medo das investidas dele. Porém, conforme o início das aulas se aproximava, o silêncio dele me perturbava. Eu sentaria ao lado do senhor Einstein pelos próximos dois anos e meio, período de duração do programa. Mas o que eu poderia esperar dele? Desdém por tê-lo rejeitado? Burburinho entre nossos colegas por causa do beijo que trocamos? Será que minha amizade com ele se transformaria em um calvário agora? Minha reputação como aluna séria era tudo para mim.

Mulheres cientistas não têm uma segunda chance.

Quanto menos dias faltavam para a volta das aulas, mais minha apreensão aumentava.

No primeiro dia de aula, demorei para entrar na sala, esperei até o último segundo. Ao ouvir o barulho das carteiras sendo arrastadas, vi que não poderia esperar mais. Finalmente abri a porta, olhei para a carteira onde eu costumava sentar e a vejo vazia. Todas as outras carteiras estavam ocupadas pelos mesmos alunos que cursaram o primeiro semestre comigo; nenhum aluno novo havia ingressado durante o semestre que perdi e ninguém tinha saído. Minha carteira ficou assim, vazia, nesse tempo todo esperando-me? Lá estava ela, sentindo-se

aparentemente tão desprezada como eu. Enquanto caminho até ela, mancando, tomando cuidado para olhar para a carteira e nada mais além disso, sinto os olhos castanho-escuros do senhor Einstein em mim.

Depois de me sentar, mantenho os olhos grudados no professor Weber. A princípio, ele finge que eu era invisível, mas de repente comenta:

– Vejo que a senhorita Marić decidiu regressar das profundezas de Heidelberg. Como ela certamente presenciou experimentos intrigantes durante o tempo que se ausentou, tenho lá minhas dúvidas se ela

conseguirá acompanhar todo o conteúdo que desenvolvemos durante o semestre passado, conceitos fundamentais da Física, a base para a formação de vocês – depois do comentário, ele dá início à aula.

Sinto minhas bochechas queimarem depois dessa observação maldosa de Weber e começo a tomar

nota no ritmo mais rápido que posso. A mensagem de Weber estava clara. O semestre que passei em Heidelberg foi mal interpretado por ele e por sabe-se lá quem mais, e o professor não seria nem um pouco benevolente comigo. Apesar da presença do senhor Einstein, lembro a mim mesma que voltar à Politécnica era a escolha certa a se fazer para recuperar o caminho rumo à carreira como professora de Física. Eu não poderia deixar Weber nem ninguém mais da Politécnica me ver como uma mulher frágil.

Eu tinha batalhado muito – muito mais do que qualquer colega de sala, e certamente muito mais que o próprio senhor Einstein – para chegar até aqui, para me debruçar sobre questões que os filósofos têm estudado desde sempre, questões com que os grandes cientistas da atualidade se viam às voltas: a natureza da realidade, do espaço, do tempo. Eu queria investigar os

princípios de Newton, as leis de ação e reação, força e aceleração e a Lei da Gravidade, e estudá-las à luz das mais recentes descobertas sobre os átomos e os mecanismos para verificar se cada uma das teorias existentes poderia explicar a variedade aparentemente infinita de fenômenos naturais e do caos. Estava ávida para estudar as descobertas recentes sobre o calor, a termodinâmica, os gases, a eletricidade, bem como seus fundamentos matemáticos; os números são a arquitetura de um enorme sistema físico que integra absolutamente tudo. Essa era a linguagem secreta de Deus, eu tinha certeza. Essa era a minha religião, eu estava numa cruzada, e um guerreiro em batalha não pode ceder à fragilidade. Sentindo os olhos do senhor Einstein em mim, faço um lembrete mental: guerreiros também não podem ceder às manobras do coração.

– Senhores, por hoje é só. Para lição de casa, quero que revisem Helmholtz. Vamos relacionar as

teorias dele com o que estudamos hoje – anuncia Weber com um olhar enviesado enquanto sai da sala, a toga arrastando-se no chão. Além da evidente repulsa por mim, só Deus sabe o que mais tínhamos feito para merecer toda aquela ira dele. Nós, de diferentes modos, éramos indignos de ter aula com o professor, ele que tinha estudado com grandes mestres da Física como Gustav Kirchhoff e Hermann von Helmholtz.

As conversas só se iniciam depois que todos têm certeza de que Weber tinha saído. Os senhores Ehrat e Kollros com muita gentileza me dão boas--vindas, e o senhor Grossman se curva diante de mim.

Retribuo a gentileza deles com uma ligeira reverência e sinto que o senhor Einstein está aproximando-se.

Começo a ajeitar a mochila e protejo as costas com o casaco. Eu não daria conta desse momento constrangedor diante dos colegas de sala. Minha reputação e a relação amistosa com ele não sobreviveriam a isso.

Dou um passo, arrasto a perna. O barulho de meus passos irregulares ecoa pelo corredor. Penso que escapei, mas ouço uns passos aproximando-se depressa. Sei que é ele.

– Vejo que está brava comigo – diz.

Não respondo. Sequer paro de andar. Meus sentimentos revolvem-se tanto dentro de mim que sinto

medo até de falar.

– Entendo sua raiva. Nunca respondi sua carta. Foi um ato indesculpável – acrescenta.

Diminuo o passo, mas não digo nada.

– Não sei o que posso fazer para me desculpar e pedir perdão – ele pausa.

Paro e penso no que fazer. Ele não parece chateado por minha rejeição. E quanto a mim? Eu estava mesmo brava com ele? Será que ele só queria se desculpar e nada mais? Ao vê-lo novamente, sinto-me envolta por uma ternura familiar, um afeto e mesmo uma vontade de me render. Era só um pedido de desculpas – e nada mais – que eu queria? Eu estava confusa, mas não podia voltar atrás; havia

sacrificado um semestre inteiro para garantir a caminhada sozinha e tinha feito promessas a meu pai. Eu precisava camuflar meus sentimentos.

– É claro que o perdoo por não ter respondido – digo com a voz serena e formal. “Não é possível”, digo a mim mesma. “Aja como aquela velha Mitza sarcástica que ele conhece. Quer que o relacionamento com ele volte a ser o que era antes, não é? Aja com naturalidade.” E provocando-o pergunto: – Além de que, você me perdoou por ter ido embora sem me despedir, não perdoou?

Ele abre um sorriso de orelha a orelha, os olhos brilham.

– Fico tão aliviado, senhorita Marić. Você partiu tão rápido, fiquei com medo... – o senhor Einstein hesita. Sei que ia falar sobre nosso beijo. Ele reformula a frase e complementa: – Tenho certeza de que não vai se arrepender de ter voltado, mesmo que aqui não tenhamos professores tão renomados quanto os da Heidelberg. Não temos nenhum Lenard aqui.

Ele pergunta se pode me acompanhar até a biblioteca, e respondo que sim. Enquanto atravessamos a praça, ele me conta sobre as conversas entusiasmadas do Café Metropole, sobre as trilhas que percorreu nas montanhas ao redor de Zurique e os passeios de barco que fez com os amigos no lago de Zurique. A conversa parecia ensaiada, preparada especialmente para mim.

– Você devia passear de barco comigo e com o senhor Besso qualquer dia destes. Talvez suas amigas da Engelbrecht Pension também queiram vir conosco? Nós formamos um grupo divertido – sugere enquanto entramos na biblioteca.

– Pelo que você contou, parece perigoso, não tenho certeza se seria seguro – brinco.

Um bibliotecário passa e olha para nós dois e outros dois alunos parecem aborrecidos porque falamos alto, então começamos a conversar mais baixo e nos sentamos a uma mesa. Revirando a mochila bagunçada, o senhor Einstein puxa uma pilha de cadernos. Normalmente ele levava apenas um para a aula. Deve ter trazido esse material todo hoje para mim.

Ele me entrega os cadernos e sussurra:

– Todo o material que você perdeu das aulas está nesses cadernos. Têm a matéria de Hurwitz sobre equações diferenciais e cálculo. E acho que também tenho anotações das aulas de Herzog sobre a resistência de materiais. Tentei anotar o máximo que pude sobre os tipos do calor nas aulas de Weber, incluindo

temperaturas, movimento térmico, teoria dos gases e outros. Ah, não me esqueci das aulas de Fiedler sobre geometria projetiva e teoria dos números.

Fico desnorteada diante daquela pilha de cadernos. Enquanto estava na Heidelberg, tentei me manter atualizada sobre o conteúdo da Politécnica, mas como poderia ter perdido tanta matéria assim? E como eu conseguiria acompanhar tudo isso? Eu não só tinha perdido uma das aulas mais importantes de Física ministrada por Weber como outras imprescindíveis para a base do primeiro semestre. Eu precisava dominar essa matéria antes de começar a me empenhar no conteúdo que vinha sendo ministrado no momento e nos que viriam depois. Pela primeira vez, percebo quão idiota foi de minha parte ter ido estudar em Heidelberg. Em como eu, tentando ser forte para não deixar um homem me desviar de meu próprio destino, acabei no fim das contas permitindo que ele ditasse meu futuro.

Sorriso para o senhor Einstein, mas minha angústia deve ter transparecido. Ele para de despejar as teorias que eu precisava aprender e os cálculos que teria de dominar e fica observando-me, olhando para fora de si por um raro momento. Ele leva a mão a meu braço com toda a precaução, tentando me animar.

– Senhorita Marić, vai ficar tudo bem. Eu vou ajudá-la.

Respiro fundo e digo:

– Obrigada, senhor Einstein. Foi muito generoso e gentil ao guardar todo esse conteúdo para mim.

Ainda mais considerando a forma como eu fui embora...

Ele meneia a cabeça, como que querendo dizer que não ficou chateado por minha súbita partida.

Com um tom solene que eu nunca tinha ouvido dele antes, o senhor Einstein diz:

– Não precisamos falar disso. Você sabe de meus sentimentos e já deixou bem clara sua posição sobre o assunto. Ficaria feliz se pudesse continuar contando com sua amizade. Eu não a poria em risco por nada.

– Obrigada – sussurro, mais dividida do que nunca.

Ele movimenta a mão de um lado para o outro, acariciando meu braço.

– Mas saiba que estou esperando. Caso mude de ideia.

Enquanto tento processar as palavras dele, o senhor Einstein afasta a mão de meu braço e volta a sorrir daquele jeito provocativo.

– Agora vamos ao trabalho, pequena fugitiva.

Capítulo 10

8 de junho de 1898

Zurique, Suíça

–COMO ELE PODERIA IGNORAR OS ÚLTIMOS TEÓRICOS?
Algo inconcebível para um homem da Ciência –

exclama o senhor Einstein para mim e para os senhores Grossman, Ehrat e Kollros durante uma conversa no Café Metropole. Enquanto o escuto, penso em como tudo continuava exatamente como estava antes de eu partir para Heidelberg. Ou melhor. Como o senhor Einstein havia prometido.

Olho ao redor da mesa e observo meus colegas de sala enquanto o senhor Einstein continua o raciocínio dele. O encontro em nossa cafeteria favorita toda sexta-feira depois da última aula se tornou um hábito, e meus colegas de classe se mostraram muito mais receptivos e amigáveis do que imaginei. E

mais humanos também. Fiquei sabendo que o senhor Ehrat só conseguia se manter na universidade graças ao trabalho árduo. O senhor Kollros, que veio da França, se parecia em vários aspectos com o senhor Ehrat, mas tinha um sotaque francês mais demarcado. Apenas o senhor Grossman, de família suíça aristocrata, era naturalmente dotado, especialmente na área da Matemática.

Entre um gole de café e, no caso deles, uma ou outra tragada no charuto ou no cachimbo, todos externaram a insatisfação em relação à insistência do professor Weber em abordar apenas as teorias clássicas da Física, recusando-se a aceitar as descobertas mais recentes. Pela expressão, o próprio senhor Einstein parecia enraivecido. Depois que teve certeza que Weber não abordaria nenhum tópico mais recente, como mecânica estatística ou ondas eletromagnéticas, e que se manteria nas teorias criadas pelo professor Helmholtz, muito benquisto por Weber, o senhor Einstein ficou furioso.

Enquanto ele reclama da postura de Weber, olho para o relógio. Eu precisava ir embora naquele exato momento, pois do contrário perderia o concerto com as meninas, e não queria quebrar esse compromisso que tinha com elas, como o senhor Einstein bem sabia. Chamo a atenção dele e olho para o relógio. Ele se levanta no mesmo instante.

Chapinhamos as poças d'água do chão enquanto corremos pelas ruas. Em meio a uma garoa, esbarramos nos guarda-chuvas e rimos, o que nos faz diminuir o passo rumo à pensão. Mesmo assim, conseguimos chegar apenas dois minutos atrasados, mas quando olho para a recepção, quase sem fôlego de tanto que corri, vejo que não há ninguém.

– Helene? Milana? Cadê vocês? – chamo. Será que estão no quarto nos esperando? Não consigo acreditar que elas desistiram por conta de um pequeno atraso. – Ružica?

– Qual é o motivo dessa agitação toda, senhorita Marić? – indaga a senhora Engelbrecht, saindo da cozinha com um pano de prato branco e verde nas mãos. Ela detestava barulho na pensão.

Faço reverência a ela e o senhor Einstein se curva à frente.

– Desculpe-nos, senhora Engelbrecht. Estou procurando pelas senhoritas Kaufler, Dražić e Bota.

Combinamos de tocar e o senhor Einstein vai tocar conosco. Elas estão no quarto?

Num gesto de aborrecimento, ela responde com uma fungada:

– Não, senhorita Marić. As senhoritas Dražić e Bota saíram para caminhar um pouco e a senhorita

Kaufler está na sala aos fundos com... – ela solta mais uma fungada – um pretendente.

Um pretendente? Quase não consigo conter o riso diante do “pretendente” da senhora Engelbrecht.

Talvez Helene tivesse convidado algum homem para a pensão, algum colega de classe ou algum parente, mas certamente não era um pretendente.

Escuto um barulho na sala de jogos e Helene me chama:

– É você, Mitza?

– Sou eu – respondo o mais baixo possível para não incomodar a senhora Engelbrecht.

Helene vem até a recepção com um sorriso de orelha a orelha estampado no rosto.

– Que bom que chegou. Quero apresentar uma pessoa.

Enquanto me puxa em direção à sala de jogos, ela nota o senhor Einstein atrás de mim e interrompe o passo:

– Ah, senhor Einstein, você veio também.

– Acho que vão precisar de meu violino para tocar Beethoven, sim? – sugere.

– Ah, o concerto! – ela leva a mão à boca. – Eu tinha esquecido totalmente. Perdoem-me. Vou ter de pedir desculpas para Milana e Ružica também. Elas estão com vocês?

– Saíram para caminhar – respondo.

– Ah, não. A essa hora? Devem estar furiosas comigo.

– Por favor, não se preocupe, Helene. Já faltei a nossos encontros musicais várias vezes. E vocês me perdoaram – afirmo, lembrando-a da própria compreensão dela. Para amenizar a preocupação de Helene, mudo de assunto. – Você disse que quer nos apresentar alguém...

– Ah, sim – ela volta a sorrir. Talvez fosse algum dos primos de quem Helene sempre falava.

Ela me puxa para a sala de jogos e aponta para o homem corpulento e de cabelo preto sentado em

uma das cadeiras ao redor da mesa de jogos. Ele se levanta e nos cumprimenta.

O homem se curva para o senhor Einstein, que veio atrás de mim até a sala de jogos e com um sotaque alemão bem demarcado se apresenta:

– Milivoje Savić, prazer em conhecê-los.

Depois que o senhor Einstein e eu nos apresentamos, Helene entra na conversa, a voz melosa e agradável.

– O senhor Savić e eu estávamos falando de você, Mitza. Eu disse a ele que minha melhor amiga era da Sérvia.

Relaxo um pouco ao escutar de Helene que sou sua melhor amiga, mas o elogio não atenua minha

preocupação em relação ao senhor Savić. Quem era esse homem e por que Helene estava tratando-o com tanta polidez assim? Eu nunca tinha ouvido falar dele, e em nossas conversas Helene nunca comentou que tinha um parente ou colega de classe com esse nome. Será que se tratava mesmo de um pretendente como a senhora Engelbrecht havia dito? A julgar pelo modo como Helene agia, rindo feito uma garotinha do colegial toda irrequieta diante do rapaz, pude apostar que a senhora Engelbrecht tinha razão.

– O senhor Savić é engenheiro químico de uma fábrica têxtil e está aqui em Zurique para observar a rotina de outras fábricas. Ele também é sérvio – explica, como se as raízes sérvias do homem pudessem esclarecer tudo.

Fico sem saber o que falar, confusa diante desse senhor e do modo como Helene age diante dele.

Até o senhor Einstein permanece estranhamente quieto diante da situação.

Em meio ao silêncio perturbador, Helene se atrapalha para preencher o vazio.

– Eu... eu acho que vocês dois devem ter muito em comum, Mitza.

Na minha língua nativa, ofereço as boas-vindas a ele como manda o costume sérvio.

– *Dobrodošao*. É muito bom encontrar um compatriota aqui em Zurique, senhor Savić.

– *Hvala.*

Helene e o senhor Savić viram um para o outro e retomam uma conversa que foi interrompida.

Espero eles concluírem, mas minha presença parece desnecessária, até indesejada.

– Com licença, precisamos nos retirar – digo, interrompendo a conversa íntima entre os dois. – O

senhor Einstein e eu temos algumas coisas para estudar.

Helene olha para nós dois como se tivesse acabado de lembrar-se de que continuávamos ali.

– Ah, sim, o trabalho da universidade! A senhorita Marić está aqui em Zurique para estudar Física, senhor Savić. E o senhor Einstein também.

O homem, surpreso, arqueia as sobrancelhas.

– Física? Que impressionante, senhorita Marić.

Diante da reação do homem, minha antipatia por ele começa a diminuir. A maioria dos homens se

retraía diante da ideia de uma mulher graduada em Física. Queria que o senhor Savić soubesse que Helene era igualmente formidável.

– Não tão impressionante quanto o conhecimento que a senhorita Kaufler tem de História, senhor Savić.

Ele a fita nos olhos.

– Estou ansioso para ver quanto a senhorita Kaufler sabe de História.

Helene esboça um sorriso largo para o senhor Savić e, durante o silêncio sepulcral que se instaura na sala, o senhor Einstein e eu saímos. Quando chegamos à recepção, ele sussurra para mim:

– O sotaque desse tal senhor Savić é bem carregado. Acho que mal conseguiria entender ele falando em alemão. Você não tem sotaque nenhum. Aliás, eu sempre quis te perguntar como você fala alemão tão bem.

– Meu pai fazia questão de que falássemos alemão em casa, afinal é a língua de prestígio do império austro-húngaro. Falamos sérvio somente com minha mãe e os empregados – explico baixinho, mas de modo inteligível.

Mas o que foi isso que acabei de presenciar?

No momento em que eu e o senhor Einstein atravessamos a sala de estar, Helene reaparece e agarra meu braço. Gesticulo para o senhor Einstein seguir em frente e não me esperar.

– Queria ter certeza de que não está chateada comigo – diz com um olhar de súplica.

– Por ter esquecido nosso interlúdio musical? Que bobagem. É como eu disse, não estou chateada,

não, de modo algum.

Ela arqueja.

– Que bom. Fiquei com receio de você estar brava comigo – sinto que algo a mais que o concerto a preocupa.

– Você não precisa voltar lá para... – será que me atrevo a dizer “seu pretendente”? Eu queria saber quem era esse homem, mas a curiosidade é abafada pela preocupação nos olhos de Helene.

– O senhor

Savić?

– O senhor Savić? – os olhos dela brilham. – Acho que devo voltar, não é?

– Como o conheceu?

– Ele passou aqui na pensão ontem. É que a família dele é muito próxima de uma tia minha e ela sugeriu que ele viesse fazer uma visita. Nossa conversa foi tão agradável, temos tanta coisa em comum que... Bom, ele perguntou se poderia voltar para me ver hoje e eu disse que sim – responde com um sorriso permanente.

– Você não falou nada sobre ele ontem.

– Achei que não deveria contar nada, até que ele apareceu mesmo hoje e as coisas mudaram – ela

faz uma pausa e o sorriso some. Helene se dá conta do que havia admitido sem querer.

– Ele é seu pretendente, Helene? – preciso saber. O que aconteceria com nosso pacto se ela se apaixonasse pelo senhor Savić?

– Não sei, Mitza. Eu... eu não quero quebrar nosso pacto, mas...
– ela gagueja e depois fica em silêncio.

– Mas o quê?

– Você me concede permissão para descobrir o que ele significa para mim? – pergunta com o olhar e a voz de súplica.

Sinto o estômago embrulhado. Eu esperava dela como resposta uma risada sarcástica. Ao que parecia, a única coisa que eu poderia esperar é que essa situação com o senhor Savić fosse passageira.

Ou que ele saísse da cidade em breve.

Senti vontade de gritar que não. Queria dar um chacoalhão nela e lembrá-la daquilo em que acreditávamos, que era possível ter uma vida profissional sem um marido. Mas o que mais eu poderia dizer a não ser “sim”?

– Claro que sim, Helene. Acho que é melhor eu voltar.

A saia de Helene rasteja no chão à medida que ela caminha em direção à sala de jogos. Fico observando-a até que a última sombra da minha amiga desapareça, como se tivéssemos acabado de nos despedir. E de certo modo é isso que acabou de acontecer.

Volto para a sala de visitas. O cômodo parece o mesmo de sempre: as cadeiras na cor damasco em

que meu pai e eu nos sentamos quando chegamos à pensão; o piano em que Milana tocava de modo tão diligente suas melodias; as poltronas bordadas em que Helene e eu sempre nos sentamos com os instrumentos em mãos. É quase como se eu pudesse ouvir os suaves acordes de Mozart, Bach, Beethoven e Vivaldi ecoando pelo ar. Mas ao mesmo tempo a sala parecia completamente diferente, como se tivessem apagado com uma borracha enorme as boas lembranças e os planos que aquele ambiente guardava.

Uma cratera enorme no futuro tinha acabado de se abrir.

Capítulo 11

8 de dezembro de 1899

Zurique, Suíça

OSENHOR EINSTEIN DESLIZA O ARCO NAS CORDAS DO VIOLINO. Apesar do gesto lento, quase lânguido, a

música preenche todo o ambiente. Fecho os olhos e sinto como se pudesse ver as ondas imperceptíveis reverberando pela sala de visitas, quase como os raios X recentemente

descobertos. Imagino as notas percorrendo meu corpo feito uma carícia.

Enrubesco. Imaginei a música me acariciando ou as mãos do senhor Einstein?

Afasto-me do senhor Einstein e do violino dele, me acomodo no banco do piano e observo as teclas.

Embora agora eu não esteja vendo-o embalar o instrumento, a música que o toca me comove. Não porque ele esteja tocando magnificamente bem, mas porque o som transborda emoção.

Balanço a cabeça, na tentativa de acordar e não mergulhar naquilo. Eu começaria a tocar em poucas notas e não permitiria que a presença do senhor Einstein me desconcentrasse. Todos os dias eu passava uma boa parte do tempo lutando contra esses impulsos, por isso não poderia me render assim, por conta dos acordes de uma música.

Meus sentimentos pelo senhor Einstein, reprimidos ao longo do último ano, não desapareceram. No

mínimo, tinham aumentado. Às vezes eu me perguntava se manter a amizade com ele não era loucura, já que ela só colaborava para pôr mais lenha na fogueira que eu vinha tentando desesperadamente apagar.

Eu escolhi trilhar meu caminho na Física, e o senhor Einstein não fazia parte dele, fiz questão de lembrar a mim mesma pela centésima vez só naquele dia. Porém não poderia ignorá-lo, afinal ele era meu parceiro de laboratório.

Meus dedos deslizam pelas teclas do piano, prontos para começar a tocar, quando vozes estridentes irrompem por toda a pensão. Tanto o senhor Einstein quanto eu nos assustamos com o barulho e paramos de tocar.

– Boba! Esse guarda-chuva é meu! – grita uma voz feminina, em tom de brincadeira.

– Sério? Parece o meu! – responde outra voz.

Eram Ružica e Milana.

Levanto do banco. As garotas tinham finalmente chegado, quarenta minutos depois do horário em que normalmente começávamos a tocar antes do jantar. Com cada vez mais frequência Ružica e Milana

alegavam não poder comparecer a esse nosso compromisso que antes era sagrado. As desculpas eram muitas, desde horas extras de estudo na universidade até aulas que terminam mais tarde do que o previsto, e às vezes diziam até que tinham simplesmente esquecido, mas a ausência delas nunca era fruto do acaso. Quando Helene não participava dos concertos, o que nesses tempos em que ela vinha estreitando laços com o senhor Savić era cada vez mais frequente, ou quando o senhor Einstein vinha para tocar conosco, Ružica e Milana não participavam dos encontros.

Aliso minha saia, respiro fundo para me acalmar – não quero, com minha decepção, afastar ainda

mais as meninas – e enfio a cabeça na porta da sala de visitas.

– Oi, meninas! O senhor Einstein e eu estávamos começando a tocar, torcendo para que vocês chegassem. Vamos?

Milana olha de lado para Ružica. O que ela quis dizer com isso? Antes, eu conseguia “ler” essas expressões delas com a mesma

facilidade com que eu fazia com meu pai, mas agora eram tão indecifráveis como hieróglifos. Será que Helene era a cola que mantinha todas nós grudadas? Se sim, aos poucos o adesivo que mantinha Ružica, Milana e eu juntas estava dissolvendo-se, transformando-nos em amigas distantes e companheiras de jantar. Mesmo quando sentávamos frente a frente durante as refeições, eu sentia falta delas.

Milana se pronuncia pelas duas.

– É um convite muito gentil, Mileva, mas Ružica e eu, lamentavelmente, temos muito trabalho para fazer. Acho que vamos ficar no quarto até que o jantar seja servido.

– Sim, Mileva. Nós não conseguimos nos manter tão dispostas como você quando dormimos pouco

– acrescenta Ružica com uma ligeira piscadela. Elas sabiam que eu passava a noite estudando, com a janela aberta para conseguir me manter acordada. Das duas, Ružica era a que se mantinha mais amigável.

Elas me lançam o mais cortês dos sorrisos, o tipo que normalmente se reserva para as tias mais conservadoras, não para uma amiga do peito, e sobem as escadas rumo ao quarto delas. Volto para a sala de visitas, magoada e enraivecida. O senhor Einstein e eu tínhamos saído do Café Metropole onde semanalmente encontrávamos nossos colegas de sala, recusando o convite deles para uma caminhada, justamente para encontrar as meninas para nosso concerto. E era esse o tratamento que eu recebia? O que eu tinha feito para merecer tamanha rejeição, mascarada nessa gentileza toda?

Volto para a sala de visitas e me jogo no banco do piano. Posiciono os dedos nas teclas e, com o senhor Einstein olhando para mim, começo a música que eu estava prestes a tocar antes de ouvir a voz estridente das meninas. Deposito toda a minha

raiva nessas notas, até que aos poucos a fúria escoava pela música e meus dedos tocavam os últimos acordes.

– As garotas estão muito ocupadas para tocar conosco – comenta o senhor Einstein. Ele ouviu tudo.

O que as meninas disseram. E o que eu disse.

– Sim – afirmo meio distraidamente. – Pelo menos foi o que disseram.

Por que Ružica e Milana decidiram me excluir de tudo? Eu não conseguia entender o que eu tinha

feito para fazê-las agir assim. Afinal de contas, meu relacionamento com Helene permanecia o mesmo, apesar do tempo que ela passava com o senhor Savić. O *affaire* entre os dois tinha sido um baque para mim, mas não pude me opor quando vi a alegria irradiante no rosto dela.

De súbito, paro de tocar. Talvez fosse o senhor Einstein. Com a ausência cada vez mais frequente de Helene, ele se tornou mais presente. Será que Ružica e Milana não gostavam dele? Não gostava do jeito desleixado e estranho, do atrevimento, das piadas e da presença constante dele na pensão? Eram essas características irreverentes do senhor Einstein que me aproximaram dele. Será que eu estava pagando o preço por isso?

– O que foi? – pergunta ele.

– Nada – respondo.

– Senhorita Marić, somos amigos já faz um tempo. Não precisa mentir.

Engano do senhor Einstein. Toda vez que conversava com ele, todos os dias, eu tinha de mentir. Com as palavras e com o

corpo. Criei uma Mileva Marić que era apenas colega de sala e amiga dele. E menti para mim mesma, querendo provar que, se eu conseguisse fingir que não me importava com a presença dele, logo isso se tornaria verdade.

Estava cansada de fingir.

Olho para ele. O senhor Einstein está no sofá ao lado da lareira, o lugar de sempre dele, afinando o violino. Observo enquanto ele segura com delicadeza o braço do instrumento e ajusta as cravelhas, fumando o cachimbo o tempo todo. Enquanto ele bafora a fumaça no ar e dedilha as cordas, percebo que meus sentimentos por ele só aumentaram desde que fui para Heidelberg. Por que eu insistia em sustentar essa mentira? Pelo meu pai? Pelas promessas que fiz a Helene e que ela mesma havia quebrado? Além de meu pai, a opinião de Helene tinha sido fundamental para que eu resistisse às investidas do senhor Einstein, e eu a havia perdido para o senhor Savić. Eu tinha sacrificado o senhor Einstein – e a possibilidade de um amor que jamais imaginei que teria – por nada? Por uma vida solitária exercendo uma profissão solitária? Certamente, Ružica e Milana não seriam o prêmio de consolação por Helene nem pelo senhor Einstein. Eu costumava ter certa visão romântica da vida científica, mas agora já não tenho mais.

Dessa vez, as coisas não seriam como em Sihlwald. Eu não seria pega de surpresa. Não fugiria.

Agarraria essa oportunidade com as duas mãos e vislumbraria a vida dos meus sonhos.

O senhor Einstein para de tocar o violino e olha para mim. Eu me aproximo e sento na cadeira ao

lado dele. Inclino o corpo à frente, deixando o rosto bem perto do dele para poder sentir sua respiração nas minhas bochechas e o bigode em meus lábios. Ele não se mexe. Sinto um frio na barriga. Será que é tarde demais?

– Tem certeza, senhorita Marić? – sussurra. Sinto a respiração dele na minha pele.

– Acho que sim – gaguejo. Fico apavorada.

Ele agarra meus braços.

– Senhorita Marić, estou perdidamente apaixonado por você. Prometo que meu amor jamais atrapalhará sua carreira. Na verdade, meu amor só vai impulsioná-la ainda mais. Juntos, formaremos o casal boêmio ideal. No amor e no trabalho.

– Mesmo? – pergunto com a voz trêmula. Será que o senhor Einstein e eu poderíamos construir uma

vida com a qual eu nunca havia sonhado? Talvez uma vida ainda melhor do que aquela que eu havia planejado?

– Mesmo.

– Então tenho certeza – respondo sem fôlego.

Ele leva seus lábios aos meus com a mesma doçura com que embalava o violino. Lábios macios e

carnudos, exatamente como eu recordava. Retribuo e nos beijamos.

– *Izgoobio sam sye.*

Estou perdida.

Capítulo 12

Dois anos depois

12 de fevereiro de 1900

Zurique, Suíça

–PROMETO QUE ELE VIRÁ PARA A AULA AMANHÃ,
PROFESSOR WEBER – imploro para que Weber perdoe a

ausência de Albert, a terceira na mesma semana.

– Seria muito fácil compreender a ausência dele, senhorita Marić, se eu acreditasse que ele está doente. Mas não sei se a senhora está lembrada que ele faltou na semana passada devido a um suposto ataque de gota, e eu o vi em uma cafeteria da Rämistrasse no caminho de volta para casa. Ele parece estar bem para frequentar a cafeteria, mas não para frequentar as aulas – Weber parece soltar fogo pelas narinas, e então percebo que não vai adiantar muito insistir.

– Dou minha palavra, professor Weber. E o senhor não tem motivos para duvidar da minha palavra,

certo?

Weber arqueja, parecendo mais um touro bufando.

– Por que insiste em protegê-lo, senhorita Marić? Ele é apenas seu companheiro de laboratório, não seu dono. O senhor Einstein é esperto, mas acha que ninguém tem nada a ensinar para ele. O professor Pernet anda muito mais irritado com o comportamento do senhor Einstein do que eu.

Mesmo que meus apelos não resultassem em nada, pelo menos eu sabia que nossa estratégia vinha

funcionando; Weber acreditava que Albert e eu éramos apenas colegas de sala. Tentamos manter nossa relação em segredo, escondendo dos colegas da universidade e dos amigos também, limitando as demonstrações de afeto a uma troca de olhares aqui e ali, ou roçando a mão um do outro debaixo da mesa no Café Metropole. Eu não queria que os colegas de sala e os amigos de Albert passassem a me tratar de modo diferente como tantas vezes acontecia quando amigos viravam namorados. Como se a

capacidade intelectual das pessoas desaparecesse nesse processo de transição. Eu suspeitava que o senhor Grossman soubesse – uma vez, sem querer, peguei a mão dele em vez da mão de Albert –, mas ele continuava a me tratar da mesma forma.

Pela pergunta que fez, senti uma ligeira abertura no sempre impenetrável Weber. Decido arriscar, mesmo sabendo que poderia irritá-lo, e insisto um pouco mais:

– Por favor, professor.

– Tudo bem, senhorita Marić. Mas isso põe em risco sua ótima reputação. É uma aluna que tem futuro. Sua capacidade e seu empenho vão levá-la longe. Até superou a estranha decisão de passar um semestre em Heidelberg. Tenho esperanças em seu futuro.

Sentindo certo alívio diante da decisão de Weber a respeito de Albert, e um pouco surpresa pelo elogio, especialmente porque, um ano depois de ter voltado de Heidelberg, eu ainda me via às voltas com a matéria, começo a agradecê-lo. É aí que percebo que Weber ainda não terminou.

– Avise o senhor Einstein que, se ele não vier à aula amanhã, ele não só porá a própria reputação em risco, como a sua também.

– Minha bonequinha – chama Albert bem baixinho enquanto entro na sala de visitas da Engelbrecht

Pension. Ele adorava me chamar de bonequinha. Lá está ele, bem acomodado no sofá, com um livro apoiado no joelho e o cachimbo no canto da boca. Esperando por mim.

Não respondo com o apelido de Johnnie como o costume chamar, o diminutivo de *Jonzerl*. Na verdade, não sinto a menor vontade de responder a ele.

Eu estava furiosa porque tinha colocado em risco minha reputação, uma vez que Albert tinha decidido faltar às aulas de Weber para estudar por conta própria. Albert acreditava que eu e ele juntos poderíamos resolver os principais enigmas científicos, mas para isso eu precisava continuar indo às aulas para trazer as anotações dos tópicos tradicionais que Weber sempre abordava, enquanto Albert passava o tempo com físicos mais novos. O plano dele considerava que partilhássemos antigas e novas teorias, e atualmente estávamos explorando a natureza da luz e do eletromagnetismo. Eu costumava me sentir entusiasmada em podermos participar desses experimentos como um casal moderno e boêmio, embora isso significasse ficar acordada até tarde para dar conta de mais essa tarefa, sendo que eu já tinha muito o que estudar por conta do período que passei fora, em Heidelberg. Até o momento.

Deixando de lado o exemplar do livro do físico Paul Drude que compartilhávamos, ele segura minha mão e a pressiona contra a bochecha.

– Essa mãozinha está congelando. Vou esquentá-la para você.

Continuo sem dizer nada. Quando ele gentilmente tenta me acomodar no sofá, a seu lado, permaneço em pé.

– Como foi lá com o Weber, bonequinha?

Normalmente, eu adorava ouvir ele me chamando assim, com aquele sotaque. Mas hoje o bonequinha me irritou. Eu me senti mais como uma marionete do que uma boneca estimada.

– Não muito bem, Albert. Weber concordou que você vá à aula amanhã se eu desse a minha palavra

e colocasse minha reputação em risco. E foi o que eu fiz.

Ele solta minha mão e levanta-se para me olhar de frente.

– Acho que fui longe demais no que pedi para você, bonequinha. Desculpe-me.

– Falando sério, Albert, um de nós precisa ter o diploma para que seus planos para nós dois funcionem. Do contrário, como vamos suportar um ao outro? Nenhum dos dois vai poder dar aula de Física se você repetir por faltas e eu repetir porque prometi que você compareceria às aulas – repreendo, mas era difícil me manter firme diante do pedido de desculpas e da súplica no olhar dele. Eu era fraca. E

ele sabia disso.

– Venha aqui, bonequinha.

Dou um passo pequeno e hesitante na direção dele, recusando-me a olhar para aqueles olhos persuasivos.

– Mais perto, por favor.

Estendo o pescoço para ver se há alguém na entrada. Se alguém nos visse tão perto assim, minha reputação com o pessoal da pensão iria a pique. Contato físico era a pior violação que se poderia cometer de acordo com o código de conduta da senhora Engelbrecht.

Dou mais um passo e ele me puxa com força. Sussurrando em meu ouvido, diz:

– Você é muito boa para seu Johnnie. Prometo que nunca mais vou pedir isso de novo.

Sinto um arrepio percorrer a espinha. Inclino o corpo à frente. No momento em que nossos lábios se encontram, a porta da frente bate e nos afastamos no mesmo instante. Ružica e Milana enfiam a cabeça pelo cantinho da porta da sala, para verificar se está vazia. Assim que veem que Albert e eu estamos lá, com muita gentileza e também frieza, elas saem e vão direto para a

sala de jogos. Somente Helene vinha nos tratando bem nos últimos tempos, e naquele dia ela estava na Sérvia, visitando a família do senhor Savić. Os dois tinham acabado de ficar noivos.

Albert sabia quanto o comportamento de Ružica e Milana me chateava. Ele segura minha mão:

– Não se preocupe, bonequinha. Elas só estão com ciúmes. Helene tem o senhor Savić e você tem a

mim. Elas só têm uma à outra.

Aperto a mão dele.

– Tenho certeza de que é isso, Johnnie – não me atreveria a dizer a ele que eu suspeitava que o problema fosse justamente ele.

– Temos mais tempo para nossos estudos, bonequinha. Pense pelo lado positivo.

Sentamos no sofá, as pernas próximas, mas sem tocar uma na outra, e trocamos anotações. Ele fica empolgado com o que conto sobre as aulas de Weber e eu fico encantada com as descrições de Drude sobre as diversas teorias da eletricidade. Drude debate acerca da natureza da luz, defende que há outra questão sobre a natureza do vazio do Universo, e isso vai de encontro a minha opinião sobre os segredos de Deus escondidos nos cantos da Ciência, uma crença de que Albert certamente debocharia, mas sobre a qual eu tinha certeza. Seria a luz feita de partículas minúsculas ou de éter, como defendia Newton, ou seria um tipo de deslocamento oposto ao vácuo, um fluido invisível que nos cerca, como acreditava René Descartes? Ou seria como a ideia que nos intrigava de James Clerk, de que seria a luz uma dança de campos elétricos e magnéticos interligados? E poderia a ideia de que os raios de luz são oscilações eletromagnéticas ser provada por equações matemáticas? Viramos a teoria do eletromagnetismo de cabeça

para baixo e, seguindo minha sugestão, decidimos nos debruçar sobre ela por meio de uma análise matemática. Albert e eu acreditávamos na simplicidade acima de tudo, evitando assim ideias complicadas sempre que possível – algo que eu tinha de lembrar a Albert o tempo todo, já que vira e mexe ele voltava para as tangentes.

O sino do jantar toca. Embora eu o tenha escutado, queria mais um momento com Drude. Quando pulo para a última página do livro, querendo verificar as referências, uma folha de papel cai no chão. Ao me abaixar para pegá-la, sinto um aroma floral forte. Observo a folha mais de perto e, em vez da caligrafia confusa de Albert, vejo uma letra que desconheço.

Quem escreveu essa carta com cheiro adocicado que Albert cuidadosamente dobrou e guardou dentro do livro de Drude? Sentindo um frio na barriga, eu a abro. Vejo que o bilhete tem características femininas. Rezo para que seja da irmã dele, Maja, a única da família dele que era a favor de nosso relacionamento. Torço para que não seja da mãe de Albert.

No último outono, os pais de Albert, Paulin e Hermann, passaram em Zurique, cidade que fazia parte do roteiro da viagem deles para deixar Maja em Aarau, Suíça, onde ela estudaria e moraria com os Winterler, amigos de longa data da família. Maja, esperta e meiga, e eu nos identificamos de imediato.

Ela lembrava minha irmã Zorka, e à medida que conversávamos vimos que tínhamos muitas coisas em comum.

O mesmo não aconteceu em relação ao pai imponente e à mãe dura, dogmática e explicitamente burguesa de Albert. Certa tarde, quando ele me apresentou aos pais durante um chá numa cafeteria da cidade, ela me cumprimentou com um sorriso de desprezo que fez minhas bochechas corarem e, com os olhos cinzentos que combinavam de modo ímpar com o vestido cinza, me olhou dos pés à cabeça. Sob o olhar firme e intimidador dela, me senti pequena, insignificante e feia.

A princípio ela se manteve em silêncio, o que me fez olhar para o pai de Albert, imaginando que ela estivesse esperando ele falar comigo primeiro como estabelecia o protocolo. Porém logo percebi que, embora o pai de Albert, com o bigode cuidadosamente encerado e à moda pincenê, tivesse uma aparência temível, era a senhora Einstein quem estava no controle. Talvez os diversos investimentos falidos do senhor Einstein tivesse reduzido a autoridade dele ante à esposa, ou talvez essa fosse simplesmente a ordem natural da relação dos dois.

– Então esta é a famosa senhorita Marić – diz a senhora Einstein, finalmente. Para Albert, não para mim. Era como se eu nem estivesse ali na cafeteria.

– Sim, é ela – responde Albert.

Ao ouvir o tom com que Albert responde, relaxo o suficiente para dizer:

– É um prazer conhecê-la, senhora Einstein. Seu filho fala muito da senhora, sempre com bastante carinho.

Ela aceita o elogio acenando ligeiramente com a cabeça em direção a Albert, depois, com um olhar de soslaio, pela primeira vez se dirige a mim.

– Sua família é de... – Ela faz uma pausa proposital, como se o simples fato de mencionar o nome

de minha cidade natal causasse dor – Novi Sad, é isso?

– Sim, foi lá que cresci... Pelo menos por certo período. E onde meus pais moram – respondo, esforçando-me para esboçar um sorriso.

Mais uma pausa, dessa vez longa. Até que ela acrescenta:

– Soube que é tão dedicada aos livros quanto o Albert.

Não foi um elogio. Não sei como reagir. Albert me dizia que a mãe, embora fosse uma burguesa no

sentido mais pejorativo do termo, era inofensiva. No entanto, pelo último comentário dela, estava nítido que as coisas não eram bem assim. A senhora Einstein exercia poder insidioso sobre a própria família e planejava aplicá-lo também em relação ao que envolvia o filho, o que não era um bom sinal, visto que a antipatia dela por mim estava evidente.

E o que eu tinha feito para que ela não gostasse de mim? Seria o fato de eu não ser judia? Albert havia me dito que a família dele não era tradicionalmente religiosa, então imaginei que essa não seria a principal razão. Ou será que a senhora Einstein não me aceitaria por eu ser uma universitária, em vez de uma jovem mais tradicional que deveria estar preparando-se para o casamento? Logo também descartei essa possibilidade. Os pais de Albert também planejavam a educação universitária para Maja. Talvez a mãe de Albert me rejeitasse pelo simples fato de eu ser do leste europeu.

Respondi de maneira simples aos comentários dela, mas me ocorreu que nada do que eu dissesse poderia mudar o modo como ela me tratava. A senhora Einstein estava decidida a não gostar de mim.

Assim, decidi encarar a realidade dos fatos.

– Se quis dizer que levo os estudos a sério, senhora Einstein, está certíssima.

Albert, percebendo que aquela conversa culminaria em um desastre, interveio.

– É a senhorita Marić que me mantém nos trilhos, mamãe.

Como a mãe não mordeu a isca, Albert rapidamente mudou de assunto e começou a falar de Aarau e

dos Winterler. Enquanto ele, a mãe e a irmã conversaram, o senhor Einstein gesticulou para que eu me sentasse e me serviu chá. Enquanto bebericamos nas xícaras fumegantes e fingimos ouvir a conversa dos

outros, a cortesia e a naturalidade dele esbarram na postura da esposa, então trocamos uma ou outra gentileza. A senhora Einstein não hesitou em mostrar pelo olhar que ele seria penalizado por tudo aquilo.

Tento não pensar nessa conversa desagradável com a mãe de Albert e pego a carta para verificar quem a assinou. De cara, fico aliviada. Não foi a mãe dele quem a escreveu. Mas aí também percebo que não é de Maja. Quem a assina é Julia Niggli.

O convite para conhecer lugares agradáveis nas horas livres é muito tentador. Gostaria de visitá-lo em Mettmenstetten, caso vá se hospedar por lá com sua família no fim de agosto. Por favor, me escreva dizendo quais são seus planos.

Saudações carinhosas,

Julia Niggli

Quando viro a página para ler a primeira folha, Albert me pergunta:

– Que teoria brilhante de Drude chamou tanto assim a sua atenção?

– Não foi Drude quem chamou minha atenção, Albert.

– Não?

– Não. Foi Julia Niggli.

Ele não diz nada. Mas as bochechas ficam vermelhas.

Enfio a carta na mão dele.

– Conheço bem seus “lugares agradáveis” e me dá calafrios só de pensar que você anda fazendo isso com Julia Niggli, seja lá quem ela for. Como explica isso?

Ele olha para o papel e depois o devolve para mim.

– Olha o cabeçalho, bonequinha. Que data está escrita aí?

– Três de agosto de 1899 – balanço a cabeça, enojada diante do que vejo. – Mesmo período em que

– você me enviou cartas de Aarau, enquanto eu estava no Spire, em Kač – eu me lembro bem dessas cartas que recebi de Albert. Na verdade, eu tinha até decorado algumas delas. No verão passado, fiquei trancafiada no Spire enquanto a escarlatina se espalhava pelo interior, e as cartas de Albert tinham sido meu único consolo.

– Exatamente. Eu estava em Aarau e em Mettmenstetten com minha família no verão passado e, como você bem sabe, eles já sabiam de nosso namoro. Por Deus, minha mãe e minha irmã Maja até escreveram mensagens para você que foram enviadas junto às minhas cartas. A senhorita Niggli era uma amiga da família com quem eu tocava violino às vezes. Nada além disso.

A explicação dele até fazia sentido, mas minhas suspeitas continuavam latentes.

– E por que continuou a escrever para ela?

– Porque ela estava procurando um emprego como governanta e minha tia estava procurando por uma. Coloquei as duas em contato.

De repente, me sinto uma ridícula. Por que deveria duvidar de meu Johnnie? Ele nunca me deu motivo para desconfiar dele, mesmo quando tentei, por um bom tempo, afastá-lo de mim. A única preocupação que eu tinha não era em relação ao sentimento de Albert por mim, mas à teimosia em faltar às aulas de Weber e às perspectivas de seu futuro profissional. Começo a me desculpar quando ele me interrompe.

– Não, bonequinha. Você não tem do que se desculpar. Eu agiria do mesmo modo se achasse uma carta de um homem dentro de um livro seu. O ciúme é um sentimento terrível e imprevisível, mesmo quando se confia em quem a gente ama. Por favor, saiba que o último verão, em meio aos filisteus, ao

mundo vazio de minha família e de seus amigos insossos, como a senhorita Niggli, só fez meu sentimento por você crescer.

– Jura?

– Sim, bonequinha.

– Mesmo quando seus pais pedem para você largar essa estrangeira e encontrar uma mulher mais apropriada pra você? – depois que a mãe de Albert percebeu que meu relacionamento com ele não era passageiro e depois que me conheceu pessoalmente no último outono, os cumprimentos sempre gentis, apesar de distantes, que eu recebia nas cartas delas, tinham-se transformado em advertências claras e estridentes para que Albert encontrasse uma namorada mais “apropriada” neste inverno. A insistência da mãe dele criava um nó em meu estômago difícil de ser desatado. Apenas Maja me enviara saudações nas cartas que Albert havia escrito durante o período em que estivemos distantes. – Talvez uma Julia Niglli?

– Bonequinha, meus pais nunca me empurraram para a senhorita Niggli nem para nenhuma outra garota, apesar de saberem de seu interesse pelos estudos. Eles sabem o que é melhor para mim. Sabem que eu te amo.

Sorrio e fico olhando para ele. Por um bom tempo. No momento em que desvio o olhar, vejo a expressão de indignação da senhora Engelbrecht.

– Ah, senhorita Marić. Eu deveria supor que a senhorita estava escondida aqui na sala de visitas com o senhor Einstein. Isso explica por que a senhorita não ouviu o sino tocar – raramente eu via a senhora Engelbrecht tão enraivecida. Mas eu lhe tinha dado motivos. – As senhoritas Dražić e Bota estão esperando.

– Peço desculpas, senhora Engelbrecht. Vou para a sala de jantar agora mesmo – faço uma reverência, gesticulo para o senhor Einstein e saio o mais rápido que posso. – Boa noite, senhor Einstein.

Ao deixá-los sozinhos na sala de visitas, ouço a senhora Engelbrecht dizendo para Albert:

– O senhor se tornou figura fixa por aqui, senhor Einstein. Acho que vou começar a cobrá-lo pelas horas e horas que passa aqui em minha sala de visitas.

A senhora Engelbrecht não parecia querer ter um diálogo educado. Paro para ouvir a conversa entre os dois.

Albert demora um tempo para falar.

– Sinto muito se a aborreci, senhora Engelbrecht. Sempre tomo o cuidado ou de sair antes do início do jantar ou de fazer visita só depois de este estar terminado, como manda as regras de sua casa.

– O senhor sempre tem o cuidado de observar as regras, senhor Einstein, mas temo que não seja sua intenção obedecer a essência delas – o tom de voz da senhora Engelbrecht é cada vez mais duro e frio; ela está prestes a ferver. – Atente-se para obedecer às regras como um todo no que se refere à senhorita

Marić. Ela está sob minha responsabilidade e eu sou um corvo vigilante.

Capítulo 13

27 de julho de 1900 e 10 de agosto de 1900

Zurique, Suíça, e Kać, Sérvia

OVAPOR DO TREM SE PROPAGA PELA ESTAÇÃO. Por um segundo, um vagalhão se forma entre Albert e

mim, impedindo-me de vê-lo. Sinto a mão dele segurando a minha, e nos divertimos por não poder ver um ao outro apesar de estarmos a apenas alguns centímetros de distância.

Aos poucos, as lufadas espessas de fumaça desaparecem no ar, revelando Albert, devagar.

Primeiro aparece o emaranhado de cachos na cor chocolate. Depois, o bigode que esconde os lábios carnudos. E por fim, os olhos castanhos e profundos, suplicando atenção, beijos, promessas... Eu estava prestes a passar os próximos dias sem aquele olhar.

– São só dois meses, minha pequena feiticeira – diz.

Pequena feiticeira, pequena fugitiva, moleca. Agora, além de bonequinha, eu era muitas outras coisas também. Albert tinha uma série de apelidos para o intelecto boêmio que via em mim. Ele adorava o fato de eu ser diferente de todas as outras mulheres que conhecia, especialmente aquelas com quem ele passaria os próximos dois meses: a irmã, a mãe, a tia e o resto da trupe. Eu me esforcei o máximo que pude para ser a mulher ideal para ele, mesmo que isso prejudicasse meus estudos.

– Eu sei, Johnnie. Vou ter muito o que fazer por aqui, então tenho esperança de que os próximos meses passem rápido. Mas,

mesmo assim...

Albert podia se dar ao luxo de passar esses meses do verão fora. Depois de devorar tudo que eu havia anotado durante as aulas que ele perdeu, Albert passou na prova oral final; só faltava finalizar a tese, caso assim ele optasse. Entretanto isso não aconteceu comigo. O semestre em Heidelberg – que agora parecia a pior besteira que fiz ao tentar fugir do inevitável –, somado a todos os projetos extracurriculares de pesquisa, me deixaram um passo atrás de Albert. Ele poderia seguir adiante, procurar uma oportunidade de trabalho ou se aprofundar nas pesquisas que empreendemos juntos, mas eu precisaria fazer as provas finais no próximo mês de julho, caso essa possibilidade fosse oferecida. Para que esse tempo extra valesse a pena, decidi que passaria o ano seguinte não só estudando para as provas, como trabalhando na tese com o professor Weber. Desse modo, quando eu terminasse, eu teria tanto o diploma de Física quanto o título de doutora.

– Mas mesmo assim... – ele repete meu murmúrio, mas não precisa dizer mais nada. Naquela manhã, Albert tinha preparado uma lista com todas as coisas que ele perderia nesse período em que ficaríamos longe um do outro. As longas tardes procurando entender as regras do Universo. Os beijos e abraços roubados que trocávamos quando tínhamos certeza de que a onipresente senhora Engelbrecht estava ocupada demais para nos vigiar.

Eu teria muito com o que ocupar a cabeça nos meses de verão, mas seria um período difícil.

Enquanto Albert estaria passeando com a família por cidades pitorescas de Sarnen e Obwalden, eu estaria me matando de estudar no Spire em Kač, na companhia esporádica de meus pais, de Zorka e Miloš. Era engraçado perceber que o lugar que eu mais amava tinha se transformado num exílio. Meu futuro estava bem ali, diante de mim, e eu detestava ter de deixá-lo de lado, mesmo que por um instante.

O trem lança mais uma lufada de vapor. Albert e eu nos perdemos de vista pela última vez. Sinto os braços dele envolvendo minha cintura e, em meio ao véu de fumaça, ele me beija. Uma série de lembranças me vem à cabeça, e penso em todas as noites que tivemos de nos conter.

– Como tive a sorte de encontrar você? Uma pessoa tão ousada, inteligente e determinada como eu?

– sussurra em meu ouvido.

Sinto a mão dele nas minhas costas, conduzindo-me em direção aos degraus para subir no vagão do

trem. Corro até meu assento para poder vê-lo pela última vez pela janela. Lá está ele, triste e abandonado na plataforma, com uma pilha de malas ao redor. O trem em que ele partiria sairia dali a três horas, mesmo assim Albert insistiu em me acompanhar até a estação e esperar. Zurique, nas palavras dele, não era nada sem mim.

– Senhorita Marić, o jantar está servido – chama pela escada a nova copeira da pensão. Nestas últimas três semanas, passei a maior parte do tempo trancafiada no quarto. Sei que os empregados da pensão me achavam estranha por estar lendo em vez de socializando ou passeando como as outras meninas. Eu percebia o olhar enviesado deles quando me viam lendo ou isolada.

– Já desço – respondo.

Eu queria passar mais um tempo com a carta que tinha acabado de receber de Albert. Eu sabia que

meus pais perguntariam sobre ele, e Zorka e Miloš também pegariam no meu pé. Eu precisava me manter calma e serena para enfrentar o interrogatório de meus irmãos, para encher Zorka de perguntas sobre a escola e para indagar Miloš sobre

seus jogos favoritos. Eu não poderia me debulhar em lágrimas quando eles me perguntassem sobre Albert.

E ele tinha mesmo me mandado uma mensagem tão perturbadora? Ele não sabia que seria uma tortura eu ter acesso a todos os detalhes da reação dramática da mãe dele ao saber que estávamos planejando nos casar? Imaginar a mãe dele jogando-se na cama, chorando histericamente ao saber da novidade, depois destilando insultos contra mim – que eu destruiria a vida do filho, que eu era completamente inadequada para ele – era quase insuportável. Eu já sabia que os pais de Albert desejavam que ele se casasse com uma judia, ou no mínimo uma mulher de raízes alemãs que pudesse mimá-lo do mesmo modo que a mãe dele sempre fez, mas nenhum de nós poderia imaginar que a notícia de nosso casamento causaria tamanha perturbação. A senhora Einstein tinha vários preconceitos contra mim: a educação cristã ortodoxa que recebi, minha capacidade intelectual, as origens eslavas, minha idade e a perna manca. Tudo aquilo que suspeitei desde a primeira noite em que a vi se confirmava cada vez mais.

Mas a pior acusação foi alegar que eu estava grávida. Que tipo de garota ela imaginava que eu era e que tipo de família ela achava que era a minha? Mesmo que Albert e eu quiséssemos consumir nosso

sentimento, a senhora Engelbrecht nos rondava feito um abutre, portanto isso era impossível. E Albert e eu acreditávamos que o maior obstáculo para nossa união seria encontrar um trabalho. Ledo engano.

Será que conseguiríamos superar todas essas objeções ilógicas e histéricas?

Meus olhos se enchem de lágrimas. Os preconceitos e os ataques de raiva da mãe de Albert poderiam nos separar? Com certeza ele não permitiria que isso acontecesse. Meu consolo era

saber que ele continuava fiel a nossos planos apesar da histeria da mãe. E que ele me amava e sentia saudades.

Ainda era meu Johnnie. Juntos encontraríamos um caminho.

Solto um suspiro de alívio e desço a escada caracol. Eu me acomodo em meu lugar à mesa, perto de meu pai e, junto a todos, faço a oração que precede a refeição. Enquanto aguardamos Ana nos servir *čevapi*, espero ser bombardeada por uma série de perguntas e um punhado de piadinhas, como acontece quando recebo uma carta de Albert. Mas estranhamente ninguém abre a boca. Será que não perceberam que havia chegado uma carta?

Permanecemos o jantar inteiro em meio a um silêncio incomum e perturbador. Será que aconteceu

alguma coisa? Como eu não consigo suportar o ranger das facas nos pratos e o tilintar das colheres, tento me ocupar conversando com Zorka sobre seus planos para o próximo semestre. Minha irmã, embora não fosse brilhante, era uma boa aluna e tinha planos de estudar fora. Nosso pai vinha tentando incentivá-la a morar em Zurique comigo e cursar um semestre em um tipo de cursinho para se preparar para o *matura*, tipo de certificado de conclusão de curso que qualifica o estudante para o estudo universitário. Seria esse um jeito que meu pai teria encontrado de me proteger e ficar de olho em mim a distância? Em todos estes dias ele tem se mostrado preocupado com meus estudos e meu relacionamento com Albert.

No exato momento em que meu pai dá a última mordida em sua *gibanica*, a sobremesa servida naquele dia, minha mãe sai e leva Zorka e Miloš para o quarto com ela. Meu pai e eu ficamos sozinhos.

Levanto para me retirar também, mas meu pai intercede:

– Por favor, fique Mitza. Fique mais um pouco aqui comigo.

Volto a me sentar na cadeira e espero enquanto ele acende o cachimbo e bafora umas lufadas de fumaça.

– Vi que recebeu uma carta do senhor Einstein hoje.

Ele tinha percebido. E se meu pai tinha visto, os outros também tinham. Por que ninguém disse nada?

– Sim, papai – confirmo falando baixinho, esperando para ver onde meu pai quer chegar.

– Ele está procurando emprego?

– A pesquisa dele vai começar no outono, exatamente quando ele volta para Zurique. Por enquanto, Albert está passando as férias na Suíça, com a família dele.

– Férias? Por que esperar, Mileva? Um homem que deseja se casar tem de ter um emprego.

Ah, então era esse o rumo da conversa. Meus pais nunca conheceram Albert pessoalmente; nunca foram a Zurique, assim como Albert jamais visitou Kać, embora eu o tivesse convidado naquele verão e também no anterior. Ele sempre recusava o convite, alegando que precisava fazer a vontade dos pais durante as férias de verão porque ainda dependia deles. E eu nunca me opus a isso. Meus pais não confiavam em Albert; para os costumes sérvios, um pretendente manter a distância não era algo comum.

Embora eu pudesse compreender a preocupação de meu pai – na verdade eu me sentiria chocada se

ele agisse de modo diferente –, eu evitava seu questionamento. Albert e eu falávamos de casamento com muita frequência, mas eu sabia que ele precisaria da permissão de meu pai para que o pedido fosse levado a sério. Alertei Albert sobre isso, mas ele

insistia que primeiro precisava de um emprego para então formalizar o pedido de casamento.

– O senhor Einstein acredita que as oportunidades serão maiores no outono. A maioria dos acadêmicos está em férias agora.

– E ele vai fazer você esperar até lá? – por trás dessa pergunta, havia um julgamento. Meu pai nunca aceitou o fato de eu ter sucumbido a Albert depois do sacrifício de cursar um semestre em Heidelberg e, claro, havia ainda o fato de ele ser um pai superprotetor. E para completar, como era um estrangeiro judeu, Albert era uma incógnita para meu pai.

Será que meu pai tinha razão? Estaria Albert deixando-me de lado enquanto seguia o rumo da própria vida? Sempre confiei nele para nos conduzir por entre esse deserto boêmio. Eu sabia que meu namorado queria que eu fosse forte e independente, e implorar pelo comprometimento dele com nossa relação sempre me soou apelativo, uma demonstração de fraqueza e dependência. Fiz o meu melhor para executar bem o papel que Albert tinha me dado.

– Não vou ficar esperando por ele, papai. Tenho que estudar para as provas finais que vou fazer no próximo verão e também tenho que desenvolver minha tese.

– E vocês dois têm feito planos para o futuro?

– Sim, papai – respondo, esperando que soe com convicção. Albert sempre falava de como seria nossa vida depois da universidade – ele até já tinha dito à mãe que eu era a futura esposa dele –, mas nunca ouvi da boca dele nenhum plano de fato real, pronto para ser executado. Independentemente disso, eu precisava do apoio de meu pai, ainda mais porque a mãe de Albert não fazia a menor questão de esconder que era contra nosso relacionamento.

O olhar e o tom de meu pai se abrandam. Ele inclina o corpo à frente, aproximando-se mais de mim, e segura minhas mãos que, em contraste com a robustez dos punhos dele, parecem minúsculas.

– Quero ter certeza de que as intenções dele são verdadeiras. É meu dever como pai proteger você.

Com essas palavras, meu pai me faz voltar ao passado, ao exato momento em que o escutei conversando com minha mãe sobre minha perna manca e a “impossibilidade” de eu me casar. De repente, sinto raiva.

– É tão difícil assim acreditar que alguém pode me amar, papai? Que alguém pode querer se casar

comigo, mesmo com minha deformidade?

Boquiaberto e com os olhos arregalados, ele parece horrorizado com meu tom e minhas palavras. Eu nunca havia falado com ele desse modo.

– Mitza, não é isso que eu...

– Verdade? Sei que você e mamãe me acham deformada. Indigna de ser amada. É por isso que você

sempre me motivou a estudar. Deduziu que eu viveria sozinha para o resto da vida.

Ao enfatizar aquela palavra terrível, deformada, eu queria que ele soubesse que eu tinha escutado aquela conversa entre ele e minha mãe muitos anos atrás. Eu queria que ele compreendesse que, por mais que eu tentasse enterrar as crenças do passado e incorporar o espírito da visão moderna que prevalecia em Zurique, o rótulo que meus pais atribuíram a mim continuava sempre lá.

Lágrimas rolam pelas bochechas dele. Sei que meu pai entendeu.

– Mitza, eu sinto muito. Eu te amo, minha pequena Mitza, mais do que qualquer outra pessoa no mundo. O orgulho que sinto por você e por tudo que conquista é o combustível dos meus dias. Sei que você pode conseguir tudo o que quiser e que o fato de ter uma perna manca jamais será um empecilho, nem no trabalho nem no amor. Errei ao tentar protegê-la do mundo, pensar que o fato de ter uma perna manca faria de você uma pessoa mais fraca ou vulnerável. Ou que não se casaria.

Quase choro. Ao ver as lágrimas no olhar sempre firme de meu pai e sentir o tom de gentileza nas palavras dele, quase me entrego ao sentimento de exaustão, à necessidade de parecer sempre forte e de provar o meu valor. Senti vontade de correr para os braços dele e ser a pequena Mitza de novo, em vez daquela pessoa forte e independente em que tive de me transformar.

Mas em vez de fazer isso endireito a espinha e aperto a mão dele num gesto de confiança. Depois de todas as demonstrações de força, aquele não era o momento de mostrar fraqueza.

– Tudo bem, papai. Agora eu entendo.

Ele me envolve num abraço. Nos braços dele, ouço-o dizer:

– É errado querer o melhor pra você, Mitza? Querer um marido que a ame e proteja como eu?

Ainda abraçada com ele, olho-o meio de lado.

– Não, papai, claro que não. Mas por favor, entenda que esse marido será o senhor Einstein.

Ele segura meu queixo com a ponta dos dedos para olhar no meu rosto.

– Tem certeza?

Fito os olhos dele.

– Sim – sorrio. – Papai, ele também me incentiva a ser uma *mudra glava*.

Capítulo 14

4 de fevereiro de 1901

Zurique, Suíça

AMARAVILHOSA CORTINA DE NEVE QUE ENCOBRIA AS TORRES DE Zurique em nada ajudou a aliviar o

humor de Albert. Mesmo quando sugeri que, caso continuasse a nevar na manhã seguinte, fizéssemos um passeio de trenó em Üetliberg, ele resmungou. Nada, absolutamente nada, nem mesmo os dons da natureza poderiam melhorar seu humor.

– Sei que Weber é culpado disso – resmunga mais uma vez, fumando o cachimbo e bebericando o

café fraco que serviam no Café Sprüngli, conhecido principalmente pelos pães e salgados do cardápio.

Eu sentia muita falta do *Milchkaffee* servido no Café Metropole, mas Albert achava muito arriscado ir a nosso refúgio de sempre porque poderíamos encontrar com um de nossos antigos colegas e teríamos de falar sobre trabalho – e Albert ainda não tinha conseguido um.

– Ele deve ter enviado às universidades relatórios com críticas a meu respeito. Eu nunca deveria ter pedido que ele me recomendasse. Ele só aceitou para poder me prejudicar.

– Sei que é isso que você acha – repito mais uma vez. E o que mais eu poderia dizer? Albert não

toleraria nenhuma palavra para tranquilizá-lo, tampouco para motivá-lo, coisa que eu já havia tentado fazer.

– E qual seria o outro motivo para eu ter recebido essa pilha de cartas com respostas negativas?

Sendo que todos nossos colegas já estão trabalhando há meses? – indaga Albert. Com exceção de uma ou outra palavra diferente, eu vinha ouvindo essa ladainha há semanas, se não meses.

Feito um baralho, ele joga as cartas de rejeição em cima da mesa da cafeteria. Mas aqui, não se tratava de um jogo – era nosso futuro espalhado ali, bem à nossa frente. Como meu diploma ainda não estava garantido, já que eu precisava fazer as provas finais em julho, dependíamos completamente de Albert; ele precisava arranjar um emprego para que pudéssemos planejar nosso casamento.

– Não consigo pensar em nenhum outro motivo para toda essa rejeição, a não ser Weber – opino, embora não acredite completamente nisso. De fato, Weber não gostava de Albert, mas eu não achava que a falta de boas recomendações do professor fosse o único motivo para as rejeições. A maioria de nossos colegas de sala – na verdade, a maior parte dos graduados na Politécnica, não só os que obtinham o diploma de Física – garantiam uma posição profissional por meio dos professores e de ex-alunos, e além

de Weber, nenhum dos outros professores parecia disposto a colaborar com Albert. O desrespeito às regras da sala de aula e a imprudência em relação aos professores quando resolvia aparecer para as aulas o tornaram malquisto.

– E se você falar com o Weber sobre mim de novo? Para saber se ele não enviaria umas cartas com

recomendações melhores? – sugere, segurando minha mão. Weber e eu nos víamos toda semana por conta da minha tese.

– Johnnie, você sabe que eu faria qualquer coisa por você. Mas não acho que deveríamos nos arriscar – Albert sabia bem que eu não poderia insistir mais com Weber porque ele não cederia. Além disso, meu destino profissional também estava nas mãos dele, então eu tinha de manter uma boa relação com ele. Se eu tocasse no nome de Albert, minha boa reputação, que conquistei a duras penas, correria o sério risco de ir por água abaixo, bem como a possibilidade de eu passar nas provas finais naquele verão seriam reduzidas, especialmente porque Weber era o líder da banca que avaliava os exames orais, que eram muito subjetivos. E caso Albert não conseguisse um emprego, eu estava determinada a procurar uma oportunidade de trabalho. Eu precisava desfazer ao menos uma das objeções que os pais dele tinham em relação à nossa união.

Com um suspiro profundo, Albert solta minha mão e volta a fumar o cachimbo. Pelo que conhecia

dele, eu sabia que era melhor não o aborrecer em situações como essas. Quando começamos a receber rejeições, ele achou graça, até zombou e disse que aquilo era motivo de orgulho para um boêmio. Mas à medida que a pilha de rejeições foi aumentando e ele foi recusado para o cargo de assistente de professor de Física na Universidade de Göttingen, no Instituto Técnico Superior de Milão, nas Universidades de Leipzig, Bolonha e de Pisa e no Colégio Técnico de Stuttgart, para citar apenas alguns, a brincadeira perdeu a graça.

– As escolas alemãs estão tomadas pelo antissemitismo. Pode ser que este seja um dos motivos também – sugere Albert, uma possibilidade que ele já havia levantando. Ele gostava de se ver como uma pessoa não religiosa, apesar das origens e de saber que os outros não o viam assim.

Como fiz das outras vezes, concordo mais uma vez, pois era verdade. O antissemitismo estava presente em todas as instituições educacionais germânicas. Porém isso não explicava as inúmeras recusas de instituições italianas, mas eu não me atrevera a fazer esse comentário.

Aquelas dobrinhas ao redor dos olhos, tão típicas da expressão dele, desaparecem. Um silêncio perturbador se instaura entre nós. Perturbador para mim, pelo menos. Nunca soube o que fazer quando Albert ficava chateado desse jeito.

Olho ao redor, tentando me distrair com a decoração extravagante da cafeteria, o encosto de ferro das cadeiras e as mesas de mármore. O horário era meio estranho, entre o almoço e o jantar, e a cafeteria estava praticamente vazia. Os garçons, vestidos de branco, estavam todos juntos na parede dos fundos, mas pareciam relaxados, aliviados porque a cafeteria não estava cheia.

– Se pelo menos eu tivesse a liberdade de ir para onde eu quisesse... – murmura Albert, quase que

para si mesmo. Quase.

Olho para ele, atônita. Atônita demais para falar a verdade. Será que ele se referiu a mim? O que ele quis dizer com isso? Que eu tinha imposto certa limitação geográfica na pesquisa dele e que isso acabou causando todas essas rejeições? Ou que eu tinha feito algum outro tipo de exigência que estava comprometendo-o? Como ele ousa dizer isso? Eu vinha apoiando-o de modo incondicional, e dei a ele toda a liberdade para procurar um trabalho onde bem quisesse; prometi a Albert que iria para onde quer que ele fosse. Tinha até recusado uma proposta de trabalho de um antigo professor para dar aula em um colégio em Zagreb porque Albert não queria morar na Europa Oriental, alegando que nos distanciaríamos muito do coração da evolução científica. Concordei porque eu sabia que ele se sentia humilhado de ter de

me acompanhar por conta de uma oportunidade de trabalho, ainda mais porque ele próprio não conseguia um emprego. E em meio a tudo isso, eu tinha sofrido todo o peso da frustração em silêncio.

Nunca havia gritado com Albert e agora, quando as palavras finalmente vieram à tona, saíram como um sussurro. Completamente diferentes do turbilhão em ebulição dentro de mim.

– Eu nunca quis ser um obstáculo para sua carreira...

– Albert? Senhorita Marić? – uma voz me interrompe. Deixo de olhar para Albert e me viro. Vejo o senhor Grossman. Como tinha sido o primeiro a conseguir trabalho como assistente de professor, provavelmente ele era a última pessoa que Albert gostaria de ver naquele momento. – O que fazem por aqui? Estão bem longe das proximidades do Café Metropole que costumam frequentar.

Albert não gostava de demonstrar sua fraqueza para ninguém além de mim, por isso rapidamente botou um sorriso no rosto, levantou e cumprimentou o senhor Grossman com um aperto de mão, como se não houvesse outra pessoa no mundo naquele momento que ele gostaria mais de ver.

– Que bom encontrar você, Marcel. A senhorita Marić e eu estávamos dando uma volta e paramos

para um café. E você? O que faz por aqui?

O senhor Grossman sorri, mas não diz nada sobre nos ter encontrado nessa cafeteria, sozinhos, tão longe das redondezas da universidade. Suspeito que ele desconfie que estamos namorando. Ele explica que está ali pelo bairro por conta de um compromisso social e que parou para tomar uma cerveja. Nós o convidamos para se sentar conosco. Inevitavelmente, como dita o protocolo, a conversa enredou para o trabalho dele como

assistente do professor Wilhelm Fiedler, um geômetra, na Politécnica. Embora Albert demonstrasse entusiasmo ao fazer as perguntas, pude ver como eram forçadas e como ele estava chateado.

Aos poucos o assunto foi esgotando-se e, por educação, o senhor Grossman pergunta:

– Senhorita Marić, sei que decidiu fazer as provas em julho e com certeza deve estar muito ocupada estudando. E você, Albert?

– Estou trabalhando em minha tese, claro – responde Albert prontamente.

– Claro – concorda o senhor Grossman com a mesma prontidão de Albert, sentindo que a pergunta o

incomodou. Sabe-se lá por quê, o senhor Grossman resolve arriscar o assunto mais uma vez. Talvez ele soubesse da situação de Albert e quanto ele estava desesperado. – Só estou perguntando porque meu pai comentou que o amigo dele, Friedrich Haller, diretor do Departamento Oficial de Registro e Patente de Berna, na Suíça, está precisando de um perito técnico.

– Hum – diz Albert, fingindo calma. Até certo desinteresse.

– Não sei se você já tem algo em vista, mas...

Albert o interrompe:

– Surgiram várias oportunidades. Estou analisando cada uma delas.

Senti vontade de esbravejar contra Albert. O que ele estava fazendo? Jogando fora essa oportunidade? Naquela situação, ele

não poderia se dar ao luxo de brincar com aquilo. Era meu futuro que estava em jogo também. Maldito orgulho.

– Imagino – afirma o senhor Grossman que, com cautela, prossegue o assunto. – Não é uma função

em que você usaria a física teórica, claro, mas com certeza você teria de utilizar a Física de um modo mais prático, considerando que há muitas invenções patenteadas. Seria um jeito nada convencional, até incomum, de fazer o uso do diploma.

Com uma única palavra – incomum –, o senhor Grossman oferecia a Albert um modo de preservar a

honra dele. Animado, Albert diz:

– Tem razão, Marcel. O cargo certamente não é nada convencional. Mas por outro lado, tudo que foge do convencional me apetece. Talvez seja a oportunidade certa.

– Maravilha – exclama o senhor Grossman. – Vai ser um alívio e tanto para o amigo de meu pai, o senhor Haller. Não sei ao certo quando essa pessoa deve começar a trabalhar, mas tenho certeza de que meu pai, o qual você teve a oportunidade de conhecer, vai ficar muito animado de poder recomendá-lo para o cargo.

Albert olha para mim e sorri. E naquele momento de esperanças e possibilidades renovadas eu o perdoo.

Capítulo 15

3 de maio de 1901

Zurique, Suíça

A OPORTUNIDADE OFERECIDA PELO SENHOR GROSSMAN NÃO VEIO tão rápido. Enquanto o governo suíço

dava andamento a todo o processo metódico e burocrático para aceitar Albert, a necessidade exigia que ele conseguisse um emprego. Qualquer emprego na verdade, já que os pais tinham suspenso todo o apoio que ofereceram a ele durante os anos da universidade. Albert se candidatou a oportunidades como tutor, mas não conseguiu nada, até que um amigo distante da Politécnica, Jakob Rebsstein, professor de Matemática do ensino médio em um colégio em Winterthur, escreveu perguntando se Albert poderia substituí-lo durante o período em que serviria ao exército.

Ficamos eufóricos.

Ainda que fosse algo temporário, saímos para comemorar e pedimos uma garrafa de vinho no Café

Schwarzenbach, uma raridade para nós. Embriagados pelo trabalho e pelo vinho, fizemos planos para o futuro, estávamos de fato contentes pela primeira vez desde o começo do outono. Eu me permiti esquecer os meses de rabugice de Albert e suas palavras duras, período em que não sabia se encontraria meu amado Johnnie ou o Albert ressentido, triste. Afinal, depois de toda a tensão em busca de uma oportunidade de trabalho, que durou pelo menos alguns meses, tive certeza de que meu Johnnie estava de volta e dessa vez era para ficar.

Lá, em meio ao calor da noite e à confusão mental causada pelo álcool, a ideia de uma fuga pelo lago de Como nasceu.

– Imagine, bonequinha. As famosas águas do lago de Como batendo nos nossos pés, e os Alpes cobertos de neve a nosso redor – ele se aproxima mais de mim, mas não tanto para não chamar a atenção dos clientes da cafeteria. – Só nós dois.

– Sozinhos – sugiro, escandalizada e entusiasmada ao mesmo tempo. Acho que nunca tive nenhum

momento a sós com Albert, exceto em algum lugar público ou na sala de visitas da pensão. E em nenhum desses lugares nós ficávamos de fato sozinhos.

– Sem a senhora Engelbrecht.

Sorriso.

– Não consigo imaginar a gente se beijando sem ter que se preocupar com as aparições inesperadas na sala de visitas. Aquela mulher se move tão silenciosamente como um gato.

As dobrinhas ao redor dos olhos dele estão de volta. Amo esse Albert. Foi por esse homem que me

apaixonei, ele que tinha perdido boa parte das aulas no último ano da universidade.

– Talvez ela seja quieta assim porque não é bem uma humana. Pode ser um fantasma ou algum tipo

de espírito. Afinal, Engelbrecht significa anjo de luz.

Dou risada de novo e passo os dedos no comprido cacho de cabelo que recai em meu ombro. Como

a ocasião merecia, experimentei um novo penteado, um tipo que eu já tinha visto outras mulheres usando.

Em vez do coque de sempre, preendi meu cabelo na altura da nuca e deixei uma única mecha ondulada solta, recaindo na altura do ombro.

– O que acha, bonequinha? – pergunta Albert, tocando de leve minha mecha.

Fico meio sem jeito.

– Do quê? Se a senhora Engelbrecht é um gato ou um fantasma?

– Você entendeu o que eu quis dizer, bonequinha – responde, escorregando a mão até minha cintura, envolvendo-a por debaixo da toalha de mesa branca. – O que acha da ideia do lago de Como?

Fico em dúvida. Uma parte de mim desejava uma fuga romântica com Albert, que nos permitiria escapar das restrições de Zurique. Mas outra parte sentia medo. Eu sabia o que a viagem implicaria.

Albert e eu tínhamos esperado tanto tempo para dar aquele passo... Talvez ainda não fosse o momento certo.

Como me mantive em silêncio, Albert sentiu que eu estava confusa.

– Pense sobre isso, bonequinha. Pode aliviar a dor da separação, ainda que a gente vá ficar sem se ver por pouco tempo. Pode ser a ponte para nossa nova vida juntos.

Mas não tocamos mais no assunto. Não na correria dos dias que se sucederam, antes de Albert partir para Winterthur. Ele viajou deixando a escova de dentes, as roupas e o pente para trás. Também não falamos mais nessa ideia da viagem ao lago de Como durante a breve despedida na estação de trem, ocasião em que um encontro inesperado com um amigo da família de Berlim abrandou nosso fogo. Albert não tocou no assunto da viagem, nem eu. Fiquei um pouco aliviada.

No entanto, poucos dias depois de sua chegada a Winterthur, ele me escreve e comenta sobre a ideia do lago de Como. Implorando para que eu o encontrasse lá, Albert declarou seu amor por mim e me chamou de todos os apelidos possíveis – bonequinha, pequena feiticeira etc. Sozinha na Engelbrecht Pension – Helene tinha se mudado para Reutlingen com o marido, o senhor Savić, e Milana e Ružica tinham terminado os estudos e voltado para casa –, eu estava suscetível aos apelos dele. Sei que se Albert estivesse aqui diante de mim, a escolha seria muito mais simples. Bastaria ver aqueles olhos castanhos

de raposa e não me restaria outra opção a não ser aceitar o convite, por mais que seu humor tivesse sido tão instável durante os meses em que passou procurando trabalho.

Se Albert estivesse aqui, eu não hesitaria em ignorar a carta recheada de críticas que recebi de meu pai no dia anterior, em que ele questionava minha honra e me acusava de *sramota*, ou de estar envergonhando a família pelas próximas gerações caso fosse para o lago de Como. Por que fui contar para ele? Meu pai, preocupado que eu pudesse “entregar minha honra” a Albert, minha inocência, fez questão de dizer que não me ajudaria mais nos estudos caso eu me mudasse com Albert. Como meus pais podiam julgar que eu não zelava pela minha honra e a da nossa família? E para piorar, como eu poderia ignorar as ameaças de meu pai?

Mas Albert não estava aqui para me encorajar a ir para Como. E com ele estava a fonte de confiança extra que me transmitia. A escolha seria inteiramente minha.

Qual decisão devo tomar?

Eu havia escrito duas cartas diferentes – duas respostas bem distintas – e as coloquei diante de mim.

Cada um dos caminhos tinha seus prazeres e dissabores. Qual delas enviar?

Aliso a superfície rugosa das cartas; elas tinham ficado assim de tanto que eu as li ao longo das últimas horas. Pensei mesmo que ao ler e reler as cartas eu teria alguma espécie de sinal divino que me mostraria qual das duas eu deveria enviar. Horas depois, nenhum sinal dos céus havia chegado, claro, e eu ainda não fazia a menor ideia de qual decisão tomar.

Leio as duas mensagens pela centésima vez. Na primeira, recuso o convite de Albert num tom gentil, insinuando as objeções de minha família. Devo enviar essa correspondência e

me privar de um prazer pelo qual venho esperando? O que aconteceria com nossa relação se eu não fosse? Afinal, Albert havia se referido à viagem como “a ponte para nossa nova vida”. Será que ele interpretaria minha recusa como rejeição a ele? Nós tínhamos enfrentado certa turbulência nos últimos tempos, o que abalou de certo modo nossa relação, por isso eu me preocupava.

Leio a outra carta. Aceitando o convite, descrevo em detalhes minha viagem, estabelecendo um itinerário difícil. Deixo escapar um sorriso ao me lembrar das declarações de amor que transbordam nas páginas que ele me enviou. As palavras dele revelam meu verdadeiro eu, não uma Mitza sujeita a medo e convenções.

Jogo as cartas em cima da mesa. Como pude escrevê-las? Era incrível perceber que eu conseguia

sentir as emoções de ambas de modo intenso e simultâneo. Desejo e rendição. Dever e recusa.

Esfrego as têmporas e caminho de um lado para o outro pelo quarto. O que faço? Será que leio a

carta de meu pai de novo para me ajudar a tomar uma decisão? Acho que não preciso relê-la para me lembrar das palavras pesadas: *sramota*. Vergonha.

O que Helene me aconselharia? Queria que ela estivesse aqui. Ela sentaria na cama, de frente para mim e, com gentileza e determinação, me ajudaria a fazer a escolha certa. Uma decisão progressista, não ditada pelo pensamento sérvio e retrógrado de meu pai, mas ainda assim defensora. É quase como se eu pudesse ouvi-la dizendo que me afastar de Albert seria como a morte para mim, ou orientando-me quanto a minha inquietação em relação à decisão de chegarmos ou não aos finalmente, quando poderíamos declarar ao mundo inteiro nosso amor. Helene daria um tapinha em minhas mãos e me incentivaria a

“enfrentar a situação com coragem”.

Penso no período de quase seis meses em que vamos ficar separados e no começo de novembro quando Helene finalmente deixaria Zurique para se casar com o senhor Savić. Eu tinha acordado antes do dia amanhecer para me despedir de minha amiga que embarcaria no trem rumo a Reutlingen, onde moraria com o marido. Com as malas cheias e empilhadas no pé da escada, Helene parece pequena enquanto espera na sala de visitas pela carruagem. Quando a senhora Engelbrecht sai pisando duro para saber por que a carruagem atrasou, desço as escadas na ponta do pé, de camisola e roupão.

Helene e eu nos abraçamos.

– Vou sentir muita saudade de você, Helene. Nunca tive uma amiga como você e nunca terei.

– Sinto o mesmo, Mitza. – Ela me solta e me olha nos olhos. – Nunca vou deixar de lamentar o fato de ter rompido com nosso pacto. Mesmo estando feliz com o senhor Savić, ainda fico triste.

– Helene, por favor, não deixe que um pacto bobo estrague sua vida por nem um minuto sequer.

Além disso, nós duas quebramos o pacto, não é?

– Sim – concorda em tom melancólico. E me pergunto o que teria acontecido conosco se eu tivesse

mantido a promessa. Se eu tivesse decidido seguir minha carreira e não me casar.

– Helene, estou feliz tanto pela minha escolha quanto pela sua – eu a seguro pelos ombros e, forjando seriedade, acrescento: – Agora vou dar a você os conselhos que sempre me deu. Lembre-se de

viver o momento. Este é o seu momento com o senhor Savić. Por favor, aproveite. E eu vou fazer o mesmo com o senhor Einstein.

Nós nos abraçamos mais uma vez, prometendo manter contato por carta e visitarmos uma a outra.

Ela atravessa a porta.

Será que ela me aconselharia a aceitar a viagem a Como? Ou me diria para suportar a separação temporária com um pouco mais de coragem e paciência? Pelo menos até o casamento. Não posso adivinhar e também não tenho tempo hábil para me dar ao luxo de perguntar a ela.

Eu me sinto completamente sozinha. Minha família está furiosa comigo. Minhas amigas tinham mudado. Até o futuro de Albert era incerto, já que o trabalho como professor acabaria em poucos meses e eu sabia qual era o caminho que a mãe dele queria que ele seguisse. Um caminho sem mim. Estremeço ao pensar na solidão que o destino me reservava.

Talvez, depois de me sentir completa, eu estivesse sofrendo de modo muito profundo esse processo de divisão. Era quase como se eu pudesse ouvir Albert sussurrando palavras de amor, dizendo que se sentia incompleto sem mim. As palavras dele tinham se impregnado em minha alma, desfazendo para sempre aquela visão poética que eu tinha de mim mesma e que carreguei por anos, de uma intelectual solitária. Mas era assim que eu me sentia agora.

Eu sabia qual caminho escolheria.

Pego uma das cartas sobre a mesa e rapidamente fecho o envelope. Sem me permitir nem um segundo a mais para reconsiderar, desço as escadas da pensão, decidida. Ignoro o aviso da empregada que, da sala de visitas, diz que o café está servido. Abro a porta da recepção, caminho direto até o correio e rumo a meu futuro.

Capítulo 16

De 5 a 8 de maio de 1901

Lago de Como, Itália

OCREPÚSCULO ROSADO ENVOLVE A PAISAGEM ALPINA E MONTANHOSA enquanto meu trem se aproxima de

Como. Devagar, os raios de sol começam a clarear o cenário. As águas claras e profundas do

famoso lago de Como são ladeadas por encostas verdes-esmeralda e vilarejos tão pitorescos que parecem pintados pelo próprio mestre renascentista Ticiano.

Devido à viagem noturna e longa, eu deveria estar cansada. Mas não estou. Pelo contrário, me sinto animada, como se estivesse passando por cima das ruínas de meu passado e cruzando o limiar de minha verdadeira existência.

O trem vai parando devagar na estação. Espio pela janela. Será que Albert vem mesmo? Na carta,

informei o horário em que eu chegaria, mas considerando a tendência que ele tinha de se atrasar, não tenho esperanças de que esteja esperando-me. Eu já havia me preparado para saborear uma xícara de café na estação até que ele chegasse.

Entre um e outro ruído dos trens em meio à estação arejada, minhas suspeitas se confirmam. A plataforma e a cafeteria vazias me recebem. Parece não haver ninguém mais por aqui a essa hora da manhã além do funcionário da estação no guichê.

Mas é aí que avisto bem lá no fim da estação uma figura. Semicerro os olhos para enxergar em meio à névoa que cobre a estação e reconheço Albert. Pego minhas malas e, arrastando aquela minha perna, caminho pelo longo corredor em direção à

saída próxima a ele. Quando o trem finalmente para, desço e caio em seus braços. Albert, abraçando-me, me ergue e eu rodopi no ar.

Depois que me põe de volta no chão, sussurra em meu ouvido:

– Sinto como se meu coração fosse sair pela boca. Esperei tanto por esse momento.

Espero a tontura passar depois do giro que demos, cravo meus olhos nos dele e digo:

– Eu também.

Albert pega minhas malas e, carregando-as nos ombros, diz:

– Vamos, minha pequena feiticeira. Tenho muita coisa pra mostrar pra você.

Vagueamos pelas ruas de Como. Entrelaço e aperto meu braço no dele. Albert me conduz pelos paralelepípedos e pela catedral do século XV que paira sobre a cidade. Atravessando a nave central

preto e branca e azulejada, Albert me leva para conhecer uma tapeçaria flamenca desbotada, e ainda assim encantadora, e três belas pinturas de Bernardino Luini e Gaudenzio Ferrari.

– Essas pinturas de Maria e do menino Jesus são lindas – surpresa com a facilidade com que ele chegou até ali, pergunto:
– Como sabia que essas pinturas estavam aqui?

– Cheguei ontem à tarde para poder planejar o dia. Queria organizar um roteiro e garantir que nossas férias sejam perfeitas – com aquelas familiares dobrinhas ao redor dos olhos, ele sorri, satisfeito com o sucesso do planejamento atípico. – Também procurei a melhor cafeteria de Como, pois sei que você vai gostar de conhecê-la depois dessa viagem noturna, bonequinha.

Aperto o braço dele.

– Você pensou em tudo, Johnnie.

Enquanto mergulhamos o pão macio nas xícaras de café fumegantes, Albert descreve os planos que

traçou para nós. Passearíamos pelas ruas de Como até o meio-dia, quando embarcaríamos em um barco rumo a Colico, uma viagem de três horas até a extremidade norte do lago. Mas, no meio do caminho, pararíamos no porto de Cadenabbia, onde visitaríamos a Villa Carlotta, famosa pelos mais de cinquenta e seis mil metros quadrados de jardins.

Ele não menciona nada sobre onde passaríamos a noite e eu também não pergunto. Estava tanto animada quanto com medo do que aconteceria. A promessa daquela noite pairava entre nós como uma sobremesa antecipada, porém desconhecida.

Depois de passarmos a manhã apreciando as vitrines luxuosas das lojas de Como – a parcela abastada da população de Milão começava a encher as margens do lago de Como –, pegamos o barco. O

azul-celeste das ondas que banham a lateral da embarcação em contato com a luz do sol parece algo sobrenatural. A temperatura começa a aumentar, tanto que tiro meu casaco. Com o braço de Albert envolvendo minha cintura e os raios de sol reluzindo em meu rosto enquanto observamos os castelos da costa antiga à medida que navegamos no lago de Como, eu me sinto em estado de êxtase. Nunca antes Albert e eu fomos tão livres e pudemos expressar nossos sentimentos dessa maneira.

Os jardins da Villa Carlotta fazem jus à fama. Depois de atravessar o que parecia uma sequência interminável de escadarias de mármore e passarelas, chegamos à paisagem caleidoscópica que mistura verde, vermelho, rosa e nuances de amarelo. Mais de 500 espécies de arbustos e 150 variedades de

azaleias disputam nossa atenção. Nem mesmo as abundantes esculturas de Antonio Canova são páreo para essa fartura da natureza.

Inclino o corpo à frente para me aproximar dos brincos-de-princesa, querendo sentir mais de perto o perfume deles, mas um guarda chama a minha atenção.

– *Non toccare!* – adverte. É proibido tocar nas flores.

Dou um passo para trás e comento com Albert:

– Elas ficam ainda mais bonitas porque não podem ser arrancadas.

Com um sorriso irônico, ele diz:

– É esta a sensação que tive perto de você ao longo de todos estes anos. Minha flor incólume.

Sorrio. Um de nós tinha finalmente tocado no assunto velado.

– Espero que ainda sinta isso depois destas férias – provoco e saio andando para observar uma azaleia vermelha.

Ao longo destes anos, houve alguns momentos em que fui mais atrevida nos comentários que fazia a Albert, mas mesmo assim surpreendo-me com minha observação. Onde foi que aprendi a ser tão provocativa?

O ruído dos passos dele aumenta atrás de mim. Sinto os braços dele ao redor de minha cintura.

– Mal posso esperar por esta noite – sussurra em meu ouvido.

Minhas bochechas coram e sinto um calor percorrendo o corpo.

– Nem eu – sussurro de volta e me jogo nos braços dele.

Colico não era nossa última parada. Deixamos a cidade taciturna e litorânea ao final do percurso de barco e pegamos um trem que percorre uma distância curta até Chiavenna. Apesar de o céu estar escuro e de eu não conseguir observar com detalhes o vilarejo, Albert o descreve como um bairro antigo e pitoresco, embrenhado em um belo vale no sopé dos Alpes. Ele já havia visitado o lugar certa vez, anos atrás, e disse que sonhava em poder voltar ali com o seu amor.

Amor.

Famintos e esgotados, saímos da estação de trem e caminhamos até uma pousada pequena e simples

que ficava a dois quarteirões dali. Albert empurra a porta pesada de carvalho e se apresenta à recepcionista, uma idosa de aparência abatida que estava sentada atrás do balcão.

– Minha esposa e eu gostaríamos de um quarto para passar a noite. Há algum disponível? – pergunta Albert.

Quase rio quando ouço “minha esposa”, mas penso nas consequências que isso teria e me aquieto.

Controle emocional.

A senhora o encara. Não é bem o tipo de recepção que imaginei que teríamos.

– De onde vocês são?

– Suíça.

– Não parecem suíços. E não tem sotaque de suíço – resmunga.

Albert me olha com cara de interrogação; por que essa mulher estaria interessada em nossa nacionalidade? A região era repleta de turistas que vinham de todos os lugares da Europa.

– Perdoe, mas a senhora nos perguntou de onde somos. Viemos da Suíça. Mas nasci em Berlim –

Albert não apresenta a documentação que comprova a cidadania porque, recusando-se à cultura militarista que prevalecia em sua cidade natal, Berlim, Albert renunciou à cidadania e aguardava a liberação da documentação da Suíça.

– Também não parece alemão. Parece judeu.

Uma névoa de raiva irrompe no olhar dele, uma expressão que eu só tinha visto uma vez durante uma discussão de Albert com o professor Weber.

– Sou judeu. Algum problema?

– Sim. Não temos quarto para judeus aqui.

Pegamos nossas malas, saímos e batemos a porta.

– Albert, sinto muito... – tento aliviar o baque enquanto caminhamos e saímos à procura de outro

estabelecimento.

– Por que está lamentando, bonequinha? O antissemitismo é um lado podre do meu mundo. Sou eu

quem tenho que me desculpar por você ter de se deparar com isso assim, logo de cara...

– Johnnie, se faz parte do seu mundo, faz parte do meu também. Vamos enfrentar isso juntos.

Ele sorri para mim e diz:

– Que sorte a minha ter encontrado você.

Chegamos à outra pousada. De paredes brancas, com vigas de madeira escura que sustentam a decoração da construção, ela parece uma hospedaria tradicional da região. Hesitante, Albert empurra a porta da entrada. Fomos recepcionados de modo acolhedor e gentil. Havia algumas mesas vazias em frente a uma lareira em que o fogo crepitava e, antes mesmo que nos pronunciássemos, uma funcionária se aproximou.

– *Würden Sie ein Bier?* – oferece.

Nunca uma cerveja soou tão atraente. Aceitamos e nos acomodamos nas cadeiras. Sem me dar conta, bebo várias canecas antes do jantar, um *Wurst und Spätzle*, chegar. Albert e eu rimos das aventuras daquele dia e, de algum modo, acho as piadas dele mais engraçadas do que nunca e suas reflexões científicas mais interessantes do que jamais foram. Quando pede licença para se retirar por um minuto, percebo que estou bêbada. E nem um pouco nervosa em vista do que aquela noite promete. Bebo mais um gole da cerveja.

Ao voltar, Albert está com uma chave de aparência arcaica em mãos e nossas malas sumiram.

– Terminou, bonequinha? – pergunta, oferecendo-me a mão.

Sem dizer uma palavra sequer, seguro na mão dele e levanto. Juntos, subimos os degraus rangentes da escada rumo aos quartos. Ao chegar a uma porta com o número quatro, Albert enfia a chave na fechadura. A porta não abre. Olho para baixo e vejo que as mãos dele estão trêmulas.

– Deixe-me tentar, Johnnie – sugiro. Com facilidade, deslizo a chave no trinco e abro a porta. Vemos um quarto impecável, com lareira, um pequeno terraço e uma cama com dossel. Uma cama. Toda aquela cerveja tinha feito eu me esquecer disso por um momento.

Congelo. Sentindo meu nervosismo, Albert me vira de frente para ele.

– Não precisamos fazer isso, bonequinha. Posso pedir outro quarto para você.

Durante o momento seguinte de silêncio, passam pela minha cabeça as acusações de meu pai e também as da mãe de Albert. Quase peço outro quarto. Quase.

– Não, Johnnie. Eu quero ficar aqui. Já esperamos demais.

Uma garrafa de vinho brilha ante ao fogo da lareira. Albert vai depressa até ela e serve uma taça para cada um. Até ele, que raramente ingeria bebidas alcoólicas, hoje bebeu uma taça numa golada só.

Ele me entrega a outra taça.

– Minha doce bonequinha, esta é a primeira noite de nossa união. Em breve, vamos celebrar nosso

casamento junto ao resto do mundo. Mas hoje teremos uma cerimônia privada, num modo bem boêmio.

Só para nós.

Fiz a escolha certa.

Ele me beija. Um beijo inteiro, profundo, sem se preocupar com interrupções. Relaxo e me deixo envolver. Sinto a língua dele na minha e sua mão no meu cabelo. Ele puxa minha presilha e o cachos pesados recaem nos ombros. Devagar, bem devagar, ele desabotoa os minúsculos botões de pérola ao longo de meu vestido azul-marinho. Quando a veste cai no chão, ele resfolega.

De pé e apenas com as roupas íntimas, sinto-me terrivelmente exposta. Será que ele recuará ao ver meus quadris desiguais? Meu corpo deformado?

– Sou muito feia? – sussurro enquanto apressadamente tento cobrir o peito com meu longo e pesado cabelo.

– Não! Bonequinha, você é linda.

Ele percorre as curvas de meu corpo com os dedos, afasta a mecha de cabelo e começa a desatar

meu espartilho. Estremeço ao sentir o toque dele.

– Seus ombros parecem feitos de marfim, sua cinturinha, seus seios grandes... Eu... eu nunca imaginei...

Não era frustração. Albert estava em transe. Eu o agarro e o beijo com todo o fervor. De um jeito meio desajeitado e rápido, desabotoo a camisa e a calça dele; quero sentir o peito e o corpo de meu namorado em contato com o meu. Por um longo momento, nossos corpos se fundem e tudo que se ouve é nossa respiração. E, assim, ele me leva até a cama.

No último dia da viagem, Albert prepara uma surpresa. Cobrindo meus olhos com as mãos, ele me conduz pelas ruas de Chiavenna. Eu tinha me acostumado com o aroma desse pequeno paraíso – os grãos de café torrado da cafeteria, o cheiro apimentado do incenso que as torres da igreja sopravam, o perfume floral e marcante da única loja de luxo da cidadezinha – e já conhecia bem o caminho. Porém entramos num espaço cujo cheiro não reconheci de imediato. Tento identificar o aroma mais uma vez; é algo que lembra cavalos.

Albert tira as mãos de meus olhos. Estamos em um celeiro. Era essa a surpresa?

– Nós vamos para Splügen – anuncia.

Empolgada, aperto a mão dele. Várias vezes tínhamos conversado sobre o trajeto difícil pelas montanhas que ladeavam

a Itália e a Suíça. Mas nunca tivemos condições de bancar esse luxo.

– Tenho um emprego agora, não se esqueça – afirma com orgulho, respondendo a uma pergunta que não fiz.

Eu o abraço com força e, com a ajuda do cocheiro, que me impulsiona segurando meu cotovelo, sento no trenó confortável. Albert sobe depois de mim e o cocheiro lança uma espessa camada de peles, cobertores e mantas em cima de nós dois. Durante o percurso, certamente sentiríamos mais frio.

– Deliciosamente estreito – sussurro.

– Perfeito para duas pessoas que se amam – sussurra de volta, passando as mãos por minhas pernas por debaixo dos cobertores. Estremeço, mas não por causa do frio.

O cocheiro assume seu posto e brande o chicote. Os cavalos saem galopando alegremente pelo caminho coberto de neve que leva a Splügen. O condutor conta histórias sobre o percurso e fala sobre as maravilhas naturais que já encontrou, mas Albert e eu só prestamos atenção um ao outro. Por horas, nos envolvemos, protegendo-nos mutuamente enquanto subimos uma estrada aberta com nada mais à nossa frente a não ser a neve.

– Parece a eternidade em forma de neve – comento. Eternidade. Infinito. Será que algum dia eu descobriria alguma verdade científica ou matemática que teria um impacto tão grande quanto a teoria do infinito?

– Aqui, debaixo das cobertas, está bem quente – Albert me abraça com mais força. – A noite passada foi maravilhosa, bonequinha. Quando abracei você daquele jeito...

Enrubesco só de pensar naquele momento de intimidade e me enterro ainda mais nos braços dele. A

cada noite, nos sentimos mais confortáveis e perdemos cada vez mais a vergonha um do outro. Chiavenna de fato tinha se transformado no lugar de nossa lua de mel boêmia.

– Acho que vou mostrar a esse novo professor Weber nosso artigo – comenta Albert de um modo meio distraído. Eu já estava acostumada com essa mudança de assunto repentina dele, de nosso relacionamento para o trabalho. Ironicamente, o superior de Albert no colégio em Winterthur também se chamava Weber.

– Qual artigo? – pergunto com a cabeça enterrada no pescoço dele. Houve muitos esboços, pesquisas e textos que imaginamos publicar ao longo dos últimos anos, além de teorias. Ademais, trabalho não é exatamente o assunto que ronda meu pensamento agora.

– Aquele sobre atração molecular entre os átomos – responde. O tom distante da voz dele e os braços que agora me seguram de um jeito menos intenso me mostram que o pensamento de Albert está em outro lugar.

– Conclusões que tivemos a partir do fenômeno da capilaridade?
– Endireito o corpo. Albert e eu

tínhamos feito uma pesquisa e elaborado um artigo explicando cada átomo relacionado a um campo de atração molecular e separado da temperatura; e também o modo como o átomo liga-se quimicamente a

outro átomo; deixamos aberta a questão sobre como e se os campos se relacionam com forças gravitacionais.

– Sim, esse mesmo.

Tínhamos finalizado esse artigo fazia um mês, com a intenção de submetê-lo a um importante periódico de Física. Publicações na área aumentariam nossas chances de conseguir trabalho.

– E ele não vai perguntar quem é a outra autora? Essa tal senhorita Marić?

Albert se mantém em silêncio.

– Se importaria se o artigo tiver apenas meu nome? Minha esperança é de que o professor Weber

fique tão impressionado que me ofereça um trabalho permanente.

Não respondo. A ideia de ter o nome excluído do artigo me incomoda; tínhamos trabalhado de modo

igual. Mas se Albert quisesse apenas impressionar o professor Weber, para depois, então, publicarmos o texto com os nomes de ambos, eu concordaria. Tudo para fazer com que Albert conseguisse um emprego permanente de modo mais rápido.

– Bem, se for só para que ele leia... – digo, meio vacilante. Não achei que eu precisaria mostrar a ele que, quando o artigo fosse publicado, a autoria deveria ser atribuída a nós dois.

– É claro, bonequinha. Imagine o quão rápido poderemos nos casar se eu conseguir uma oportunidade de trabalho fixa.

Inclino o corpo à frente para beijá-lo. O cocheiro nos interrompe.

– *Signor!* Chegamos ao topo de Splügen. O *signor* e a *signora* querem descer e atravessar a fronteira a pé? A maioria dos passageiros faz isso.

– Sim – responde Albert. – Minha *signora* e eu adoraríamos atravessar Splügen a pé.

Splügen? Naquele momento eu não estava nem um pouco preocupada com Splügen nem em como o

atravessaríamos. Eu era a *signora* de Albert.

Capítulo 17

31 de maio de 1901

Zurique, Suíça

–SENHORITA MARIĆ, POR FAVOR, REVEJA ESSES NÚMEROS. Esperava que prestasse mais atenção aos cálculos

– quase sai fogo das narinas do professor Weber, tamanho o aborrecimento dele. Estamos revendo

minha proposta de tese acerca da condutividade térmica, e nunca me sentei tão perto dele como agora.

Posso ver a precisão com que ele penteia a barba escura e o ligeiro rubor nas bochechas quando está irritado ou decepcionado. De perto ele é ainda mais intimidador.

– Sim, professor Weber – digo pelo que parece ser a milésima vez naquela mesma tarde. Nesse instante, não deixo de pensar que minha volta a Zurique foi como a descida dos anjos até a Terra. Albert certamente acharia graça dessa superstição absurda, contudo havia uma passagem bíblica do livro de Judas que minha mãe sempre citava que eu reproduzia mentalmente. “E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão...” Como eles, eu tinha caído do êxtase das alturas na escuridão profunda de meus últimos dias como aluna em Zurique, tendo apenas Weber como companhia. Como eu poderia me sentir feliz com a labuta e as coisas terrenas – e a maldade de Weber – se eu tinha sentido o gosto do céu?

– E não pense nem por um segundo que citando meu trabalho sobre o movimento do calor em cilindros de metal vai conseguir me dobrar para aprová-la de um jeito mais fácil – adverte, com a voz ainda mais estridente.

– Claro que não, professor – minha relação com Weber tinha azedado quando, há dois meses, as suspeitas dele se confirmaram ao ver Albert e eu de mãos dadas, caminhando. Não esperávamos encontrá-lo no Universitätsspital Park. Como meu futuro profissional dependia quase que inteiramente dele, eu vinha tentando fazer tudo que estivesse a meu alcance para agradá-lo. É óbvio que usar o trabalho do próprio Weber como referência não me ajudou em nada, pois não me impediu de continuar pensando no sonho que vivi em Como. Weber teve de chamar a minha atenção.

– Sua pesquisa faz sentido, mas se não conseguir executar os cálculos com precisão, ela vai por água abaixo.

– Sim, professor Weber – digo com constrangimento, quase me debulhando em lágrimas. Por que eu

ficava tão emotiva na presença dele? Depois de tantos anos de convivência já era para eu ter endurecido

em relação a suas atitudes. Por algum motivo, eu estava mais sensível do que de costume.

Será que fiquei assim porque Albert não pôde me visitar domingo passado? Por conta de alguns alunos com mais dificuldade, ele teve de ficar em Winterthur para poder ajudá-los fora da sala de aula.

Talvez, sem a companhia semanal dele, eu me sentia mais frágil para encarar as broncas de Weber.

Mesmo assim, minha vulnerabilidade me surpreendia. Haveria outro motivo? Talvez o fato de estar

separada de Albert – e a instabilidade de nosso futuro – me atingisse mais do que imaginava.

Albert tinha vindo me visitar todos os domingos, embora eu tenha ficado com os nervos à flor da pele no domingo que sucedeu a nossa viagem a Como. Apesar de as cartas dele estarem repletas de demonstração de carinho – “Eu te amo, minha bonequinha”, “Não vejo a hora de encontrar você no domingo”, “Pensar em você e em nossa viagem ao lago de Como é a única coisa que anima meu dia a

dia” etc. –, tive receio de que nosso relacionamento ficasse estranho depois do momento de intimidade.

Entretanto, mesmo com todas as restrições da Engelbrecht Pension e das cafeterias suíças e dos parques, conseguimos retomar a relação do modo como sempre foi. E em todos os outros domingos tudo continuou igual.

Contudo agora eu tinha voltado à tese e às provas finais. Se a preparação para as provas estava tirando-me a alegria natural que a Física me proporcionava, a pesquisa para concluir a tese com Weber minava toda e qualquer esperança de extrair algum prazer daquilo tudo. Para onde foi toda aquela paixão pela Física que sempre senti? Certa vez eu havia me debruçado sobre as partículas que seriam a chave para desvendar o plano de Deus para a humanidade, uma espécie de religião que criei para mim mesma.

Naquele momento, a Física parecia um calvário sem a mão de Deus. Não conseguia encontrar nenhum desígnio divino em nada do que via.

– Agora vamos para a página dezesseis onde observei alguns cálculos malfeitos. Com base neste trabalho, vejo que a senhorita está muito longe de concluir o curso, senhorita Marić – Weber rosna para mim.

De repente, sinto-me extremamente enjoada. Sem sequer pedir licença, corro até o banheiro feminino, que fica dois andares acima da sala. Não tenho certeza se chegarei a tempo, mas abro a porta o mais rápido que posso. Eu me ajoelho de frente para o vaso sanitário e começo a vomitar. Nunca me senti tão nauseada em toda a vida.

Quando o vômito cessa, me levanto e sento em cima do vaso. Será que havia alguma coisa estragada no café da manhã? Eu tinha comido apenas torrada com geleia e tomado chá com leite. Nem cheguei a tocar nos ovos cozidos. O que teria me feito tão mal? Com certeza, as broncas de Weber não eram o único motivo.

E é aí que algo me ocorreu, algo que jamais imaginei que poderia acontecer. Faço alguns cálculos.

Resfolego.

Estava bem no começo, mas com certeza era o que pensei, afinal de contas, eu era matemática e fisicista, apesar das críticas de Weber em relação a meu desempenho. Estou grávida.

Capítulo 18

2 de junho de 1901

Zurique, Suíça

ANDO DE UM LADO PARA O OUTRO NA SALA DE VISITAS. O tapete turco marrom e azul-marinho já não

tem mais a mesma aparência, o que me leva a pensar que meu nervosismo da última semana deve ter contribuído para o desgaste do tecido. Por que tantos fatos de minha vida tinham de acontecer bem aqui, na sala de visitas dos Engelbrecht?

Diferentemente do último domingo, quando Albert e eu nos encontramos, a ansiedade que sinto agora não é uma sensação desagradável. É como um prenúncio do terror. O que Albert vai fazer quando eu contar a novidade para ele?

Quando eu finalmente ouço um barulho na porta e avisto os olhos castanhos e brilhantes, toda a ansiedade desaparece por um momento. Quero me jogar nos braços dele e, pelo modo como Albert abre os braços e vem em minha direção, vejo que ele deve estar sentindo o mesmo. A fungada familiar e de julgamento da senhora Engelbrecht nos faz diminuir o passo.

Então, em vez de nos abraçarmos, trocamos uma reverência discreta e polida, e a senhora Engelbrecht permanece na sala de visitas, assegurando o tom adequado de nosso encontro. Sob a sombra do bigode de Albert, vejo um sorriso travesso e me esforço para conter o riso.

Normalmente, a senhora Engelbrecht permanecia na sala sem dizer nem uma palavra, mas devo ter

deixado minha empolgação transparecer de algum modo porque ela comenta:

– Está tudo bem, senhorita Marić? Posso pedir para a copeira lhe servir um chá para trazer de volta a cor de seu rosto?

– Cairia muito bem, senhora Engelbrecht. Obrigada pela gentileza.

Ela sai da sala e Albert solta um suspiro de alívio. Dificilmente Albert é de se assustar na presença de alguém, mas havia algo naquela firmeza teutônica da senhora Engelbrecht que o deixava ansioso.

Ele segura minha mão; Albert não se atreveria a me abraçar até que a copeira tivesse servido o chá e a senhora Engelbrecht tivesse de fato longe dali.

– Ah, bonequinha. Duas semanas é muito tempo.

– Eu sei, Johnnie. Os últimos dias foram terríveis.

– Minha gatinha abandonada. Está preparando-se para as provas finais e tendo de lidar com as tarefas terríveis de Weber... Eu sei bem como é – pondera com empatia.

– É... Isso e mais algumas coisas, Albert.

Ele mexe em meus dedos e acrescenta:

– Eu sei, bonequinha. Depois de Como, é difícil ficar separados assim. Sem você, não vivo – Albert estende o pescoço para olhar o corredor ao lado da sala de visitas, como não vê ninguém, me rouba um beijo.

A copeira uniformizada, cujo nome nunca me preocupei em decorar, já que a cada semana havia uma

funcionária nova, entra com uma bandeja de chá em mãos. Albert e eu esperamos, ansiosos e sentados no sofá, ela terminar de servir o chá direto de uma chaleira azul. Primeiro, ela põe em cima da mesa as xícaras, o açúcar e depois serve a bebida. Meu coração parece que vai sair pela boca a cada segundo, mas a copeira não tem pressa. Chego a pensar que a senhora Engelbrecht pode tê-la enviado para nos vigiar.

Por fim, a copeira sai e Albert, convidando-me a levantar, sussurra:

– Vem, vamos sair dessa prisão filisteia. Precisamos da natureza e da liberdade que ela proporciona.

De braços dados, caminhamos até o Universitätsspital Park. O ar estava puro e revigorante, o sol, agradável e, pela primeira vez depois de dias, me sinto leve. Atravessamos os portões do

parque. Eu me separo de Albert por um instante para admirar uma flor roxo-azulada.

Quando me inclino para sentir o cheiro dela, sinto as mãos de Albert na minha cintura. Ele sussurra em meu ouvido:

– Não está mais incólume, minha molequinha.

Enrubesco.

Entrelaçamos os braços mais uma vez enquanto Albert me conta sobre a semana de trabalho dele.

Depois de falar sobre os desafios de dar aula para jovens do ensino médio, ele volta a falar sobre uma pesquisa que vem desenvolvendo – experimentos, nas palavras dele – sobre termoeletricidade.

Normalmente, Albert e eu fazemos pesquisas juntos, mas as exigências da tese e das provas finais nos impediam de fazer isso agora.

– Não estou satisfeito com a teoria, bonequinha.

– Por quê, Johnnie?

– Como você já sabe, em partes utilizo a teoria de Drude. Mas encontrei alguns erros nos textos dele. Nesse caso, como posso publicar um artigo se a pesquisa em que ele se baseia está cheia de erros?

Albert descreve os problemas que encontrou no trabalho de Drude e pede meu conselho. Depois de

pensar um pouco, respondo:

– Bem, talvez se você escrever para Drude apontando esses erros, possa se sentir mais confortável em compartilhar sua teoria. E, dependendo do modo que o abordar, você pode até

sugerir uma aliança com ele. Um admirador de Física fazendo aliança com um colega da área, esse tipo de coisa.

– Que ideia incrível, bonequinha! É uma jogada ousada, mas somos ou não somos boêmios?

Sorriso. Eu adorava deixar Albert feliz. Especialmente quando eu estava prestes a contar alguma novidade inquietante.

– Somos mesmo.

Por um momento, caminhamos em silêncio. Será que é a hora certa para contar sobre a gravidez?

Meio que gaguejando, perco a coragem e, em vez de tocar no assunto, pergunto a ele sobre algo que vinha intrigando-me desde a viagem a Como.

– Mostrou *nosso* artigo para seu superior, o professor Weber? – enfatizo o pronome “nosso”. Quero que Albert se lembre de que lhe havia dado permissão para retirar meu nome do texto, mas apenas com esse propósito.

– Sim, sim – responde de modo despretensioso.

– E o que ele achou das teorias sobre o fenômeno da capilaridade?

– Ele ficou bem interessado – comenta, mas logo em seguida volta a falar de suas ideias sobre a termoeletricidade. Não insisto no assunto do artigo. Albert era como um trem em movimento, uma vez que dava a partida, seu pensamento disparava em determinada ideia e não haveria como tirá-lo dela.

Voltamos então à termoeletricidade. Albert mencionou muitas vezes que desde que a fonte de renda da família dele diminuiu e passou a ser apenas um negócio no ramo de elétrica que durou pouco tempo, seria muito apropriado que ele finalmente

descobrisse os segredos científicos do modo como a eletricidade funcionava. Era reconfortante vê-lo feliz e determinado depois de longos meses de preocupação e mau humor.

Detestei ter de estragar isso. Mas eu não tinha outra escolha.

Paramos no Café Metropole e escolhemos uma mesa ao ar livre, estrategicamente afastada. Albert

estava empolgado por poder voltar a esse nosso ponto de encontro favorito agora que ele tinha um trabalho, a armadura necessária para enfrentar qualquer conhecido que pudéssemos encontrar. Antes de eu dizer alguma coisa, Albert gesticula para um garçom que já conhecemos.

– Dois *Milchkaffee*, por favor, Heinrich.

No exato momento em que o garçom serve as xícaras, Albert, orgulhoso, paga a conta por nós dois.

Surpreso, Heinrich ergue as sobrancelhas – meu namorado nunca havia pagado pelo meu café –, mas não fala nada. Enquanto tilintamos nossas xícaras para brindar, Albert comenta:

– Queria que a gente pudesse continuar essa linda caminhada juntos a partir de agora. Mas parece que o destino não está muito a nosso favor, bonequinha. Além de meus pais, ainda há o fato de eu ter conseguido apenas um trabalho temporário.

– Eu sei, Johnnie. Não é justo.

Albert apoia a xícara em cima da mesa e acaricia minha bochecha.

– Meu amor, essa espera só vai fazer as coisas serem melhores depois que vencermos todos esses

obstáculos e barreiras. Nossa sorte vai mudar em breve.

– Nossa sorte não pode mudar breve o bastante – Albert, é claro, não faz a menor ideia do quão rápido preciso que o rumo das coisas mude.

Ele sorri.

– Tenho uma novidade pra você. Guardei segredo até agora.

O sorriso travesso mostra que ele não deve estar falando sério. Finjo estar com raiva.

– Prometemos não manter segredos entre nós – falo, embora venha guardando um comigo há quase

uma semana.

– É uma coisa que você vai gostar de saber, minha doce feiticeira – ele faz uma pausa e continua: –

Além da oportunidade em Berna sobre a qual Marcel comentou, Michele Besso provavelmente também

tem uma oportunidade para mim.

Que se dane a etiqueta. Inclino o corpo à frente e dou um beijo na bochecha dele. A possibilidade de conseguir um trabalho por meio de um amigo como Michele Besso era algo mais promissor do que qualquer outra oportunidade de trabalho para a qual Albert havia se candidatado. Talvez nossa sorte estivesse mesmo mudando de direção.

Chegou o momento.

– Também tenho uma novidade para você. Embora talvez você não goste tanto quanto gostei da sua –

digo com a voz trêmula.

– Não é outra oportunidade de trabalho, é? Confesso que foi meio humilhante para mim vê-la prestes a conseguir um trabalho enquanto eu continuava desesperado à procura de um. Não que eu não sinta orgulho de você, minha bonequinha, óbvio – lembrar dessa oportunidade em Zagreb que eu havia recusado me fez recordar o sacrifício que fiz. Eu esperava que não tivesse de me sacrificar mais, mas minha condição atual tornava as coisas mais complicadas. Aliás, sacrifício parecia uma palavra de ordem para mim.

– Não, não é isso – como posso contar? Que palavras usar para amortecer o golpe?

– O que é então, gatinha? – indaga, aproximando o corpo do meu.

Eu chego mais perto dele para poder sussurrar em seu ouvido.

– Estou esperando um bebê.

Feito uma cobra que se sente ameaçada, ele recua o mais longe que o encosto da cadeira permite.

– Tem certeza?

– Sim. Foi em Como.

Ele corre as mãos pelo cabelo. Depois, em vez de segurar a minha mão como eu esperava, Albert

retira o cachimbo do bolso do paletó.

– E o que podemos fazer, amorzinho?

Podemos. Nós. Embora conjugar o verbo no plural não fosse um pedido imediato de casamento, a

gravidez seria um problema nosso, não apenas meu. Sinto um alívio enorme.

– E o que pensa que podemos fazer, amor? – pergunto de volta, refletindo sobre a possível resposta dele.

Albert lança uma baforada pelo ar que parece interminável. Por fim, ele segura minha mão e me olha.

– Bonequinha, não sei como vamos lidar com isso ao certo, mas enquanto penso no que fazer quero

que fique feliz, não preocupada. Só peço que tenha paciência.

Paciência? Eu vinha sendo paciente há muito tempo, tanto que mal conseguia me lembrar de quando

foi a última vez que me dei ao luxo de agir com impetuosidade. Havia quase um ano que eu vinha esperando Albert conseguir um emprego para que pudéssemos nos casar e isso foi antes de eu engravidar.

– Não sei se terei tanto tempo assim, Johnnie – afirmo com o tom mais agradável que consigo forjar.

Eu sabia que Albert reagia muito mal à pressão.

Discretamente, ele passa a outra mão pela minha barriga e pergunta?

– E quando o menino deve nascer?

– Menino? – dou risada ante ao palpite.

– Sim – responde com um sorriso. – Nosso pequeno *Jonzerl* – um pequeno Johnnie de fato. – Ou talvez um *Hanzerl*? – acho graça do diminutivo que ele cria para Hans.

– E se for menina? *Lieserl*? – sugiro o diminutivo de Elizabeth. Desejo que seja uma menina. E me sinto bem por estar aqui com ele falando sobre o assunto.

– Vamos ver.

– Menino ou menina, deve chegar em janeiro.

– Janeiro – ele sorri. – Vou ser pai em janeiro. Faltam muitos meses, bonequinha. Até lá, prometo que você vai ter um casamento e uma casa. Imagine como vai ser bom ter nossa própria casa, sem ninguém para nos interromper, sem a senhora Engelbrecht para nos vigiar. Poderemos fazer o que bem quisermos – afirma, dessa vez com um sorriso um pouco diferente. Malicioso.

Será que ele não entendeu que não posso esperar até janeiro? Para que houvesse alguma chance de eu trabalhar depois de passar nas provas finais em julho, eu precisaria me casar já, antes das provas e antes que a barriga começasse a aparecer. Eu não permitiria que uma gravidez manchasse meu nome.

Minha reputação não sobreviveria a isso e eu não teria a menor esperança de construir uma carreira profissional. Todos esses anos de trabalho duro – e de apoio do meu pai – para erguer uma vida científica ruiria em um instante. Mesmo se nos casássemos imediatamente e o bebê nascesse no curso

“natural” das coisas, eu ainda teria de enfrentar muitas críticas e resistência se optasse por seguir adiante com minha carreira sendo mãe. E o que ele quis dizer com essa de “sem ninguém para nos interromper”?

Por acaso ele achava que seria possível viver “sem interrupção” com um bebê? Eu me lembro bem do barulho e do trabalho que passamos a ter depois que Zorka e Miloš nasceram. Ter um bebê em casa era sinônimo de tudo, menos de silêncio e tranquilidade.

Senti vontade de gritar. Albert não consegue ver que meu mundo está desmoronando? Eu me sinto

nauseada, mas não por causa do bebê.

Não falo nada do que estou pensando. Albert me vê como uma parceira forte e independente. Este

não é o momento de bancar a histérica feito as mulheres da família dele. Não posso correr o risco de me indispor com ele desse modo. E se Albert decidisse me abandonar? Tudo iria por água abaixo.

Então, pondero:

– Uma casa só para nós? Sem ninguém para nos interromper? Johnnie, isso quase me faz esquecer a

preocupação com a reação dos nossos pais e perder o medo de que minha carreira profissional evapore.

– Bonequinha, tudo que não temos agora, trabalho, casamento, casa, teremos no futuro. Prometo –

bebericando o café, ele acrescenta: – Preciso contar para você uma coisa muito legal que aconteceu nessa semana.

– É mesmo? – talvez fosse mais alguma notícia sobre trabalho.

– Sim, nessa semana tive uma manhã livre e consegui ler em detalhes a *Annalen* de Wideman. Dá para acreditar que encontrei no texto dele a validação necessária para a teoria do elétron? – conta, os olhos brilhando.

Como Albert pode pensar que, num momento como este, quero falar sobre suas pesquisas efêmeras

em vez das perspectivas para a carreira dele? Será que bem agora ele espera que eu entre nessa conversa inflamada sobre o sentido da vida?

Sinto como se estivesse fora de meu próprio corpo ao dizer:

– Que interessante – devo ter deixado algo transparecer pelo tom de voz porque Albert interrompe seu monólogo. Ele parece se distanciar por um momento do turbilhão efervescente da própria mente e olha para mim. Ele me enxerga de fato. E por um segundo parece olhar para si também.

– Ah, bonequinha, me desculpe. Quero que não se pressione com isso. Prometo que vou continuar

procurando por qualquer oportunidade fixa de trabalho e vou aceitar o que aparecer. Não importa se for algo inferior ao que espero. Assim que eu conseguir um trabalho fixo, vamos casar e nem vamos precisar nos preocupar em contar para seus pais. Quando nossos pais ficarem sabendo da notícia, vão ter de aceitar de um jeito ou de outro.

– Sério? – finalmente ele começava a falar aquilo que eu estava desesperada para ouvir, embora ainda continuasse preocupado demais com a reação de nossos pais. Naquele momento, eu precisava mais falar do casamento em si do que da aprovação de nossos pais, afinal, eu já sabia que eles não iriam gostar nem um pouco da novidade. A mãe dele me odiava.

– Sério. Vamos ter a vida boêmia com que sempre sonhamos, trabalhando juntos nas nossas pesquisas e na nossa própria casa – as dobrinhas ao redor dos olhos se acentuam mais quando ele abre um sorriso largo. – Só teremos um menino para segurar no colo.

Fecho os olhos e apoio a cabeça nos ombros dele. E num momento de indulgência permito-me ser arrebatada pelos devaneios de Albert.

Capítulo 19

20 de agosto de 1901 e de 7 a 18 de novembro de 1901

Kaç, Sérvia, e Stein am Rhein, Suíça

NADA DO QUE PLANEJAMOS APRESENTAR A NOSSOS PAIS SE CONSUMOU, ou seja, o pacote completo do

casamento com um trabalho tanto para ele quanto para mim. Como Albert não conseguiu uma oportunidade de trabalho fixa depois de terminado o contrato dele em Winterthur, não tivemos

outra escolha a não ser revelar a verdade a nossos pais, afinal, ficaríamos debaixo do teto deles pelos próximos meses. Eu teria de voltar para a casa de minha família em Kač; eu tinha feito as provas finais e, enquanto aguardava pelos resultados, que eu bem sabia que seriam terríveis, não poderia permanecer em Zurique para desenvolver a tese já que a gravidez ficaria mais evidente. Albert, que não tinha como se manter, teve de voltar a morar com os pais que estavam de férias no Hotel Paradise em Mettmenstetten. O fato de ele estar no paraíso enquanto eu teria de encarar o inferno em Kač me deixou furiosa.

A angústia do meu pai em relação à gravidez era pior do que qualquer sentimento de raiva que ele pudesse infligir a mim. Quando dei a notícia, os ombros largos caíram como se houvesse um bloco de concreto em cima de cada um deles e, pela terceira vez em toda a minha vida, meu pai gritou comigo.

– Mitza, como você pôde fazer uma coisa dessas?

Meu pai não precisava dizer em voz alta o que eu sabia que ele estava pensando: que ele tinha construído um caminho para mim em meio à selvageria de um mundo dominado por homens, o mundo da

Ciência e da Matemática, e que eu tinha jogado tudo fora por uma bobagem. Toda a minha família ficou decepcionada comigo.

Mas nada se compara à decepção do meu pai quando os resultados das provas finais chegaram por

correio. Logo depois que contei sobre a gravidez, eu o preparei para as notas que eu acreditava serem inevitáveis. Disse a meu pai quanto tinha me preparado para os testes, mas que me senti muito mal em determinados dias, especialmente nas semanas das provas orais – a náusea incessante, o vômito e a tontura que assolaram meus dias e noites, agravados pela dificuldade cada vez maior de usar o espartilho. Expliquei a ele como tinha sido difícil ter de sair correndo da sala no meio da prova para não vomitar na frente dos avaliadores, entre eles, o professor Weber, mas meu relato pareceu não fazer a menor diferença para meu pai. E a situação ficou ainda pior quando as notas chegaram, mostrando os

resultados que eu já tinha previsto. Meu pai sabia que todos meus sonhos profissionais se perderam no momento em que engravidei; ser reprovada nos exames era algo secundário. Nem mesmo a possível adoção do bebê, algo que meu pai vivia insinuando, poderia restaurar minha honra e minha carreira.

Minha mãe preocupava-se apenas com o resgate da minha alma. Orações para a Virgem Maria, rogando para que a santa perdoasse meu pecado, eram feitas de hora em hora, todos os dias, embora vez ou outra, quando perguntava como eu estava sentindo-me, eu percebesse certa sensibilidade por parte dela. Ela dizia que a gravidez de uma mulher nas minhas condições, com uma perna coxa, era algo raro e que era ainda mais raro que a criança nascesse com vida. Assim, as orações também se estenderam à minha saúde e à do bebê, mas minha mãe mantinha a cabeça baixa, demonstrando sempre constrangimento.

Apenas uma coisa aliviou um pouco o modo como meus pais vinham tratando-me; foi uma carta que

recebi dos pais de Albert. O senhor e a senhora Einstein me chamaram de prostituta. Embora as correspondências tivessem a assinatura de ambos, eu sabia que tinha sido a senhora Einstein

quem as escrevera. O pai de Albert era brando demais para fazer um tipo de ofensa como essa.

Expressões de ódio. Acusações. Palavras que eu não diria em voz alta, que dirá escrevê-las para uma mulher que está à espera de uma criança.

– Essa carta não é uma ofensa, é o cúmulo do absurdo – comenta meu pai ao se acalmar depois de

uma rara explosão de fúria em que socou o sofá e chutou as paredes.

– Quem desejaria prender um estudante de Física desempregado?

Tive de rir. Meu pai tinha razão. No papel, Albert não tinha absolutamente nada. Aquele foi o único momento de alegria depois de semanas de sofrimento.

– Se a mãe de Albert pensa que vamos permitir que nossa linda filha sérvia se case com aquele patife do filho dela, ela está muito enganada – anuncia meu pai e se senta em seguida para escrever uma resposta. Ele preferia que eu criasse esse filho ilegítimo sozinha ou que o oferecesse para adoção – ainda que isso ferisse a minha reputação e a de minha família – a unir ainda mais nosso sangue ao da família de Albert.

Eu ficaria melhor sem ele, acreditava meu pai.

Para Helene, confessei tudo: a gravidez, minhas preocupações com o comprometimento de Albert, a

dificuldade com nossos pais. Contei a ela também sobre a mãe de Albert: “Como pode haver no mundo uma pessoa tão abominável? Parece que a intenção dela é mesmo arruinar nós três: eu, o filho dela e o próprio neto ou neta!”. Helene, diferentemente dos outros, que tiveram um acesso de fúria ou

lamentaram pela minha alma, foi a única que demonstrou compaixão pela minha situação.

À medida que as semanas se passavam e Albert não deu as caras em Kač, comecei a ser alvo de pena. Entreouvi meus pais conversando e dizendo algo como “coitada da Mitza” e murmúrios de tristeza; eu sabia que meus pais, desde que nasci, já esperavam que eu sofresse esse tipo de rejeição. Esse sentimento de pena me sufocava feito um tentáculo gigante que me apertava até eu não conseguir mais respirar. Às vezes eu sentia que não suportaria tudo aquilo por nem um minuto a mais.

Depois de três meses entre sentimentos de frustração, preocupação e pena, eu precisava sair de Kač.

Em novembro, dei um jeito de viajar para Zurique, alegando que havia um modo de retomar minha tese com Weber. Acho improvável que meu pai tenha acreditado – mesmo usando o espartilho bem apertado, estava difícil esconder a barriga, e era inacreditável que eu pudesse obter o título de doutorado tendo falhado nas disciplinas de graduação. O objetivo de minha viagem, é claro, era procurar Albert. Ele era o consolo de que eu precisava, a salvação para minhas feridas.

O sinal vermelho anunciando que tínhamos chegado em Schaffhausen passou tão rápido pela janela que quase o perdi. Estendo o pescoço para ver a fortaleza do século XI que Albert descrevia tão lindamente nas cartas. Além das ruas com paralelepípedos e uma torre de relógio astronômica, a única coisa a mais que vi na cidade foi uma floresta densa que a ladeava. Fiquei perguntando-me se era aqui nessa região frondosa de Schaffhausen que Albert morava e trabalhava dando aula para um jovem inglês que estava preparando-se para o *matura*. Era um emprego temporário, o único que ele conseguiu depois do término do contrato de Winterthur, em agosto.

Eu não poderia arriscar e sair do trem para descobrir. Não nas condições em que eu me encontrava.

Se alguém que trabalhasse com ele o visse, isso poderia manchar a reputação dele. Não poderíamos nos dar a esse luxo.

Não. Vou permanecer no trem até a próxima parada. Decidi desembarcar em Stein am Rhein, a cidade mais próxima do norte de Schaffhausen. Meu plano era escrever para Albert de lá, contando da minha visita surpresa. Ele não foi me visitar em Kač e não explicou, como eu havia pedido, a situação para meus pais – ele recebia como pagamento apenas 150 francos por mês e que não poderia pedir aos pais para bancarem a viagem dele –, então vim eu mesma vê-lo.

De onde eu estava hospedada, o Hotel Steinerhof, em Stein am Rhein, enviei flores para Albert e um bilhete anunciando que havia chegado. Depois, me acomodei no sossego do quarto, abri o espartilho que apertava minha barriga e tentava impedi-la de crescer e fiquei lendo sem a interrupção e o julgamento de meus pais. E assim fiquei esperando.

O dia inteiro se passou sem que Albert respondesse. Começo a ficar nervosa. Por que essa demora

em responder? Será que ele estava fora? Ou a carta não chegou até ele? Envio outra carta.

Dessa vez, a resposta veio rapidamente. Sem mencionar a primeira carta que enviei, Albert se diz surpreso e feliz com minha visita, mas alega que ainda não pode vir me ver, por dois motivos: primeiro, o primo dele Robert Koch tinha vindo visitá-lo e havia perdido o bilhete da passagem de volta, então o rapaz estava esperando que a mãe o enviasse outro para que pudesse partir, logo, não havia uma data certa para que ele fosse embora; a segunda desculpa era que ele, Albert, como ganhava 150 francos por mês, não teria como bancar uma viagem para Stein am Rhein.

Ao final da carta, uma série de “meu amor” e “minha pequena feiticeira”, mas àquela altura, não havia apelidos que pudessem

me acalmar. Como ele pôde achar que poderia me dobrar com tanta facilidade? E como ousou não aparecer imediatamente? Será que a mãe tinha finalmente conseguido o que queria? A questão da visita do primo era até compreensível – eu não queria que nem a minha família nem a dele soubessem da minha visita –, mas esse pretexto do dinheiro? A namorada grávida dele tinha viajado quase dois dias para vê-lo e ele não tinha 30 francos para bancar uma simples viagem de trem?

Cento e cinquenta francos por mês não era muito, mas se bem administrados, ele já poderia ter poupado um pouco para se estabelecer em Zurique. Um bilhete de trem não deveria ser um problema.

Junto à carta desaforada, vieram também alguns livros da coleção de Albert, provavelmente para me manter bem ocupada enquanto ele não viesse me visitar. Tentei me concentrar em um texto de Psicologia de Auguste Forel, diretor da famosa clínica Burghölzli, em Zurique, mas foi inútil. Especialmente quando no dia combinado para a visita outra carta chegou, Albert implorava para que eu o perdoasse, pois não poderia comparecer de novo. Alegava que os motivos eram o trabalho, o primo, a falta de dinheiro, tudo, menos ele.

Dessa vez, não controlei minha raiva. Se ele não conseguia arranjar dinheiro e tempo suficientes para me visitar, sendo que eu estava a apenas uma estação de trem de distância, e tinha atravessado muitos países para encontrá-lo, que tipo de comprometimento eu poderia esperar dele? Enviei mais uma carta dando a ele três dias para me visitar, tempo que meu dinheiro levaria para acabar.

Albert não veio. Em vão, esperei até que não pude mais me dar ao luxo de ficar hospedada no Hotel Steinerhof. Dez dias depois de ter chegado, lá estava eu de volta a Kač, e sozinha.

A viagem só fez inflamar ainda mais minhas feridas. Ao que tudo indicava, eu teria de encarar essa gravidez sozinha, exatamente

como meus pais temiam.

Capítulo 20

27 de janeiro de 1902

Kač, Sérvia

BERRO. Enquanto minha mãe enxuga minha testa, ouço gritos guturais no quarto. Tem mais alguém

na sala de parto conosco? É claro que aquele barulho todo não poderia ser eu. Os gritos, sim, eram meus, mas não aquele som animalesco e desesperado.

– O que foi esse barulho, mãe? – pergunto com a voz rouca de tanto gritar.

Minha mãe me olha de um jeito estranho.

– Mitza, a única aqui que está fazendo barulho é você.

Como aquilo poderia ser a minha voz? Meu próprio corpo?

Mais uma onda de dor me açoita. Agarro a mão da minha mãe com força enquanto a parteira, a senhora Konaček, me examina de novo. Tento respirar e me acalmar como ela havia pedido, mas meu corpo convulsiona a cada sensação de facada que surge. Quando é que isso vai acabar?

– Não vai demorar muito – anuncia a senhora Konaček.

Não? Estou em trabalho de parto há dois dias. Não vou suportar isso por muito mais tempo. A parteira me alertou que, considerando a condição de meus quadris, o trabalho poderia durar bastante tempo. Eu estava exausta, mas mesmo assim a dor não me deixava dormir.

Fito os olhos já familiares da senhora Konaček; foi ela quem fez o parto de todos meus irmãos e o meu.

– Pense em alguma coisa agradável enquanto sua mãe e eu vamos ao poço para pegar água fresca –

diz dando-me um tapinha na mão.

Alguma coisa agradável? Houve um tempo em que essa imagem seria a de Albert. Mas depois de

Schaffhausen, passei a desconfiar tanto dele que seria impossível pensar em Albert agora. Como pude confiar em um homem que não foi capaz de pegar um trem e viajar apenas uma estação para me encontrar em Stein am Rhein, depois de eu ter atravessado países para visitá-lo? Não importava que as cartas que recebi dele desde então – e que deixei sem resposta por semanas – trouxessem notícias de certo emprego como perito técnico de patente em Berna, na Suíça, na função que o senhor Grossman havia mencionado no Café Sprüngli, algo pelo qual esperei tanto tempo. Compreendendo meu silêncio como uma punição, Albert fez de tudo para me agradar, professando seu amor nas cartas, chegando até a perguntar se tinha

acontecido algum problema com a entrega das minhas respostas pelo correio, mas nada do que ele dissesse seria suficiente. Houve um tempo em que as palavras dele me bastavam; agora, eu precisava de atitudes.

Eu teria insistido em manter o silêncio, um modo de continuar demonstrando meus sentimentos de decepção e raiva, não fosse pela minha mãe. No outono, quando todos voltaram para Novi Sad, ela e eu ficamos no Spire para aguardar o nascimento do bebê. Era o melhor a se fazer, considerando que ainda não tínhamos decidido o futuro da criança. Mantivemos apenas uma única empregada de muita confiança para evitar o falatório em Kać e, conseqüentemente, minha mãe e eu estávamos praticamente sozinhas pela primeira vez na vida.

Para minha surpresa, eu a vi executando as tarefas de casa com calma e logo estabelecemos uma rotina tranquila em nosso dia a dia. Eu a seguia pela casa enquanto ela trocava a roupa de cama, limpava o chão, lavava as roupas e preparava as refeições. Todo o trabalho doméstico de que meu pai me privou porque queria que eu seguisse uma carreira profissional, uma vida de uma mente pensante, não de uma dona de casa, comecei a aprender pela primeira vez aos 24 anos. Uma mulher de 24 anos solteira e grávida. Mesmo assim, minha mãe nunca me constrangeu, pelo contrário. Com respeito e carinho, ela me ensinou tudo aquilo que as mulheres tradicionais faziam.

Foi numa tarde tranquila, quando estávamos sentadas de frente para a lareira, depois de prepararmos uma bela sopa para o jantar, que ela percebeu a pilha de cartas de Albert e que eu não tinha enviado nenhuma resposta a ele. Ela pergunta:

– Você não vai responder, Mitza?

Olho para ela com espanto. Minha mãe nunca conversava comigo sobre Albert nem sobre o futuro.

Vivíamos dentro de uma bolha do presente, criando um santuário dentro de uma casa que nunca foi o lugar idealizado para um retiro de inverno.

– Não, mãe.

– Compreendo sua raiva, Mitza. Foi Albert quem apresentou o pecado a você, e mesmo assim você

deve suportar o fardo sozinha. Mas, por favor, não permita que seu filho também pague por esse pecado, se tiver a chance de conceder a ele uma família de verdade. Um pai e uma mãe.

Fico mais espantada ainda com esse comentário. O conselho de minha mãe era completamente contrário ao do meu pai, que me pedia para romper com Albert.

– Não sei se posso fazer isso, mãe. Não depois de ele ter passado todos esses meses sem me visitar.

– Meu pai teria manifestado toda a raiva que sentia pela ausência de Albert e eu imaginei que minha mãe sentisse o mesmo, embora ela nunca tenha tocado no assunto. Eu não me atreveria a contar para ela que ele tinha feito algo ainda pior ao me deixar esperando em Stein am Rhein; essa informação poderia libertar a raiva contida de minha mãe.

– Perdoe Albert do mesmo modo que Deus nos perdoa e abrace qualquer chance que Ele lhe conceder de legitimar esse bebê.

Minha mãe tinha razão. Punir Albert com meu silêncio seria punir também o bebê. Em meio à raiva, eu havia me esquecido de algo óbvio. Voltei a escrever para Albert e, com a ajuda e o incentivo de minha mãe, até enviei um presente de Natal para ele, alguns dias antes de começar a sentir as dores do parto.

Agora, não havia escolha. Eram apenas eu, a dor e os gritos.

– Mãe! – berro. Ela e a parteira levaram uma eternidade para voltar com os baldes de água. Consigo ouvir uma tempestade lá fora; o vento açoita a janela e um trovão soa a distância. Será que aconteceu algo com elas quando foram buscar a água? Rezo e peço a Deus que as proteja. As contrações apareciam em intervalos cada vez menores e acho que sozinha não vou conseguir. A dor dilacera meu corpo todo, não só o canal de parto, mas também as costas e os quadris. Sinto como se eu fosse partir ao meio.

As duas entram correndo e congelam ao me ver. A expressão tanto da parteira quanto de minha mãe é pior do que qualquer dor que eu tenha sofrido. Havia alguma coisa muito errada. Minha mãe murmura orações enquanto põe os baldes de água no chão e se ajoelha bem perto de mim. A parteira fica no pé da cama.

– Senhora Konaček, o sangue! – exclama minha mãe.

– O que aconteceu? – pergunto desesperada.

– Reze à Virgem Maria – escuto a parteira dizer à minha mãe. Em seguida, ela fala comigo. –

Senhorita Marić, seu bebê não pôs a cabeça para fora como eu gostaria. Ele está em outra posição. Vou ter de tentar virá-lo.

Minha mãe resfolega. Já ouvi falar desse tipo de parto. Alto risco tanto para a mãe quanto para o bebê. Lesões e morte para ambos é comum nesse tipo de procedimento. Como isso pode estar acontecendo comigo e com meu bebê?

A dor é insuportável, a pior que já senti em toda a minha vida. No exato momento em que penso:

“não vou suportar nem mais um segundo”, a senhora Konaček diz:

– Conseguimos virar o bebê, senhorita Marić. Ele está na posição certa agora. Faça força mais uma vez e ele vai sair.

– Tem certeza que ela deve fazer força? E o sangue? – implora minha mãe.

– Só há um caminho para terminar o procedimento, senhorita Marić. Seja qual for o resultado – ela posiciona as mãos nas minhas coxas. – Agora, senhorita Marić. Empurre.

Buscando, em meio à dor, uma força no mais profundo de mim, respiro fundo e faço força. E então a dor passa.

Não ouço o choro do bebê como esperei. Ouço o barulho de água pingando. Como que um vazamento, na verdade. Que vazamento seria esse, aqui? Não havia nenhum poço, nem pia no quarto.

Seria alguma goteira da chuva? Olho para baixo, na direção dos meus pés, e vejo a parteira segurando uma vasilha, não um bebê. Mesmo por entre o delírio induzido pela dor, vejo que o vasilhame está cheio de sangue. O gotejamento não é a água da chuva; é meu sangue.

“O que aconteceu?”, quero perguntar. “Onde está o bebê?”, sinto vontade de gritar. Mas não consigo fazer com que as palavras saiam de minha boca. Inspiro à procura de ar e em seguida apago.

Não me lembro de quando foi a primeira vez que vi o lindo rosto dela. Devo ter aberto os olhos por alguns segundos antes de apagar de novo. Podem ter sido horas depois do nascimento, ou mesmo dias; perdi muitos dias e horas nas semanas seguintes ao nascimento. Eu a segurei por alguns momentos aqui e ali, acho. Eu me lembro vagamente de que a amamenteei enquanto ouvia de longe meu pai lendo uma carta que havia escrito para Albert contando sobre o nascimento da criança. Porém me lembro nitidamente do instante em que ela abriu seus olhos azuis e olhou para mim. Embora eu soubesse que era impossível, que recém-nascidos são incapazes de tal coisa, posso jurar que ela sorriu para mim.

Agora eu tinha uma filha. Como desejei lá no fundo. Uma pequena Lieserl.

Izgoobio sam sye. Estou completamente encantada por ela.

Capítulo 21

4 de junho de 1902

Kač, Sérvia

DO BERÇO, LIESERL SORRI PARA MIM. Amo o modo como o sorriso desdentado realça as bochechas

macias dela. Acariciando a pele incrivelmente sedosa de minha filha, penso quanto ela merece

qualquer sacrifício que eu possa fazer por ela. A Física não significa nada para mim em comparação a Lieserl. Os segredos de Deus foram revelados no rosto dela.

Os olhos azuis que pareciam uma centáurea permanecem abertos contrariando minha vontade de que

ela tirasse um cochilo agora, e quase a tiro do berço de carvalho para segurá-la no colo, o mesmo berço que foi meu quando bebê. Lieserl havia adormecido em meus braços na cadeira de balanço e tentei colocá-la no berço todo acolchoado com todo o cuidado possível. Porém, no momento em que a cabecinha delicada e loira tocou o cobertor cinza-claro de tricô que eu mesma havia feito para minha filha, ela acordou e esboçou aquele sorriso que mais parece um botão de rosa abrindo-se.

Ouçõ os passos da minha mãe no corredor em direção ao quarto de Lieserl e, de repente, o barulho cessa. Não preciso olhar para a porta para saber que ela está parada no batente, observando Lieserl e a mim, com um sorriso nos lábios. Minha mãe adorava Lieserl quase tanto quanto eu, sendo ela bastarda ou não.

– Chegou uma carta pra você, Mitza – avisa minha mãe. Pelo tom de voz dela, sei que é de Albert.

– Pode ficar com a Lieserl até ela pegar no sono, mamãe? – pergunto, pegando a carta da mão dela.

– Claro, Mitza – responde, apertando ligeiramente meu braço.

Em vez de descer direto para a confortável sala de visitas que tem janelas grandes por onde a brisa do verão adentra, subo para o sino da torre do Spire. Quero estar sozinha para ler a carta. É lá que, na época da infância, um tempo que me parece

tão distante agora, costumava ser meu refúgio. Abro o envelope usando uma tesoura.

Antes de ler o que Albert escreveu, fecho os olhos e, baixinho, oro para a Virgem Maria. O hábito de minha mãe me contagiou, e eu precisava de ajuda, ainda mais porque a espiritualidade que eu costumava encontrar no trabalho havia escapado de minhas mãos nos últimos dias. Quero muito que Albert venha visitar nossa filha; implorei para que ele viesse, mas ele se recusou, explicando que tinha de ficar em Berna esperando a aprovação do governo para que ele pudesse trabalhar no país e que não

poderia fazer nada que pudesse prejudicar sua reputação. Embora eu compreendesse que os suíços prezassem pelo respeito e pela disciplina e que Albert precisasse mesmo tomar cuidado, eu não conseguia entender como uma viagem para Kač poderia comprometer a reputação dele. Ninguém em Berna precisaria saber quem ele iria visitar.

Abaixo a cabeça e começo a ler o rabisco familiar. Ele começa a carta com os mesmos apelidinhos

de sempre e as perguntas sobre Lieserl: como ela era, com quem se parecia e o que já vinha conseguindo fazer. Sorrio ao pensar em Albert tentando imaginá-la.

Então, ele pergunta: “Pode me enviar uma fotografia dela?”.

Era uma excelente ideia. Em Kač, não havia um fotógrafo, mas eu poderia levar Lieserl a Beočin,

uma cidade vizinha e grande para tirar um retrato. É óbvio que Albert não resistiria ao ver os cachinhos, o sorriso e as formas angelicais da filha e viria conhecê-la pessoalmente. Volto à carta.

Bonequinha, não posso ir para Kač agora. Não porque eu não queria conhecer nossa Lieserl, mas por um ótimo motivo.

Acho que você vai gostar. O trabalho como perito técnico de patentes em Berna deu certo, como o Grossman havia prometido, e vou começar daqui a alguns dias. Então, viajar agora está fora de cogitação. Mas não nos vemos há muito tempo. Suplico para que venha à Suíça, talvez não para Berna, porque o burburinho pode ser grande. Talvez seja melhor em Zurique, porque assim poderemos nos encontrar de modo mais fácil. E venha sozinha. Não traga a criança. Ao menos pelos próximos meses, até que possamos organizar nosso casamento em Berna. Sei que pode soar estranho, então, vou explicar. Você sabe como os suíços são exigentes. Bem, quando me candidatei ao trabalho de perito, há seis meses, informei que eu não era casado. Se eu chegar a Berna com uma esposa e um bebê de colo, eles vão descobrir de imediato que a criança foi concebida antes do casamento, o que certamente colocaria em risco a oportunidade de trabalho. Você entende, não entende? Talvez possamos encontrar um modo para que traga Lieserl num outro momento. Talvez o seu experiente pai possa encontrar uma maneira [...]

Jogo a carta no chão. Como ele não poderia vir para Kač conhecer a filha? E, pior ainda, como foi capaz de me pedir para deixar Lieserl para trás pela simples conveniência de visitá-lo? Por que nosso casamento exigia um trabalho e por que o trabalho exigia a renúncia à minha filha? Será que os pais dele estão por trás disso? Eu sabia que eles continuavam contra nossa união, com Lieserl ou sem ela. Eu havia renunciado a mim, a uma carreira e a minha honra, mas meu consolo era minha filha. Eu não suportava nem imaginar ficar distante dela por um período indeterminado.

Deito no sofá antigo e aninho meu corpo como se fosse uma criança. Sucumbo às lágrimas que venho guardando dentro de mim.

Os degraus que conduzem à torre de sino rangem com os passos vagarosos e pesados de minha mãe.

Percebo que ela se senta a meu lado no sofá, e então me envolve com seus braços.

– O que ele disse, Mitza?

Tentando falar em meio aos soluços, conto a ela. Dizer as palavras em voz alta só as torna ainda mais horrendas. Como Albert foi capaz de me pedir para deixar minha linda filha de lado por tanto tempo, sabe-se lá quanto? Ele nunca nem mesmo a viu; não sabia o que era ficar sem o cheirinho dela, aqueles olhos azuis, os gorgolejos e, acima de tudo, aquele sorriso. E numa das cartas que enviou Albert deu um mal palpite ao dizer que Lieserl não conseguia sorrir ainda. O sorriso dela era tão perceptível quanto o toque mais audível de um sino.

– Albert não mencionou nada sobre o casamento nem citou Lieserl nos planos dele. Ele só quer que eu vá para lá, sozinha, ficar em um lugar que seja conveniente para que ele possa me chamar quando bem quiser – enquanto digo essas palavras, embora verbalizadas elas sejam mais terríveis do que são no meu pensamento, o choro diminui e a respiração desacelera. Vejo a luz de um novo caminho se acender diante de mim: uma vida com Lieserl, mas sem a Física que eu tanto amava e sem Albert. Eu precisava me

fortalecer para encarar isso. – Nós vamos ficar aqui em Kaç, mamãe. Lieserl e eu. Aqui será a nossa casa.

Enquanto enxuga as minhas últimas lágrimas, minha mãe comenta:

– Escute-me, Mitza. Lembra-se daquela conversa que tivemos sobre dar uma família de verdade para a Lieserl?

Faço que sim com a cabeça. Foi justamente essa conversa que passou a guiar minhas decisões em

relação a Albert. E ela também tinha ressuscitado alguns sentimentos por ele. Mas eu já não sabia mais ao certo se queria continuar seguindo nessa mesma direção.

– Você precisa ir para Zurique. É o único jeito de manter os planos de casamento. Sei que não está gostando nem um pouco das atitudes de Albert... A relutância em conhecer Lieserl, o egoísmo em querer ter você por perto sem estabelecer uma data para o casamento, a falta de atitude em relação à família dele... Mas você não está fazendo isso por você. Está indo para Zurique por Lieserl.

Eu sabia que minha mãe tinha razão, embora não quisesse ouvir, tampouco aceitar tudo aquilo. Mas eu também sabia quanto Albert era inconstante.

– Mas, mãe, e se eu fizer o sacrifício de ir até Zurique como ele quer e ele continuar recusando Lieserl entre nós dois? Você bem sabe que logo nas primeiras cartas que enviou ele concordou com a ideia de adoção que o pai teve. Assim o casamento não valerá a pena para mim. Nunca vou desistir de minha filha.

Ela agora me encara feito um touro furioso diante do toureiro.

– Eu nunca vou deixar que isso aconteça, Mitza. Não fui eu quem bateu o pé quando seu pai quis mandá-la pra adoção por uma família que morasse longe daqui? Não fui eu quem insistiu para que ela continuasse aqui em Kač?

Minha mãe tinha me olhado de um jeito realmente furioso, uma expressão que eu jamais percebi nela. Estive errada toda a minha vida. A quietude de minha mãe não era fraqueza; era uma vigilância pungente que estava ali, pronta para ser lançada como lava de um vulcão quando fosse necessário.

Sozinha, ela brigou contra meu pai pelo meu direito de manter Lieserl comigo, reclusas no Spire, com a companhia apenas de minha mãe e de uma empregada.

– Sim, mamãe.

– Então, pode acreditar em mim quando digo que vou amar e proteger sua filha aqui até que você

volte como uma mulher casada. E prometo que até lá vamos encontrar um modo de Lieserl morar com você.

– Sim, mamãe.

– Bem. Então vá para Zurique conforme Albert pediu. O resto vai se ajeitar. Confie em mim.

Capítulo 22

6 de janeiro de 1903

Berna, Suíça

ENTRELAÇO A MÃO DIREITA NA MÃO ESQUERDA DE ALBERT E FICAMOS em pé, de frente para o Civil

Registrar Gauchat. Na mão esquerda, seguro um buquê de flores secas cuidadosamente

selecionadas por Albert durante o período em que estivemos no lago de Como. Alguns dos botões

até combinam com o azul vívido do vestido que escolhi. Hoje é o dia pelo qual rezei e esperei há anos, o dia de nosso casamento. Contudo, o que antes desejei para mim, agora era mais do que um desejo, uma necessidade. Era por Lieserl.

O juiz tem óculos e bigodes tão grandes que Albert e eu quase caímos na gargalhada quando entramos na sala. Ele nos lança um olhar tão peculiar aos suíços, que remete à disciplina. Rapidamente nos ajeitamos e assumimos nossos lugares diante dele. Gauchat leva um bom tempo para se posicionar no estrado. Depois de se certificar que estava devidamente emoldurado pelo

cenário imponente dos Alpes, ele começa o discurso cuidadosamente elaborado para transmitir a solenidade da ocasião.

Nossas testemunhas – Maurice Solovine, estudante da Universidade de Berna que procurou Albert

para aulas de reforço, mas se tornou um amigo, e Conrad Habicht, um amigo de Albert de Schaffhausen que recentemente se mudou para Berna – assumem suas posições no estrado. Não nos atrevemos a chamar nossas famílias; a mãe de Albert ainda continuava extremamente contrária à nossa união e meus pais tiveram de ficar para cuidar de Lieserl.

– Ao que parece, toda a documentação de vocês está em ordem, senhor Einstein e senhora Marić –

afirma o juiz.

– Obrigado, senhor – diz Albert.

– Estão prontos para os votos?

– Sim, senhor – respondemos juntos e percebo que os senhores Solovine e Habicht se aproximam de

nós.

– Então, podemos começar – o escrivão pigarreja e, em seguida, declara: – Senhor Einstein, aceita como sua legítima esposa a senhorita Mileva Marić?

– Sim – responde Albert enquanto, de um modo desajeitado, procura pela aliança de prata simples

que guardou no bolso. Com as mãos trêmulas, ele põe a aliança no meu dedo.

O escrivão se vira para mim e pergunta:

– Senhorita Mileva Marić, aceita o senhor Albert Einstein como seu legítimo esposo?

O tempo parece parar. Olho bem fundo nos olhos castanhos de Albert. Olhos em que certa vez confiei e que agora não tinha outra escolha a não ser confiar totalmente. Houve um tempo em que ansiei por esse momento com todas as forças da minha alma e, aliás, minha mãe e Helene me asseguraram que essa era a coisa certa a se fazer – a única coisa a se fazer, pelo bem de Lieserl –, mas eu me perguntava que tipo de futuro a senhora Einstein reservava para mim. Desde que os dias de universidade terminaram, uma nuvem começou a pairar sobre nosso relacionamento. Albert havia me decepcionado muito com a inconstância de humor, a espera infundável e a abstenção em relação a Lieserl.

– Mileva? – chama Albert quando hesito. – Está tudo bem?

– Estou bem, só estou um pouco emocionada – o escrivão assente diante de minha demonstração de

seriedade em relação aos votos. – Claro que aceito, Albert Einstein.

Ele sorri para mim, e aquelas dobrinhas ao redor dos olhos que eu tanto adorava aparecem. Uma parte de mim ainda o ama, apesar de tudo o que sofri. Com as mãos firmes, ponho a aliança idêntica à minha no dedo dele.

O escrevente nos entrega a certidão. Nela, somos senhor e senhora Einstein, sem filhos. Sinto uma dor no peito por não ver ali o nome de minha filha. Forço um sorriso e aperto a mão de Albert com força.

Nós nos viramos para receber os cumprimentos das testemunhas.

Conduzidos pelo escrevente para assinar a certidão, interrompemos o momento de alegria para encerrar a cerimônia. Enquanto observo, Albert recebe tapinhas nas costas dos amigos, os senhores Solovine e Habicht. Sei que deveria estar feliz, mas uma sensação de tristeza parece me consumir. Às custas de que aceitei esse casamento?

Enquanto saímos do cartório e descemos as escadas do imponente edifício do governo, nossas alianças brilham em contato com a sutil luz do sol de inverno. Berna, mesmo no inverno, continuava sendo uma cidade pitoresca; rodeada pelo rio Aare e cercada por falésias, a cidade se situa num promontório sensacional. Salpicada por telhados vermelhos, edifícios medievais, ruas com paralelepípedos e fontes borbulhantes. Embora talvez fosse mais encantadora, em Berna faltava a energia vital de Zurique, ou, nas palavras de Albert, o espírito boêmio. Era o respeito que imperava na cidade.

Ele segura minha mão enquanto passeamos pelos paralelepípedos irregulares de Berna, e tento não

pensar no momento em que deixei Lieserl nos braços de minha mãe antes de partir para Zurique. Tento apagar da mente os quatro meses que passei sozinha na Engelbrecht Pension, vagando sem rumo durante o dia e debulhando-me em lágrimas até conseguir pegar no sono à noite enquanto esperava, em vão, que Albert aparecesse ou que mandasse algum sinal de vida, mas ele estava ocupado demais nas horas livres fazendo trilha ou velejando com os novos amigos. Tento também dissipar todas as memórias dolorosas de quando, um mês atrás, mudei para Berna e me hospedei na Herbst Pension, em Thunstrasse, depois na Suter Pension em Falkenplatz e, por fim, na Schneider Pension em Bubenbergrasse, onde meus braços vazios ansiavam por embalar minha pequena Lieserl. Tento enterrar a raiva que passei no mês de outubro, quando, em seu leito de morte, o pai de Albert finalmente nos concedeu permissão para prosseguirmos com os planos do casamento. Procuro, então,

pensar na união que Albert e eu acabamos de selar e na promessa que ela reserva de reunir Albert, Lieserl e eu como família. Meu humor melhora.

– Vamos brindar aos noivos no Café im Kornhauskeller! – sugere o senhor Habicht.

Albert e eu não planejamos nenhuma comemoração especial pós-casamento; não havia ninguém da

família para celebrar conosco e eu não conhecia muito bem os senhores Solovine e Habicht. Os dois tinham cabelo preto, bigode, eram morenos e, à primeira vista, ambos se pareciam muito fisicamente, com uma única diferença: o senhor Habicht usava óculos. Eles eram amigos de Albert, os mesmos que o

mantiveram muito bem entretido em Berna enquanto eu penava em Zurique. Mesmo assim, eu estava determinada a fazer desse dia um recomeço feliz para nós, então, respondo com entusiasmo:

– Que excelente ideia, senhor Habicht!

O senhor Solovine abre a porta e a segura aberta para eu passar. Entro numa famosa e antiga cafeteria de Berna. Surpreendentemente, o estabelecimento estava barulhento bem no meio da tarde, mas Albert e o senhor Habicht avistaram alguns senhores saindo de uma das mesas e correram para assegurá-

la. Enquanto os senhor Habicht e o senhor Solovine pedem licença para pedir uma garrafa de vinho para nós quatro, Albert e eu nos acomodamos nas cadeiras. Ele se aproxima e sussurra em meu ouvido:

– Parabéns, senhora Einstein. Agora somos *Ein Stein*, que em alemão significa uma rocha. Não vejo a hora de poder atravessar a porta segurando você no colo.

Sentindo as bochechas corarem, sorrio ao ouvir meu nome de casada, muito embora, é verdade, ele

me lembre da mãe dele, Pauline, a “verdadeira” senhora Einstein. Só de pensar nela sinto calafrios. Ela continuava completamente adversa a nosso casamento, apesar do pai de Albert ter nos consentido sua bênção no leito de morte. Ela até havia os enviado uma carta desaforada que chegou hoje pela manhã.

Mas quando os senhores Solovine e Habicht voltam à mesa com a garrafa de vinho e as taças, tiro a mãe de Albert da cabeça e me apresso para pegar minha taça. Eu a seguro para que o senhor Habicht sirva o vinho e digo:

– Muito obrigada por fazer companhia ao Albert em minha ausência.

Enquanto o senhor Habicht enche minha taça com o vinho tinto e cintilante, algumas gotas respingam na toalha de mesa branca. Por um momento, hesito; elas lembram sangue.

O senhor Habicht deixa a garrafa na mesa e diz:

– Nós é que agradecemos por nos ter emprestado Albert. Não teríamos a Olympia Academy sem ele.

– Aqui, aqui – os três tilintam as taças ante à menção da Olympia Academy. Assim como Albert, os dois buscam incansavelmente compreender o mundo e formaram uma “academia” para cumprir tal missão. Analisando livros e teorias de matemáticos, cientistas, filósofos e até de Charles Dickens, os três promoviam debates acalorados; mais recentemente, eles tinham lido e vinham discutindo *A gramática da Ciência* de Karl Pearson.

O senhor Solovine ergue a taça em direção a Albert e oferece:

– Aos noivos!

Enquanto tomamos nosso vinho e, por insistência dos amigos de Albert, nos beijamos, o senhor Habicht se levanta e ergue a taça dele. Dessa vez, ele oferece um brinde a mim.

– À senhora Einstein, uma dama bonita e inteligente. Não sabemos o que Albert fez para merecê-la, mas gostaríamos que nos concedesse a honra de fazer parte da Olympia Academy.

Gargalho. Eu havia me convencido de que esse tipo de debate sobre Ciência e a natureza do mundo, com o qual me acostumei nos tempos em que frequentava o Café Metropole, não era mais para mim, por isso, fiquei eufórica com o convite. Por um momento, me sinto como uma estudante da Politécnica de novo, cheia de esperanças e intrigada pelos mistérios do Universo, não como uma mulher adulta que tinha fracassado nas provas de Física e tido uma hemorragia durante o parto da filha.

– Será uma honra – afirmo, assentindo. – Será uma grande experiência discutir com os membros dessa academia a obra mais recente de Pearson, *A gramática da Ciência*. Vocês concordam com a declaração dele de que é impossível separar a Ciência da Filosofia?

Surpresos e impressionados, os senhores Solovine e Habicht olham para mim. Que alívio. Até aquele momento, eu não havia falado muito entre os três. Como eu tinha passado meses sozinha com minha Lierserl e as rotinas simples que diziam respeito a ela e também passado boa parte do tempo

sozinha em Berna e Zurique, aguardando Albert me chamar, eu me sentia meio enferrujada para esse tipo de conversa.

– Que ideia brilhante! – concorda Albert. – Queria eu ter pensado nisso!

“Eu também queria que essa ideia tivesse partido de você”, penso com pesar. Enterro esse sentimento bem no fundo de minha alma e sugiro, entusiasmada:

– Acho que os encontros da Olympia Academy podem ser em nossa casa de agora em diante. Jantar,

drinques, debates...

Diante da sugestão, Albert, orgulhoso da esposa boêmia e esperta sentada ao lado dele, sorri de orelha a orelha. Retribuo ao sorriso do mesmo modo e continuo com esse mesmo sentimento de alegria pelo resto do dia. E assim tento me manter, até quando nos despedimos dos senhores Solovine e Habicht.

Albert me conduz pelos paralelepípedos das ruas de Berna até nossa nova casa de tijolos vermelhos, em Tillierstrasse, uma região com vista para o sinuoso rio Aare. A cada passo dado, nos aproximamos mais e mais de Lieserl.

Capítulo 23

26 de agosto de 1903

Berna, Suíça

ACAMPAINHA TOCA. Daqui de onde estou, esfregando o chão, olho para o relógio na parede e vejo

que são quase quatro horas da tarde. Deve ser o correio. Uma entrega assim, exclusiva, para uma única pessoa, não era uma prática habitual na cidade, mas depois que muito insisti o funcionário do serviço postal concordou em me ajudar. Eu queria ler as cartas que minha mãe

enviava contando sobre Lieserl o mais breve possível.

Ponho a escova no balde, enxugo as mãos no avental que uso por cima do vestido florido e desço as escadas correndo, o mais rápido que posso. Minha mobilidade e agilidade diminuíram muito depois do nascimento de Lieserl. A parteira admitiu que o dano causado em meus quadris por conta do parto provavelmente

seria irreparável, contudo aprendi a me adaptar a ele, afinal nunca fui uma pessoa muito rápida mesmo. Enquanto desço os degraus, me sinto tonta. Talvez eu tenha me levantado rápido demais.

Nos oito meses depois do casamento, coloquei em prática todas as habilidades que havia aprendido com minha mãe enquanto estive no Spire. Cozinhar, lavar, fazer compras e costurar eram tarefas que preenchiam os dias, o tipo de trabalho do qual meu pai me privou por me incentivar a investir no mundo das ideias. Eu havia me transformado na concretização de uma antiga frase sérvia, *Kuća ne leži na zemlji nego na ženi*, que significa: “Uma casa não está fincada na terra, mas sim na esposa”. Tentei me convencer de que eu gostava de cuidar de Albert do mesmo modo que minha mãe cuidava de meu pai.

Até cheguei a escrever para Helene: “Estou até mais feliz vivendo com Albert do que eu estava na época da universidade”. Será que eu estava tentando me convencer com essas palavras? Porque, para ser sincera, cuidar da casa e de Albert era algo muito monótono para mim.

Felizmente à noite eu conseguia manter minha mente ocupada. Depois do jantar, ou às vezes durante o próprio jantar, Conrad e Maurice chegavam e começavam as discussões da Olympia Academy. Como

membra honorária, eu ficava na retaguarda, tricotando, ouvindo e, vez ou outra, quando havia uma brecha aqui, outra ali, eu me intrometia na conversa. Mas quando o encontro da Olympia Academy terminava é que eu realmente me sentia viva. Retomando nossa antiga paixão e meu desejo secreto de descobrir onde estavam escondidos os segredos divinos nas linguagens da Matemática e da Ciência, Albert e eu pesquisávamos sobre a natureza da luz, a existência dos átomos e, acima de tudo, a noção de

relatividade. Nesses momentos, altas horas da noite, nos aninhávamos na mesa da cozinha com nossas xícaras de café em mãos. Apesar de todo meu sofrimento e de minhas dúvidas, eu me permitia me apaixonar por Albert de novo. Ele havia me prometido que não permitiria que eu me afastasse da Ciência e tinha cumprido a promessa; na mesma ocasião, ele também afirmou que “iríamos revelar os segredos do Universo”, e confiei nele.

Como ela não me saía da cabeça, às vezes eu tocava no nome de Lieserl. Albert nunca falava sobre ela, só escutava, em silêncio, quando eu contava sobre as cartas de minha mãe. Quando eu falava em trazer Lieserl para Berna, ele sempre mudava de assunto, e quando eu me atrevia a perguntar quando poderíamos buscá-la ele dizia “depois”. Além disso, Albert sempre fazia que não com a cabeça quando eu tentava explicar a existência de Lieserl por meio de algum exemplo, como a filha de um primo, uma criança adotada etc.

Mesmo assim, não perdi totalmente as esperanças. Na última carta, pedi à minha mãe que mandasse

tirar um retrato de Lieserl e que nos enviasse. Eu tinha certeza de que quando Albert visse nossa linda filha, ele não resistiria a meus apelos para trazê-la para morar conosco. É claro que nós poderíamos arranjar alguma desculpa para driblar as autoridades suíças e o interrogatório dos amigos. Eu estava torcendo para que a fotografia estivesse junto a essa carta que tinha acabado de chegar.

Na caixa do correio, havia apenas um envelope. Eu o observo. Pela caligrafia, sei que é de minha mãe, mas pelo pouco volume vejo que a fotografia não veio. Subo as escadas em direção à nossa pequena sala de estar. A poeira sobe quando me sento no sofá mostarda. Por mais que limpasse, eu não conseguia tirar toda a poeira deixada pelos moradores antigos.

Querida Mitza,

Sinto muito, mas não trago boas notícias. Uma epidemia de escarlatina voltou a se espalhar pela cidade. Embora eu tenha tomado todo o cuidado para proteger Lieserl, ela acabou contraindo a doença. Já apareceram manchas vermelhas no rosto e no pescoço dela e estão espalhando-se pelo tronco. A febre está muito alta e mesmo os banhos frios não a fazem ceder. Essa é a maior preocupação. O médico a examinou e disse que não há nada que possamos fazer a não ser esperar que a natureza faça seu melhor. E rezar.

Estamos cuidando dela da melhor forma possível, mas ela anda aborrecida, chorando muito, sentindo sua falta. Talvez seja melhor vir vê-la.

Com carinho,

Mamãe

Escarlatina? Não, não, não com a minha Lieserl.

Era muito comum a morte de crianças por escarlatina. Mesmo quando não morriam, sofriam muito

com os sintomas da doença. Cicatrizes, surdez, insuficiência renal e cardíaca, encefalite e cegueira eram apenas algumas das sequelas que os sobreviventes tinham.

Eu tinha de ir para lá.

Enxugo as lágrimas e corro até o quarto para começar a fazer as malas. Enquanto puxo a mala de cima do armário, escuto a porta da frente bater. Albert tinha chegado mais cedo. Continuo arrumando as coisas. Havia um trem, o Arlberg, que partiria naquela mesma noite, percorrendo o longo percurso para Novi Sad e de lá para Kać, onde Lieserl estava morando com minha mãe e meu pai, que agora estava lá para passar as férias de verão. Não posso perder mais nem um segundo sequer.

– Bonequinha? – chama Albert, parecendo surpreso. Ele está acostumado que eu o espere na porta.

– No quarto.

O cheiro do cachimbo chega antes dele.

– Bonequinha, o que está fazendo?

Entrego a ele a carta de minha mãe e continuo fazendo as malas.

– Então você vai para Kać?

Olho para ele, perplexa com o que acabo de ouvir. Como ele pode se manter tão indiferente?

– Claro.

– Por quanto tempo?

– Até Lieserl melhorar.

– Sua mãe não pode cuidar dela? Pode ser que passe muito tempo longe. Uma boa esposa não deve

ficar tanto tempo assim longe do marido. O que eu vou fazer?

Eu o encaro. Será que ouvi mesmo essas perguntas ou estou sonhando? Em meio àquele interrogatório egoísta, Albert não fez nem uma pergunta sobre o estado de saúde de Lieserl. Onde é que estavam a compaixão e a preocupação com a filha? Ao que parecia, a única coisa importante ali era o incômodo em relação à minha ausência. Senti vontade de gritar com ele. Ou de chacoalhá-lo.

Mas, em vez disso, disse:

– Não, Albert. Sou a mãe de Lieserl. Sou eu quem deve cuidar dela.

– Mas eu sou seu marido.

Não consigo acreditar no que estou ouvindo.

– Está me dizendo que eu não posso ir? – questiono com as mãos apoiadas na cintura. Albert parece chocado. Nunca me tinha visto falando tão alto assim.

Ele não responde. Seria o silêncio um sinal da objeção dele? Eu não tinha tempo para o egoísmo ou para qualquer idiotice que estivesse passando em sua cabeça naquele momento.

Fecho o zíper da mala, pego meu passaporte, visto meu casaco de viagem cinza e ponho o chapéu.

Tiro a bagagem de mão e a mala de cima da cama e começo a arrastá-las em direção à porta, depois desço os degraus íngremes da escada, tarefa nada fácil para quem tem uma perna manca como eu.

Enquanto arrasto a mala até a rua e começo a procurar por alguma carruagem para me levar até a estação de trem, olho para trás.

Vejo Albert parado, de pé, no topo da escada, observando-me partir.

Capítulo 24

27 de agosto de 1903 e 19 de setembro de 1903

Salzburgo, Áustria, e Kać, Sérvia

NA PRIMEIRA PARTE DO TRAJETO RUMO A KAĆ, UM PENSAMENTO terrível me ocorre. Será que eu tinha ido longe demais com Albert?

Parte de mim odiava que esse pensamento tenha chegado a ocorrer, mas a verdade é que me

enfurecer e desafiar as vontades de Albert, por mais insanas e injustas que fossem, só arruinaria todo o terreno que eu vinha preparando para que ele aceitasse Lieserl entre nós, isto é, se ela sobrevivesse à escarlatina. Devo tentar acalmá-lo de alguma maneira? Pensar nessa hipótese me deixa muito irritada, mas eu precisava dele a meu lado. Ainda mais porque eu suspeitava que estivesse grávida de novo.

Às quinze horas e vinte minutos o trem para na estação de Salzburgo, Áustria. Eu tenho exatamente dez minutos, tempo em que mais passageiros embarcariam antes de o trem prosseguir viagem. Será que dá tempo de escrever e enviar um bilhete para Albert? Decido tentar.

Eu me embrenho no meio da multidão de passageiros que embarca no trem, passo pelo corredor e

desço os degraus rumo à cabine mais próxima. Pego um cartão-postal marrom-claro de Schloss Leopoldskron, um castelo próximo a Salzburgo, e dois selos. Faltam quatro minutos para o trem partir. O

que escrevo? Penso em várias coisas, mas não consigo decidir.

Finalmente escolho uma saudação, um apelido familiar para sinalizar que não estou com raiva, mas eu não escreveria nenhum pedido de desculpas. O alarme soa. Olho em direção ao trem e percebo que tenho apenas um minuto para embarcar. Pensei demais para escrever. Ciente da perna coxa e da distância entre a cabine e a plataforma, entro em pânico. Será que vou conseguir? Tento andar o mais rápido que posso em direção ao vagão em que estou – em direção à minha filha –, mas uma avalanche de passageiros que estão desembarcando de outro trem entra na minha frente, bloqueando a passagem. Enquanto tento me desvencilhar deles, meu pé coxo enrosca na bainha da saia. Caio no chão. Um casal de idosos muito gentil me ajuda a levantar, mas já é tarde demais. Meu trem acaba de partir.

Chorando histericamente, solto a mão do casal e corro até o guichê para falar com o atendente.

Quando será que partiria o próximo trem para Novi Sad, onde meu pai me buscaria e me levaria de

carruagem até Kać? O próximo sairia em quinze minutos, mas eu teria de fazer duas baldeações para chegar mais ou menos no horário originalmente previsto. Compro o bilhete.

Corro para enviar um telegrama para meu pai, comunicando a mudança de horário na chegada e o

paradeiro de minha bagagem e me apresso para embarcar. Embora o cartão-postal tenha sido a causa de meu atraso, decido levá-lo comigo e enviá-lo na próxima parada, em Budapeste. Mas, dessa vez, a entrega não ficaria sob minha responsabilidade; eu pediria a um agente da estação que providenciasse a postagem. Eu não me arriscaria a perder o trem de novo.

Em meio aos solavancos do trem – e de meu estômago –, rabisco um bilhete para “Johnnie”, perguntando como ele está e dando notícias sobre a viagem. Eu precisava ter a certeza de que estava tudo bem entre Albert e eu enquanto ia à luta pela vida de minha filha.

O trem chegou a Novi Sad na tarde do dia seguinte, dez horas mais tarde do que eu havia planejado.

Meu pai que já tinha apanhado a minha bagagem no trem anterior, estava esperando por mim com uma carruagem para percorrermos mais 20 quilômetros, rumo a Kać. Ele me cumprimenta com um sorriso acolhedor e um abraço caloroso e confirma que, pelo que sabia, já que tinha passado quase um dia inteiro me esperando na estação, o estado de Lierserl continuava o mesmo. Agora, um silêncio perturbador se instaura entre nós. As controvérsias de meu casamento e o fato de não ter visitado

Leiserl desde que me casei pairam feito uma nuvem escura entre nós, apagando a intimidade que sempre houve entre meu pai e mim.

Quando a carruagem para em Kać, há cruces vermelhas pintadas em quase todas as portas da cidade.

O símbolo da escarlatina está em todos os lugares. Nunca vi tantas cruces em minha vida, nem mesmo durante as epidemias de escarlatina que já testemunhei. Não era de se estranhar que Lieserl tivesse contraído a doença. Eu me sinto nauseada só de pensar e, involuntariamente, aperto meu ventre. Como eu poderia proteger meu bebê da infecção caso eu estivesse mesmo grávida e caso contraísse a doença?

– Está tão ruim assim? – pergunto a meu pai.

– É a pior epidemia que já vi. E com os piores sintomas – responde meu pai.

As torres do Spire começam a aparecer e, em vez de ficar entusiasmada por saber que estou a poucos minutos de minha filha, fico com mais medo. Como será que a pequena está? E se eu chegasse tarde demais?

Antes mesmo de meu pai parar os cavalos completamente, pulo da carruagem e corro para dentro de

casa. Passo pela carruagem de um médico que está estacionada bem ali. Será que Lieserl piorou?

– Mãe! – exclamo, deixando minhas malas no pé da escada.

Subo os degraus o mais rápido que posso e a ouço responder:

– Estou no quarto, Mitza.

Escancaro a porta do quarto e resfolego ao ver o estado de minha filha. O rosto e o pescoço estão completamente

vermelhos, bem como o tronco. Os olhos estão revirados, quase que na testa, com certeza uma consequência da febre alta. Minha mãe mergulha um pedaço de pano numa bacia de água gelada e o esfrega no corpo de Lieserl, enquanto o médico fica ao lado dela. Sinto o cheiro de água de rosas e de óleo de *wintergreen* no ar e vejo uma fileira de frascos ao pé da cômoda. Minha mãe estava usando todo o arsenal de remédios de que dispunha: quinina, gases com água de rosas misturada com glicerina para a pele, óleo de *wintergreen* para a febre, hortelã para a coceira, acônito, beladona e madressilvas misturadas com jasmim para acalmar o metabolismo. Algum desses remédios poderia ajudar minha filha?

Minha mãe e o médico olham para mim, os olhos cheios de preocupação.

– Ela piorou hoje de manhã, Mitza. A febre não baixa – conta minha mãe.

Eu me ajoelho ao lado do berço. Cheguei tarde demais. Acaricio o cabelo loiro, molhado ou de suor ou dos remédios que minha mãe usou e sussurro em seu ouvido:

– A mamãe está aqui, Lieserl. E te ama.

Em seguida, caio no choro.

Os dias seguintes são um tormento. Não saio do lado do berço. O médico tinha razão; não havia nada que pudéssemos fazer a não ser tentar deixá-la o mais confortável possível e rezar, o que minha mãe vinha fazendo dia e noite. Nem me preocupo mais com minha própria saúde e a possibilidade de o provável bebê que estou esperando contrair a doença; me concentro em minha filha doente que está viva ali, bem à minha frente. Desde que voltei para casa, Lieserl não abriu os olhos completamente nem uma vez devido à febre, então eu não fazia a menor ideia se ela percebia ou não minha presença, ou pior, se ela ainda se lembrava de mim. Desde a última vez em que a vi, ela tinha

crescido bastante. Deixei para trás um bebê de seis meses e agora me via diante de uma criança de um ano e meio.

Que tipo de mãe eu era? Como pude deixá-la para trás e ficar tanto tempo distante de um ser tão lindo como esse?

Depois de quase três semanas nas quais Albert enviou cartas conciliatórias, respondo contando sobre o estado dela. Não uso meias palavras nem escondo o possível desfecho da situação, e também não havia mais a necessidade de implorar para que ela fizesse parte de fato de nossa família. A vida de Lieserl era minha única preocupação agora.

No dia 19 de setembro, ele envia uma carta perguntando sobre o estado dela e por quanto tempo os sintomas da escarlatina perdurariam. Albert perguntou também como ela havia sido registrada – uma pergunta estranha considerando as circunstâncias – e implorou para que eu voltasse para Berna. Três semanas era tempo demais para uma boa esposa ficar separada do marido e eu precisava voltar, alegou ele.

Como ele ousa me exigir exercer os deveres de esposa? Será que estava ao menos preocupado com

o estado da filha? Albert parecia mais perturbado com o próprio bem-estar e com o registro civil de Lieserl do que o estado de saúde dela. E por que ele estava fazendo essas perguntas? Se estivesse finalmente considerando que ela fosse morar conosco – quando e se ela se recuperasse –, Albert sabia que uma criança concebida fora do casamento era considerada automaticamente ilegítima de acordo com as leis suíças. Ele simplesmente precisaria ter o nome dela no passaporte e comparecer à fronteira para levá-la até a Suíça. A pergunta dele não fazia o menor sentido, a menos que estivesse pensando em adoção de novo. É claro que ele não estaria cogitando essa possibilidade dada a gravidade da circunstância.

Eu não voltaria para Berna tão cedo para atender às necessidades e aos caprichos de Albert. Não

sem que Lieserl se recuperasse. Ela era a prioridade de minha vida. Meu marido não poderia achar que eu a deixaria para trás mais uma vez.

Capítulo 25

12 de outubro de 1903

Novi Sad, Sérvia

APERTO MINHA BARRIGA E TENTO CONTER O CHORO. Na última vez em que estive nessa estação de trem,

há quase dois meses, prometi a mim mesma que não voltaria para Berna sem minha Lieserl. E

aqui estou, de mãos vazias.

A escarlatina quebrou minha promessa. A doença devastou minha filha – causou erupções

gravíssimas na pele, a deixou cega, com uma febre implacável e danificou o coraçãozinho dela – até que Lieserl não conseguiu mais resistir. Depois do último suspiro, seguro o corpo dela e a embalo nos braços, até que minha mãe delicadamente a leva de mim. Não parei de chorar nem um segundo sequer desde a morte dela até o momento em que aquele corpo dentro do caixão minúsculo tocou o solo sagrado do cemitério de uma igreja perto de Kać. Naquela noite terrível, meu pai e minha mãe, compartilhando dessa dor fúnebre que nos unia mais uma vez, tiveram de me carregar de volta até o Spire quando começou a anoitecer.

Não deixei Lieserl. Foi ela quem me deixou.

Como posso continuar sem ela?

Enquanto aguardo o anúncio de embarque para Berna, recostome no banco da estação, sucumbindo

à dor que eu vinha sentindo desde o momento em que abracei meus pais e me despedi deles na entrada da estação. Se eu não estivesse grávida de novo, insistiria em um futuro diferente. Ficaria em Kač e jamais sairia de perto do lugar de onde minha filha havia sido sepultada. Eu ficaria como minha mãe, para sempre em luto, vestindo preto e visitando todos os dias o túmulo de minha amada filha que partiu. Albert e a Física se transformariam numa memória distante, um pedaço obscuro de um passado de que eu tinha jurado jamais abrir mão. Seriam a penitência para meu pecado de ter abandonado Lieserl.

Perguntas e arrependimentos me atormentam. Será que eu teria conseguido vencer a escarlatina que minha filha contraiu se não a tivesse deixado para ir atrás de Albert? Teria conseguido impedir a febre de chegar às últimas consequências se eu tivesse chegado mais cedo? Se não tivesse perdido aquele maldito trem quando desci em Salzburgo para escrever para Albert?

Mas agora havia outro bebê a caminho. Acaricio minha barriga que, dessa vez, estava livre do espartilho apertado, e quero parar de chorar, mesmo que por alguns segundos apenas. Não importa qual

fosse minha dor, eu teria de gerar essa criança e dar a ela uma família, independentemente do que eu sentia pelo pai dela. A reação de Albert ao saber sobre a nova gravidez me deixou ainda mais enraivecida: “Fico feliz com a novidade. Cheguei a pensar mesmo que você precisasse de outra menina...”.

“Outra menina?” Sinto vontade de berrar. Como ele pôde pensar que outro bebê poderia substituir

Lieserl, um pedaço de mim que eu tinha acabado de perder? Uma criança que ele nunca se preocupou em conhecer...

Um bebê que eu queria que Deus pudesse me devolver.

Se ao menos Deus me permitisse voltar no tempo, eu não teria cometido os mesmos erros.

Permaneceria em Kaç e jamais deixaria Lieserl; com certeza, o amor incondicional de uma mãe seria capaz de dissipar a febre da escarlatina. Ah, se Deus me permitisse parar o tempo e mudá-lo... Mas infelizmente eu estava presa às rígidas leis do Universo defendidas por Newton.

Será que estava mesmo?

Uma ideia me ocorre. Eu havia passado a melhor parte de minha vida tentando descobrir por meio

da Física as leis secretas de Deus para o Universo. E se houvesse alguma regra da Física que ainda não tivesse sido descoberta? Algo que me ajudaria a superar a dor e o sofrimento causado pela perda de Lieserl?

Talvez haja uma lei de Deus e Ele queira que eu a desvende. Talvez haja um propósito para meu martírio, afinal, como bem mostra o livro de Romanos 8:18: “Considero que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada”.

E qual seria a glória em meio a meu luto?

Olho para o relógio da estação e para o trem na plataforma, aguardando pacientemente. Sinto – de algum modo, de alguma forma – que a resposta está ali, bem diante de mim. E qual era?

O relógio.

O trem.

Lieserl.

Rapidamente, o trem vem até mim. O que aconteceria se ele saísse da estação não a 60 quilômetros por hora, mas numa velocidade próxima à da luz? O que aconteceria com o tempo? Faço vários cálculos na cabeça, procurando por uma solução.

Se o trem saísse da estação na mesma velocidade que a luz, os ponteiros do relógio continuariam

movendo-se, mas o trem se movimentaria tão rápido que a luz não conseguiria acompanhá-lo. Quanto mais rápido o trem se movimentasse, mais devagar os ponteiros se movimentariam, até pararem completamente no momento em que o veículo atingisse a velocidade da luz. O tempo literalmente congelaria. E se o trem fosse mais rápido que a luz – algo impossível, claro, mas aqui considerado pela força do argumento –, então seria possível voltar no tempo.

Aí estava. Uma regra simples e natural. As leis de Newton sobre o universo físico só são aplicadas a objetos inertes. Ninguém mais precisava se manter atrelado às antigas regras. O tempo era relativo ao espaço. Não era absoluto. Não quando havia movimento.

Simple e natural. Refinado, ao mesmo tempo em que desafiava as leis de Newton conhecidas já há

centenas de anos e as novas leis sobre as ondas de luz propostas por Maxwell. Era o tipo de lei divina pela qual eu vinha procurando minha vida inteira. Por que Deus só me permitiu enxergar a obra dele depois de tanto sofrimento?

Mas eu não tinha nenhum trem que pudesse viajar na mesma velocidade da luz ou ainda mais rápido.

Eu não tinha como parar ou reverter o tempo. A lei que eu tinha acabado de descobrir não seria capaz de trazer a minha Lieserl de volta.

Capítulo 26

13 de outubro de 1903

Berna, Suíça

ALBERT FOI ME BUSCAR NA ESTAÇÃO DE BERNA.

– Bonequinha! – exclama, enquanto me ajuda a descer o último degrau da escada da

plataforma. – Como sua barriga cresceu nos últimos dois meses!

Na verdade, minha barriga tinha crescido muito pouco, não o suficiente para que Albert, sempre distraído, fosse capaz de notar em circunstâncias normais.

Tento esboçar um sorriso enquanto saímos da estação e pegamos uma carruagem rumo à nossa casa.

Tento deixar a tristeza de Kač para trás enquanto sinto o cheiro familiar de antisséptico – o aroma marcante do vento suíço tem marcas de grama, das roupas lavadas dependuradas nos varais, e da madeira que queima nas lareiras acesas. Tento pensar no novo bebê, no modo como Albert vem chamando a criança que espero e na recepção calorosa dele. Até me esforço para ouvi-lo contar sobre o novo chefe, o diretor do Escritório de Patentes da Suíça, Friedrich Haller. Até mostro apoio a ele, encorajando-o quando ele diz:

– Você vai ver. Vou seguir em frente e a gente não vai morrer de fome.

É óbvio que era uma piada de certo modo. Albert, ao fazer uma projeção otimista para o futuro, estava tentando me tirar do estado de melancolia em que eu estava depois da perda de Lieserl. Mas eu não conseguiria fingir por muito tempo. E como eu deveria agir se nossa linda filha estava morta? Como

conseguiria esquecer a morte tão terrível e dolorosa que ela teve?

As lágrimas começam a escorrer assim que entramos em casa. Quando viajei para Sérvia, fui movida pela esperança de voltar para Berna e atravessar a porta dessa casa com minha pequena nos braços. Em vez disso, aqui estou, os braços vazios; dois membros inúteis pendendo nas laterais do corpo.

– Ah, bonequinha, não está tão ruim assim! – comenta Albert, gesticulando para a sala de estar toda empoeirada e cheia de papéis espalhados por todo o lado. – Tento manter as coisas organizadas, mas você sabe que seu Johnnie não leva jeito pra essas coisas. De qualquer modo, acho que uma casa assim, meio desorganizada, bagunçada, reflete uma mente ocupada, pensante... e, bem, acho que também reflete como a casa fica vazia sem você.

Albert sorri para mim e aquelas dobrinhas tão familiares circundam o olhar dele. Acaricio as bochechas dele devagar, desejando desesperadamente recobrar o afeto e dissipar a tristeza e a raiva de dentro de mim. Mas as lágrimas voltam a escorrer por meu rosto.

Deixo minha mão cair e ignoro o olhar suplicante de Albert. Caminho pelo quarto, deito na cama e me aninho feito um novelo de lã. Não tenho forças nem para tirar o casaco e as botas. Estou exausta e arrasada. Albert fica olhando-me por um bom tempo e depois deita a meu lado.

– O que você tem, bonequinha? – ele parece de fato perplexo, como se estivesse esperando me encontrar na estação de trem com um sorriso radiante, entusiasmada e disposta para preparar o jantar.

– Como assim? Você não sabe? – indago, sem me preocupar em esconder o descontentamento com

aquela pergunta. Como ele não responde, murmuro: – Você é um gênio para tudo, menos quando o assunto é o coração humano.

O sempre tagarela Albert fica em silêncio por um momento. Por fim, e por mais incrível que pareça, ele adivinha:

– É por causa da Lieserl, não é?

Não respondo. Não era necessário. Meu silêncio, rompido apenas pelo soluço do pranto, responde

por mim. Albert, impotente, fica observando-me.

– Imaginei que ela estaria aqui conosco, Albert – tento explicar. – Não houve um dia sequer aqui nesta casa, morando com você, que não pensei nela vivendo aqui. Em cada parque por onde passava, ou quando ia ao mercado, pensava: “Em breve, vou poder trazer minha Lieserl aqui”. Mas agora isso nunca vai poder se concretizar.

Por um bom tempo, o silêncio impera no quarto, rompido apenas pelo tique-taque do relógio no criado-mudo. Por fim, Albert diz:

– Sinto muito pelo que aconteceu com a Lieserl.

Da boca dele saem as palavras apropriadas de consolo e conforto, mas não sinto a menor emoção

nelas; soam vazias e falsas, como se pronunciadas por um autômato.

Ao que parecia, eu tinha uma escolha a fazer. Ou me renderia à fúria, à raiva e à indignação por Albert, por seu egoísmo e sua incompreensão. Ou deixaria tudo isso de lado e abraçaria a esperança de gerar uma nova família com o bebê que estava a caminho. O tipo de vida que eu havia sonhado para Lieserl.

Que caminho devo escolher?

Respiro fundo, prendo o ar por um instante e enxugo as lágrimas. Escolho viver. Opto por uma vida bem-sucedida com Albert, o que também implicava escolher a Ciência. A linguagem em que começamos a nos comunicar e a única que ele era capaz de compreender totalmente.

– Tive uma epifania científica, Johnnie – conto enquanto me sento.

– Teve? – a luz dos postes que adentra o quarto pela janela ilumina o olhar dele.

– Sim, na estação de Novi Sad. Você sabe como temos nos esforçado para relacionar as Leis de Newton com as novas teorias das ondas de eletromagnetismo e luz de Maxwell, certo? Como temos tentado erguer a ponte que divide Newton e Maxwell?

– Sim, sim – concorda. – Tem sido difícil. Não só para nós dois, mas para todos os físicos. O que descobriu, bonequinha?

– Acho que a resposta pode estar na noção de relatividade, a mesma que lemos em Mach e Poincaré.

A relatividade pode preencher a lacuna entre as teorias de Newton e Maxwell, o velho e o novo. Mas só se mudarmos nossa noção de espaço e tempo.

Explico para ele o que pensei enquanto estava na estação de trem de Novi Sad.

– O resultado lógico é que certas medições, como a do tempo, são relativas à velocidade do observador, especialmente se partimos do princípio que a velocidade da luz é a mesma para todos os que a observam. O espaço e o tempo devem ser considerados juntos em relação um ao outro. Dessa forma, as leis clássicas de Newton sobre a física mecânica continuam

pertinentes, mas apenas para situações em que há movimento uniforme.

Ele resfolega.

– Brilhante, bonequinha. Brilhante.

Foi isso mesmo que ele disse? Que sou “brilhante”? Era o tipo de adjetivo que Albert reservava apenas para os grandes mestres da Física: Galileu, Newton e de vez em quando para um ou outro pensador moderno. Agora... Dizer isso em relação a mim?

Ele levanta da cama e começa a andar de um lado para o outro pelo quarto.

– Parece que você mergulhou tão profundamente na tristeza que sua mente trouxe à tona algo muito valioso – os olhos de Albert se enchem de orgulho, tanto que me sinto satisfeita comigo mesma também, apesar de toda a dor que ainda me lacera.

– Devemos escrever um artigo com essa sua teoria? – pergunta, os olhos ainda brilhando. – Juntos, podemos mudar o mundo, bonequinha. Pode fazer isso por mim?

Uma centelha de entusiasmo se acende dentro de mim, mas no mesmo instante é apagada pelo sentimento de culpa. Como ousar me alegrar com a reação de Albert? Como posso me atrever a pesquisar e escrever sobre essa teoria? Foi a morte de minha filha que me trouxe esse *insight* e me permitiu enxergar as benesses divinas da Ciência. Ainda assim, outra voz gritava dentro de mim. Eu não poderia escrever essa teoria em sua memória para que sua morte não fosse em vão? Talvez seja essa a “glória”

que eu estava fadada a revelar.

E qual era o melhor caminho?

Permito que meus lábios libertem as palavras que meu coração anseia por dizer:

– Sim, Albert. Vamos.

Capítulo 27

26 de maio de 1905

Berna, Suíça

OS ARTIGOS E LIVROS ESTÃO EMPILHADOS NA MESA GRANDE E retangular de nossa sala de estar. Essa

mesa, que poucos antes era polida e arrumada para servir as refeições, tinha se tornado o ponto

de encontro de nossas pesquisas, o lugar em que as faíscas de nossa criatividade cintilavam, não muito diferente daquela pintura no teto da Capela Sistina, obra de Michelangelo que retrata Adão e Deus, como costumávamos brincar. Esses papéis seriam nossos próprios milagres.

Espreitando por entre as pilhas de papel, meu olhar cruza com o de Albert. Sussurrando, para garantir que o pequeno Hans Albert, que agora tem um ano, continue dormindo, digo:

– Johnnie, me diga o que acha disso – segurando o artigo bem próximo à lâmpada, leio em voz alta: – “Dois eventos que podem parecer completamente diferentes quando observados de determinado ponto não serão considerados diferentes se forem observados de outro ponto de vista que envolva movimento”.

Albert fuma o cachimbo e me observa com os olhos semicerrados por entre a névoa de fumaça. Ele

fica um bom tempo em silêncio, até que diz:

– Muito bom, bonequinha.

Volto a olhar para o papel, feliz com a reação de Albert e por ter lido as palavras em voz alta.

– Abrange bem a noção da relatividade, não é? Eu queria pelo menos uma frase mais substancial no artigo que, à parte do experimento e dos cálculos, fosse de fácil retomada e compreensão para um público mais amplo.

– Que sábio, bonequinha. Acho que essa ideia terá grande alcance.

– Sério? Não acha que estou errada, Johnnie? – pergunto. Embora minhas teorias sobre a relatividade fossem de fato simples em sua essência, a noção era de difícil compreensão, ela contradizia completamente a noção que já existia. Além disso, os cálculos estavam acima dos que uma pessoa mediana poderia executar. Eu precisava de algo que abrangesse a noção por completo.

– Talvez precisemos jogar um pouco com as palavras, mas quando se está desenvolvendo algo novo,

é natural que haja alguns erros no meio do caminho – comenta. Nos últimos dias, Albert tem repetido essa frase com frequência. Com meu artigo e os outros dois em que estamos trabalhando juntos, Albert e eu

estamos criando muitas teorias novas. Entre nós, brincávamos que aqueles papéis não só eram um milagre por si, como também seria um milagre se as pessoas aceitassem aquelas noções revolucionárias.

– Verdade – deslizo dois papéis pela mesa em direção a ele. – Por favor, dê uma última olhada nos cálculos sobre a velocidade da luz e o vácuo.

– Bonequinha, já repassamos esses cálculos várias vezes. Estão ótimos. Além disso, você é a matemática da família, não eu. É

em você que confio para corrigir meus cálculos! – exclama em voz alta.

– Shhhh! – digo com uma risadinha. – Vai acordar o bebê! – Albert tinha razão. Nos últimos dezoito meses, vínhamos trabalhando em três artigos, embora o que discorresse sobre a relatividade fosse de autoria exclusiva minha. Os outros – sobre quantum de luz e efeito fotoelétrico, e outro sobre a noção browniana e a teoria atômica – escrevemos juntos. Nos dois, Albert começou rabiscando a teoria enquanto eu fiquei incumbida dos cálculos, embora estivesse familiarizada com cada palavra e ideia.

– Faltam apenas dois dias para submetermos o artigo a *Annalen der Physik*. Quero ter certeza de que está tudo perfeito.

– Eu sei, minha pequena feiticeira – comenta Albert. Sorrio. Demorou muito tempo para que ele voltasse a me chamar de feiticeira. Os últimos dois anos de nosso casamento tinham sido satisfatórios, mas as paixões da adolescência e as frivolidades desapareceram em meio à realidade da rotina diária.

– De todo modo, já o mostramos para Besso também. Sei que ele não é um físico propriamente, mas é tão esperto como aqueles caras com quem estudamos. E ele acha que é um artigo de peso.

Concordo. Albert revisou nossos artigos junto a Michele Besso, que tinha servido realmente como

uma excelente caixa de ressonância. Considerando que Michele agora também trabalhava no Escritório de Patentes da Suíça como técnico, posição acima da que Albert exercia, e que eles vinham embora do trabalho juntos todas as noites, Michele teve bastante tempo para pensar sobre nossas teorias. Eu sabia que Albert tinha razão, mas mesmo assim não conseguia deixar de me preocupar com a exatidão daqueles cálculos.

Ele boceja.

– Podemos dormir, bonequinha? Estou exausto.

Engraçado. Não me sinto nem um pouco cansada. Mas deveria estar. Eu me levantava antes de Albert para fazer o café da manhã e deixá-lo pronto antes que Hans acordasse. Passava o dia limpando, cozinhando e cuidando de nosso filho de um ano, um anjo de criança, mas que exigia bastante. Quando Albert chegava em casa, eu me apressava para servir o jantar enquanto ele passava alguns preciosos minutos brincando com o bebê. Depois de lavar a louça do jantar, eu colocava Hans para dormir e, enquanto isso, muitas vezes o pessoal da Olympia Academy chegava e retomávamos o assunto de onde havíamos parado no dia anterior, fosse pela *Antígona*, de Sófocles; pelo *Tratado da natureza humana*, de David Hume ; ou por *A Ciência e a hipótese*, de Henri Poincaré. E só então, depois que a academia se retirava, que o bebê estava dormindo e que a casa estava limpa, é que Albert e eu nos sentávamos para começar nossos trabalhos.

Era o momento do dia em que eu me sentia viva. Não que no restante eu me sentisse morta ou que

houvesse monotonia, nada disso. O nascimento do doce Hans, de olhos castanhos, tinha me trazido grande alegria. Cuidar dele e executar certas atividades com meu filho como eu havia imaginado fazer com Lieserl – passeios pelo mercado, caminhadas pelo parque, e até o ritual do banho noturno – era um grande bálsamo para as feridas deixadas pela morte de minha filha. À medida que o sentimento por Hans Albert, ou Hanzerl, como o chamávamos às vezes, crescia, minha raiva por Albert diminuía. A alegria da formação de nossa família e de morar numa casinha na Kramgasse, 49, uma das ruas mais belas de Berna, era cada vez maior. Eu adorava passear com Hans por toda a Kramgasse, que já fez parte do centro medieval da cidade, e de mostrar para ele o Zytglogge, o famoso relógio que fica no topo de uma torre,

bem como as várias fontes; o obelisco da Kreuzgassbrunnen, a Simsonbrunnen e sua escultura de Sansão e o leão, a Zähringerbrunnen e seu urso com armadura. Eu havia escrito para Helene contando que estava feliz, e ela, ciente da tristeza que me abateu nos últimos anos, respondeu que se sentia aliviada.

– Vá para a cama, Johnnie. Só vou ler o artigo mais uma vez e também já vou dormir – aproximo a

lamparina do papel e começo a reler as palavras com as quais já me familiarizei. Deve ser a centésima vez que estou fazendo essa leitura.

Sinto a mão de Albert em meu ombro e olho para ele. Os olhos dele brilham diante da luz tênue e

posso sentir que ele está orgulhoso de mim. Há muito tempo eu não o via assim. Por um breve e delicioso segundo, sorrimos um para o outro.

– Vivemos exatamente como prometemos um ao outro nos tempos da universidade, não é? –

comento. – Você dizia que trabalharíamos como pesquisadores para o resto da vida, assim não nos transformaríamos em filisteus. A profecia se realizou.

Albert faz uma pausa que parece a eternidade, e então diz:

– Exatamente, minha molequinha – outro apelido que havia muito tempo ele não usava. Depois de

acariciar meu cabelo um pouco, ele sussurra: – Este ano será como um milagre para nós dois.

Enquanto o observo caminhando pelo corredor do quarto, sorrio comigo mesma. Tomei a decisão certa ao recuperar a linguagem

da ciência em nossa relação; com Albert, o amor segue os passos da Ciência.

Sinto a visão embaçada de tanto olhar para os números minúsculos e aliso a primeira folha do manuscrito: “Sobre a eletrodinâmica dos corpos em movimento”. Nossos nomes, Albert Einstein e Mileva Marić Einstein brilham abaixo do título. A maior parte do trabalho era minha, mas como eu não havia conseguido nem meu diploma nem o título de doutorado, o artigo deveria conter também o nome de Albert.

Minha nova teoria da relatividade tinha revelado que o tempo pode não ter as mesmas características fixas que Newton, junto a quase todos os outros físicos e matemáticos que o sucederam, acreditavam. Contudo, um filósofo ainda mais antigo, Sêneca, havia compreendido perfeitamente determinada característica do tempo: “Ele cura o que a razão não pode curar”. O tempo e o meu trabalho com Albert, pela honra de Lieserl, tinham curado muitas coisas.

Capítulo 28

22 de agosto de 1905

Novi Sad, Sérvia

ENCANTADA, HELENE APERTA MEU BRAÇO. Nossos filhos correm pela praça em frente ao Queen

Elizabeth Café, onde sentamos para tomar um café. Eufórica com a brincadeira, Julka sai da frente, acompanhada de Zora e de Hans, que ainda com os passos meio vacilantes vai atrás das

duas. Olhando para os três, que se enfiam no meio dos pedestres, faço de tudo para conter meu

impulso de levantar e segurá-lo para não cair, mesmo sabendo que Albert está bem perto deles.

Olho para minha amiga e seus olhos semicerrados que brilham à luz do sol de verão. Linhas verticais atravessam as sobranceiras grossas e espessas, fazendo-a parecer mais velha. Apesar da evidente expressão de preocupação, seus olhos azuis claros continuam delicados e gentis como sempre foram.

Aperto o braço dela e digo:

– Esse passeio com você é um presente para mim, Helene.

– Para mim também, amiga – afirma com um suspiro de satisfação. – Estou tão feliz de você ter nos convencido a vir para Novi Sad...

Dois dias atrás, lá estávamos nós duas, chorando às margens do lago Plitvice, no pequeno vilarejo de Kijevo. Nossos maridos e filhos ficaram olhando, confusos já que tínhamos passado uma semana feliz de férias, na companhia uns dos outros. “Por que estão chorando?”, perguntou a pequena Julka. Helene e eu explicamos que imaginar que teríamos de nos despedir era algo difícil para nós duas. O que não dissemos foi que os dias tranquilos no lago Plitvice, na companhia uma da outra, com a água batendo em nossos pés, cercadas pelas pequenas colinas vermelhas e pelos campos verdes, salpicados por caramujos azuis, tinham sido mais que perfeitos. Minha vida na Kramgasse, Berna, e a de Helene na Katanićeva, em Belgrade, parecia triste e fria em comparação ao que tínhamos vivido naqueles dias. Uma vida de trabalho doméstico e dos olhares atravessados de outras donas de casa que nos julgavam estranhas e acadêmicas demais para os padrões da sociedade.

Pensei em várias ideias para convencer Helene a nos visitar, mas não precisei me esforçar tanto. Ela aceitou nosso convite para vir a Novi Sad de imediato, o que me deixou muito feliz. Contar com a companhia de Helene, Milivoje e dos filhos deles tornava mais fácil a estranha tarefa de apresentar

Albert a meus pais, em Novi Sad. Mesmo com a distância, meus pais tinham começado a aceitar Albert, mas conhecer pessoalmente o homem que tinha me engravidado e que nunca foi capaz de visitar a própria filha era algo completamente diferente. A presença de Helene e da família dela, bem como a satisfação do meu pai em conhecer o neto Hans abrandaram a ocasião que não teria sido nada fácil.

– Lembro-me de quando costumávamos caminhar todos os dias pela Plattenstrasse, em Zurique, totalmente livres. Naquela época, eu não fazia a menor ideia do quanto aquilo era maravilhoso – comenta Helene com o olhar distante.

– Eu sei. Sempre me pego me lembrando do meu quarto na Engelbrecht Pension. Será que é estranho

pensar com tanta frequência naquela época?

– Não – responde Helene com um sorriso melancólico. – Alguma vez chegou a desejar que tivéssemos mantido aquele nosso pacto?

– Qual pacto? – assim que faço a pergunta, me lembro do que se trata. Houve apenas um pacto entre nós. Eu simplesmente não tinha pensado nele nos últimos tempos.

– Aquele em que prometemos nos dedicar aos estudos e a nunca casar – explica.

O pacto parecia tão distante, firmado por uma pessoa completamente diferente. Alguém que não teve seu corpo dilacerado – tanto pela dor do parto quanto pelo sofrimento indescritível causado pela perda da filha. Aquela menina dos tempos da universidade parecia tão inocente, prestes a experimentar infinitas possibilidades, sem saber que teria de se transformar e sacrificar suas ambições para seguir em frente diante do que a vida lhe traria.

Encaro Helene.

– Eu estaria mentindo se dissesse que não há momentos em que eu gostaria que tivéssemos mantido

nosso pacto. Sem dúvida, enquanto esperava Lieserl, houve dias que foram terríveis – meus olhos se enchem de lágrimas. Helene era a única pessoa no mundo com quem eu podia falar abertamente sobre minha filha. – Mas eu jamais desejaria que minha linda Lieserl não tivesse vindo ao mundo, independentemente do medo e da dor que senti. E da brevidade da vida dela.

Em silêncio, seguramos a mão uma da outra. Depois, gesticulando para nossos filhos, acrescento:

– E se tivéssemos mantido aquele pacto, jamais teríamos eles.

– Verdade – concorda Helene com um sorriso.

E é nesse exato momento que Hans, cambaleando com as perninhas no mar, parecendo um marujo num barco vacilante, cai no chão e começa a chorar. Num gesto instintivo, pulo em direção a ele, mas Albert é mais rápido. Ele, que estava sentado a uma mesa próxima discutindo Física com alguns alunos, levanta depressa e leva Hans aos ombros.

– Albert deveria estar segurando duas crianças nos ombros agora, Helene. Lieserl teria três anos e meio – observo Albert passeando ao redor da praça, carregando nosso filho nos ombros.

Ela aperta minha mão.

– Não sei como você conseguiu superar essa dor.

– Mas não superei. Em meio a algum momento de alegria com Hans, a ausência de Lieserl preenche

o espaço feito um buraco negro. Tento canalizar essa energia para o trabalho – eu havia contado à Helene sobre o trabalho que vinha desenvolvendo com Albert, os artigos que estávamos escrevendo e a teoria que surgiu com a morte de Lieserl. Expliquei a ela a parceria científica que Albert e eu formávamos e em como ela preenchia o vazio deixado por meu próprio fracasso profissional. Eu estava prestes a contar sobre o meu entusiasmo com a publicação de meu artigo na conceituada revista *Annalen der Physik* – o que aconteceria dali a algumas semanas, eu mal podia acreditar – quando me contengo. Eu não queria que Helene, que conseguiu se formar, se sentisse mal.

Pego minha xícara de café, beberico um gole e mudo de assunto.

– E você, Helene? Gostaria que tivéssemos mantido o pacto?

Minha amiga parecia tão feliz com os filhos que a única resposta que esperei era um enfático “não”.

Mas, em vez disso, ela responde:

– Nos últimos tempos eu responderia que sim, embora por nada neste mundo eu abrisse mão de ter

tido minhas meninas. Sabe, é que as coisas entre Milivoje e eu não andam muito bem.

– Não, Helene! – exclamo, apoiando a xícara de café com demasiada força, fazendo-o espirrar por

toda a mesa de mármore. – Você não comentou nada comigo.

– Milivoje vive à espreita, Mitza. Ou as meninas estão sempre por perto. Tenho de tomar muito cuidado.

– O que aconteceu?

Com a voz trêmula, ela sussurra:

– Eu e ele estamos meio distantes.

Antes de os dois ficarem noivos em Zurique, Milana, Ružica e eu chegamos a especular se Helene e Milivoje combinariam, não sabíamos se, em longo prazo, a rispidez dele não incomodaria nossa sempre gentil e inteligente Helene. Mas, à época, cada uma guardou a preocupação consigo e tomamos a decisão de não comentar nada com Helene. Talvez o silêncio tenha sido um erro.

– Ah, que pena Helene. E o que pretende fazer?

– O que posso fazer? – ela me olha com os olhos marejados e dá de ombros.

Não respondo. O que poderia dizer à minha amiga? Eu, tanto quanto Helene, sabia que ela e as crianças dependiam de Milivoje e que ela jamais faria algo que pudesse prejudicar as filhas. Além de todas as dificuldades que Helene teria para sustentar a si própria e às meninas, havia um enorme estigma associado a mulheres divorciadas. Certamente deveria haver outra saída.

Começo a pensar em todos os tipos de argumentos, e a sugerir que ela e as filhas venham para Berna morar conosco. Nesse momento, meu pai se aproxima de nossa mesa. Helene e eu estávamos tão envolvidas na conversa que nem percebemos ele atravessar a praça. E meu pai não vinha sozinho; estava acompanhado da senhora Desana Tapavica Bala, esposa do prefeito de Novi Sad.

Empurramos nossas cadeiras de metal para trás e rapidamente nos levantamos. Helene e eu trocamos reverências e cumprimentos a senhora Bala. Ela me olha da cabeça aos pés, avaliando-me do mesmo modo que minha mãe fazia quando ia escolher uma peça de carne no açougue. Ela diz:

– Seu pai tem muito orgulho de você, senhora Einstein. Diploma em Física, marido bem-sucedido e

uma boa vida na Suíça. E que pai não estaria orgulhoso?

Sorrio para meu pai que, diante dos elogios da senhora Bala, estufa o peito. É óbvio que ele exagerou ao dizer que eu havia me formado, mas de todo modo me sinto aliviada em saber que, mesmo depois de toda a vergonha que meus pais tinham passado com o nascimento de Lieserl e com meu fracasso nos estudos, ainda se sentiam orgulhosos de mim. A filha estranhamente inteligente e

“deformada” tinha superado a expectativa de todos, até dos próprios pais. O orgulho em boa parte se devia ao fato de nosso segredo – a existência de Lieserl – ter sido mantido a sete chaves no Spire.

– Agora que tem um filho para criar e um marido para cuidar, alguma vez teve a chance de usar todo esse estudo? – a pergunta da senhora Bala soa estranhamente confrontadora. Estaria ela sugerindo que minha formação incomum seria inútil considerando a vida que eu tinha como dona de casa?

Ciente que os olhos de meu pai estão cravados em mim, ergo ligeiramente os ombros e respondo:

– Para ser sincera, tive, sim, senhora Bala. Trabalho com meu marido em vários tipos de artigos e pesquisas. Na verdade, pouco antes de irmos para Novi Sad, terminamos um trabalho importante que vai tornar meu marido mundialmente famoso.

Será que minha resposta soou muito arrogante? Defensiva? O olhar avaliativo da senhora Bala e suas perguntas estranhas e desafiadoras me incomodaram, mas eu queria que meu pai continuasse me vendo como uma *mudra glava*. Devido à agitação da visita, tive pouca oportunidade de conversar com ele sobre minhas pesquisas.

– Ora, ora... Bem que seu marido me disse: “Preciso da minha esposa para muitas coisas, inclusive

para meu trabalho. Ela é a matemática de nossa família”.

– Ele disse isso?! – questiono em tom enfático, mas logo me dou conta do que fiz. Não era essa a imagem que eu queria que meu pai ou a senhora Bala tivessem de mim.

– Disse, sim – ela parece satisfeita com minha reação. – Na verdade, ele disse que, a julgar pelo que conhece da própria esposa, a Sérvia é uma nação brilhante.

Não cometo o mesmo erro de demonstrar surpresa por mais esse comentário de Albert, mas enrubesço, não consigo evitar. Ainda bem que eu tinha tomado a sábia decisão de deixar a Ciência no centro de nosso relacionamento. Desde o começo, Albert e eu construímos nossa relação em suas brasas.

E elas continuavam a manter as chamas acesas.

Capítulo 29

16 de setembro de 1905

Berna, Suíça

AO REGRESSAR PARA BERNA, MEU MUNDO VOLTA A FICAR PEQUENO. Trabalho doméstico, filhos, Ciência.

Eu, Hans, Albert. Como que numa gravitação quântica fixa, rodamos em um ciclo constante.

Sinto muita, muita saudade de Helene. Da companhia dela, da profunda e mútua

compreensão, da empatia e da aceitação que nunca encontrei em nenhuma outra pessoa ao longo

da vida. Não tive outra amizade como a dela. Nem na minha própria família. Nem mesmo com Albert. Eu ansiava pela volta de meu puro e verdadeiro eu – aquele da minha juventude –, que vinha à tona sempre que estava com Helene.

No entanto, passo os dias no angustiante disfarce de minha vida. Mesmo enquanto limpo a casa, cuido de Hans, cozinheiro e cuido das roupas de Albert, penso na publicação de meu artigo sobre relatividade na *Annalen der Physik*, ansiosa para ver meu nome nele. Penso quase que a todo tempo na homenagem à Lieserl.

Persigo o carteiro, um hábito que eu tinha perdido desde a morte de Lieserl. Dia após dia, subo os quatro lances de escada com as mãos vazias, a não ser pelo peso de Hans, que carrego nos braços. Eu já tinha praticamente desistido, quando, certo dia, a campainha toca. Quem será? Praticamente não recebíamos visitas, a não ser pelos amigos da Olympia Academy depois do jantar; nunca fiz amizade com as vizinhas. Seguro Hans no colo e desço as escadas. Ao abrir a porta, me deparo com os olhos arregalados do carteiro.

– Boa tarde, senhora Einstein. Creio que este seja o material pelo qual a senhora está esperando, certo? – ele me entrega um pacote embrulhado com papel marrom onde se lê o registro do peso e do tamanho e o endereço do remetente na Alemanha.

– É, sim! – exclamo entusiasmada e o abraço. – Muito, muito obrigada!

Segurando a caixa com cuidado, o carteiro se afasta. Acostumado com o estoicismo suíço, ele se surpreende com minha reação nada convencional. Também fico constrangida com minha própria atitude; nem sei qual é o nome do rapaz.

Mal consigo conter o ímpeto de rasgar o pacote na esquina da rua. Assim que Hans e eu entramos

em casa, eu o deixo brincando com seus bloquinhos de madeira e rasgo a embalagem. De cara, vejo a

capa da *Annalen der Physik* e desato o barbante envolto nela. Folheio as páginas e vejo no índice “Sobre a eletrodinâmica dos corpos em movimento” e o nome de Albert Einstein ao lado. A omissão de meu nome me deixa perturbada; provavelmente, no sumário havia espaço apenas para o nome de um dos autores e o nome de Albert era de fato o primeiro no manuscrito. Como só ele entre nós dois era portador de diploma, era necessário que essa ordem de autoria fosse respeitada.

Folheando o volume, finalmente chego à página 891. Lá estava o título que elaborei com tanto cuidado: “Sobre a eletrodinâmica dos corpos em movimento”. Impresso, ele ficou ainda mais interessante, melhor até do que imaginei. Meus olhos percorrem o resto da página. Onde está meu nome?

Detalhadamente, processo cada palavra do artigo, mas não vejo meu nome em lugar nenhum. Mileva Marić Einstein não aparece nem na nota de rodapé. Abaixo do título há apenas um autor: Albert Einstein.

Como pode? Por que o editor retirou meu nome sem nos consultar? Será que fez isso porque sou mulher? Isso era contra todo o código de ética da publicação científica.

Caio de joelhos. O que aconteceu com minha homenagem à Lieserl? O artigo foi o modo que encontrei de dar sentido à

brevidade da vida da minha filha e aos vários meses que eu tinha deixado para trás. Começo a me debulhar em lágrimas ao pensar que perdi a oportunidade daquela publicação em memória à filha que tive de manter em segredo.

Hans deixa os brinquedos de lado e com passinhos vacilantes vem caminhando em minha direção.

Ele apoia o corpo pequeno e quente em mim e acaricia devagar minhas costas.

– Mamãe – diz com a voz triste, o que me faz chorar ainda mais.

Horas depois, cá está meu filho na banheira de porcelana, todo contente, espirrando água por toda a cozinha. Com uma toalha, ensaboo as dobrinhas delicadas do braço dele e as coxas grossas. Feliz com o banho, ele bate as pernas com mais força, espalhando água pelas toalhas que coloquei ao redor da banheira. Pela primeira vez na vida, não saboreio o banho de meu filho, o que geralmente é uma de minhas atividades favoritas do dia.

Não consigo tirar a traição dos editores da *Annalen der Physik* da cabeça.

Ponho Hans para dormir, termino de preparar o jantar e começo a esperar por Albert. O relógio bate sete horas. Oito. Onde ele está? O pessoal da Olympia Academy deve estar prestes a chegar. Albert podia ser esquecido e distraído, mas ele nunca atrasou tanto sem me avisar. Teria acontecido alguma coisa com ele?

Ando de um lado para o outro no espaço curto em frente à porta de casa. Quando finalmente ouço

ele girar a chave na fechadura e tenho a certeza de que está bem, pego o exemplar da *Annalen der Physik* e vou até ele, no solado da porta. Não me incomoda em cumprimentá-lo como

sempre faço, assim como dispenso as gentilezas habituais, sequer me preocupo em perguntar o motivo do atraso dele. Vomito as palavras que venho guardando dentro de mim o dia inteiro.

– Albert, o artigo sobre relatividade foi publicado hoje, mas você não vai acreditar no que aconteceu. Só aparece seu nome como autor. Você acredita que os editores seriam capazes de fazer isso?

Devemos escrever para eles exigindo a correção.

Albert leva os dedos à boca e diz:

– Fala baixo, Mileva. Vai acordar o Hans.

A advertência me deixa chocada. Albert nunca se preocupou com o sono de Hans. Só havia uma explicação para aquilo.

– Você sabia – sussurro, afastando-me dele.

Ele caminha em minha direção.

– Ouça, bonequinha. Não é o que você está pensando. Não é o que parece.

– É por isso que chegou mais tarde em casa hoje? Estava com receio de voltar para casa? Você sabia que eu ficaria enfurecida quando visse.

Albert não responde, mas a expressão dele mostra que estou certa.

Eu me afasto dele e vou recuando, até bater o corpo na parede da sala. E se eu pudesse me diluir ali, em gesso, eu o teria feito. Tudo para não ter que olhar para ele.

– Como permitiu isso? E sem me contar nada? Você sabe de onde veio a ideia. Sabe quanto é importante para mim a

publicação desse artigo em memória a Lieserl.

Hesitante ao ouvir o nome de Lieserl, ele me agarra pelo antebraço.

– Escute, bonequinha. Por favor. Um dos editores da *Annalen der Physik* me escreveu perguntando-me sobre você e suas referências. Expliquei que era minha esposa e que tinha cursado Física na graduação, embora não tivesse o diploma. Na resposta, senti que ele ficou meio reticente.

– Ele te pediu para retirar meu nome?

– Não – responde devagar.

– Você pediu a ele para retirar meu nome? – não consigo acreditar. Mas, ao mesmo tempo, não me

surpreendo tanto porque, de repente, me lembro daquela vez em que ele retirou meu nome de um artigo que tínhamos escrito juntos. Aquele sobre tubos capilares, na matéria do professor Weber.

Segurando ainda meus antebraços com força, ele assente.

– Como pôde fazer isso, Albert? Fosse qualquer outro artigo, eu não ficaria nem um pouco feliz, claro, mas entenderia. Mas esse sobre relatividade? Era uma homenagem para Lieserl. Você deveria ter insistido.

– E que diferença faz, bonequinha? Não somos Einstein? Uma rocha?

No passado, Albert espertamente já tinha usado a desculpa do sobrenome dele para descrever nossa

“unicidade”. Por inocência, eu tinha permitido que essa ideia fantasiosa influenciasse minhas decisões.

Como eu poderia permitir que um capricho desse – a ideia de que éramos um só, que o que beneficia um beneficia o outro – pudesse influir em uma questão que envolvia Lieserl? Eu já não tinha me sacrificado o bastante em nome dessa “unicidade”? Eu não merecia essa última homenagem à minha filha morta?

Puxo os braços, me desvencilho dele e digo:

– Albert, podemos ser os Einstein, mas está bem claro que nossos corações são muito diferentes.

Capítulo 30

4 de agosto de 1907 e 20 de março de 1908

Lenk e Berna, Suíça

–COM ESSA MÁQUINA, CONSEGUIRÍAMOS MENSURAR AS MENORES partículas de energia – anuncia Albert aos irmãos Paul e Conrad Habicht ante um bule de café no restaurante da pousada. Era agosto, e os dois vieram de Berna para se hospedar perto de Lenk onde Albert, Hans e eu estávamos passando dez dias de férias. Albert e eu tivemos uma ideia e ele queria manter vivo o espírito da Olympia Academy mesmo sem Maurice, que se tinha mudado para Paris, além de desejar contar com a ajuda dos membros para a invenção.

– E por que investiríamos nisso? – indaga Paul. Irmão de um membro que pertenceu à formação original da Olympia Academy, Paul, um mecânico talentoso, era mais prático que o irmão Conrad, um sujeito mais teórico. Paul, que por anos frequentou as reuniões apenas vez ou outra, tornava as discussões do grupo mais animadas com o jeito prático que tinha de encarar as coisas.

– Para registrar cargas elétricas minúsculas, claro – respondeu Albert sem pensar muito.

Mas Paul parecia continuar confuso, por isso tento esclarecer.

– A *Maschinchen* permitiria amplificar as menores partículas de energia e mensurá-las, o que ajudaria os cientistas de todo o mundo a avaliar diferentes teorias moleculares – Conrad estava acostumado com meus comentários durante as reuniões frequentes da Olympia Academy, incluindo minhas traduções para o sempre conciso Albert, mas eu não sabia se Paul seria tão receptivo comigo como o irmão. Afinal, eu nunca poderia prever qual seria a reação de um homem diante de uma mulher falando sobre Ciência.

– Ah – diz Paul, ao compreender por fim a ligação entre a máquina e uma das maiores questões debatidas entre os físicos: de que “material” precisamente nosso mundo é feito. Paul pareceu confortável com minha intervenção; talvez o irmão o tivesse alertado, ou talvez ele não tivesse estranhado por ter ouvido meus breves comentários durante os encontros da Olympia Academy.

Conrad, compreendendo quanto aquela empreitada seria lucrativa, admite:

– Todos os laboratórios vão querer adquirir.

– Exatamente – confirmo, sorrindo.

Passo Hans para os braços de Albert e abro o espesso rolo de papéis que contém os esboços que fiz para a *Maschinchen*, basicamente fórmulas de eletricidade e diagramas de circuitos. Reviso o planejamento com os irmãos e proponho que tracemos um cronograma. Albert tinha conseguido um espaço vazio em um ginásio em Berna onde poderíamos, todos juntos, montar a máquina.

– Aceitam trabalhar conosco nesse projeto? – enquanto os irmãos se entreolham, faço uma prece à

Virgem Maria. Eu não tinha o hábito de recorrer a ela sempre (sem minha mãe por perto eu havia perdido o hábito do ritual), mas quando eu desejava muito algo, a santa sempre me vinha à mente. Albert e eu éramos muito teóricos e pouquíssimo práticos; precisávamos dos irmãos Habicht para transformar a *Maschinchen* em realidade.

– Vamos dividir o lucro? – questiona Paul.

– Claro. Vinte e cinco por cento para cada um. Se concordarem, vou procurar um advogado para providenciarmos um contrato. Quando terminarmos o projeto, Albert vai se encarregar de registrar a patente, já que ele tem experiência com isso – sugiro, sorrindo para Albert.

Meu marido retribui o sorriso visivelmente satisfeito com minha astúcia ante aos dois irmãos.

Embora ele tivesse pedido desculpas pela omissão de meu nome nos quatro artigos publicados em 1905

na *Annalen der Physik* – em especial, o texto sobre relatividade –, meu perdão não foi mero resultado das palavras dele. Um convite para um trabalho em conjunto foi o motivo da absolvição, depois de ter ficado meses sem falar com ele. Esse projeto da *Maschinchen*, concebido por nós dois ao longo do último ano e sobre o qual pude exercer grande liderança, foi a única coisa que aceitei como modo de reparar o que ele havia feito. E, em teoria, eu o perdoaria.

Março. Meses depois de nosso encontro em Lenk, estou diante de Albert e dos Habicht, aguardando

para ver os frutos da conversa. Albert esfrega a barba rala que havia crescido no queixo durante o extenso fim de semana passado junto a Conrad e Paul, debruçados sobre o projeto da máquina. Nos últimos dias, o rosto dele tinha ficado mais fino, e as bochechas rechonchudas tinham murchado. De repente,

Albert pareceu mais velho; não lembrava nem um pouco o universitário que conheci.

O salão que tínhamos alugado em um ginásio em Berna estava repleto de fios, baterias, chapas metálicas e uma série de outras peças, sem falar nos copos descartáveis de café espalhados por todo o lado e no tabaco que se tinha acumulado ao longo dos meses de verão. Acomodo Hans em um cantinho aparentemente seguro e examino a máquina.

Finalmente, o cilindro se assemelhava aos meus esboços. Depois de sete meses de trabalho noturno, afinal tanto Albert quanto Paul e Conrad trabalhavam durante o dia, os três tinham conseguido montar a *Maschinchen*. Eles me chamaram para o momento derradeiro: ligar e testar a máquina.

– Podemos? – pergunto.

Albert concorda com a cabeça, Paul e Conrad começam a ligar os fios e interruptores. E, então, Albert liga a máquina. Soltando faíscas no começo, e emanando fumaça por um dos condutores elétricos, a *Maschinchen* começa a funcionar.

– As duas placas condutoras ligaram e as chapas estão fazendo as medidas. Funcionou! – exclamo.

Os três trocam tapinhas nas costas e fazem sinal de reverência para mim. No momento em que Conrad vai buscar uma garrafa de vinho empoeirada, atrás da pilha de fios, a máquina emite um barulho terrível. E de repente para.

Albert, Conrad e Paul se apressam para verificar o que houve com a *Maschinchen* e ficam mexendo nos fios por aproximadamente uma hora. Enquanto balanço Hans no colo para mantê-lo entretido mais um pouquinho, afinal já tinha passado da hora de ele dormir, comento:

– Acho que comemoramos antes da hora.

Paul olha para mim.

– Por que está dizendo isso?

Aponto para a máquina que não para de emitir fumaça.

– Não é nada. É alguma falha no sistema de isolamento. Vamos consertar já, já.

– Sério? – indago, aliviada.

– Sério – responde Conrad pelo irmão. – Assim que conseguirmos fazê-la funcionar perfeitamente,

vamos dar entrada no registro da patente. Albert já cuidou de boa parte da documentação, até do desenho do projeto. Não é, Albert?

Ele não havia me contado nada disso. Fico surpresa com a rapidez dele, mas penso que era isso que ele devia estar fazendo no salão enquanto os irmãos Habicht montavam a máquina. Eu sabia que Albert não tinha a mesma habilidade prática que Paul e Conrad.

– Podemos dar uma lida nos documentos do patenteamento, Albert? – pergunta Conrad.

Albert, com os cabelos desgrenhados e o rosto empoeirado, ergue a cabeça e olha como se estivesse esquecido que estou aqui.

– Claro – responde enquanto levanta. Ele revira a mesa coberta de fios e outras ferramentas e retira um emaranhado de papéis.

– Aqui. Ainda é um rascunho, mas a ideia geral está aí – explica, esparramando as folhas diante de mim e dos Habicht.

Os desenhos eram uma réplica exata do projeto da máquina e das modificações que ele havia sofrido, e a papelada também

continha todo o texto necessário para a apresentação do empreendimento.

Paul e Conrad sugeriram algumas pequenas mudanças, mas, salvo isso, pareceram satisfeitos com o que viram. Não fiz nenhuma observação, já que não tinha a menor experiência com esses trâmites de patenteamento. Tudo parecia em ordem. Agora só precisamos fazer com que a *Maschinen* funcione corretamente para, então, dar entrada no processo.

– Por que o nome da Mileva não está aqui? – indaga Paul, com uma cara de interrogação.

Olho os papéis de novo. Com certeza, Paul tinha se enganado. Albert não cometeria um pecado tão

grave duas vezes. Não depois dos meses de silêncio que ele teve de suportar. Meu nome deveria estar em algum outro lugar da documentação. Leio a página inteira que contém a informação dos requerentes da patente e vejo que Paul estava certo. Não há nenhuma “Mileva Einstein” na lista de nomes.

Como se atreveu a isso?

O silêncio se instaura no salão. Albert, Paul e Conrad entendem a ofensa e, desconfortáveis, aguardam minha reação. Nem mesmo Hans, tipicamente agitado, se move, como se pudesse sentir o clima de tensão no ar.

Quero descarregar toda a minha fúria em Albert pela covardia e pela falta de consideração. É óbvio que ele sabia como eu reagiria, caso tivesse me consultado. Será que ficou com medo de me contar que não havia incluído meu nome nos requerentes? Ele preferia que isso acontecesse assim, em público? Se Albert tivesse conversado comigo em particular, explicando que seria melhor que o nome de uma mulher sem diploma não constasse da lista de requerentes, eu não teria gostado, é claro, mas me sentiria satisfeita pela demonstração de zelo e respeito por meus

sentimentos, e pela preocupação em me poupar do constrangimento na frente de Paul e Conrad.

Eu não permitiria que Albert me humilhasse, fosse de modo privado, fosse em público. De novo não. Esboço um sorriso forçado como se eu já soubesse da omissão de meu nome e com calma digo:

– E por que meu nome deveria estar aí, Paul? Albert e eu somos EinStein. Um só. Uma rocha.

– Claro – concorda Paul prontamente.

Albert não diz nada.

Incisivamente, eu o encaro. Quando abro a boca para começar a dizer as palavras, dentro de mim uma força profunda e consistente começa a fincar raízes.

– Somos uma rocha, não é, Albert?

Capítulo 31

4 de junho de 1909

Berna, Suíça

AOS POUCOS, ALBERT E EU COMEÇAMOS A INCENDIAR O MUNDO DA Física meses depois de recebermos a

patente da *Maschinchen*, a invenção em que eu depositava a esperança de trazer uma renda estável. Em nossa casa na Kramgasse, cartas de físicos da Europa começavam a chegar. Porém

em nenhuma delas havia pedidos da *Maschinchen*, a qual os laboratórios relutavam em aceitar.

Enquanto o renomado professor de Física Max Planck começava a ensinar a relatividade para seus alunos, outros físicos começavam a perguntar sobre os quatro artigos que tínhamos publicado na *Annalen der Physik* em 1905, em especial sobre o que abordava a relatividade. E as cartas não vinham endereçadas a mim, claro, já que meu nome tinha sido excluído do texto. O destinatário de todas essas cartas era Albert.

Feito uma aranha, Albert se dedicava a erguer o nome dele no centro da intrincada rede de físicos europeus. Ofertas de vários periódicos para escrever mais artigos e contribuir com pareceres sobre outras teorias começavam a chegar. Convites para congressos de Física e convocações formavam pilhas em nossa casa. Estranhos começaram a parar Albert nas ruas de Berna quando souberam quem ele era.

Mas, na teia de Albert, não havia nenhum ponto de apoio para mim, nem para Hans. Meu filho e eu nos tornamos meros galhos de árvore em que a teia se sustentava.

Dia após dia, eu cuidava da casa, de Albert e de Hans e até ofereci nossa casa para alunos estrangeiros, os quais se hospedaram nos dois quartos vagos que tínhamos, então, eu cozinhava e limpava para eles também. O trabalho extra intensificou ainda mais as dores que eu sentia nas pernas e nos quadris. Aliás, estes últimos nunca se recuperaram totalmente do parto difícil de Lieserl, mas eu fazia tudo sem reclamar porque esperava o convite de Albert para voltar ao mundo secreto da Física em torno do qual nós dois já tínhamos orbitado. Já que a Olympia Academy tinha se dissolvido oficialmente depois que Maurice se mudou para Estrasburgo na França e Conrad voltou para Schaffhausen, apenas Albert poderia me inserir nesse mundo de novo. Imaginei que oferecer hospedagem aos estudantes seria um modo de aliviar as despesas da casa e, assim, Albert teria mais tempo para voltar às pesquisas e certamente me convidaria. Essas medidas me enfureciam, mas para mim não havia outro modo de voltar à Ciência.

Porém não houve convite algum nos meses que sucederam o registro da patente da *Maschinchen*.

Albert não tinha mais disponibilidade, não importa o que eu fizesse para que ele tivesse mais tempo livre. Vez ou outra, enquanto respondia às cartas dos físicos a respeito dos quatro artigos publicados na *Annalen der Physik*, ou escrevia resenhas de outros artigos para revistas científicas, ele me pedia de última hora alguma informação sobre a teoria do relativismo ou me fazia alguma pergunta sobre cálculos matemáticos. Para me manter sempre pronta e preparada para responder, eu lia os últimos periódicos e os livros que Albert deixava em casa, mas aos poucos a linguagem da Ciência por meio da qual nos comunicávamos foi perdendo-se. Conversas com Hans e preocupações com as finanças tomaram o lugar desses momentos preciosos.

Aquela força que começou a se arraigar dentro de mim depois da omissão em relação à patente da

Maschinchen se tornava cada vez maior, e a centelha de esperança de que Albert e eu poderíamos reacender nossos projetos científicos se transformou numa chama de raiva. Para Helene, a única com quem eu podia desabafar, eu contava sobre como a fama de Albert fez com que ele perdesse o interesse pela esposa e como eu me preocupava que a obsessão pela notoriedade limasse qualquer senso de humanidade que ainda restasse a ele.

Eu havia me tornado a dona de casa inculta que nunca desejei ser. O tipo de que Albert sempre zombou. Não era essa a vida boêmia que eu queria, mas que outra escolha ele havia me dado?

A esperança para nosso relacionamento – tanto conjugal quanto científico – veio na forma de uma

oferta de trabalho. Pouco tempo depois da ascendente aclamação no mundo da Física, Albert recebeu o convite para assumir a função de professor que tanto desejou desde os tempos da universidade. Ele foi chamado para ser professor assistente na Universidade de Zurique depois de uma longa discussão entre os professores sobre as raízes judaicas de Albert, que levou à conclusão de que ele não demonstrava os traços judeus mais “preocupantes”. Planejamos nos instalar por lá por alguns meses antes de outubro, quando as aulas do semestre começariam. Novamente, faço uma oração à Virgem Maria, dessa vez pedindo que tenhamos a oportunidade de um recomeço na cidade em que moramos nos tempos da universidade. A cidade que já abrigou uma Mileva muito diferente.

A tarefa de fazer as malas ficou sob minha responsabilidade, claro, enquanto Albert cumpria os últimos dias de trabalho no escritório de patentes. Certo dia, depois da aula de piano para Hans, que já tinha cinco anos, viro para a pilha de papel que Albert deixou espalhada na mesa de jantar, nos balcões da cozinha, no chão do quarto e vejo até documentos do trabalho que ele começou a trazer para casa. A papelada forma uma trilha como a que aparece na história de *João e Maria*. Começo a organizar os artigos, as anotações e todo o tipo de papel que encontro, separando-os por categorias.

E é aí que encontro algo. Um cartão-postal enfiado entre as páginas de um artigo que Albert havia enviado para avaliação.

Querido professor Einstein,

Espero que aprecie esta mensagem de parabéns de uma antiga namorada que você pode ter esquecido ao longo desses anos. Caso não recorde, sou a cunhada do proprietário do Hotel Paradise de Mettmenstetten, e dez anos atrás, no verão, passamos várias semanas juntos. Li uma matéria no *Basel* sobre seu novo cargo como professor de Física na Universidade de Zurique e gostaria de desejar todo o sucesso nessa nova

empreitada. Penso sempre em você e guardo no coração os dias da juventude que passamos juntos no Paradise Hotel.

Desejo tudo de melhor para você. De todo coração,

Ana Meyer-Schmid

Quase gargalho diante de tanto sentimentalismo e apelação. Eu estava acostumada com as cartas bajuladoras que Albert recebia de cientistas e também de pessoas leigas, afinal, eu sempre as encontrava pelos quatro cantos da casa e tinha de recolhê-las. É verdade que, entre as correspondências que chegavam, aquela era a primeira de uma ex-namorada, mas talvez eu tocasse no assunto meio que em tom de brincadeira, ou alguma piadinha durante o jantar.

Continuo separando as cartas, quando encontro outro cartão-postal escrito com a mesma caligrafia.

Querido professor Einstein,

Que satisfação receber uma resposta tão rápida! Jamais imaginei que um homem com sua reputação e agenda tão ocupada responderia tão prontamente assim para uma mera dona de casa basileia. Fico surpresa e encantada por saber que se lembra com carinho de nossas semanas no Paradise. E aceito com prazer o convite para encontrá-lo em seu escritório em Zurique, agora que se estabeleceu. Vai ser uma grande honra encontrar o professor exercendo sua mais nova função. Logo mais escrevo com a data de nosso encontro.

Com todo coração,

Anna Meyer-Schmid

Meu coração começa a disparar. Albert tinha respondido para aquela mulher e a convidou para visitá-lo em Zurique, óbvio.

Piadinha uma ova. Ele estava começando a ter um caso com essa mulher.

Uma combustão começa a deflagrar dentro de mim. Eu tinha abandonado todas as ambições e até sacrificado o pouquíssimo tempo que poderia ter passado ao lado de minha filha. Tudo por Albert. Para atender aos desejos e caprichos dele. Ele havia se tornado minha vida, minha única via para o amor e o trabalho, ainda que tivesse posto um obstáculo no meio da estrada nos últimos tempos. O sangue aguerrido, como meu pai diria, começou a ferver nas veias. Se Albert achava que eu o entregaria de mãos beijadas para outra mulher estava muito enganado.

Pego uma caneta e uma folha. Começo a escrever uma carta para o senhor Georg Meyer, marido da

tal mulher, de acordo com os dados e o endereço que ela própria fez o favor de informar. Na mensagem, conto o que a esposa dele havia feito:

“Sua esposa escreveu uma carta sugestiva para meu marido...”

A porta bate. Não esperava que Albert voltasse para casa tão cedo. Começo a esconder os cartões-

postais e a carta que rascunhei, mas logo em seguida mudo de ideia. Por que eu deveria esconder aquilo?

Não era eu quem estava fazendo algo de errado.

Quando Albert me chama, respondo:

– Estou no quarto – e continuo escrevendo a carta.

Ouçõ o som dos passos dele, depois a voz.

– O que está fazendo, bonequinha?

Respondo sem olhar para ele.

– Escrevendo uma carta para o marido da Anna Meyer-Schmid para contar sobre vocês dois.

Depois de uma longa pausa, com a voz vacilante e como se não soubesse do que se tratava, ele pergunta:

– Do que você está falando?

– Enquanto organizava as cartas, encontrei dois cartões-postais da senhora Meyer-Schmid e, ao que parece, vocês estão marcando um encontro em Zurique. Acho que o senhor Meyer tem o direito de saber.

– Não é o que você está pensando – rebate.

– Acho que já ouvi essa desculpa antes – continuo escrevendo, sem tirar os olhos da folha. Eu temia amolecer, caso olhasse para ele.

– É sério, bonequinha. Não vi nada demais na carta dela... Só uma mensagem de parabéns para um

velho amigo... Não sei por que ela enviou outra carta depois.

– Não a convidou para te visitar em Zurique?

– Sim, mas sem pretensão nenhuma, foi um gesto de cordialidade, como eu faria com qualquer amigo.

– Que bom. Fico feliz em saber disso – é claro que não acreditei nele. Eu conhecia muito bem aquele tom de voz. – Então você não vai se importar se eu explicar a situação para o senhor Meyer.

Ele começa o discurso.

– Como se atreve a tornar isso público, Mileva?

– Como me atrevo? Como você se atreve a marcar um encontro com uma ex-namorada?! E como se

atreve a discordar de mim?

Ele fica quieto.

– Não é o que parece.

– Você já disse isso. Então não tem motivo para me impedir de enviar a carta para o marido dela.

O silêncio invade o quarto com a mesma força de um grito. Eu sabia por que Albert estava tão desesperado diante da possibilidade de eu enviar aquela carta; ele estava mentindo para mim. Eu precisava que a máscara dele caísse antes de essa relação começar. Dessa vez, cravo meus olhos nos dele. Mas não digo nada. Simplesmente espero.

– Vá em frente, Mileva. Mande a carta. Você sempre cria problemas nos momentos mais importantes

de minha vida. Primeiro, engravidou quando eu estava prestes a conseguir o emprego no escritório de patentes e agora que finalmente vou começar a dar aula em uma universidade, mais essa. Você só pensa em si mesma.

Capítulo 32

14 de agosto de 1909

Vale Engadine, Suíça

–DEIXE EU SEGURÁ-LO, BONEQUINHA – DIZ ALBERT, QUE PEGA Hans, sonolento, dos meus braços.

Penso duas vezes antes de aceitar a ajuda, assim como pensei milhões de vezes e quase me

recusei a fazer essa viagem. Eu havia resistido a todas as demonstrações de gentilezas de Albert – o que, aliás, foi a maneira que ele encontrou de pedir desculpas pelo episódio com Anna Meyer-Schmid – desde que chegamos a Engadine para passar as férias de verão. Mas, como meus quadris e pernas doíam devido à subida e ao peso de Hans nos meus braços, tive de ceder.

A colina fica ainda mais íngreme à medida que nos aproximamos do pico. A poucos metros do topo

é praticamente impossível continuar e eu quase paro. Motivada pela raiva que estou sentindo de Anna Meyer-Schmid e pelas palavras horrendas de Albert, reúno todas as forças para seguir em frente. Chega de ser fraca.

Eu não podia mais aceitar as demonstrações explícitas de afeto de Albert – essa viagem, por exemplo, para compensar o flerte dele com Anna Meyer-Schmid, a *Maschinchen* como modo de reparar a omissão de meu nome no artigo de 1905 sobre relatividade – no lugar daquilo que eu queria, e ele sabia muito bem: trabalho. Eu havia saído de dentro da concha, feito o molusco que já estive a ponto de ser certa vez. A camada dura e protetora era necessária para sobreviver às águas turbulentas que era minha relação com Albert.

A beleza do Vale Engadine enche meus olhos e me concede um momento de alívio em meio à turbulência que me revolve por dentro. O rio de água azul-celeste corta o vilarejo verdejante, revestindo de neve os picos montanhosos. Torres pitorescas salpicam o vilarejo, e os trens transpassam as colinas feito as cerdas de um pincel. Eu sabia por que Albert tinha me trazido aqui: para despertar velhas lembranças e reacender o amor. Coisas que pareciam apenas memórias distantes. E que me faria esquecer as falhas cometidas por ele.

Albert põe Hans na grama macia e coberta de musgo, tira a jaqueta e cobre nosso filho com ela. Viro o rosto antes de ele

perceber que estou olhando e volto a apreciar a paisagem. Albert se aproxima, fica a meu lado e envolve minha cintura com um dos braços. Enrijeço o corpo.

– A nascente do rio Reno fica acima das montanhas, bonequinha – diz, apontando para a paisagem.

Não me movo. Albert acha mesmo que pode me dobrar com essa de “bonequinha”? Eu já não era mais a garota inocente que um dia fui.

– A passagem Majola fica bem ali – ele aponta para a fenda que há entre as duas montanhas. – Ela liga a Suíça à Itália.

Não digo nada.

– Fica a poucos quilômetros de Splügen. Lembra quando estivemos lá? – Ele, agora, envolve minha

cintura com os dois braços e fita meus olhos. Apesar de ficar bem de frente para ele, continuo sem dizer nada.

– Lembra que a gente chamou aqueles dias de nossa lua de mel boêmia? – pergunta.

O tiro saiu pela culatra. O simples fato de mencionar aqueles dias em Como me traz lembranças de Lieserl, e dos dois anos de espera para o casamento e a lua de mel, além da ruína de minha carreira. Não me agrada nem um pouco.

– Por que está tão quieta, bonequinha?

Pela primeira vez, sinto a frustração na voz dele. Como ousa achar que tem o direito de ficar chateado comigo? Eu vinha mantendo-me em silêncio, mas como poderia permitir que uma pergunta tão estúpida como essa ficasse sem a devida resposta?

– Acho que sabe o motivo, Albert.

– Escute, bonequinha. Eu errei. O cartão-postal da senhora Meyer-Schmid despertou antigos sentimentos de minhas férias em Mettmenstetten e eu me excedi na resposta que enviei a ela. Não sei mais o que dizer a não ser que estou muito arrependido.

Mas o flerte com Ana Meyer-Schmid não era o único motivo de minha raiva, embora isso tivesse

aberto uma ferida profunda em mim.

– Também está arrependido das barbaridades que me disse?

– Barbaridades?

Como ele pôde esquecer?

– Você não acha que engravidei de Lieserl só porque estava prestes a começar a trabalhar no escritório de patentes, acha? – questiono.

Albert tira os braços de minha cintura e fica em silêncio.

– Não, não acho Mileva. E se alguma vez dei a entender isso, não foi minha intenção.

– Faz ideia do quanto aquela gravidez foi difícil para mim? Solteira e sozinha, sem nenhuma perspectiva de carreira e esperando um filho? O nascimento da Lieserl mudou minha vida. Para melhor e para pior.

Nunca falei com Albert sobre Lieserl de um jeito tão duro. Naquela época, eu tinha medo de perdê-

lo. Ou de perder Lieserl.

– Sim, é claro que sim – responde depressa demais. Sinto que ele realmente não tinha compreendido o impacto que a gravidez teve em minha vida, que Albert só queria se livrar de meus

comentários e dizer qualquer coisa que lhe viesse à cabeça que pudesse me agradar.

Albert deve ter sentido o clima pesado entre nós porque volta a envolver minha cintura e diz:

– Bonequinha, por favor, podemos transformar essa mudança para Zurique em um novo começo? Um

começo cheio de amor, trabalho e colaboração?

Colaboração? Albert conhecia meus pontos fracos. Eu me permito fitar os olhos castanho-escuros dele. Nas profundezas daquele olhar, posso jurar que enxergo um futuro diferente. Ou talvez veja exatamente aquilo que eu queria.

Eu queria responder que sim, acreditar em Albert, mas não poderia ser tão imprudente assim.

– Promete que vamos voltar a trabalhar juntos? Que em Zurique você vai ter tempo para os projetos de Física que criamos para a *Annalen der Physik*? Os artigos que te transformaram numa pessoa famosa e que rendeu esse novo trabalho em Zurique? – eu precisava lembrá-lo em qual território ele estava pondo os pés.

Ele pisca, mas não vacila.

– Prometo.

Acreditei nele? E isso fazia alguma diferença? Eu havia feito um juramento e não podia esperar mais. Então, respondi:

– Sim, faremos de Zurique um novo começo.

Capítulo 33

20 de outubro de 1910 e 5 de novembro de 1911

Zurique, Suíça, e Praga, Checoslováquia

ZURIQUE E SEUS ENCANTOS FAMILIARES ME DEIXAM FASCINADA desde o princípio. O aroma de café e

grama permeia o ar, a conversa animada entre os alunos nas cafeterias sobre as descobertas mais

recentes e os passeios agradáveis pelas ruas antigas e ao longo das margens do rio Limmat me fazem recobrar uma versão mais jovem e vigorosa de mim mesma. Eu me torno a Mitza esperançosa dos tempos da juventude, mesmo quando Albert não cumpre a promessa de empreender um

projeto comigo.

Em vez de um projeto com ele, encontro uma saída surpreendente para meus anseios científicos. Por uma coincidência feliz, soubemos que um aluno da Politécnica já formado que entrou para o programa de Matemática e Física depois que saímos da universidade estava trabalhando como assistente de Friedrich Adler, coordenador do programa de Física da Universidade de Zurique. A esposa de Friedrich, Katya Germanischkaya, nascida na fronteira entre Rússia e Lituânia, e que estudou Física na Politécnica depois que Albert e eu saímos, tinha um apartamento em nosso prédio na Moussonstrasse. Fizemos amizade com o casal, comíamos com Friedrich e Katya e os filhos deles, ainda crianças, ouvíamos música juntos e discutíamos sobre Ciência e Filosofia. Minha felicidade ficou ainda mais completa quando soube que estava grávida, algo pelo qual eu vinha esperando há anos. Por algum tempo, Albert e eu saboreamos as delícias do mundo boêmio com o qual sonhamos – desde que eu não me permitisse pensar nas promessas de trabalho que ele não cumpriu.

Por outro lado, apenas seis meses depois que chegamos a Zurique, quando por fim me adapto totalmente à vida na cidade, Praga começa a chamar. A prestigiada Universidade de Praga

ofereceu a Albert a função de professor catedrático e o cargo de diretor do Instituto Física Teórica. Eu sabia que Albert não resistiria a esse convite. O dobro do salário, um cargo fixo em vez de professor assistente, e a direção de um instituto de Física – como ele poderia negar? Mesmo assim, supliquei que não deixássemos nossa vida feliz em Zurique, especialmente depois que nosso segundo menino, Eduard, nasceu em 28 de julho de 1910. Tete, como o apelidamos, veio ao mundo muito doente, sofrendo com uma infecção depois da outra e dormindo muito mal. Minha preocupação era que nosso filho não se adaptasse à Praga, que ficou famosa pela poluição desde que a industrialização passou a aumentar na

cidade. Por quase um ano, Albert aquiesceu a meus desejos e recusou a oferta, mas a insatisfação dele só aumentou.

Tentei aliviar o descontentamento dele deixando de restringir nosso mundo aos Adlers e, para isso, organizei encontros noturnos aos domingos à noite regados à música com o professor da Politécnica Adolf Hurwitz e a família dele. Eu queria fazer com que Albert recuperasse o encanto por Zurique e que nós dois retomássemos o gosto pela música, algo que tínhamos em comum. Mas nada parecia animá-lo.

A obstinação pelo trabalho em Praga azedou a vida dele em Zurique. E por conta de minha relutância em relação ao desejo dele, os sentimentos de Albert por mim diminuam cada vez mais.

Durante uma tarde agradável de outono, em que à distância era possível ver o sol refletindo no rio Limmat, um envelope grande, endereçado a Albert com letras formais e remetente suíço chegou pelo correio. Quem dali poderia escrever para ele? Albert não era tão famoso assim para receber uma correspondência desse tipo.

Subo as escadas, acomodo o pequeno Tete no berço e deixo Hans lendo um livro. Como sou eu quem administro as finanças da família e, conseqüentemente, todas as correspondências

ficam comigo, decido abrir o envelope, mesmo sabendo que o destinatário é Albert. Para minha surpresa, a carta era do Comitê do Prêmio Nobel, dizendo que o laureado ganhador do prêmio Nobel de Química, Wilhelm Ostwald, havia nomeado Albert para o prêmio com base no artigo de 1905 sobre a teoria da relatividade especial.

Com as mãos trêmulas, me sento no sofá. Meu artigo estava sendo nomeado para o Prêmio Nobel?

Independentemente de todos os elogios que a publicação já tinha recebido, essa homenagem era muito, muito mais do que eu poderia esperar em meus mais longínquos devaneios. Mesmo que ninguém jamais soubesse de minha participação na criação da teoria da relatividade, fui tomada por um sentimento de paz por saber que a morte de Lieserl rendeu tamanha condecoração.

Confesso que uma parte bem pequena de mim se ressentia de saber que eu não teria nenhum reconhecimento. Mas quando me dei conta de que esse prêmio poderia ser exatamente o que eu precisava, a frustração desapareceu. Talvez a nomeação ao Prêmio Nobel suavizasse a recusa da oportunidade de Praga e tornasse a permanência em Zurique algo mais palatável para Albert. Talvez ele percebesse que não era preciso sair da cidade para subir os mais altos degraus da Ciência.

Naquela noite, esperei por Albert na porta, com a carta em mãos e duas taças de vinho tinto para comemorar, uma para cada um. Esperei e esperei.

Quase duas horas depois do horário que costumava chegar, Albert finalmente entra. Em vez de repreendê-lo pelo atraso, sorrio e entrego a ele a taça de vinho e a carta.

– O que é isso? – pergunta em tom ríspido.

– Acho que você vai gostar.

Enquanto os olhos dele percorrem a página, ergo a minha taça, pronta para brindar assim que Albert terminar a leitura. Sem erguer a taça para o brinde, ele bebe o vinho numa golada só e murmura:

– Hum. Então eles finalmente resolveram reconhecer meu trabalho.

Reconhecer “meu” trabalho? Foi isso mesmo que ele disse? Como se, agora que foi indicado para o

Prêmio Nobel, ele tivesse-se esquecido de minha autoria... Como se a ideia tivesse partido da cabeça dele e ele mesmo tivesse escrito o artigo... O comentário de Albert me deixa atordoada. Uma coisa era fingir para o mundo inteiro que a teoria especial da relatividade era de autoria dele, mas outra bem diferente era fingir para mim que a ideia tinha sido dele.

– Está feliz que o comitê reconheceu o *seu* trabalho?

– Sim, Mileva, estou – o olhar dele me desafia a continuar.

Se antes fiquei atordoada, agora me sinto completamente zozna.

De súbito, ele pergunta:

– O jantar está pronto?

É aí que percebo que me tornei nada além de uma dona de casa para Albert. Mãe dos filhos dele.

Faxineira. Lavadeira. Cozinheira. E que nunca mais eu seria algo além disso.

Foram essas as únicas migalhas que Albert deixou para mim. E mesmo assim ele parecia me odiar

por aceitar esses restos.

Eu tinha uma escolha a fazer. A primeira opção seria deixar Albert e levar meus filhos comigo, acabando para sempre com a chance de ter uma família convencional, expondo-os a todo o estigma que o divórcio traria, tudo porque o pai deles não tinha cumprido as promessas que me fez. A segunda opção seria ficar e tentar construir o melhor lar possível para eles, esquecendo para sempre o sonho de ter uma vida científica junto a Albert. Uma parceria, para dizer a verdade, que há muito tempo tinha ficado para trás. Qualquer que fosse a escolha, não havia a menor esperança de retomar esse laço. Apenas a crença da felicidade de meus filhos; não a minha. E tudo isso dependeria de Albert e da própria satisfação dele.

Enquanto ele caminha para a sala de jantar e se senta à mesa, esperando a refeição ser servida, digo:

– Albert?

– Sim? – responde sem sequer olhar para mim.

– Acho que devemos ir para Praga.

A fuligem industrial cobre Praga inteira e se instala dentro de mim feito uma depressão profunda.

Sinto como se estivesse nadando num rio de lodo enquanto caminho com meus filhos pelas ruas abarrotadas de Praga. Os dissabores do clima da cidade se refletem nas atitudes de seus governantes e elites etnicamente germânicos, cuja aversão ao povo eslavo e aos judeus foi confirmada desde o início. A crescente instabilidade política na Áustria-Hungria, da qual Praga fazia parte, à medida que as relações entre o Estado e o Império Otomano continuavam a ruir e os sérvios tentavam criar uma nação para os eslavos meridionais dentro das fronteiras austro-húngaras, apenas reforçava a adesão às raízes germânicas. Eles queriam, a todo custo, se afastar dos eslavos. Como eu conseguiria construir a vida que planejei para meus filhos diante de um cenário como esse?

Mesmo assim, tentei. Quando a água que descia pelas torneiras de nosso apartamento no bairro de

Smíchov, na rua Třebízského, começou a ficar marrom, eu ia até a fonte que havia na rua buscar água para preparar as refeições, e a fervia antes de começar a cozinhar. Quando os percevejos e as pulgas infestaram nossas roupas de cama, tratei de queimá-las numa fogueira que eu mesma preparei, e troquei todos os colchões e cobertores por outros de cores muito mais vivas e alegres. Entretive meus filhos com a música disponível em salas de concerto e nas igrejas, e com a arquitetura belíssima da cidade, especialmente o famoso relógio que ficava na torre da antiga Câmara Municipal. Tudo para que se esquecessem da falta de leite, frutas e vegetais frescos.

Parei de suplicar a Albert por trabalho e tentei me moldar ao papel de dona de casa que ele deixou para mim. Ainda assim, Albert não estava muito presente para testemunhar meus esforços. Pesquisa, trabalho e palestras ocupavam os dias dele e as noites fora de casa se tornaram uma rotina, deixando os garotos e eu sozinhos por semanas. As únicas evidências da presença dele eram os rastros de roupas jogadas no chão ou a voz que dava para escutar enquanto ele falava com os colegas na sala de estar à noite, depois que o Café Louvre encerrava o expediente e os convidava a se retirar ou quando a galeria de arte situada na casa da senhora Berta Fanta, na Praça da Cidade Velha, fechava.

Mas havia um ou outro momento de retratação. Quando percebia que a própria negligência me levava ao último limite, ele aparecia para jantar com a família, brincava com os filhos, segurando-os no colo e atirando-os no ar para pegá-los, fazia cócega neles e, certa vez, até insinuou que me chamaria para

trabalhar com ele. “Vamos voltar à relatividade, bonequinha? Que tal explorarmos a possível ligação entre a gravidade e relatividade?”. Mas no dia seguinte era como se ele nunca

tivesse dito essas palavras. Tentei não permitir que isso me incomodasse.

Às vezes eu sentia vontade de desistir, mas precisava me manter firme por Hans e Tete. Eu desabafava apenas com Helene, contando a ela quanto eu estava carente de atenção e afeto, quanto me sentia sozinha e quanto me sentia grata por tê-la em minha vida. Somente com Helene eu podia ser quem eu era de verdade.

Penso que estou suportando o fardo com certa bravura, até que, certa tarde, me olho no espelho.

– Quem é essa mulher? – pergunto a mim enquanto encaro meu próprio reflexo.

Os quadris largos devido às gestações, a cintura fina escondida debaixo das pregas de um vestido horroroso. Nariz e lábios grossos, testa enrugada. A pele e o cabelo sedosos, agora sem vida. Eu tinha apenas 36 anos, mas aparentava 50. O que tinha acontecido comigo? Será que o fato de ter me descuidado foi o motivo para Albert ter se afastado de mim?

No exato momento em que meus olhos começam a se encher de lágrimas, ouço uma tosse brusca no

quarto de Tete. Abro a porta bem devagar para não acordá-lo e olho para meu filho mais novo. Com o cabelo preto e os olhos castanhos e marcantes, ele lembra o irmão mais velho, mas apenas fisicamente.

Enquanto Hans sempre foi um rapaz forte, Tete era mais delicado e sempre pegava alguma doença. O ar impuro de Praga havia feito muito mal a ele.

As bochechas parecem vermelhas, então encosto a mão na testa dele. Meu filho estava ardendo em

febre. Uma onda de pavor percorre minha espinha. Corro até a escrivania, escrevo um bilhete para o médico e, depois de pedir a uma vizinha que fique de olho em Tete por alguns minutos, corro até a rua para chamar um mensageiro. Dentro de uma hora, um médico bate à porta.

– Obrigada por ter vindo, doutor. Chegou muito mais rápido que imaginei – como eu havia esperado oito horas pelo médico da última vez em que Tete ficou doente, já estava preparando-me para uma longa e dolorosa espera.

– Eu estava bem aqui, no prédio ao lado. É que houve um surto de febre tifoide... – explica.

Meu coração dispara. Tifoide? Tete havia sobrevivido a inúmeros resfriados, infecções de ouvido e até à pneumonia, mas febre tifoide? Ele tinha pouquíssima resistência para isso.

O médico vê em meus olhos o estado de pânico. Ele segura minhas mãos e diz:

– Por favor, deixe que eu o examine, senhora Einstein. Pode ser apenas uma gripe... Tenho visto muita gente em Praga gripada. Talvez não seja febre tifoide.

Eu o levo até o quarto de Tete, aliviada por Hans ainda estar na escola, e observo o médico examinar meu filho apático. Em voz baixa, oro à Virgem Maria repetidamente, pedindo para que seja um simples resfriado ou mais alguma das infecções a que Tete sempre está suscetível.

– Não acho que seja tifoide, senhora Einstein. Mas acho que seu filho pegou algum outro tipo de infecção. Ele vai precisar de banhos frios para abaixar a febre e de observação. Pode fazer isso?

Aliviada, assinto, faço o sinal da cruz e me aproximo de Tete para acariciar o cabelo dele. Por um momento, vejo o rosto rosado e

febril de Lieserl por entre os lençóis. Sinto uma dor no peito. “Não é a Lieserl”, lembro a mim mesma. “Este é Tete, e ele vai sobreviver. Não é febre escarlatina, nem tifoide, é uma gripe, apenas.” Mesmo assim, eu sabia que não poderia continuar a expor as crianças à água, ao ar e à comida contaminada de Praga. Precisávamos sair da cidade.

Três dias depois do susto com Tete, Albert, que estava ausente participando do Congresso de Solvay em Bruxelas, um prestigioso encontro entre as 24 mentes mais brilhantes da Europa, volta para casa. Naquela noite, fiz questão de cuidar da aparência. Sem mencionar a doença de Tete e evitando qualquer assunto que pudesse pressioná-lo, sirvo o jantar e o deixo relaxar com seu cachimbo enquanto

conta para Hans e para mim como foi o evento. Desde que chegamos à Praga, Albert andava tão distante que foi um alívio ver a expressão animada dele e escutar sobre as novidades do congresso. Todos os grandes nomes da Física estavam lá, os mesmos que lemos e estudamos por décadas – Walther Nernst, Max Planck, Ernest Rutherford, Henri Poincaré etc. Porém não foram esses cientistas mais antigos que o impressionaram; Albert estava fascinado pela nova geração de físicos parisienses: Paul Langevin, Jean Perrin e a famosa madame Marie Curie, que havia recebido o Prêmio Nobel enquanto eles estavam em Bruxelas.

Eu queria saber mais especialmente sobre ela; a madame Curie era uma heroína para mim e eu admirava a parceria científica que ela e o marido já falecido tinham formado, o tipo que sonhei que teria com Albert. Mesmo assim, o tempo continuava passando – tempo em que, aliás, a tosse desconfortável de Tete deve ter ficado evidente até para Albert, que era sempre relapso em relação a esses assuntos – e eu ficava cada vez mais impaciente. Às duas horas, depois de pôr Hans para dormir e de verificar como Tete estava, tomo coragem e faço a derradeira pergunta a ele.

– Albert, há alguma possibilidade de sairmos de Praga? Voltar para Zurique ou mudar para qualquer outra cidade da Europa que tenha mais qualidade de vida?

Ele fica em silêncio, com uma carranca evidente.

– Mas que pergunta mais ridícula. Sei que Praga não tem o conforto e a sofisticação de Zurique nem de Berna, mas essa tem sido uma oportunidade e tanto para mim. Que pergunta mais egoísta, Mileva.

Mileva? Acho que ele não me chama assim desde que deixamos de lado a formalidade do “senhorita

Marić e senhor Einstein” muitos anos atrás, quando em Zurique. Deixando de lado essa questão, bem como os adjetivos como “ridícula” e “egoísta”, explico:

– Não estou pedindo por mim, Albert. É pelas crianças. Estou preocupada com as consequências que Praga pode trazer à saúde de nossos filhos, em especial à de Tete. Tivemos um susto e tanto enquanto você estava em Bruxelas.

– Que susto?

– Tete adoeceu muito na semana passada. A suspeita foi de tifoide por conta da água contaminada.

– Pensei que você estivesse pegando água da fonte e fervendo-a.

– Infelizmente, isso não é suficiente.

Ele não diz mais nada. Sequer pergunta sobre o estado de Tete.

Eu me ajoelho diante dele.

– Por favor, Albert. Pelas crianças.

Enquanto ele me encara com aqueles olhos castanho-escuros, me pergunto: O que ele vê? Apenas meu rosto abatido e meus quadris largos? Ou será que se lembra da minha capacidade intelectual e dos sentimentos que tem por mim? Será que vê a “bonequinha” que um dia amou?

Não há a menor generosidade, tampouco preocupação na expressão de Albert. Somente desgosto.

– Tem sido muito produtivo viver aqui em Praga, Mileva. Está pedindo para eu desistir de tudo – e com isso ele se levanta, desequilibrando-me. Caio com o corpo para trás. Sem oferecer a mão para ajudar, ele sai andando, desviando de mim, e, enquanto caminha em direção à cozinha, diz: – Você só pensa em você.

Capítulo 34

8 de agosto de 1912

Zurique, Suíça

FELIZMENTE, A VOLTA PARA ZURIQUE NÃO DEPENDEU EXCLUSIVAMENTE de minhas súplicas não ouvidas.

Como que em resposta às minhas orações – as quais tornaram-se cada vez mais frequentes –, Zurique começou a chamar por Albert. Nossa *alma mater*, a Politécnica, procurou Albert para fazer uma proposta irrecusável. Ele atuaria como professor sênior de Física e chefe de departamento. Eu sabia que não podia me iludir, mas ainda assim restava a esperança de que o regresso a Zurique permitiria recuperar a civilidade entre nós dois.

A vida em Praga estava cada vez mais difícil. Difícil tanto para meu corpo e minha mente quanto para os das crianças. E para as relações entre marido e mulher, e entre pai e filhos. Aquilo de que certa vez acusei Albert – que ele e eu éramos “uma rocha”,

mas “dois corações diferentes” – mostrou-se uma estranha premonição, especialmente no clima inóspito de Praga. Mas certamente a atmosfera boêmia de Zurique o amolecera, e o coração indiferente e inconstante dele se estabilizaria. Pelo menos, nossa relação voltaria a ter certa estabilidade. Eu já não esperava nada mais além disso.

Com os braços cheios de sacolas do mercado, abro a porta de nosso novo apartamento em Zurique.

Antes de entrar, fico lá fora, observando por um instante o edifício de cinco andares de cor mostarda e janelas panorâmicas, cobertura de tijolos vermelhos, portão de ferro e com vista para o lago, a cidade e os Alpes. Como aqueles dias dos tempos da universidade pareciam distantes...

– Oi? Tem alguém em casa? – chamo ao subir as escadas e caminhar até a cozinha. Eu havia deixado os garotos com Albert por meia hora enquanto saí para comprar algumas coisas para preparar o jantar. A casa estava estranhamente silenciosa. Os meninos não passavam muito tempo com Albert, então imaginei que fariam tudo que pudessem para chamar a atenção dele enquanto eu estivesse fora.

Quando começo a desfazer as sacolas, esfrego as juntas. A dor nas pernas e nos quadris tinha piorado muito nos últimos meses e subir os degraus íngremes até nosso apartamento era uma tarefa desafiadora. Mesmo assim, Albert nunca ouviu uma reclamação minha sequer; eu estava imensamente feliz por estar de volta a Zurique.

Enquanto guardo o último recipiente dentro do armário, ouço vozes masculinas na sala de estar, mas são de adultos, não de crianças. Albert e mais alguém. Mas quem? Fazia pouco tempo que tínhamos

chegado à Hofstrasse, 116, bem próximo de Zürcherhof e da Politécnica e, embora tivéssemos muitos conhecidos em Zurique,

não tínhamos passado nosso endereço para ninguém. Ou pelo menos era isso que eu achava.

Ouçõ uma risada pelo *foyer*. E ela me parece familiar. Será que nossos velhos amigos, os Hurwitz ou os Adler estariam por aqui? Albert e eu consideramos retomar nossas noites musicais com eles em breve, mas ainda não tínhamos acertado os detalhes. Largo o pimentão e a cebola em cima do balcão da cozinha e vou até a sala de estar para saber quem é a visita.

Vejo Marcel Grossman, nosso antigo colega de sala da Politécnica. Salvo por algumas rugas ao redor dos olhos e pelos cabelos brancos na altura das têmporas, ele não mudou quase nada. E quanto a mim? O quão velha devo parecer para ele? Eu já tinha alguns cabelos grisalhos e rugas. Ainda assim, meu coração se alegra ao vê-lo. O senhor Grossman poderia trazer boas vibrações para nossa vida em Zurique, afinal ele era um amigo que me conhecia dos tempos da universidade. Um colega matemático e cientista que já havia pedido minha ajuda para resolver cálculos difíceis. Alguém que conhecia minha capacidade intelectual, não só minhas habilidades como mãe e dona de casa.

– Senhor Grossman! – exclamo. – Que prazer revê-lo!

– O prazer é meu, senhora Einstein! – responde com um aperto de mão firme. – Estamos muito animados com a volta dos Einstein às suas origens.

– Por favor, não acha que, depois de todos esses anos de amizade, é melhor me chamar de Mileva?

Ele sorri.

– E não seria melhor também que me chamasse de Marcel?

– Bem, Marcel... Albert me contou que você é o atual chefe do Departamento de Matemática da Politécnica.

– Sim. Nem dá pra acreditar, às vezes.

– Parabéns. É jovem para o cargo, mas está à altura da tarefa.

– Obrigado – agradece com um sorriso. – E você, Mileva? Os garotos andam ocupando muito o seu

tempo?

Olho para Albert e uma ideia me ocorre. Não seria Marcel a pessoa ideal para recobrar os projetos que empreendi com Albert? Nosso amigo em comum tinha o poder de me conceder a oportunidade de construir meu próprio caminho, se soubesse que continuei estudando Matemática e Física desde os tempos da Politécnica. Não seria nada formal, é claro, já que eu não tinha diploma, mas talvez alguma função como tutora ou pesquisadora. Assim, eu não dependeria mais de Albert para alimentar meus anseios científicos. Talvez até a tensão entre nós poderia diminuir.

– Albert e eu somos conhecidos por ajudar um ao outro de vez em quando nos artigos.

– Eu sabia! – afirma com um tapa na perna. – Avaliei alguns artigos de Albert e sabia que ele não conseguiria fazer aqueles cálculos sozinho. Você sempre foi melhor em Matemática do que ele. Do que a maioria de nós, na verdade.

Enrubesço.

– Ouvir isso do chefe do Departamento de Matemática da Politécnica é uma honra e tanto. E cá estou eu, uma simples dona de casa.

– A cadeira do Departamento seria sua se esse velho aqui não tivesse roubado você da Ciência –

comenta Marcel, cutucando Albert.

Sorriso. Fazia muito tempo que ninguém me via como algo além da esposa de Albert. A mulher tímida, estranha e manca, como os fofoqueiros se referiam a mim por onde quer que passássemos. Vez ou outra alguém deixava essa “reputação” minha escapar sob o pretexto de me “ajudar” a criar uma aparência mais condizente com a da esposa de um professor. Queriam que eu fosse o par perfeito de

Albert, sempre extrovertido e carismático. É claro que esse era o Albert que eles conheciam, o modo como ele se comportava em público.

– E por falar em Matemática, você é um dos principais motivos de eu ter voltado para Zurique –

comenta Albert, interrompendo o papo agradável entre nós dois, olhando-me de um jeito furioso.

O que eu tinha feito de errado? Talvez o motivo da raiva fosse o simples fato de eu estar conversando com Marcel. Nos últimos tempos, a menor demonstração de minha exuberância juvenil irritava Albert. Não havia um motivo concreto para aquela irritação; eu não havia mencionado quais partes dos artigos eram de minha autoria, apenas insinuei que eu havia colaborado com os textos publicados em 1905, algo que todos que nos conheciam desde a época da universidade imaginavam.

O que havia de tão errado assim no fato de querer ter meu próprio trabalho científico? As pesquisas eram o núcleo de minha essência, a conexão com minha espiritualidade e meu intelecto há muito desprezados. Todo esse tempo distante deles fazia eu me sentir oca. Talvez se eu tivesse meu próprio trabalho, a Ciência deixaria de ser um campo de batalha entre Albert e mim, um símbolo de meu sacrifício e minha negligência, e recuperaria o lugar sagrado que tinha em meu mundo.

– Por minha causa? – indaga Marcel, claramente surpreso. – E o que tenho de tão interessante assim que o atrairia para Zurique?

Achei que assumir a cadeira do programa de Física de sua *alma mater* era um motivo e tanto.

– Estou pesquisando a relação entre minha teoria da relatividade e a da gravidade, o impacto que uma tem sobre a outra, para expandir o artigo sobre a teoria especial da relatividade que foi indicada para o Prêmio Nobel em 1910 e no ano passado. E com certeza sua genialidade com a Matemática vai me indicar o caminho.

Será que ouvi direito? Albert estava convidando Marcel a colaborar com seus conhecimentos de Matemática para expandir a minha teoria?

– Mas eu teria de escrever algo sobre Física?

– Não, dessa parte eu cuido. Você fica com a Matemática.

Por um momento, Marcel olha para Albert de um jeito cético, como se tivesse tentando conciliar o estudante irresponsável que conheceu tempos atrás com o físico bem-sucedido que estava ali bem à frente dele.

– Por favor, preciso de sua ajuda, Grossman – insiste Albert. Em seguida, ele me encara de modo

incisivo. – A teoria da relatividade é uma bagatela se comparada a esse problema – como Marcel não reage, Albert pergunta: – E, então, aceita trabalhar comigo?

O físico afortunado venceu. Por fim, Marcel responde:

– Sim.

Então era essa a nova parceria de Albert. Ele ofereceu o trabalho – há muito tempo atribuído a mim

– para Marcel. Eu já me tinha convencido de que não havia mais nenhuma esperança de trabalhar com meu marido, mas

testemunhar a passagem do bastão, dessa maneira, foi insuportável. Como Albert pôde me deixar ali, de pé, assistindo a ele dar cabo da parceria que me havia prometido? Parceria esta que envolveria se debruçar sobre uma teoria que eu mesma criei? Ele sabia como aquilo me magoaria. Desde a viagem que fizemos a Berlim, na Páscoa, quatro meses atrás, ele andava visivelmente mais insensível.

Ainda assim, jamais imaginei que a crueldade dele pudesse chegar a esse nível.

Capítulo 35

14 de março de 1913

Zurique, Suíça

– FELIZ ANIVERSÁRIO, PAPAI! – exclamam Hans e Tete enquanto caminham até a sala de estar. Meus meninos levam um bolo para o pai, que guarda o cachimbo na estante para recebê-los. Meus filhos e eu tínhamos preparado uma surpresa para comemorar o aniversário de Albert antes de irmos para a noite de música com os Hurwitz, nosso hábito dominical.

– Hummm, meninos, esse bolo deve estar uma delícia. Posso comer tudo sozinho? Afinal, é meu aniversário, não é? – brinca Albert, dando uma piscadinha. Era nesses pequenos e raros momentos em família, em que Albert parecia feliz com os filhos, que eu lembrava por que eu continuava com ele.

Apesar de ele ter oferecido a Marcel um lugar que era meu. E de tantas outras decepções.

– Não, papai! – retruca Hans. – É pra gente dividir.

– É, papai, é pra dividir – resmungo Tete, que parecia uma cópia do irmão mais velho e sério.

Depois de partir o bolo de chocolate em fatias generosas e de distribuí-las, recolho os pratos e vou para a cozinha. De lá, ouço Albert brincando com Tete, jogando-o no ar e segurando-o, enquanto o menino gargalha. Ver os dois brincando assim me deixa feliz. Tete sempre foi uma criança de saúde frágil

– sofria com dores de cabeça crônicas e infecções de ouvido –, o que fazia com que Albert evitasse brincar com ele. Com Hans, nosso filho mais sério e compenetrado, Albert tinha uma relação mais consistente. Independentemente de minhas frustrações, e até da raiva que sentia de Albert, eu queria que meus filhos tivessem um bom relacionamento com o pai. Como eu havia tido com o meu.

– Cuidado – adverte Hans enquanto o pai arremessa Tete no ar. Com um comportamento sempre à

frente de sua idade, Hans levava muito a sério o papel de pai que tantas vezes recaía sobre ele durante a ausência de Albert.

Depois de sete meses em Zurique, eu não tinha a nova vida com a qual sonhei, apesar do ambiente

familiar e da rede de velhos amigos permitir que Albert e eu mantivéssemos a civilidade, especialmente durante as noites de domingo em que nos reuníamos com os Hurwitz na casa deles. Salvo por esse momento, Albert passava todo o tempo livre que tinha com Marcel. Enquanto eu lavava a louça, revisava a lição de casa dos meninos, lia para eles e os levava para dormir, ouvia Albert e Marcel trabalharem noite adentro. A parceria começou animada, os dois discutindo a ideia de que a gravidade cria uma

distorção na geometria espaço-tempo e, na verdade, a modifica. Mas, com o passar do tempo, os cálculos matemáticos ficaram cada vez mais difíceis de serem compreendidos, e os dois começaram a desanimar.

Depois, a se desesperar. Eles investigaram uma versão da geometria espaço-temporal criada por Georg Friedrich Riemann e como ela funcionava com diferentes vetores e sensores. Os dois se viam às voltas para encontrar aquilo que eu vinha indagando desde a morte de Lieserl, uma teoria da relatividade generalizada que expandisse o princípio da relatividade a todos os corpos, independentemente do modo como se moviam um em relação ao outro, e que considerasse a natureza relativa do tempo.

Nesse momento crítico, eles não conseguiriam chegar aonde queriam. Não conseguiriam alcançar o

santo graal de que Albert tinha se convencido que ele, e não eu, havia criado. Os dois vinham preparando um artigo intitulado “Esboço de uma Teoria Generalizada da Relatividade e uma Teoria da Gravitação”, ou “Entwurf”, no qual estabeleciam os princípios de sua teoria, mas reconheciam uma lacuna a ser preenchida, o fato de não terem encontrado ainda um método matemático capaz de provar tal teoria.

Eu poderia ajudá-los a chegar à resposta certa. Embora há anos Albert me tivesse excluído de seu mundo teórico, ou pelo menos não me incluísse nele com a mesma frequência desde a *Maschinchen*, em meio às pilhas de louça e de fraldas, eu não fiquei totalmente desconectada do assunto. Sozinha e às escondidas, eu vinha lendo, pensando e escrevendo sobre as possíveis expansões da minha teoria da relatividade. Eu sabia que eles precisavam deixar de lado a ideia de encontrar uma lei da física aplicável a todos os observadores do Universo e se concentrar em como a gravidade e a relatividade se aplicavam a corpos rotativos e corpos em movimento constante, usando um tensor diferente. Contudo, antes de compartilhar essas ideias, eu vinha esperando o convite para entrar na dança e, se Albert não me tirasse para dançar, não seria eu que me ofereceria.

Assim, deixei que ele quebrasse a cabeça. Foi o único modo que encontrei de me vingar do aborrecimento incessante que ele

sentia em relação a mim.

À medida que a melancolia de Albert aumentava, eu me introvertia ainda mais. Apenas para Helene

eu contava sobre a nuvem negra que vinha pairando sobre minha cabeça, explicando que enquanto Albert se tornava um físico renomado e um membro importante da comunidade científica, meus filhos e eu ficávamos em segundo plano.

Depois de lavar os pratos, limpar a cozinha, pegar os instrumentos e as partituras, me restava mais ou menos uma hora para organizar as pilhas de papel na sala de jantar antes de sairmos para a casa dos Hurwitz. Desorganizado como sempre, Albert deixava o material que tinha usado com Marcel espalhado pela mesa de jantar. Dentro de mim, por mais que eu tivesse aceitado o papel de dona de casa, eu sempre resmungava por ter de bancar a empregada doméstica de Albert. Como minha vida chegou a esse ponto?

Amontoada em cima das anotações que Marcel havia deixado, havia uma pilha de cartas com mensagens de parabéns. Colegas de trabalho como Otto Stern, amigos antigos como Michele Besso, a irmã de Albert, Maja, a mãe, Pauline, e até a prima, Elsa, todos se lembraram do aniversário do famoso professor. E nunca se lembravam do meu. Nem mesmo Albert se lembrava.

A carta de Elsa, a prima com quem ele havia ficado em Berlim durante o feriado de Páscoa em vez

de voltar para casa para comemorar conosco, me chama a atenção.

Meu querido Albert,

Por favor, não fique chateado comigo por quebrar nosso pacto de silêncio para lhe enviar essa mensagem de aniversário.

Todos os dias penso na nossa viagem a Wannsee na Páscoa do ano passado e me lembro de suas juras de amor. Eu daria tudo para repetir o que vivemos naqueles dias! Já que não posso tê-lo aqui comigo porque é um homem casado, posso pelo menos

pedir que compartilhe um pouco de seu conhecimento comigo? Pode me recomendar algum livro sobre relatividade adequado para uma pessoa leiga? E pode me enviar uma foto sua para eu matar as saudades?

Continuo sendo sua fã,

Elsa

Meio zozona, puxo uma cadeira e me sento à mesa de jantar. A sensação estranha que senti ao ler as cartas sugestivas de Anna Meyer-Schmid volta. Mas, dessa vez, vem acompanhada de um estado de terror. Esse não era um simples flerte. Era um caso consumado. Não tive a menor chance de impedi-lo de começar.

Leio de novo as palavras repugnantes, rezando para que eu tenha entendido errado. Que eu tenha exagerado. Mas não há dúvidas. Albert e Elsa declaravam amor um pelo outro.

Começo a chorar. Minha última centelha de esperança – que Albert, apesar de não ser mais um parceiro científico, continuava sendo meu marido – esvai-se ali, bem diante de meus olhos. Ele ama outra pessoa.

Albert entra na sala.

– O que é isso, Mileva? – É assim que ele me chama agora. Não mais de “bonequinha”. Nem mesmo

de Mitza.

Sem conseguir falar, levanto. Quero desesperadamente sair dessa casa. Não me importo com a sensação congelante e o

perigo das ruas lá fora, ainda mais para alguém com uma perna coxa. Eu precisava fugir.

Mas, para isso, teria de passar por Albert. Quando meu braço roça a manga da camisa dele, ele agarra minha mão.

– Eu te fiz uma pergunta, Mileva. O que aconteceu?

Entrego a carta a ele e saio andando. Para as ruas, para uma cafeteria, para qualquer lugar, menos o apartamento. Ele me retém.

– Aonde pensa que vai?

– Preciso sair daqui. Preciso me livrar de vocês.

– Por quê?

Olho para a carta nas mãos dele. Um convite silencioso para que ele a leia.

Ainda segurando minha mão, ele lê rapidamente.

– Então você sabia? – pergunta, deixando escapar um suspiro que soa mais como um alívio.

Que atrevimento.

Algo irrompe dentro de mim.

– Como pôde fazer isso?! Depois de Anna, depois de todas as promessas que me fez em Engadine,

como pôde me trair de novo? E com sua prima!

– Foi você quem me levou a isso, Mileva. Com essa sua aparência feia e seu mau humor. Quando

voltei para Berlim na Páscoa do ano passado, como não poderia me sentir atraído por Elsa?

Berlim. Páscoa. Elsa. O distanciamento ainda maior dele. Tudo fez sentido.

Começo a esbravejar e me desvencilho dele. Albert se aproxima, agarra meus ombros e murmura:

– Não faça escândalo na frente dos meninos.

Afastando-me dele, vou em direção à porta, mas Albert me segura com força. Puxo minhas mãos, tentando me livrar dele, e o empurro. Ele me agarra de novo, e eu tiro as mãos dele de mim mais uma vez.

Em meio a uma disputa de mãos e braços, sinto o impacto da mão dele no meu rosto. Como um tapa.

Se foi acidental ou intencional, não sei. Tudo que sei é que senti dor.

Caio de joelhos, com as mãos no rosto. A dor é quase tão lancinante como a que senti no parto que destruiu meu corpo. É uma sensação tão terrível que mal consigo respirar, muito menos chorar. Sinto um calor intenso nas bochechas. Olho para as palmas das mãos. Estão manchadas de sangue.

Ouçó uma passada de pés pequenos no corredor.

– O que foi, mamãe? – grita Hans, com a voz amedrontada e preocupada.

– Está tudo bem, meninos, a mamãe vai ficar bem – respondo, levando as mãos rapidamente ao rosto de novo. Provavelmente meus filhos ficariam desesperados se vissem o sangue escorrendo pelo meu rosto.

Tete choraminga:

– A mamãe está machucada – e começa a rastejar até mim.

Não quero que os meninos vejam o que Albert fez, então, levanto e digo:

– Não, não. A mamãe está bem, só... só estou com uma dor de dente. Vou deitar um pouco na cama

até a dor passar, tudo bem?

Estou no meio do corredor quando ouço Albert dizendo:

– Vamos escrever um bilhete para os Hurwitz para explicar que não podemos ir ao recital hoje porque a mamãe está com dor de dente. Depois vamos comer bolo de novo, tudo bem?

Enquanto me refugio em meu quarto, uma das leis básicas de Newton invade meu pensamento sem

pedir permissão: a que um corpo continuará em movimento uniforme e em linha reta, a menos que se exerça alguma força sobre ele. Durante anos como esposa de Albert, mantive o movimento uniforme, mas agora havia três forças impossíveis de serem ignoradas influenciando sobre mim: Marcel, Elsa e a mão de Albert em meu rosto. Obrigatoriamente, o movimento seria alterado.

Izgoobio sam sye. Estou perdida. Mas não haveria como não estar.

Parte 3

Quando um corpo exerce uma força sobre outro, este reage sobre o primeiro

com uma força de mesma intensidade mas em direção contrária.

Sir Isaac Newton

Capítulo 36

15 de março de 1913

Zurique, Suíça

ABATIDA NA PORTA ECOA PELA CASA. Paro de esfregar as panelas, minha mão paira no ar. Sinto um

frio na barriga. Quem será? Não estou esperando nenhuma visita. Considero não atender, mas os

meninos estão brincando e fazendo barulho, então do lado de fora com certeza é possível ouvi-

los.

Abro uma fresta e espio pela fenda da porta. É a senhora Hurwitz e a filha, Lisbeth, as conhecidas mais próximas que eu tinha em Zurique. Meu Deus, o que faço?

– Oi, senhora Einstein. Sentimos sua falta ontem à noite, viemos saber como a senhora está... Da dor de dente – diz a senhora Hurwitz.

– Obrigada por terem vindo – respondo sem abrir a porta totalmente. – Ainda estou com dor, mas

está tudo bem, posso cuidar das crianças.

– Podemos entrar para ajudá-la?

– Não, estamos bem, mas agradeço muito pela ajuda.

– Por favor, senhora Einstein...

Como posso me recusar a abrir a porta? O que seria pior para circular no meio acadêmico de Zurique? A lorota de Mileva Einstein – já considerada como recalcitrante e estranha –

recusando-se a abrir a porta para duas conhecidas ou a história de meu rosto ferido e inchado? No caso da primeira, seria eu quem teria de engolir as críticas, mas no caso da segunda a responsabilidade recairia sobre Albert.

Escolho a segunda.

– Claro, me perdoem pela indelicadeza – digo, enquanto tiro o trinco da porta e a abro para as Hurwitz entrarem. – Não estava esperando visitas, por isso estou com essa roupa simples, me perdoem.

Ao entrar, a mulher arqueja.

– Nossa, senhora Einstein, seu rosto! – exclama horrorizada, levando a mão à boca.

Num gesto instintivo, cubro o rosto.

– Sei que ficou feio. Dor de dente é uma coisa terrível. Entende por que não pude ir à sua casa ontem à noite?

A senhora Hurwitz fica em silêncio, encarando-me. É claro que elas sabiam que meu rosto não estava daquele jeito por conta de uma dor de dente. Não há dor de dente no mundo capaz de aniquilar uma pessoa desse modo. Meu pai estrangularia Albert se me visse desse jeito.

– Aceitam um chá e um pedaço de bolo? Acabei de tirar um *strudel* que fiz do forno – gaguejo.

A senhora Hurwitz se recompõe e diz:

– Não, obrigada, senhora Einstein. Não queremos incomodá-la. Ainda mais em seu estado. Só queríamos ter a certeza de que estava bem.

– Bem – falo, apontando para o meu rosto –, na medida do possível, estou bem, sim. Agradeço pela gentileza da visita –

acrescento, com uma reverência. As duas retribuem do mesmo modo e se despedem.

A tigela com carne assada fervilha dentro do forno, espalhando um aroma agradável pela casa toda.

Os meninos brincam no chão da sala de estar, estão construindo uma fortaleza juntos. Hans é o líder da empreitada e Tete, seu assistente. Os livros que acabei de ler em voz alta para eles estão empilhados no chão, próximos ao sofá. O cenário familiar e reconfortante da casa agradaria a qualquer um que observasse de fora, mas na realidade não havia um pingo sequer de serenidade por trás de tudo aquilo.

Albert chega em casa e bate a porta. Ele cumprimenta os filhos primeiro, fazendo cócegas neles, perguntando como foi o dia. Ouço-o perguntar: “Como a mamãe está hoje?”, mas não quero bisbilhotar a conversa entre os três, então me volto para a mesa e começo a prepará-la para o jantar.

Assim que termino, volto a entrar na cozinha e dou de cara com Albert, parado, esperando. As olheiras profundas deixam a expressão dele sombria. Nas mãos, ele segura um buquê com flores alpinas e primulas, espécies que brotavam aos montes nos vales. Albert nunca me deu flores de presente, com exceção do dia de nosso casamento.

– Desculpe-me, bonequinha – ele aponta para meu rosto e entrega o buquê.

Sem dizer nenhuma palavra, seguro o buquê e começo a procurar por um vaso. Minha atitude não é

uma demonstração de que aceito as desculpas dele, mas a preocupação com a fragilidade daquelas lindas flores.

Albert vem atrás de mim.

– Estou sentindo-me péssimo em relação a seu rosto. E em relação à Elsa.

Ainda em silêncio, me mantenho ocupada cortando a ponta das hastes das flores e ajeitando-as no

vaso de porcelana azul e branco. O recipiente tinha sido um presente de um pesquisador que o admirava, de acordo com o que Albert me contou certa vez. Agora me pergunto de quem ele realmente ganhou esse vaso. Quantas mentiras mais ele já me contou? E quantas mulheres houve além de Elsa? Restava ainda algo em minha vida que fosse verdade?

– Terminei algumas semanas depois que nosso caso começou, na Páscoa do ano passado, Mileva.

Juro pra você. A carta dela até menciona nossa separação.

Assinto, mas prossigo sem dizer nada enquanto preparo o jantar. Corto o pão, sirvo a carne nos pratos, corto a beterraba para acompanhar a refeição. Não era essa a única serventia que eu tinha para Albert? Eu poderia muito bem me candidatar a um cargo de governanta. Albert me fez acreditar que eu não servia para mais nada além disso. Ele me fazia sentir como se fosse oca por dentro.

– Mileva, por favor, fale alguma coisa.

E o que ele espera que eu diga? Que o perdoe? Não o perdoe. Nem pelo tapa, tenha sido intencional ou não. Nem por Elsa. Por Marcel. Tampouco e sobretudo por Lieserl. E também jamais o perdoaria por me prometer um casamento em que seríamos parceiros, acima de tudo acadêmicos, e por ter quebrado essa promessa bem ali, na minha cara, agora inchada e machucada.

– Mileva, quero que as coisas se acertem entre a gente. Fui convidado para palestrar sobre fotoquímica e termodinâmica na French Physics Society e Marie Curie nos convidou para nos

hospedarmos na casa dela, em Paris. Sei que sempre quis conhecê-la, e nunca estivemos em Paris... Você vem comigo?

Encaro Albert, mas não estou olhando para ele na verdade. Imagens de Paris e fotografias com Marie Curie flutuam em minha mente. Há muito tempo eu admirava essa famosa cientista, ganhadora do Prêmio Nobel de Física em 1903, e de Química em 1911.

No momento, não soube ao certo o que fazer, mas de uma coisa eu tinha certeza: aceitaria o convite.

Mas pelo meu próprio interesse, claro. Não por Albert.

Capítulo 37

1º de abril de 1913

Paris, França

SEMPRE CONSIDEREI ZURIQUE O EPICENTRO DO ACADEMICISMO E DA sofisticação, pelo menos se

comparada a Novi Sad, Kač, Praga e até Berna. Mesmo assim, enquanto caminho pelas ruas iluminadas de Paris, com o braço entrelaçado no de Albert, na companhia da madame Curie, de

suas filhas e de vários homens da família dela, a caminho de nosso jantar, entendo porque Zurique, em comparação à requintada capital da França, é uma cidade provinciana.

Depois de uma lânguida caminhada pelo Bosque de Vincennes, um parque enorme e cuidadosamente

preservado que circunda o rio Sena, Albert pergunta por que o lugar está tão vazio. E madame Curie responde:

– Pelo que me disseram, o parque ferve entre as três e cinco horas. Passamos do horário.

Desculpem-me, não sabia que queriam espiar os modelitos da última moda em Paris.

– Nunca nos preocupamos com a moda, não é, Mileva? E quanto a você, madame Curie? Liga para a

moda?

Inesperadamente, a madame Curie deixa escapar uma risada sarcástica.

– Moda? Ah, meu querido Albert, nunca ninguém me viu como uma mulher preocupada com a moda.

Pelo contrário. E quantas vezes já pedi pra me chamar de Marie? Esqueça essa de “madame”.

Embora a risada da mulher tenha me surpreendido, a reação dela, não. Era evidente que a moda era a última coisa que passava pela cabeça dela. O cabelo meio grisalho e desgrenhado da madame Curie e seu vestido preto, simples e texturizado conferem um ar melancólico, uma obscuridade que me deixava estranhamente confortável. Ela parecia eslava, especialmente em comparação às tendências parisienses, o que me dava certa sensação de familiaridade.

Entramos em uma avenida larga e charmosa que faz jus à fama de Paris. Enquanto caminhamos pelas

calçadas cercadas de árvores grandes e bem cuidadas, sinto o chão tremer debaixo de meus pés.

Assustada, olho para Albert, mas antes que haja tempo de perguntar o motivo das vibrações, a madame Curie explica:

– É o movimento da ferrovia elétrica e subterrânea, chamada de Metropolitan Underground Railway, ou “metrô”. Transporta os

passageiros de um lado para o outro da cidade, tanto na ida quanto na volta,

numa distância de 8 quilômetros.

Com a menção de “eletricidade”, Albert e madame Curie entram numa conversa sobre matérias elusivas e Albert conta as dificuldades que a família dele teve de empreender um negócio na área da eletricidade. A madame ri dos relatos bizarros de Albert sobre os erros que a família cometeu e, nesse momento, percebo que ela admira Albert não só pela capacidade intelectual, mas pelo jeito informal dele. Imagino que o comportamento descontraído e encantador deve ser um refúgio muito bem-vindo ante à formalidade habitual com que a vencedora do Prêmio Nobel geralmente era tratada. Observá-lo assim, exalando disposição e carisma que ele poderia ligar e desligar quando bem quisesse, lembro-me do Albert de minha juventude. Aquele que não existia mais quando estávamos a sós.

A expressão de madame Curie se ilumina quando ela e Albert se envolvem nessa animada troca científica. Naquele instante, posso ver a jovem Marya Skłodowska que ela havia sido, uma estudante polonesa ávida por destacar-se nas disciplinas reservadas para os homens. O tipo de mulher que um dia fui.

Enquanto os dois conversam, deduzo que, como de costume, Albert não vai me convidar para participar do papo sobre eletricidade. Eu me mantenho respeitosamente em silêncio e me permito apreciar os ônibus e os bondes que zunem ao passar por nós no bulevar. Em comparação a toda essa mobilidade, os cavalos e carroças que perambulam pelas ruas de Zurique parecem antigos e retrógrados.

A caminho do restaurante, sinto o mesmo ao passar pelas cafeterias; os estabelecimentos de Zurique parecem convencionais e limitados perto desses inúmeros bistrôs recheados de fregueses envolvidos em conversas animadas.

Madame Curie se vira para mim e pergunta:

– Qual é sua opinião sobre a composição interior dos átomos que o senhor Ernest Rutherford levantou durante o Congresso de Solvay, senhora Einstein?

Madame Curie estava mesmo pedindo minha opinião? Entro em pânico; eu não estava

acompanhando de perto a conversa entre eles.

– Desculpe?

– A hipótese do senhor Rutherford é que, com base nos experimentos dele com um tipo de radioatividade chamada raios alfa, os átomos são praticamente vazios, têm apenas minúsculos núcleos orbitados por elétrons no centro deles. Tem alguma opinião sobre isso?

Houve um tempo em que Albert e eu teríamos discutido a ideia de Rutherford e chegado às nossas

próprias conclusões. Mas não agora. Naquele momento, eu me senti completamente despreparada para responder à questão da madame Curie. Com a voz trêmula, respondo:

– Não tive a honra de assistir à palestra dele.

– Compreendo. No entanto, tenho certeza de que seu marido conversa sobre as teorias de Rutherford com você. Além disso, desde o congresso, o senhor Rutherford divulgou a teoria dele por meio de artigos, os quais tenho certeza que leu. Muitos os desprezaram, mas eu estou evitando julgá-lo. Tem alguma opinião sobre esses artigos dele?

Vasculho o cérebro à procura de informações que escutei de Albert sobre as teorias de Rutherford e que obtive por meio da leitura superficial a respeito do trabalho dele, então, respondo:

– Tenho me perguntado se a ideia de que a luz é composta de quanta, como defendido por Albert,

pode ser aplicada à estrutura da matéria como luz, o que poderia reforçar as noções do senhor Rutherford sobre a composição dos átomos.

A madame Curie fica em silêncio e Albert olha para mim com cara de espanto. Será que eu disse

alguma besteira? Deveria não ter respondido? Não me preocupo com o que Albert achou de minha atitude, mas estou muito interessada em saber a opinião da madame Curie.

Finalmente, ela diz:

– Bem apontado, senhora Einstein. É uma perspectiva que eu não tinha considerado. É algo revolucionário, devo admitir. Você não acha, Albert? Certamente seria uma relação interessante para expandir suas teorias.

O constrangimento na expressão de Albert dá lugar ao orgulho. Mas é tarde demais para eu me preocupar com a opinião de Albert sobre minha capacidade intelectual. Respondi à pergunta da madame Curie e fui capaz de sustentar minha própria opinião. Sozinha. Era esse o meu tesouro.

Na manhã seguinte, madame Curie e eu estamos sentadas debaixo dos galhos frondosos de um castanheiro, no jardim do lado de fora do apartamento da família dela, na rue de la Glacière, cada uma equilibrando uma xícara de chá no colo. Albert tinha saído para ministrar uma palestra, e aquela era a primeira ocasião em que a madame e eu ficamos sozinhas. Embora eu tivesse feito uma contribuição importante na conversa da noite anterior, sinto as palmas das mãos suadas só de pensar numa conversa particular com uma lenda científica, tanto que mal consigo segurar na asa da xícara. Que assunto devo lançar para começar a conversar com essa mulher incrível? Eu havia lido o

artigo mais recente dela sobre polônio, mas eu estava tão desatualizada dos assuntos mais recentes que fiquei com medo de abrir a boca. Além disso, a Química, ciência pela qual ela havia sido laureada, nunca foi muito de meu interesse. Com exceção de meia dúzia de palavras que trocamos sobre as noções de Rutherford, a caminho do Tour d'Argent, restaurante onde jantamos, o mais antigo e um dos melhores de Paris, madame Curie e eu não conversamos muito.

Olho para a madame, que na noite passada me pediu para chamá-la apenas de "Marie", mas não consigo pensar em outro modo de me reportar a ela, a não ser como "madame". Para quebrar o silêncio, digo a primeira coisa que me vem à cabeça.

– Ouvi falar que você e eu estudamos no mesmo colégio no ensino médio. Não na mesa época, claro. O *Obergymnasium*, em Zagreb.

Ela faz que sim com a cabeça, mas não fala nada. Será que falei alguma bobagem?

– Não que eu esteja comparando-me a você, claro – eu me apresso para me explicar. Nunca quis bancar a presunçosa.

Depois de estudar as profundezas de sua xícara de chá, ela diz:

– Senhora Einstein, me identifico com sua formação e capacidade intelectual. Sei que completou disciplinas de Matemática e de Física na Politécnica. Mas me pergunto por que nunca voltou a estudar.

Sua mente deve ser muito ativa, uma mente de pesquisadora. Como pode desperdiçar toda essa energia cuidando de casa?

Fico emudecida. Madame Curie está me elogiando? E que desculpa posso dar por ter abandonado a

vida acadêmica? Será que me atrevo a citar que participei dos famosos artigos publicados em 1905? Não posso. Albert me mataria.

Ofereço a única explicação que posso dar sem incitar Albert.

– O fato de ter filhos dificultou as coisas. E, por favor, me chame de Mileva.

Madame Curie beberica o chá e comenta, pensativa:

– Mileva, com frequência me perguntam, especialmente as mulheres, como consigo conciliar a vida

peçoal com a vida acadêmica. Bem, não é fácil. Mas nada é fácil para pessoas como você e eu. Somos europeias orientais morando em países em que as pessoas olham de um jeito atravessado para quem vem de onde viemos. Somos mulheres, a sociedade espera que fiquemos em casa, não trabalhando em laboratórios nem lecionando nas universidades. Nossas especialidades são a Física e a Matemática, territórios dominados pelos homens até agora. E, para completar, você e eu somos mulheres tímidas em

um campo científico que nos exige falar em público. De certo modo, administrar a família tem sido a parte mais fácil.

O que posso dizer depois disso tudo? Graças a Deus ela continua falando.

– Você e eu não somos muito diferentes, com exceção das escolhas que fizemos – ela gargalha. – E

dos maridos que escolhemos, claro.

Quase que cuspiendo o chá, caio na risada diante do inesperado e quase inapropriado comentário. O

falecido marido da madame Curie, Pierre, era muito conhecido por apoiar incondicionalmente a carreira dela. Será que ela quis insinuar que Albert não se parecia em nada com o ex-marido dela? Muitas vezes invejei um “casamento científico” como o dos Curie. Houve um tempo em que achei que era esse mesmo caminho que Albert e eu percorreríamos.

– Não tive a honra de conhecer seu marido, mas todos sabiam que ele a apoiava muito. Ele deve ter sido um homem extraordinário – essa foi a única coisa diplomática que me ocorreu, a única declaração que não envolveria diretamente uma comparação entre Albert o senhor Curie. Comparação essa que magoaria Albert profundamente.

– Não sei como você e Albert dividem o trabalho, mas meu marido incentivou a minha carreira desde o princípio. Quando o comitê do Prêmio Nobel foi pressionado a retirar meu nome da lista de indicações, em 1903, Pierre fez declarações públicas a meu favor. Ele insistiu com as pessoas influentes do comitê, dizendo que a ideia de nossa pesquisa tinha sido minha, que eu tinha conduzido os experimentos e criado as teorias sobre a natureza da radioatividade, o que era verdade mesmo. Mas sei que dá para contar nos dedos de uma mão só os homens que fariam isso – madame Curie não pergunta, mas com essa declaração demonstra implicitamente que quer saber se Albert me apoiou ou não.

Tento responder à pergunta dela do modo mais vago possível, embora ainda respeitoso.

– Desde o início de nosso casamento, nossa situação não permitiu que eu trabalhasse fora. Embora esse tenha sido meu grande desejo.

Por um longo momento, madame Curie permanece em silêncio.

– Com certeza, a Ciência precisa de homens práticos, mas também precisa de sonhadores. Ao que

me parece, seu marido é um desses sonhadores. E esse tipo sempre precisa de tutores, não é mesmo?

Dou risada. Estou mesmo aqui tendo essa conversa franca e reveladora sobre a situação de meu casamento e minha carreira com a Marie Curie?

– Precisam mesmo.

– Tenha Albert apoiado sua vida científica ou não, ele com certeza tem apoiado a minha. Você sabia que ele me defendeu no ano passado quando toda a polêmica desagradável em torno do meu Prêmio Nobel começou? – madame Curie faz uma pausa, ciente de que não era necessário mencionar a tal

“polêmica desagradável”. Cientistas de todo o mundo começaram a julgá-la inadequada para concorrer ao Prêmio Nobel depois que o caso que ela manteve com seu colega cientista e casado Paul Langevin tronou-se público.

Balanço a cabeça de um lado para o outro, sem conseguir acreditar. Albert não me havia contado aquilo. É interessante perceber que ele estava disposto a defender uma conhecida adúltera – embora ela fosse digna e brilhante – e não a própria esposa trabalhadora e merecedora. E o que isso mostra sobre a visão moralista dele sobre o mundo e seu conceito de lealdade?

Ela prossegue:

– Talvez, quando as circunstâncias assim permitirem, Albert vá incentivá-la a retomar a vida acadêmica.

– Talvez – respondo baixinho, sabendo muito bem que Albert não tem o menor interesse em fazer

isso.

– Lembre-se das minhas palavras, Mileva, quando esse ciclo incessante do lar a entediava. Você e eu não somos diferentes, exceto pelas escolhas que fizemos. E lembre-se de que é sempre possível fazer uma nova escolha.

Capítulo 38

De 14 de julho a 23 de setembro de 1913

Zurique, Suíça; Kač, Sérvia; e Viena, Áustria

ASSIM QUE COMEÇO A CONFIAR NAS PALAVRAS DA MADAME CURIE, Albert recebe um convite de Berlim.

Ele deveria assumir a diretoria do departamento de Física do recém-criado Instituto Kaiser

Wilhelm. Catedrático da Universidade de Berlim, sem precisar lecionar. Membro da Academia

de Ciências da Prússia, único mérito científico maior que um Prêmio Nobel. O pacote, o prestígio e o dinheiro – tudo isso sem nenhuma outra exigência a não ser o fato de pensar – era tão tentador que fez Albert esquecer o ódio que sentia por Berlim desde a juventude. A aversão à cidade e aos moradores dela era tanta que Albert, aos 20 e poucos anos, renunciou à cidadania alemã para se tornar suíço.

Ou talvez algum outro motivo tenha feito Albert apagar todas essas memórias terríveis.

Para mim, Berlim só reservava medo. Era a cidade da família de Albert, que me desprezava. E

famosa pela hostilidade com que os eslavos do leste europeu eram tratados – e eu, obviamente, não era nada além de ariana. Mas o pior de tudo era que Elsa, quem eu suspeitava que tinha arquitetado esse convite, morava em Berlim. Com ela por perto,

por mais que Albert tivesse jurado de pés juntos que os dois tinham terminado o caso, eu temia que meu casamento chegasse ao fim.

Contudo, de acordo com Albert, não me restava escolha. Antes, sempre tomávamos a decisão sobre

novas oportunidades e novas moradias juntos, mas dessa vez foi diferente. Depois que Max Planck e Walther Nernst vieram a Zurique para convencer Albert a aceitar o convite – um trabalho, como os dois enfaticamente o alertaram, que seria crucial para o futuro da Ciência –, meu marido me comunicou que nos mudaríamos para Berlim. No começo, implorei para que não fôssemos, mas depois da intransigência dele, passei as semanas seguintes praticamente sem dizer nada, mesmo quando Albert me provocava para discutir sobre o assunto. Era como se ele estivesse esperando que eu me recusasse a ir para poder me deixar para trás.

E seguir rumo à própria fama. E à Elsa, obviamente, já não me restavam dúvidas.

Mesmo assim, eu persistia. Às vezes, mesmo sem saber por quê. Seria porque eu tinha me sacrificado tanto por ele que a ideia de o perder era como perder tudo? Ou seria medo do futuro que meus filhos teriam com os pais divorciados? Será que comecei a acreditar nas coisas terríveis que Albert

me falava? Quanto mais passiva era minha postura em relação à mudança, mais furioso ele ficava, como se quisesse provocar uma briga para poder justificar a separação. Certa noite, na frente dos meninos, ele esbravejou: “Você tem o dom de azedar tudo” e, outra vez, diante dos Hurwitz, Albert me chamou de “a pior desmancha-prazeres”. Porém quando via o olhar triste dos meus filhos, eu me perguntava: Será que eles vão suportar as consequências desagradáveis do divórcio? E então decidia ficar.

Surpreendentemente, Albert concordou com um período de férias de verão, no mês de agosto, antes

de começarmos a planejar a mudança que ocorreria no outono. Jamais imaginei que ele concordaria em visitar meus pais em Kać – Albert relutou em visitá-los, alegando que Hans era muito bebê para viajar, então, a última vez que meus pais viram Tete, agora com 5 anos, foi quando o menino era recém-nascido

–, mas agora ele demonstrava imensa disposição para a viagem. E grande também era a minha suspeita.

Assim que chegamos em Kać, Albert começou a incitar uma discussão sobre Berlim, e foi aí que comecei a entender o motivo de tanta complacência por parte dele. Albert esperava que eu me enfurecesse o suficiente para insistir em permanecer em Kać, com os meus pais. Desse modo, ele poderia me abandonar e manter a consciência limpa. Depois de verem a grosseria com que Albert me trataria, meus pais me apoiariam para que eu e meus filhos ficássemos com eles.

Mas nada do que Albert dissesse ou fizesse me abalaria. Depois da viagem a Kać, em 23 de setembro, ele concordou que eu o acompanhasse a uma palestra em Viena. Lá Helene me esperava.

Minha amiga e eu nos agarramos uma a outra feito duas jangadas navegando em águas turbulentas.

– Meninas, meninas, desculpe interromper esse encontro lindo de vocês duas, mas precisamos nos

apressar – comenta Albert em tom de brincadeira, baforando a fumaça do cachimbo. É curioso perceber como ele é capaz de assumir o modo “personalidade pública encantadora”, depois de berrar comigo, ordenando que eu caminhasse atrás dele, não ao lado. Nos últimos tempos, ele sentia vergonha de andar comigo.

Mas Helene e eu não damos ouvidos.

– Sinto tanta saudade de você, Mitza – diz ela.

– Eu também, Helene – comento enquanto nos abraçamos. As madeixas castanhas agora estavam cheias de fios brancos, e as rugas entre as sobrancelhas tinham se acentuado mais. Não é de se estranhar.

Helene e a família vinham sofrendo com a Guerra dos Balcãs nos últimos dois anos, um conflito que dificultava até o acesso às necessidades básicas e tornava as viagens algo impossível.

Como me sinto feliz por estarmos aqui, juntas. Enquanto Albert estivesse palestrando, reunindo-se e conversando com seus pares, Helene e eu passaríamos maravilhosos três dias juntas. Ficaríamos sozinhas na maior parte do tempo, exceto durante as palestras de Albert, às quais minha amiga, por questão de polidez, imagino, perguntou se poderia assistir. E estaríamos completamente sozinhas, já que eu havia deixado os meninos com meus pais, em Kać.

– Faz anos que não nos vemos, mas converso com você todos os dias. No pensamento.

Helene dá uma risadinha, o que me faz recobrar a estudante que um dia ela foi.

Albert nos interrompe mais uma vez.

– Senhoras, realmente precisamos partir. O 85º Congresso de Ciências Naturais nos aguarda, e minha palestra vai começar em menos de uma hora.

Deixamos a estação de trem onde encontramos Helene e rapidamente entramos num táxi.

Conversando sobre as filhas de Helene e sobre meus filhos, com Albert intrometendo-se na conversa a todo momento para falar sobre a perspectiva intelectual e o talento musical dos meninos, o tempo passou voando. Antes mesmo que eu me desse conta, lá estávamos em nossos assentos, aguardando a palestra de Albert começar.

Helene repara no salão lotado ao redor, os olhos arregalados. Ela ainda não tinha vivenciado a fama de Albert, sobre a qual só tinha ouvido falar por meio das cartas que eu enviava. Vasculho a plateia com os olhos à procura de algum rosto familiar, mas não vejo nenhum dos professores gentis de Zurique, Praga, ou Berna que conheci ao longo dos anos. Tudo que há é um mar anônimo de bigodes e barbas.

Nem uma mulher sequer.

– Todos vieram para ver Albert? – questiona Helene.

– Sim – respondo com um sorriso amarelo. – Ele se transformou numa verdadeira celebridade.

Assim que Albert sobe os degraus para se dirigir ao palco, o salão irrompe numa avalanche de aplausos do público. Satisfeito com a bajulação, ele está radiante, sorrindo de orelha a orelha, os olhos brilham e as luzes iluminam os fios grisalhos que entremeiam o cabelo preto. A personificação da imagem de um estudante travesso, algo que ele tinha começado a cultivar. Absorvendo de imediato a dicotomia da personalidade de Albert, Helene aperta minha mão.

Depois de todos esses anos, minha amiga e eu não precisamos falar para nos comunicar.

Albert pigarreia e, com a voz alta, fala para seus fãs.

– Saudações, estimados colegas. Agradeço o convite para falar no 85º Congresso de Ciências Naturais. Atendendo ao pedido de

vocês, a palestra vai se concentrar em minha nova teoria da gravitação, que expande a teoria da relatividade especial, divulgada em 1905.

– Não foi esse o seu artigo? – sussurra Helene.

Faço que sim com a cabeça.

Ela me olha com uma expressão de angústia. Sendo Helene a única pessoa no mundo além de Albert

que sabia de minha participação na autoria daqueles artigos de 1905 – até da intenção de que fossem uma homenagem à Lieserl –, ela compreende como foi difícil para mim ter meu nome apagado do projeto. Ao ver a preocupação na expressão dela, meus olhos se enchem de lágrimas; eu não estava acostumada com essa empatia. Olho para o teto, sem querer que ninguém da plateia me veja chorar.

Albert começa explicando o trabalho que Marcel e ele tinham feito até aquele momento. Ele começa a escrever as equações dos dois e compara o desenvolvimento da teoria da gravidade com a história do eletromagnetismo. Quando lança as duas teorias que está considerando, baseadas na relatividade, e apresenta sua própria teoria, a plateia vai à loucura. No momento das perguntas, inúmeras mãos se levantam feito uma onda e o professor Gustav Mie, de Greifswald, se levanta sem sequer aguardar sua vez de ser chamado. Visivelmente impaciente, o professor, faz uma crítica dura, argumentando que a teoria de Albert não contempla o princípio da equivalência.

Mesmo depois de a sessão de perguntas terminar e Albert descer do palco, ele é cercado por cientistas. Alguns buscavam respostas para perguntas complexas, outros queriam apenas que ele autografasse os vários artigos que havia escrito. Quando a multidão começa a se dispersar, ele veio até nós.

– O que achou, Helene? – pergunta. Por incrível que pareça, mesmo depois de toda essa adulação,

ele ainda quer mais. De todos, menos de mim.

– Muito impressionante, Albert – ela se refere ao número de inscritos e à reação eufórica deles, a exata resposta que Albert queria. E o que mais minha amiga poderia dizer? Eu sabia que Helene não entendia de Matemática nem de Física; seus interesses eram em História.

Caminhando pelos corredores longos em direção à saída, chegamos à calçada e Helene e Albert continuam o papo. Entreouço minha amiga perguntando sobre Berlim e ele responde com entusiasmo sobre a mudança.

Conforme Albert havia pedido, caminho alguns passos atrás deles. Quando algumas pessoas interceptavam Albert com perguntas ou comentários sobre a palestra, se dirigiam a Helene como “a

senhora Einstein”, por mais que ela se esforçasse para corrigi-las. Eu era apenas uma sombra nebulosa no encaixe da luz de Albert; era simplesmente ignorada.

Ao cruzar a esquina de certa rua, Albert entra numa discussão entusiasmada com o insistente professor Mie, momento em que Helene e eu nos retiramos. De todo modo, meu marido tinha outros compromissos a cumprir. Entramos numa cafeteria que avistamos na esquina de uma rua próxima e pedimos café e duas fatias de torta Linzer, esta uma especialidade da casa.

Mordendo a intoxicante mistura de canela, amêndoa e framboesa, Helene recosta-se no assento e suspira enquanto mastiga.

– Faz tanto tempo que não como uma coisa tão saborosa assim.

– Você tem passado por um período muito difícil, Helene – eu tinha percebido quanto o vestido azul que ela usava estava desgastado, parecia quase uma colcha de retalhos, cheio de remendos. Ainda assim, era sem dúvida a melhor peça que ela tinha.

– As coisas também não têm sido nada fáceis para você, Mitza.

– Ah, nem se comparam com o que você tem passado. Não tenho dificuldades para encontrar comida

saudável nem para suprir necessidades básicas. Não estou sofrendo as consequências de uma guerra.

Estou bem fisicamente. Mas em se tratando de casamento, assim como você tenho sofrido muito – embora fizesse um tempo que Helene não mencionasse os problemas com o casamento, eu sabia muito bem o que ela vinha enfrentando.

– Mitza, é verdade que você não tem de lidar com a dura realidade de uma guerra em seu dia a dia, mas sua situação é terrível. Por que acha que estou aqui? Suas cartas me deixaram tão preocupada que dei um jeito de vir para Viena para saber como você está. E agora que vi você e Albert pessoalmente, e falo isso aqui, olhando nos lindos olhos de minha amiga, vejo que as coisas estão bem piores do que imaginei. Piores até do que quando você perdeu a Lieserl.

Sou tomada por um misto de sentimentos. Quero refutar, dizendo que está tudo bem, repetir o mantra que tenho entoado para mim mesma há anos e que venho dizendo a meus pais, mas a verdade transborda na superfície. Começo a chorar.

– Mitza, você anda atrás de Albert feito uma serva. Pelo amor de Deus, os colegas dele me chamaram de “senhora Einstein”, e nem você nem Albert os corrigiram. Por mais que meu marido e eu tenhamos problemas, em público ele sempre me respeita. Como as coisas chegaram a esse ponto?

– Não sei, Helene – respondo por entre as lágrimas. – Não sei.

– Não estou nem aí para o Albert. Não gosto nem um pouco dessa pessoa em que ele se transformou

– comenta.

Sinto como se um peso enorme tivesse saído de minhas costas. Ninguém mais via o homem que havia por trás daquela máscara pública.

– É sério, Helene? Sinto vontade de te abraçar por isso. Outros amigos continuam admirando Albert pelas conquistas científicas, mesmo depois de verem o modo como ele me trata. É como se transformassem a admiração profissional numa afeição pessoal inabalável, por mais que ele me trate mal em público.

Helene segura meus ombros, forçando-me a olhar para ela.

– Onde está você, Mitza? Onde está a garota brilhante que conheci na Engelbrecht Pension? Você parecia tão tímida naquela época, mas sempre estava pronta para afrontar quem quer que a incomodasse.

Para onde foi essa mulher? Precisamos resgatá-la.

Choro tanto que chego a soluçar. Os outros clientes da cafeteria olham para mim, mas não me importo.

– Não sei para onde ela foi, Helene.

– Mitza, você precisa acordar, buscar nas profundezas de seu ser aquela garota que está adormecida aí dentro. Porque o futuro está muito claro para mim, mesmo não sendo nenhuma vidente. Você tem de se preparar para a batalha.

Capítulo 39

18 de julho de 1914

Berlim, Alemanha

FAZ SEIS DIAS QUE ALBERT NÃO APARECE EM CASA, O MAIOR PERÍODO de ausência sem justificativa desde que chegamos a Berlim. Seis dias que Hans e Tete não param de perguntar pelo pai. Seis dias procurando os amigos de Albert, que contam sobre os almoços e os jantares que tiveram com o

adorado professor. Seis dias fingindo que tudo ficaria bem quando ele escolhesse voltar para nosso apartamento na Ehrenbergstrasse, 33, depois de um acesso de fúria quando simplesmente perguntei se viria para jantar naquela noite.

Mas as coisas não estariam bem até lá, isso se ele voltasse. Motivada pelo chacoalhão de Helene e pelo exemplo de madame Curie, despertei a força dentro de mim. Estava decidida a não suportar mais as humilhações de Albert, tanto profissionais quanto pessoais. Se a empregada obediente em que me transformei não tinha sido suficiente para agradá-lo ao longo de todos os anos que passamos juntos – a física fracassada de quem ele podia roubar as ideias quando bem quisesse, e a esposa compreensiva e disposta a perdoá-lo –, o regresso da velha Mileva, em Berlim, o tinha enfurecido ainda mais. E foi precisamente esta que o recebeu à porta, quando ele, descaradamente, voltou do encontro com a amante, Elsa.

Pensar nela, toda perfumada, o cabelo loiro e tingido, exatamente o tipo de mulher vulgar sobre a qual Albert costumava reclamar, me deixa nauseada. A repulsa era mais pela vulgaridade dela do que pelo fato de Elsa ter “roubado” Albert de mim.

– Por favor, senhora Einstein, permita que eu a ajude – foi o que Elsa disse com um sorriso dissimulado quando meus filhos e eu viajamos para Berlim sozinhos alguns dias depois do Natal para encontrar um apartamento. Sem que eu soubesse, Albert tinha pedido a ela que nos “ajudasse”.

Ao olhar para os lábios dela pintados de vermelho rubi, não consigo falar. A audácia dessa mulher de vir até aqui ajudar a mulher cujo marido era seu amante me deixa sem palavras.

Mas mesmo assim, Elsa, como ela insiste que eu a chame, continua:

– Conheço os melhores corretores imobiliários de Berlim. Será um prazer ajudá-la a encontrar o lugar certo – como se a oferta gentil fosse uma atitude em prol de meus filhos e de mim, não para assegurar um local conveniente para que Albert pudesse visitá-la sem o menor problema.

Com Tete puxando meu braço e Hans olhando-a com desconfiança, recuso a oferta. Meus filhos podiam ver o que o próprio pai não conseguia enxergar. Que tipo de ser humano é capaz de olhar fundo nos olhos da pessoa que traiu, fingindo querer ajudar?

A porta bate. Os meninos correm até mim. Mesmo que eu nunca tenha dito nada sobre o que estava

acontecendo entre Albert e mim, eles eram capazes de perceber. O senso de proteção deles estava em alerta máximo. Fitando os olhos castanhos feito chocolate, tão parecidos com os de Albert, sussurro na orelha deles e digo que vai ficar tudo bem. Depois os ponho na cama. Independentemente do que eu sentisse por Albert, eu não queria que meus filhos compartilhassem disso.

Vou atrás de Albert, que assim que chegou em casa foi direto para o escritório. Sem cumprimentar ninguém. Nem a mim, nem os garotos.

– Então, finalmente Elsa conseguiu te tirar de mim, não é? – pergunto de modo direto. Por que deveria ponderar as palavras? Seria melhor que todos ali reconhecessem seu lugar.

Ele se vira para mim, as sobrancelhas erguidas, surpreso com meu comentário. Desde que chegamos

a Berlim, sempre deixei claro que esperava fidelidade da parte dele, sem nunca mencionar o nome de Elsa diretamente. Não suportava a ideia de dizer o nome daquela mulher em voz alta; eu não conseguia nem imaginar o que ele tinha visto naquele ser tão inculto e vazio. Mas depois de seis dias fora de casa, dias em que até ouvi alguns colegas dele rirem de mim no supermercado, já que muitos de nossos conhecidos em Berlim faziam parte do círculo de Elsa, essa não era mais a questão.

– Elsa não pode tirar de você algo que não te pertence – responde com frieza.

A Mileva em que Albert me transformou teria desmoronado diante dessas palavras. Eu me mantive

calma e rebati:

– Por favor, permita que eu reformule a frase. Você abandonou sua esposa e seus filhos para ficar com Elsa. Estou certa?

Albert não diz nada.

– Suponho que não seja a primeira vez, não é mesmo? Você nos abandonou em nome da Ciência, muito tempo atrás, não foi? – continuo.

Espumando de raiva, ele retruca:

– Não fui eu quem te trocou pela Ciência ou por outras mulheres, mas foi você quem me abandonou

com seu ciúme e sua falta de carinho. Foi você quem me jogou nos braços de Elsa.

Sem conseguir acreditar no que ouço, balanço a cabeça de um lado para o outro e debocho da visão de mundo infantil que ele

tinha. Albert era tão egoísta assim a ponto de acreditar que fui eu quem me distanciei dele? Que meu senso de autoproteção e a rispidez com que eu vinha agindo surgiram antes de ele me trair e me privar de todas minhas ambições científicas? Que fui eu quem o jogou para os braços de Elsa? Aquilo tudo era tão ridículo que eu sequer me incomodei em elaborar uma resposta. Seria o mesmo que discutir com um louco. Algo que até colaboraria para aumentar a popularidade dele.

– Do que está rindo? – pergunta enraivecido.

– Seu comentário reflete o típico comportamento egoísta que aprendi esperar de você. Mas que não vou tolerar mais.

– Ah, é? Preparei uma coisa que eu acho que vai acabar com sua alegria – ele pega um papel e o

aponta em minha direção.

– É mesmo? – indago, pegando a folha da mão dele.

– É sério – insiste. – Dê uma olhada.

– O que é isso?

– Uma lista com as condições que imponho para continuar morando nesta casa com você e os meninos. Só faço isso para poder ter contato com meus filhos. Quanto à nossa relação, quero que seja

estritamente profissional, sem praticamente nenhum contato pessoal.

– Está falando sério? – questiono. Será que ele pensa que sou um bem físico para compor um contrato? Se Helene estivesse aqui, ela vociferaria contra Albert e não consigo nem imaginar o que meu pai seria capaz de fazer. Nem mesmo minha mãe permitiria que eu tolerasse uma situação dessas.

– Muito sério. Caso não concorde com essas condições, não terei outra escolha a não ser pedir o divórcio.

Olho para a folha de papel. Vejo uma série de garranchos com a letra de Albert, bem parecidos com as anotações que ele fazia para experimentos de Física, algo que eu e ele tínhamos elaborado aos montes.

Mas à medida que avanço na leitura, percebo que o documento é diferente de qualquer um que Albert possa ter escrito. E provavelmente um tipo de coisa que ninguém jamais teria escrito antes.

Era um contrato para meu comportamento. Quanto mais leio a sequência de barbaridades, linha por

linha, mais fico indignada. O acordo enumerava as tarefas domésticas que eu deveria executar para Albert; lavar as roupas dele, preparar as refeições – que deveriam ser servidas no quarto dele –, cuidar das roupas de cama e do escritório dele, e quanto a essa tarefa, havia uma ressalva: sem nunca tocar na escrivaninha. Mais inacreditável ainda era a lista de exigências que eu deveria obedecer para me relacionar pessoalmente com ele. No contrato, Albert exigia que eu renunciasse a todo tipo de interação com ele em casa; era ele quem determinaria onde e quando eu deveria falar e que tipos de declarações eu poderia fazer a ele na frente das crianças. E, de modo particular, ele ordenava que eu renunciasse a todo tipo de intimidade física com ele.

Em suma, o documento me transformaria de fato num objeto de Albert.

Sinto como se Helene estivesse aqui, ao meu lado, encorajando-me. Digo:

– O que te leva a pensar que eu concordaria com isso? Que aceitaria me afundar ainda mais, depois de já ter permitido que

você me enterrasse?

– Nesse caso, não vou continuar aqui, nesse apartamento com você – afirma, cheio de autoconfiança.

E é aí que percebo que ele venceu, concordasse eu ou não com a sandice. Quer eu ficasse, quer não.

Jogo o papel de volta na mão dele. Entristeço-me ao pensar que eu já estava imersa na maior parte daquelas condições. E quanto eu estava afundada nesse poço.

Respiro fundo e, com calma, anuncio:

– Não precisa se preocupar.

Ele parece não acreditar.

– Vai concordar com os termos?

– Ah, não, não. Eu jamais concordaria com isso, Albert. Não precisa se preocupar em ficar aqui conosco, porque meus filhos e eu vamos embora daqui.

Capítulo 40

29 de julho de 1914

Belim, Alemanha

OAPITO DO TREM SOA E TETE, ANIMADO, BATE PALMAS. Ele não tem idade para compreender a

magnitude dessa partida. Para ele, é apenas mais uma viagem, mais um destino. Mais um percurso entre os inúmeros que eles já tinham percorrido.

Para mim, esse trajeto de volta a Zurique é uma viagem completamente diferente. Zurique é

sinônimo de velhos amigos, de meus anos de graduação, possibilidades de trabalho, um clima agradável, uma situação política consistente para os garotos e, o melhor de tudo, uma vida feliz sem a presença de Albert.

Albert está a nosso lado no momento em que os passageiros começam a entrar no trem. Depois de

abraçar Tete, Albert tenta fazer o mesmo com Hans várias vezes, mas meu filho mais velho faz tudo o que pode para se afastar do pai. Meu primogênito consegue compreender muitas coisas e não é tão indulgente como o irmão.

As portas do trem se abrem e cada um dos meninos aperta uma das minhas mãos. Albert se ajoelha

para se despedir deles pela última vez, e vejo os olhos dele se encherem de lágrimas. É o primeiro sinal de remorso ou de tristeza que percebo nele desde que chegamos a Berlim.

– Por que está tão triste, papai? – indaga Tete, ao se aproximar do pai para tocar os olhos dele.

A carícia despretensiosa despertou algo adormecido em Albert. Em prantos, ele sussurra para os meninos:

– Vou sentir saudades de vocês dois.

Eu tinha visto Albert chorar apenas uma vez na vida, quando o pai dele morreu.

Será que ele finalmente se arrependia de tudo o que havia feito? Talvez o tempo o fizesse enxergar o valor da família, embora eu não acreditasse que Albert fosse mesmo capaz de mudar. “Pare”, alerto a mim mesma. Não posso permitir esse tipo de pensamento; ele abre a porta da fraqueza. E eu não poderia mais suportar a tirania de Albert. Esta era a despedida de nosso casamento.

Tete solta minha mão e abraça o pai.

– Não se preocupe, papai. A gente vai se ver logo.

Hans se mantém imóvel diante da rara demonstração de angústia de Albert, aperta ainda mais minha mão e não faz o menor movimento em direção ao pai.

– Todos a bordo! Zurique nos espera! – chama o maquinista pela janela do trem.

– Vamos, Tete – peço. – Precisamos ir.

Pego-o pela mão e, sem olhar para Albert, coloco meus dois filhos dentro do trem. Ficamos num vagão vazio e, enquanto acomodo os meninos em seus assentos com alguns lanches e livros para ler, e o funcionário ajeita nossa bagagem nos compartimentos, vejo Albert de pé, parado na plataforma. Lágrimas escorrem pelo rosto dele.

Por onde essas lágrimas estiveram todo esse tempo? Foram anos sem o menor sinal de empatia ou

de compaixão, nem por mim nem pelos meninos, tampouco por Lieserl. Mesmo durante as últimas semanas, em que já estávamos “separados”, não notei a menor evidência de melancolia por parte de Albert em relação a nosso casamento fracassado ou à partida de nossos filhos. O pobre Fritz Haber, um professor de Química conhecido nosso, ficou incumbido de preparar o contrato de separação sobre o qual Albert e eu tínhamos concordado, o que foi uma tarefa dolorosa para nós. A guarda das crianças seria minha. Albert dispenderia uma quantia anual para os filhos. As férias, eles passariam com o pai, mas nunca na companhia de Elsa. Os móveis ficariam comigo, em Zurique. A quantia em dinheiro de um possível e futuro Prêmio Nobel ficaria comigo, algo que parecia improvável, visto que Albert tinha sido nomeado quatro vezes nos últimos cinco anos. Este último termo do contrato foi o único que rendeu uma

verdadeira demonstração de sentimento por parte de Albert em relação à nossa separação; e de raiva, não tristeza. A princípio, Albert não concordou com a divisão de um possível valor do Prêmio Nobel – já que qualquer um de nossos quatro artigos de 1905 poderia ser premiado –, mas insisti. Já que ele tinha, sem me consultar, retirado meu nome da autoria, impossibilitando-me qualquer tipo de premiação, o mínimo que eu poderia requerer era o dinheiro.

Nem uma lágrima sequer escorre de meus olhos. Eu estava entorpecida.

Sorrio para os meninos ansiosos, tentando amenizar o medo deles. O vagão, apesar de bastante ocupado pelos nossos pertences e muito bem decorado com um tapete vermelho, parece estranhamente vazio. Esquecemos alguma coisa? Nossa bagagem está perfeitamente guardada nos compartimentos acima de nossas cabeças, e as bolsas e as mochilas estão próximas de nós, nos bancos. A sensação estranha não poderia ser devido à ausência de Albert; meus filhos e eu já estávamos acostumados a viajar sem ele, a viver sem ele, na verdade. Mas, então, de onde vinha essa sensação? Seria a ausência de Lieserl? Não, ela está aqui comigo, é meu anjo da guarda, invisível, mas sempre presente. Talvez o vazio fosse a velha personalidade que eu estava deixando para trás. Pela primeira vez depois de muito tempo, sinto-me Mitza de novo.

O apito do trem soa. Espreito pela janela. Lá está Albert, de pé. Sacolejando e zunindo, o veículo começa a pegar velocidade à medida que sai da estação. O trem anda cada vez mais rápido, e Albert fica cada vez mais pequeno. Como um quantum. Ou um átomo. Até desaparecer completamente, feito éter.

Epílogo

4 de agosto de 1948

Huttenstrasse, 62

Zurique, Suíça

TUDO CORPO PERMANECE EM REPOUSO OU EM MOVIMENTO EM linha reta a uma velocidade constante, a

menos que alguma força imposta sobre ele o obrigue a se movimentar. Acho essa Primeira Lei de

Newton bela e profunda, uma declaração apurada de uma das verdades de Deus descoberta pelo

homem. Na juventude, eu via esse princípio como aplicável apenas a objetos; só depois percebi

que as pessoas agem de acordo com ele. O caminho traçado durante minha infância – matemática, cientista e solitária – continuou em uma linha reta até que uma força começou a ser exercida sobre ele.

Força esta denominada Albert Einstein.

Essa força começou a agir em mim feito a Segunda Lei de Newton. Comecei a ser arrastada em direção a Albert, na velocidade imposta por ele, até que a força dele se torna a minha. À medida que assumo o papel de amante, mãe dos filhos dele, esposa e parceira científica secreta, permito que ele apare todas as partes que não cabem no molde dele. Sofro em silêncio quando meus desejos não encontram os dele. Como quando sacrifiquei minhas ambições profissionais em nome da ascensão meteórica de meu marido. Quando sucumbi à impossibilidade de ter Lieserl a meu lado.

Até que não consigo suportar mais a força que Albert exerce sobre mim. A Terceira Lei de Newton

é desencadeada, fazendo-me exercer uma força igual em proporção, mas oposta à direção dele. Recupero o espaço que me pertence. E deixo Albert.

Desde então, permaneço imóvel, desafiando todas as leis de moção. Assisto à guerra invadir a Europa uma, duas vezes, e durante esse tempo conto com a ajuda de minha querida e presciente Helene, sempre que preciso. Mesmo depois de receber a quantia referente ao Prêmio Nobel que Albert havia me prometido para investir na educação de meus dois lindos filhos – meu brilhante, Hans Albert, que se tornou engenheiro, e meu pobre Tete, que sucumbiu à doença mental –, retomei os estudos e a paixão pela Ciência oferecendo tutoria a jovens mulheres cientistas. O tipo de garota que Lieserl poderia ter se transformado se estivesse viva. O tipo que eu mesma fui um dia. Talvez essas garotas desvendem os demais mistérios divinos por meio da Ciência e, um dia, possam contar minha história.

Testemunhei Albert atingir o patamar de um santo secular. Porém, nunca, jamais senti a menor vontade de recuperar o papel de esposa dele. Contudo, faria tudo que tivesse a meu alcance para voltar a ter a minha Lieserl.

O que deveria ter feito para reverter a morte fatídica de minha Lieserl? Deveria ter mudado o destino daquela estudante universitária inocente? Deveria apenas voltar àqueles dias que passei no Spire com minha criança quando Albert me intimou a visitá-lo? Ou regressar à estação em que perdi o trem?

Como posso encontrar o caminho de volta até ela?

Finalmente, por mais escuro que esteja, consigo enxergá-lo. Vejo o relógio. O trem. E compreendo.

Não preciso mudar nada. Porque sou o trem. Estou viajando mais rápido que a velocidade da luz, e os ponteiros do relógio estão voltando para trás. Vejo minha Lieserl.

Mitza

Nota da autora

Confesso que comecei este livro com aquilo que todos conhecem sobre Albert Einstein, sem saber

quase nada a respeito da primeira esposa dele, Mileva Marić. Na verdade, eu nem tinha ouvido falar dela até que tive de ajudar meu filho Jack numa lição de casa sobre um livro infantil maravilhoso intitulado *Who Was Albert Einstein?* [Quem foi Albert Einstein] Nele, há uma breve menção à Mileva, primeira esposa de Einstein que também era física.

Fiquei intrigada. Quem era essa pessoa desconhecida, uma física em uma época em que pouquíssimas mulheres frequentavam os bancos das universidades? E que papel ela teve nas descobertas desse grande cientista?

Bem, quando comecei as pesquisas sobre Mileva, soube que, em vez de ser uma pessoa

“desconhecida” como eu imaginava, ela era tema de muitos debates da comunidade científica na área de Física. A possível participação dela nas teorias inovadoras de Albert, publicadas em 1905, é altamente comentada, especialmente depois dos anos 1980, quando foram encontradas cartas que o casal trocou entre 1897 e 1903, período que contempla a época em que Mileva e Albert eram universitários e se casaram. Nessas correspondências, o casal discute projetos que empreenderam juntos, o que causou certo furor no mundo da Física. Seria Mileva uma simples caixa de ressonância das ideias de Albert, como defendia alguns cientistas? Ou ela apenas o ajudava em cálculos matemáticos complicados, como acreditavam outros? Ou, ainda, ela teve grande participação no trabalho de Albert, como sustentam alguns físicos?

À medida que adentrei a história de Mileva, descobri que ela tinha seu próprio talento, brilhante por sinal; ela não era uma simples nota de rodapé na história de Albert Einstein. A ascensão de um vilarejo na misógina Sérvia para as salas de aula de Matemática e Física na Suíça foi um ato heroico. Para mim,

entender o papel que ela de fato teve em 1905, o “ano milagroso” de Einstein, se tornou uma análise profunda de como Mileva – depois da gravidez, do fracasso nas provas e do casamento – foi obrigada a deixar de lado as ambições acadêmicas e a capacidade intelectual em nome da ascensão de Albert. A história dela foi, em diferentes aspectos, a história de muitas mulheres inteligentes e letradas cujas aspirações tiveram de ser caladas em nome dos maridos. Acreditei que era chegada a hora de essas histórias serem contadas.

Considerando que essa história inevitavelmente lança os holofotes ao renomado Albert, os leitores podem se sentir intrigados e se perguntar quanto do que aqui escrevi é verdade e quanto é especulação.

Sempre que possível, em se tratando de aspectos históricos – datas, lugares e pessoas –, tentei me manter

o mais próximo possível dos fatos, tomando a liberdade de fazer alguma modificação quando necessário para fins de ficção. Um exemplo disso é a estada de Mileva em Zurique; ela não se hospedou de fato num lugar chamado Engelbrecht Pension, mas se estabeleceu na cidade depois de fazer algumas amizades e se hospedar em outra pensão, portanto, a cena em que ela e o pai chegam à Engelbrecht Pension é inteiramente ficcional, bem como as cenas entre Mileva e as amigas da pensão, embora, é claro, seja possível que esse tipo de encontro tenha ocorrido tempos depois na vida dela. E, obviamente, há outros momentos em que descrevi detalhes de fatos sobre os quais conhecia muito pouco. Para que todos possam fazer sua própria avaliação da vida real dos personagens retratados em *Senhora Einstein*, convido os leitores a conhecer a coleção de artigos e cartas de e sobre Albert Einstein e Mileva Marić que estão disponíveis em um excelente site: <http://einsteinpapers.press.princeton.edu>. Acesso em: 06

dez 2016.

É claro que existe especulação em *Senhora Einstein* – o livro é, sobretudo, ficção. Por exemplo, não se sabe ao certo o que aconteceu com Lieserl, mas não por falta de pesquisa; Michele Zackheim escreveu um livro maravilhoso chamado *Einstein's Daughter: The Search for Lieserl* [A filha dos Einstein: uma busca por Lieserl], que discorre sobre a longa e fracassada busca por Lieserl. Teria sido adotada? Para mim, é muito provável que Lieserl tenha morrido de escarlatina, o que teria levado Mileva a sair às pressas de Zurique para voltar para a Sérvia.

Da mesma forma, o modo como Mileva contribuiu para as teorias atribuídas a Albert é desconhecido, embora ninguém conteste que, no mínimo, ela desempenhou um papel muito importante, apoiando-o emocional e intelectualmente durante essa fase decisiva. Porém, considerando a forma como Mileva enxergava o mundo e o amor incondicional que sentia pela filha, não seria possível que a perda de Lieserl tenha servido de inspiração para que a mãe criasse a teoria da relatividade especial?

Responder por meio da ficção a essas questões aparentemente indecifráveis da vida de Mileva –

explorando o “e se” – é o que torna *Senhora Einstein* tão interessante para mim.

Muitos livros e artigos – de uma vasta biblioteca sobre Albert Einstein, incluindo o site

< <http://einsteinpapers.press.princeton.edu> > (acesso em 06 dez 2016) – foram de extrema valia para as pesquisas que fiz com o intuito de escrever esta obra. Entre todo o material consultado, os seguintes livros em particular me serviram de fonte de inspiração e ajuda: *Cartas de amor: Albert Einstein/Mileva Marić*, editado por Jürgen Renn e Robert Schulmann; *Einstein apaixonado: um romance científico*, de Dennis Overbye; *In Albert's Shadow: The Life and Letters of Mileva Marić, Einstein's First Wife* [Na sombra de Albert: a vida e as cartas de Mileva Marić, a primeira esposa de Einstein], de Milan Popovic; *Einstein: sua vida, seu universo*,

de Walter Isaacson; e *Einstein's Wife: Work and Marriage in the Lives of Five Great Twentieth-Century Women* [A esposa de Einstein: trabalho e casamento na vida de cinco grandes mulheres do século XX], de Andrea Gabo, para citar apenas alguns.

O propósito deste livro não é o de reduzir a importância da contribuição de Albert Einstein para a humanidade e a Ciência, mas compartilhar os aspectos humanitários que estão por trás dessas contribuições. *Senhora Einstein* visa contar a história de uma mulher brilhante cuja luz se perdeu em meio à enorme sombra de Albert. É a história de Mileva Marić.

Document Outline

- [Folha de rosto](#)
- [Sumário](#)
- [Prólogo](#)
- [Parte 1](#)
 - [Capítulo 1](#)
 - [Capítulo 2](#)
 - [Capítulo 3](#)
 - [Capítulo 4](#)
 - [Capítulo 5](#)
 - [Capítulo 6](#)
 - [Capítulo 7](#)
 - [Capítulo 8](#)
- [Parte 2](#)
 - [Capítulo 9](#)
 - [Capítulo 10](#)
 - [Capítulo 11](#)
 - [Capítulo 12](#)
 - [Capítulo 13](#)
 - [Capítulo 14](#)
 - [Capítulo 15](#)
 - [Capítulo 16](#)
 - [Capítulo 17](#)
 - [Capítulo 18](#)
 - [Capítulo 19](#)
 - [Capítulo 20](#)
 - [Capítulo 21](#)
 - [Capítulo 22](#)
 - [Capítulo 23](#)
 - [Capítulo 24](#)
 - [Capítulo 25](#)
 - [Capítulo 26](#)
 - [Capítulo 27](#)
 - [Capítulo 28](#)

- [Capítulo 29](#)
- [Capítulo 30](#)
- [Capítulo 31](#)
- [Capítulo 32](#)
- [Capítulo 33](#)
- [Capítulo 34](#)
- [Capítulo 35](#)
- [Parte 3](#)
 - [Capítulo 36](#)
 - [Capítulo 37](#)
 - [Capítulo 38](#)
 - [Capítulo 39](#)
 - [Capítulo 40](#)
- [Epílogo](#)
- [Nota da autora](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Sumário](#)

[Prólogo](#)

[Parte 1](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Parte 2](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)

[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Parte 3](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Epílogo](#)

[Nota da autora](#)